

O MUSEU CASA BORGES:

Valorização e difusão das memórias e do patrimônio cultural de Barra do Bugres, Mato Grosso

por

João Mário de Arruda Adrião

Aluno do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio
Linha de Pesquisa 01 – Museu e Museologia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS (UNIRIO/MAST)

Orientadora: Professora Doutora Helena Cunha de Uzeda

UNIRIO/MAST - RJ, 25 de abril de 2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

O MUSEU CASA BORGES: Valorização e difusão das memórias e do patrimônio cultural de Barra do Bugres, Mato Grosso

Tese de Doutorado de João Mario de Arruda Adrião submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Documento assinado digitalmente
 **HELENA CUNHA DE UZEDA**
Data: 11/06/2025 11:41:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Helena Cunha de Uzeda
(Orientadora - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)

Documento assinado digitalmente
 **MARIA AMELIA GOMES DE SOUZA REIS**
Data: 10/06/2025 12:01:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Amelia Gomes de Souza Reis
(Membro Interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)

Documento assinado digitalmente
 **MARIO DE SOUZA CHAGAS**
Data: 02/06/2025 20:42:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Mario de Souza Chagas
(Membro Interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)

Documento assinado digitalmente
 **APARECIDA MARINA DE SOUZA RANGEL**
Data: 21/05/2025 09:11:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Aparecida Marina de Souza Rangel
(Membro externo – Museu Casa de Rui Barbosa)

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS EDINEI DE OLIVEIRA**
Data: 15/05/2025 11:59:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira
(Membro externo – Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat)

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2025

- A242 Adrião, João Mário de Arruda
 O Museu Casa Borges: Valorização e difusão das memórias
e do patrimônio cultural de Barra do Bugres, Mato Grosso /
João Mário de Arruda Adrião. -- Rio de Janeiro : UNIRIO,
2025.
 314 p.
- Orientadora: Helena Cunha de Uzeda.
 Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio, 2025.
1. Museologia. 2. Patrimônio cultural. 3. Barra do
Bugres. I. Uzeda, Helena Cunha de, orient. II. Título.

Dedico este trabalho às comunidades de Barra do Bugres
e a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram
para a concretização do Museu Casa Borges.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, professora Helena Cunha de Uzeda que acreditou no potencial deste trabalho e, com sabedoria, soube me mostrar que há diversas formas de se expressar.

Agradeço à Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat, que possibilitou meu envolvimento nesta pesquisa.

Agradeço a todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Unirio, com quem pude aprender tanto.

A Alexandra Durão, do PPG-PMUS, sempre pronta a nos orientar nas questões práticas do programa.

A meus colegas, professores e professoras da Unemat, que me ajudaram com longas conversas virtuais sobre temas relacionados à minha pesquisa e a pesquisas em geral, Acir Montecchi, Bassam, Carlos Edinei, Cláudia Landin, Fernando Birello, Fernando Selleri, Gisele, Jane Elisa, Kapitango, Mayara Sismer, Marfa Magali, Renato Fonseca, Romyr, Saulo, a todos e todas que de alguma forma contribuíram para o avanço deste trabalho; e também aos que me substituíram em minhas atribuições na universidade.

Agradeço também ao professor Ary, Celina, Eduardo Oenning, Marsivaula, Rivelino, pelo apoio nos procedimentos burocráticos relacionados à Universidade durante meu afastamento.

Agradeço às diversas pessoas de Barra do Bugres e outras regiões de Mato Grosso com quem tive oportunidade de dialogar sobre assuntos relacionados a esta pesquisa, entre elas o professor Adilson Alves, Alessandra Carvalho, Diva Onofre, Maninho, Judite Malaquias, Maria Helena Dias, Lennon Corezomaé, Lucas Esteves, Luciano Kezo, Priscila Waldow, Rosevania, Suelme Evangelista, Tainara Toriká, e a todas as demais pessoas que contribuíram com sugestões, informações, correções, para que este texto fosse o melhor possível.

Agradeço à toda equipe do MuCB, atual e passada, bolsistas, professoras/es, voluntárias/os que ajudaram a construir esse museu, e em particular a Michely e Iandra, alunas da Unemat e bolsistas do Museu Casa Borges, pela ajuda a esta pesquisa nas coletas de dados e outras informações sobre o MuCB.

Ao meu companheiro, Diego, que me ensina, quase todo dia, que cada pessoa é única; e à nossa cadelinha Pantera, que me obriga todos os dias a dar uma pausa no trabalho e levantar para caminhar.

Agradeço à minha amiga, professora, doutora, incentivadora Cleonice Terezinha Fernandes, a Cléo, que tanto me ajudou e tanto me ajudaria se não tivesse partido antes.

E, finalmente, agradeço às professoras e professores Aparecida Rangel, Carlos Edinei, Maria Amélia e Mário Chagas, membros da banca de avaliação, pela disponibilidade e pela contribuição, com seus comentários e sugestões, para o aprimoramento e aprofundamento desta pesquisa.

Obrigado.

RESUMO

ADRIÃO, João Mário de Arruda. **O Museu Casa Borges: Valorização e difusão das memórias e do patrimônio cultural de Barra do Bugres, Mato Grosso.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2025. Orientadora: Profa. Dra. Helena Cunha de Uzeda.

Esta pesquisa desenvolve-se em torno das experiências realizadas no museu municipal de Barra do Bugres, cidade localizada no interior do estado de Mato Grosso. As atividades no Museu Casa Borges (MuCB) tiveram início em 2018, resultado do empenho de um grupo de moradores do município, envolvidos com arte, cultura, história, educação, que desenvolveram a antiga proposta de criação de um espaço cultural em uma residência histórica. O museu tem gestão compartilhada entre a Prefeitura Municipal de Barra do Bugres e a Universidade do Estado de Mato Grosso, na qual o autor atua como docente. O objetivo deste trabalho é identificar as contribuições do Museu Casa Borges para a valorização do patrimônio cultural, ambiental, material e imaterial do município de Barra do Bugres, procurando analisar o processo de idealização e estruturação do MuCB como catalisador das memórias culturais da região. Para tal, a pesquisa contextualiza o desenvolvimento do município de Barra do Bugres, refletindo sobre a atuação do Museu Casa Borges, sua relação museológica com elementos simbólicos da cultura da região e sua possível contribuição para o fortalecimento da identidade cultural das comunidades locais. O trabalho parte da hipótese de que o MuCB – que surgiu sem museólogo e que, desde seu início, procura ser um lugar de encontros e de experiências – tem atuado como polo irradiador das referências culturais do município, fortalecendo a identidade de grupos sociais que dele participam. É uma pesquisa qualitativa e quantitativa, realizada a partir de consulta bibliográfica sobre temas relacionados a museologia e patrimônio, além de arquivos e relatórios do Museu Casa Borges, publicações locais e regionais, observação assistemática e aplicação de questionários. O modo como o Museu Casa Borges vem desenvolvendo suas atividades culturais, priorizando a participação comunitária na curadoria e na construção das narrativas, transcende sua função expositiva, articulando saberes, proporcionando o aprendizado mútuo entre quem produz e quem observa.

Palavras-chave: Museologia; Patrimônio cultural; Barra do Bugres; Unemat; Museu Casa Borges.

ABSTRACT

ADRIÃO, João Mário de Arruda. **The Casa Borges Museum: Valorization and dissemination of the memories and cultural heritage of Barra do Bugres, Mato Grosso.** Thesis (Ph.D.) – Postgraduate Program in Museology and Heritage - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2025. Advisor: Profa. Dra. Helena Cunha de Uzeda.

This research is developed around the experiences carried out at the municipal museum of Barra do Bugres, a city located in the interior of the state of Mato Grosso. Activities at the Casa Borges Museum (MuCB) began in 2018, as a result of the efforts of a group of residents of the municipality, involved in art, culture, history, and education, who developed the long-standing proposal of creating a cultural space in a historic residence. The museum is jointly managed by the Municipal Government of Barra do Bugres and the State University of Mato Grosso, where the author works as a professor. The objective of this work is to identify the contributions of the Casa Borges Museum to the valorization of the cultural, environmental, material, and immaterial heritage of the municipality of Barra do Bugres, seeking to analyze the process of idealizing and structuring the MuCB as a catalyst for the cultural memories of the region. To this end, the research contextualizes the development of the municipality of Barra do Bugres, reflecting on the work of the Casa Borges Museum, its museological relationship with symbolic elements of the region's culture, and its possible contribution to strengthening the cultural identity of local communities. The study is based on the hypothesis that the MuCB – which was created without a museologist and which, since its inception, has sought to be a place for encounters and experiences – has acted as a hub for the city's cultural references, strengthening the identity of the social groups that participate in it. This is a qualitative and quantitative study, conducted based on bibliographical consultation on topics related to museology and heritage, as well as archives and reports from the Casa Borges Museum, local and regional publications, unsystematic observation and questionnaires. The way in which the Casa Borges Museum has been developing its cultural activities, prioritizing community participation in the curation and construction of narratives, transcends its exhibition function, articulating knowledge and providing mutual learning between those who produce and those who observe.

Keywords: Museology; Cultural heritage; Barra do Bugres; Unemat; Casa Borges Museum.

RESUMEN

ADRIÃO, João Mário de Arruda. **El Museo Casa Borges: Valorización y difusión de la memoria y el patrimonio cultural de Barra do Bugres, Mato Grosso**. Tesis (Doctorado) – Programa de Postgrado en Museología y Patrimonio - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Río de Janeiro, 2025. Asesora: Profa. Dra. Helena Cunha de Uzeda.

Esta investigación se desarrolla en torno a experiencias realizadas en el museo municipal de Barra do Bugres, ciudad ubicada en el interior del estado de Mato Grosso. Las actividades del Museo Casa Borges (MuCB) comenzaron en 2018, resultado del compromiso de un grupo de vecinos del municipio, involucrados con el arte, la cultura, la historia, la educación, quienes desarrollaron la antigua propuesta de crear un espacio cultural en una residencia histórica. El museo tiene gestión compartida entre el Municipio de Barra do Bugres y la Universidad Estatal de Mato Grosso, donde el autor trabaja como docente. El objetivo de este trabajo es identificar las contribuciones del Museo Casa Borges a la valoración del patrimonio cultural, ambiental, material e inmaterial del municipio de Barra do Bugres, buscando analizar el proceso de idealización y estructuración del MuCB como catalizador de las memorias culturales de la región. Para ello, la investigación contextualiza el desarrollo del municipio de Barra do Bugres, reflexionando sobre las actividades del Museo Casa Borges, su relación museológica con elementos simbólicos de la cultura de la región y su posible contribución al fortalecimiento de la identidad cultural de las comunidades locales. El trabajo parte de la hipótesis de que el MuCB –que surgió sin museólogo y que, desde sus inicios, buscó ser un lugar de encuentros y experiencias– ha actuado como un polo emisor de los referentes culturales del municipio, fortaleciendo la identidad de los grupos sociales que en él participan. Es una investigación cualitativa y cuantitativa, realizada a partir de consulta bibliográfica sobre temas relacionados con la museología y el patrimonio, además de archivos e informes del Museo Casa Borges, publicaciones locales y regionales, observación no sistemática y aplicación de cuestionarios. La forma en que el Museo Casa Borges viene desarrollando sus actividades culturales, priorizando la participación comunitaria en la curaduría y construcción de narrativas, trasciende su función expositiva, articulando conocimientos, brindando aprendizaje mutuo entre quienes producen y quienes observan.

Palabras clave: Museología; Herencia cultural; Barra do Bugres; Unemat; Museo Casa Borges.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS:

AAC	Assentamento Antônio Conselheiro
APA	Área de Proteção Ambiental
APO	Avaliação pós-ocupação
APP	Área de Preservação Permanente
BBg	Barra do Bugres
CNCFlora	Centro Nacional de Conservação da Flora
CNFCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Conepe	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unemat
Consuni	Conselho Universitário
Cr-\$	Cruzeiros
CRQ	Comunidades Remanescentes de Quilombos
CTM	Centro de Tradições Matogrossenses
DemHist	<i>Demeures Historiques</i> - Comitê Internacional do ICOM para os museus de casas históricas
DOU	Diário Oficial da União
Dra.	Doutora
E. E.	Escola Estadual
E. M.	Escola Municipal
ECUMAM	Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEB	Escola Municipal de Ensino Básico
Faindi	Faculdade Indígena Intercultural
Fig.	Figura
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
GPEA	Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte
ha	Hectare
Hab/Km ²	Habitantes por quilômetro quadrado
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOFOM LAM	Comitê Internacional de Museologia para a América Latina e Caribe
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JBRJ	Jardim Botânico do Rio de Janeiro
Km ²	Quilômetros quadrados
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MHAM	Museu de Humanidades Alaíde Montechi
MHNAF	Museu de História Natural de Alta Floresta
MISC	Museu da Imagem e do Som de Cuiabá
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MT	Mato Grosso
MuCB	Museu Casa Borges
MUFA	Museu do Universo da Farmácia
MUHCAB	Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira

MUHISNAF	Centro de Pesquisa e Extensão e Museu de História Natural de Alta Floresta
NAI	Núcleo de Assuntos Indígenas
NUGEP	Núcleo de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus
OCA	Oficina Comunitária de Arquitetura
PCH	Pequena Central Hidrelétrica
PIB	Produto Interno Bruto
PPG ECII	Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural
PROEC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unemat
Profa.	Professora
Proinq	Programa de Inclusão de Estudantes Quilombolas
Remus-RJ	Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro
Senar-MT	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Barra do Bugres
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SPITN	Serviço de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais
TAC	Termo de Ajuste de Conduta
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TI	Terra Indígena
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
Unemat	Universidade do Estado de Mato Grosso
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
ZEIH	Zona Especial de Interesse Histórico

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	Título	Página
01	Mapa do perímetro atual de Barra do Bugres e dos municípios que foram desmembrados de seu território, numerados em ordem cronológica da data da emancipação	13
02	Superposição de mapas indicando a localização do município de Barra do Bugres em relação aos biomas de Mato Grosso	14
03	Vista aérea parcial da cidade com o rio Paraguai em primeiro plano e a foz do rio Bugres, à esquerda	15
04	Uma das lagoas das nascentes do rio Paraguai, município de Alto Paraguai, MT	16
05	Cobertura e uso do solo na Bacia do rio Bugres, com destaque para a área de vegetação preservada na Terra Indígena Balatiponé-Umutina, hachurada em vermelho	17
06	O Bar do Bugre e a Praça Alencastro, local de encontro da sociedade da época	19
07	Poaia	21
08	Mapa do crescimento urbano de Barra do Bugres	24
09	Brasão e bandeira de Barra do Bugres	25
10	Mulher Umutina e Homem Umutina do alto rio Paraguai (Rondon, 1945)	27
11	Pátio central da aldeia Umutina, com as construções da época do Posto Fraternidade Indígena ao fundo	29
12	Tiro com arco; pesca com timbó; pintura corporal e arte plumária (bodô): Patrimônio imaterial do povo Umutina	31
13	Fachadas de uma das Casas de Rondon na aldeia Umutina, remanescentes do Posto Fraternidade Indígena / Restauração de pintura mural no interior da mesma casa.	32
14	Casas Umutina fotografadas por Harald Schultz	33
15	Casas Umutina nas aldeias Central e Bakalana	33
16	Arquitetura de troncos na aldeia Central do povo Balatiponé-Umutina: paredes de madeiras roliças apoiadas sobre tronco no solo, e amarrados na viga superior	34
17	Cobertura com as folhas superpostas na horizontal ou trançadas	35
18	Paisagem da comunidade Morro Redondo com casas de taipa e a serra ao fundo	36
19	Mapa do relevo da região do Vão Grande, no qual aparece indicada a localização da escola da Comunidade São José do Baixio, entre as Serras das Araras	39
20	Altars de santos em quase todas as casas: Patrimônio religioso	40
21	Casa de taipa na comunidade São José do Baixio	41
22	Rio Jauquara no <i>canion</i> da Camarinha: Patrimônio ambiental da região do Vão Grande	42
23	Casas de taipa nas comunidades Camarinha e Morro Redondo	43

24	Casa original de taipa ao lado da casa de alvenaria	44
25	Mapa do Assentamento Antônio Conselheiro (AAC) e sua localização entre os três municípios	46
26	Os dois edifícios da Escola Estadual Paulo Freire em 2015, à esquerda a de madeira, já abandonada, e à direita a escola nova	48
27	Visitantes na exposição “Permanências Urbanas”	48
28	Casa Jango; Casa José Ourives; Antiga Prefeitura; Igrejinha Santa Cruz e estátua em homenagem aos poaieiros; Monumento alusivo à passagem da Coluna Prestes na orla do rio Paraguai.	50
29	Mapa esquemático do percurso da Comissão Rondon, com destaque para o ramal das linhas telegráficas de Parecis a Barra do Bugres, Cáceres, seguindo até Vila Bela da Santíssima Trindade	52
30	Casa Bakairi em construção no Museu Rondon, UFMT	55
31	O “Homem de Ferro”, monumento aos mortos em confronto com a Coluna Prestes, localizado na orla do Rio Paraguai, em Barra do Bugres, MT	55
32	Destaque da passagem da Coluna Prestes pela região de Barra do Bugres (círculo azul), uma das “principais batalhas” indicadas, já a caminho da Bolívia, no mapa “A jornada da Coluna Prestes pelo Brasil”	57
33	As Terras Indígenas de Mato Grosso e a localização dos <i>campi</i> da Unemat	61
34	Igrejinha de Santa Cruz em fotos de antes e depois das obras de conservação	63
35	Instalação do sistema de tratamento de efluentes em casa na comunidade Morro Redondo	64
36	A Casa Herculano Borges e o mercadinho em anexo	71
37	Planta baixa da Casa Borges e mercadinho anexo	73
38	Quadros de João Pedro de Arruda, na 2ª Mostra de Arte do Museu Casa Borges	84
39	Jovens Balatiponé-Umutina ensinando tiro com arco para as crianças da Escola Municipal Herculano Borges	88
40	Liberdade e pertencimento: o rapaz Balatiponé-Umutina veste os cocares em exposição, mostrando que ele é parte dessa história	90
41	O rapaz se reconhece, ainda criança, em uma fotografia	91
42	Mapa ilustrativo da relação espacial entre a área urbana de Barra do Bugres e a Terra Indígena Balatiponé-Umutina, separadas pelo rio Bugres, com destaque para a localização da Unemat, o Museu Casa Borges, a Escola Julá Pará	93
43	Altar em homenagem a São José, padroeiro da comunidade São José do Baixo	97
44	Vista aérea do rio Jauquara na região da comunidade Camarinha	97
45	Croquis de estudo de uso do espaço nas exposições (diversos autores)	98
46	Judite Malaquias e Cláudio Casares pintando durante a exposição	99
47	Quadros de João Pedro de Arruda, na 2ª Mostra de Arte do Museu Casa Borges	100
48	Esculturas em madeira de Rosalino, em primeiro plano	101
49	Atividades culturais na área externa do museu: Fórum de mulheres indígenas, danças, grafismo	102

50	Primeira sala do circuito sugerido na exposição Balatiponé-Umutina	103
51	Mobiliário construído de material de reaproveitamento	104
52	Geodésica de bambu: As crianças se apropriaram, usando a estrutura como parquinho e, posteriormente foi ressignificada como suporte para desenhos e pinturas de grafismos indígenas	105
53	Iluminação geral das galerias do Museu Casa Borges	106
54	Prospecção das camadas de tinta na folha das janelas	110
55	Exposição de artefatos indígenas do acervo da Faindi / Unemat	111
56	Gráfico da proporção de pessoas que nunca tinham ouvido falar do MuCB em relação ao número de respostas a essa questão	115
57	Gráfico da proporção de pessoas que já visitaram/nunca visitaram o MuCB em relação ao número de respostas a essa questão	116
58	Gráfico referente a informações novas obtidas em visitas ao MuCB	118
59	Gráfico referente ao número de citações sobre bens materiais de Barra do Bugres	119
60	Largada do Festival de Pesca de 2017, vista da ponte	120
61	Diagrama mostrando a proporção de respostas sobre visitação a museus, em números aproximados	121
62	Gráfico da faixa etária dos respondentes	123
63	A coleção repatriada, composta por oito objetos, fica exposta em vitrine, ao centro da sala Koge Ekureu, na aldeia Meruri	136
64	Projeto da Matriz, datado de 1769, e fotografia apresentada nos Relatórios de Candido Mariano Rondon de 1907	139
65	Ruinas da Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade	140
66	Mapa com destaque da Zona Especial de Interesse Histórico e os pontos selecionados para compor o Circuito Histórico	157
67	Violas-de-cocho em construção na oficina do professor Maninho e do mestre Rosalino	160
68	O quadro “Buriti Palmeira da vida” de Judite Malaquias	162
69	Xilogravura representando a fachada da casa Borges, doada pelo artista Francisco de Assis	165
70	Coleção de artefatos indígenas armazenados na sala da Faindi, no <i>campus</i> 3 da Unemat Barra do Bugres	166
71	Exposição do MuCB na escola Julieta Xavier Borges	170
72	Bioarte no quintal da casa Borges	171
73	Página de abertura do site, em tela de computador	175

LISTA DE QUADROS

Quadro		Página
01	Quadro comparativo das dimensões territoriais e densidade demográfica dos municípios de Barra do Bugres, Cuiabá e Rio de Janeiro	14
02	Certidões expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) do município de Barra do Bugres, publicada no DOU de 22/08/2022 – Barra do Bugres - MT	37
03	Cronologia da Casa Herculano Borges (MuCB)	69
04	As ações culturais realizadas no Museu Casa Borges em 2018 e 2019	81
05	Atividades realizadas na exposição <i>Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro</i>	87
06	Quadro de participantes da exposição das comunidades quilombolas	94

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	01
Cap. 1 BARRA DO BUGRES – CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E SEUS VALORES CULTURAIS	11
1.1 A cidade de Barra do Bugres	15
1.1.1 Por que Bugres? Etimologia da palavra	17
1.1.2 Economia extrativista: A poaia e seu importante papel na formação da cidade.	20
1.2 O povo Balatiponé-Umutina: Ancestrais habitantes da região	25
1.2.1 A casa de troncos: técnica construtiva Balatiponé-Umutina	32
1.3 Os Quilombos da Região do Vão Grande	35
1.3.1 Arquitetura de terra: Casas de taipa, patrimônio material e imaterial	42
1.4 O Assentamento Antônio Conselheiro e a escola Paulo Freire	45
1.5 Memórias da cidade de Barra do Bugres	48
1.5.1 A Zona Especial de Interesse Histórico e seu entorno	49
1.5.2 A Comissão Rondon encontra os Balatiponé-Umutina em sua passagem por Barra do Bugres	52
1.5.3 A traumática passagem da Coluna Prestes por Barra do Bugres	55
1.6 A importância da Universidade para a cidade	59
1.6.1 O <i>campus</i> de Barra do Bugres	59
1.6.2 A Faindi e a formação de professores indígenas	60
1.6.3 O curso de arquitetura e urbanismo e a criação do museu	61
1.6.4 Egressos do curso de arquitetura da Unemat Barra do Bugres	64
Cap. 2 A CASA BORGES E SEU PAPEL NA COMUNIDADE	66
2.1 Antecedentes do Museu Casa Borges	70
2.1.1 A Casa Herculano Borges	70
2.1.2 Quem foi Herculano Borges	71
2.1.3 Características arquitetônicas e construtivas	72
2.2 Os sujeitos	74
2.2.1 Envolvimento da Secretaria Municipal de Educação e Cultura / Lei de criação do Museu Casa Borges	75
2.2.2 A relação da Universidade com o projeto do museu	76
2.2.2.1 <i>A rede de museus da Unemat</i>	77
2.3 A trajetória do Museu Casa Borges	80
2.3.1 Processo colaborativo na construção das exposições	85
2.3.2 A escola Julá Paré e o povo Balatiponé-Umutina no museu	86
2.3.2.1 <i>A exposição: preparação</i>	86
2.3.2.2 <i>A exposição Balatiponé-Umutina: Passado, presente, futuro</i>	88
2.3.2.3 <i>Curadoria intercultural</i>	92
2.3.2.4 <i>Resultados: o acervo do Povo Balatiponé-Umutina</i>	93
2.3.3 A escola José Mariano Bento e as Comunidades Remanescentes de Quilombos no museu	94
2.3.3.1 <i>Preparação</i>	94
2.3.3.2 <i>A exposição: Memórias, Saberes e Fazeres</i>	96
2.3.4 Expografia e comunicação com o público	97
2.3.4.1 <i>Mobiliário expositivo</i>	104
2.3.5 Características prediais	105
2.3.5.1 <i>Iluminação natural e artificial</i>	106
2.3.5.2 <i>Sistema de Combate e Prevenção de Incêndio</i>	107
2.3.6 Dois anos de isolamento: ações virtuais durante a pandemia	107
2.3.7 Obras de conservação da casa	108
2.3.8 Reabertura do museu em 2022	110

2.4	“Nada sobre nós sem nós” – Resultados do questionário	112
2.4.1	Análise dos dados coletados	114
2.4.2	Sobre as respostas e as não-respostas ao questionário	124
Cap. 3	MUSEALIDADE E MUSEALIZAÇÃO EM MUSEUS LOCAIS DE MATO GROSSO	127
3.1	Museus locais de Mato Grosso	132
3.1.1	Museu de Humanidades Alaíde Montechi, MHAM, no município de Cáceres	132
3.1.2	Casa Memorial dos Viajantes, no município de Diamantino	133
3.1.3	Museu da Cultura Bororo (aldeia Meruri), no município de General Carneiro	135
3.1.4	Museu de História e Arqueologia, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade	138
3.2	Caracterização do Museu Casa Borges - MuCB	143
3.3	Tentativa de classificação da tipologia do Museu Casa Borges: Museu Universitário? Museu Casa? Museu de Território?	145
3.3.1	Museu Universitário? A relação da Universidade com o museu municipal.	146
3.3.2	Museu-casa? Uma raiz medicinal como elemento de ligação entre a casa, o personagem e a história da cidade	148
3.3.3	Museu de Território? O papel do museu como elemento de difusão de locais de memória.	151
3.4	O MuCB e sua relação com a cidade	154
3.4.1	Implementação do Circuito Histórico	156
3.4.2	Viola-de-Cocho: Patrimônio imaterial presente em Barra do Bugres	159
3.4.3	Buriti, Palmeira da vida	162
3.4.4	Jovino Ramos, memorialista	163
3.5	Constituição de acervo	164
3.5.1	A coleção de artefatos indígenas da Faindi	165
3.5.2	Musealização do edifício Casa Borges e seu entorno	167
3.6	Estratégias de Comunicação	169
3.6.1	Exposições virtuais	174
3.6.2	A criação do novo <i>site</i> : museucasaborges.unemat.br	174
3.7	O Museu Casa Borges como meio de afirmação e divulgação da memória local: Possíveis futuros	176
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
	REFERÊNCIAS	189
	APÊNDICES	215
	Quadro comparativo: definições de museus e o MuCB	216
	Quadros comparativos: tipologias de museus e o MuCB	220
	Questionário: Tabulação das respostas	235
	ANEXOS	249
	Termo de anuência Museu Casa Borges	250
	Leis Municipais	251
	Termo de Cooperação Unemat / Prefeitura	261
	Minuta do projeto de tombamento da Casa Herculano Borges	265
	Mapa de danos e Diretrizes para restauração	281
	Portarias dos projetos de extensão	298
	Relatórios do MuCB	303
	Texto prof. Márcio Corezomaé para a exposição Balatiponé-Umutina	309

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

No ano de 2018, um grupo de artistas, artesãos, estudantes, professores e historiadores de Barra do Bugres, cidade localizada no interior de Mato Grosso, deu início à concretização da ideia de criação de um espaço cultural na antiga residência do comerciante Herculano Borges. O prédio, pertencente à Prefeitura Municipal, localizava-se no núcleo urbano inicial da antiga vila, hoje Zona Especial de Interesse Histórico da cidade, de frente para o rio Paraguai, referência de importância local e regional.

A partir de um projeto de extensão do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), *campus* Barra do Bugres, passaram a ser realizados diversos eventos culturais naquele espaço, denominado de Museu Casa Borges, envolvendo estudantes e professores de escolas do município e, principalmente, das comunidades locais

Inicialmente, o espaço já havia sido utilizado para realização de oficinas de artesanato em cerâmica. Mas foi a partir de uma exposição de projetos da disciplina de Técnicas Retrospectivas do curso de arquitetura e urbanismo da Unemat, intitulada “Museu Casa Borges”, propondo a restauração e requalificação daquele edifício residencial, transformando-o em espaço museológico, que o museu teve início. A exposição foi realizada em junho de 2018, e motivou a continuidade de utilização da casa, com a produção de uma série de ações culturais: exposições de artes plásticas, artesanato, culturas tradicionais da região, e a consolidação do nome de Museu Casa Borges (MuCB), como atualmente é conhecido. O uso daquele espaço deu alguma visibilidade à casa, que se encontrava desocupada e que, posteriormente, sofreria obras de restauro, sendo institucionalizado como museu municipal e que continua abrigando diversas atividades culturais.

Como primeiro coordenador do projeto de extensão, vinculado à Unemat, que deu partida às atividades da casa como espaço cultural, percebi a necessidade de desenvolver uma pesquisa relacionada à transformação daquele espaço em museu local, integrando e valorizando aspectos culturais daquela região.

Desde o início de suas atividades, o MuCB busca a participação comunitária na proposição, curadoria e realização de eventos, incluindo o povo indígena Balatiponé-Umutina, cujo território demarcado se localiza próximo à cidade; as comunidades remanescentes de Quilombos; artistas plásticos, artesãos e músicos, além da comunidade acadêmica das escolas, públicas e privadas instaladas no município, e do *campus* local da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Barra do Bugres é um município situado na mesorregião sudoeste do estado de Mato Grosso, na bacia do rio Paraguai, um dos principais formadores do Pantanal Mato-Grossense, estando sua sede localizada à foz do rio Bugres, que dá nome à cidade. O município abriga uma diversidade étnica e cultural significativa, estando presentes em seu território povos indígenas, remanescentes quilombolas, além de migrantes de outras regiões de Mato Grosso e das regiões nordeste e sul do Brasil, com suas respectivas manifestações artísticas, religiosidade, arquitetura – todas elas merecedoras de reconhecimento e valorização como patrimônio cultural.

Originalmente ocupada pelo povo indígena Balatiponé-Umutina – que vive atualmente em área localizada na confluência do rio Bugres com o rio Paraguai em terra demarcada e homologada em 1989 – o território onde hoje se encontra a sede do município começou seu processo de ocupação por não-indígenas por volta do ano de 1878. O povoado denominado, então, de Barra do Rio Bugres foi formado por exploradores que subiam o rio Paraguai em busca da poaia – uma raiz com propriedades medicinais e bastante valorizada à época – e de outras riquezas, como o cedro, mogno e seringais, madeiras nativas que abundavam naquela região (Ramos, 1992; Oliveira, 2013; ISA, 2020).

A Universidade do Estado de Mato Grosso, que participa da gestão do MuCB juntamente com a Secretaria Municipal de Cultura, foi criada em 1978 na cidade de Cáceres, e hoje está presente em mais de 50 municípios do Estado de Mato Grosso, com *campi* universitários, núcleos pedagógicos, polos de educação a distância, cumprindo sua política de expansão. O *campus* de Barra do Bugres oferece seis cursos de graduação em oferta contínua, cursos de licenciatura para professores indígenas, além de dois programas de pós graduação (Unemat, 2008; Unemat, 2020).

A pesquisa tem como objetivo principal, identificar as contribuições do Museu Casa Borges para a valoração do patrimônio cultural, ambiental, material e imaterial do município de Barra do Bugres, procurando analisar o processo de idealização e estruturação do MuCB como catalisador das memórias culturais da região. A fim de alcançar esse objetivo, foram definidos alguns objetivos específicos, que auxiliam a estruturação dos capítulos; entre eles, o aprofundamento do estudo sobre a história do município de Barra do Bugres e as memórias das comunidades; a avaliação da criação e atuação do Museu Casa Borges como lugar de encontros, de experiências, de informação e divulgação do patrimônio material e imaterial do município e região; a identificação de musealidade em elementos simbólicos da cultura e história da região; a análise da atuação do MuCB como espaço de promoção e valorização da diversidade

cultural, e de sua possível contribuição para o fortalecimento da identidade e das memórias das comunidades locais.

Barra do Bugres é um município com grande diversidade cultural e ambiental. Bens materiais e imateriais, como a prática dos artesãos que ainda constroem a viola de cocho, cujo modo de fazer é registrado no Livro dos Saberes do IPHAN; os tocadores de viola; os grupos de dança do Cururu e Siriri; a procissão de Santa Cruz, padroeira da Cidade; as festas de santo das comunidades quilombolas; a pesca no rio Paraguai; as paisagens ao longo dos rios; edificações, elementos urbanos, lugares que documentam atividades e eventos passados – todos relacionados a atividades do Museu Casa Borges, o que justifica o desenvolvimento desta pesquisa, que pode contribuir para ampliar o conhecimento sobre as histórias e os patrimônios do município.

Existem no município, ainda hoje, algumas edificações que preservam características arquitetônicas e técnicas construtivas do início da formação da cidade, como a própria Casa Borges, uma das poucas construções de adobe remanescentes, e outros elementos inseridos na malha urbana, que remetem a fatos históricos relevantes. Merecem registro também a igreja de Santa Cruz, de 1936, que fica na entrada da cidade, restaurada recentemente e entregue em 2023, e as Casas de Rondon, da década de 1940, no território indígena Balatiponé-Umutina, ambas tombadas em nível estadual.

Apesar da pouca valorização e do desconhecimento por parte da população urbana, as culturas do povo indígena Balatiponé-Umutina são de grande importância para a história daquela região, assim como as dos remanescentes quilombolas da região do Vão Grande, sendo que ambas têm em seu patrimônio cultural grande potencial para musealização. O Museu Casa Borges teve a oportunidade de promover duas importantes exposições sobre as histórias desses grupos: A exposição “Povo Balatiponé-Umutina: Presente - Passado – Futuro”, realizada em setembro de 2019 e, posteriormente, publicada no *site* do MuCB, uma das que teve maior número de visitantes na versão presencial – 814 pessoas, sendo 739 discentes de 14 escolas; a outra exposição, “Comunidades Quilombolas de Barra do Bugres: Memórias, saberes e fazeres”, foi realizada a partir de encontros remotos, durante a pandemia, e publicada em 22 de agosto de 2020 no *site* do MuCB – ambas concebidas e desenvolvidas com a participação de moradores e professores das escolas das respectivas comunidades¹.

¹ As exposições estão disponíveis no *site* do Museu Casa Borges (Museu Casa Borges, 2020): <https://museucasaborges.wordpress.com/>

A presente pesquisa – que trata de um museu que surgiu de forma espontânea, idealizado por um grupo multidisciplinar formado por artistas, docentes, profissionais de diversas áreas, por meio de um projeto de extensão da Universidade do Estado de Mato Grosso – vincula-se à linha de pesquisa 1: Museu e Museologia², do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPG-PMUS-UNIRIO/MAST), partindo de uma abordagem do Museu como fenômeno, entendendo a Museologia como campo disciplinar e estudando suas relações com os diferentes campos do saber. O MuCB é um museu local, voltado para a pesquisa e difusão da arte, da história, do patrimônio material e imaterial, com ênfase nas culturas locais e regionais, que conta com o envolvimento voluntário das comunidades (artistas e artesãos, profissionais da educação, estudantes, indígenas, quilombolas), narrando sua própria história por meio de exposições, presenciais e virtuais, oficinas, palestras, apresentações musicais, fóruns, entre outros eventos.

A pesquisa é vinculada ao projeto de pesquisa da Unirio intitulado “Design de Exposições: suas relações de influência na percepção do público e na comunicação do discurso das exposições museológicas”, coordenado pela professora Helena Cunha de Uzeda e com participação dos professores Ivan Coelho de Sá, Julia Nolasco Moraes e Monique Batista Magaldi.

Como morador da cidade de Barra do Bugres desde 2014, quando ingressei como professor efetivo no curso de Arquitetura e Urbanismo da Unemat, desde os primeiros anos tenho participado de diversos projetos de extensão junto a comunidades do município, especialmente, as comunidades quilombolas da região do Vão Grande. A partir de 2018, demos início a atividades culturais no espaço da Casa Borges, hoje Museu Casa Borges, desenvolvendo eventos junto a artistas e artesão locais e regionais, músicos, estudantes e professores, membros das comunidades quilombolas, o povo Balatiponé-Umutina e outros povos originários de todo o estado de Mato Grosso, o que resultou em material expressivo, além de estabelecer o relacionamento entre o Museu e as pessoas destas comunidades.

O edifício do MuCB ficou fechado durante os anos de 2020 e 2021, em função da pandemia de Covid-19, período em que foram realizados eventos virtuais que se tornaram importantes registros de suas atividades. Em 2022, o prédio passou por

² Linha de pesquisa 1: Museu e Museologia: Abordagem do Museu como fenômeno e da Museologia como campo disciplinar, em suas relações com os diferentes campos do saber. Teoria da Museologia. Museu: gênese, desenvolvimento e representações no tempo e no espaço. Museu e indivíduo. Museu e Cultura. Museu e Sociedade. Modelos conceituais de Museu e suas relações com o corpo social. Museologia e Sistemas Simbólicos. Critérios semiológicos. Terminologia da Museologia. Museologia como geração do novo: interpretação de realidades. Discurso museológico - constituição e análise. Teoria da Exposição. Teoria do Objeto. Museologia e novas tecnologias da informação e da comunicação (PPG PMUS).

reformas de infraestrutura e adequação de seus espaços, voltando, a partir de abril do mesmo ano, a realizar suas ações culturais de forma presencial. O Museu é uma das poucas referências culturais atuantes no município, ao lado da Biblioteca Municipal, do *campus* Universitário da Unemat, das escolas estaduais e municipais, que frequentemente promovem concursos, exposições, feiras, cinema; e do Festival de Pesca, evento anual realizado pela Prefeitura Municipal.

A pesquisa apresenta um museu que surge como manifestação de um grupo multidisciplinar, buscando a participação ativa da população na realização de suas práticas e promovendo comunicação e reflexão sobre seus patrimônios culturais. O trabalho fundamenta-se nas reflexões de autores que tratam o museu como manifestação das coletividades, tendo as comunidades como protagonistas das histórias abordadas, como a professora Teresa Scheiner, que aborda o museu como “fenômeno”, manifestação de múltiplas expressões, o museu que não é mais restrito ao edifício que o abriga, podendo existir em diversos formatos, representando a diversidade existente no mundo real, em constante transformação. Os objetos musealizados, os lugares e as manifestações culturais são representações das múltiplas histórias, contadas, percebidas, compreendidas de formas diversas, à vista da diversidade cultural presente nos museus. Scheiner aborda também o conceito de Museu Integral, que vai além do patrimônio musealizado de um determinado território, mas que se fundamenta na capacidade de envolvimento do museu com as comunidades à sua volta (Scheiner, 2012, p. 19).

O professor Mário Chagas, estudioso da museologia social, que se mostra “comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais”, abrangendo experiências e iniciativas praticadas como um “processo de afirmação” de diversas comunidades – iniciativas que criativamente se transformam conforme acontecem as mudanças da sociedade que representam –, mas que geralmente são excluídas dos propósitos da museologia tradicional (Chagas et al 2021, p.1; Chagas; Gouveia, 2014).

O museólogo francês Hughes de Varine, um dos primeiros a conceituar o museu comunitário, cujas práticas “emanam de um território e de uma população, utilizando a cultura e o patrimônio como recursos para o desenvolvimento” (Varine, 1992, p.2-3). O museu comunitário nunca está pronto, está em constante evolução, acompanhando as transformações da comunidade. Para ele, as pessoas e o patrimônio são os dois recursos básicos para o desenvolvimento de uma comunidade. Varine sustenta que o museu deve ser um lugar de encontros, um laboratório que incentive as pessoas a experimentar, deve ser uma “vitrine” da comunidade, apresentando seu passado, mas também mostrando o seu presente e seus projetos para o futuro (Varine, 2001).

A pesquisa parte da hipótese de que o Museu Casa Borges tem atuado como polo irradiador de referência cultural e ambiental do município de Barra do Bugres, fortalecendo a identidade de grupos sociais que dele participam, a partir de reflexões junto às comunidades, e da comunicação de seus patrimônios.

O Museu Casa Borges é um espaço cultural que busca a participação ativa de membros da comunidade, divulga arte e cultura local por meio de exposições temporárias de curta duração, mas tem fragilidades em sua estrutura, já que não conta com profissionais especializados, não possui dotação orçamentária, funcionando exclusivamente por meio do trabalho de professores da Unemat, servidores da Prefeitura Municipal, bolsistas, estagiárias e pessoas voluntárias.

Apesar de não contar com profissional da museologia e não possuindo plano museológico, em dezembro de 2021 foi sancionada a Lei Municipal nº 2.472/2021 – “Que cria o Museu Casa Borges no Município de Barra do Bugres, e dá outras providências” tornando-o um museu municipal (Barra do Bugres, 2021).

Todas as ações realizadas pelo Museu ocorrem dentro de um projeto de extensão da universidade, com a participação de membros das comunidades envolvidas, docentes e estudantes bolsistas dos cursos de graduação do *campus* Barra do Bugres, e de voluntários de diversas áreas de atuação, não possuindo equipe qualificada para realizar a documentação ou conservação³.

Algumas questões foram colocadas, tais como: De que forma se pode integrar as comunidades locais ao processo de desenvolvimento do museu municipal para que a cultura desses grupos sociais fosse valorizada e difundida? A divulgação das culturas dos diferentes grupos sociais da região poderia contribuir para o aumento da autoestima e a diminuição do preconceito e discriminação em relação a esses grupos? Existiria realmente um interesse das comunidades de Barra do Bugres em divulgar sua cultura, memória e história através do MuCB? De que modo o Museu Casa Borges pode contribuir como instrumento de valorização dos patrimônios – material, imaterial, cultural, ambiental – de Barra do Bugres?

Com o intuito de atingir os objetivos propostos e responder essas questões, foi realizada pesquisa exploratória, em bibliografia disponível, artigos científicos, *sites* de notícias e livros, com o objetivo de atualizar aspectos ligados ao tema da pesquisa. Paralelamente, foram realizadas consultas à bibliografia de autores e autoras locais e

³ No início de 2023 o Museu Casa Borges recebeu a doação de cerca de 150 peças da coleção etnográfica da Faculdade Indígena Intercultural da Unemat (FAINDI), ainda em processo de catalogação.

regionais, existentes na Biblioteca Municipal de Barra do Bugres, na Biblioteca do *campus* da Unemat em Barra do Bugres, e em *sítes* da Prefeitura Municipal, da Unemat e do próprio Museu Casa Borges.

A pesquisa concentrou-se na busca de fontes utilizadas para a elaboração de conteúdo e desenvolvimento dos projetos das exposições, relatórios e arquivos documentais e fotográficos das atividades do MuCB e seus resultados.

A pesquisa realizada é qualitativa, a partir da interpretação de fatos, e limitada ao objeto Museu Casa Borges e suas relações com o município: a história, o patrimônio cultural e ambiental, as comunidades, o local onde está inserido, suas funções e transformações. É qualitativa e quantitativa na busca por respostas a questões relacionadas ao envolvimento da população com o MuCB, por meio de um questionário anônimo *on-line* com questões abertas, fechadas e de múltipla escolha, encaminhado para professores e estudantes da universidade e de 31 escolas do município e respondido por 161 pessoas.

A fim de identificar elementos simbólicos da cultura e da história da região, com potencial museológico, foi feita observação estruturada por meio de pesquisa exploratória na modalidade levantamento de campo utilizando instrumentos como anotações e registros fotográficos; e observação não estruturada, baseada em dados coletados durante projetos de pesquisa e de extensão, visitas a campo, realizados anteriormente nas comunidades indígena e quilombola, e no próprio Museu Casa Borges, referentes ao patrimônio, à cultura, à paisagem local, por meio de visitas e vivências realizadas, na área urbana e rural (Lakatos, 2010). O trabalho utiliza-se de método indutivo, que leva a conclusões prováveis a partir da observação de premissas, recorrendo a fontes primárias, tais como documentos sobre temas alusivos à edificação, onde está instalado o Museu Casa Borges, à história de Barra do Bugres, ao patrimônio das comunidades e outros assuntos relacionados aos interesses do museu. A consulta a arquivos, a projetos de exposição, a livros de presença do Museu Casa Borges, assim como a outros documentos referentes ao edifício do Museu, a arquivos da Unemat, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC, da Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, entre outras fontes (Lakatos, 2010).

A tese é estruturada em quatro (4) seções, além da introdução e considerações finais: o primeiro capítulo, Barra do Bugres – Contextualização do Município e seus Valores Culturais, retrata Barra do Bugres, suas características geográficas, sua história, seu patrimônio cultural e ambiental, a relação com os povos originários e outras comunidades mais recentes, sempre ressaltando questões pertinentes a sua

conexão com as atividades do Museu Casa Borges. Nele, são utilizadas informações de autores locais e regionais como Angélica Souza, Cleonice Aparecida Moraes, Jovino Ramos, que tratam da história do município e de elementos relacionados à formação da cidade; Larissa Borges Lourenço, Mara Faccioni, Salete Deina, arquitetas e urbanistas com pesquisas sobre edificações históricas de Barra do Bugres, entre as quais, elas o edifício onde está instalado o Museu Casa Borges; Francisca Edilza Carvalho, Madalena Santana de Sales, Maria Helena Tavares, Pedro Silva, que abordam questões relativas às comunidades quilombolas da região; Cleomar Tan Huare, Luciano Ariabo Kezo, Márcio Monzilar Corezomaé, Harald Schultz, que retratam o povo Balatiponé-Umutina; além de material disponível em *sites* da Prefeitura Municipal de Barra do Bugres, da Faculdade Intercultural Indígena (Faindi/Unemat), Instituto Socioambiental (ISA), IPHAN, IBGE, Fundação Cultural Palmares e do próprio Museu Casa Borges.

O segundo capítulo, A Casa Borges e seu Papel na Comunidade, trata da atuação do Museu Casa Borges na sociedade local, descrevendo todo o processo de criação do museu, sua relação com as comunidades e com as instituições locais, suas atividades culturais e seu crescimento como espaço de cultura, até sua reabertura após a pandemia. Ao final, é feita uma análise da interação das comunidades com o museu, baseada nas respostas ao questionário sobre o patrimônio e cultura de Barra do Bugres e o Museu Casa Borges. Neste capítulo são usados como referência, principalmente, arquivos do próprio MuCB, da Universidade e da Prefeitura Municipal, e autores que tratam de questões relativas a museu e sua relação com as comunidades e com seu público, como Teresa Scheiner, sobre museu integral; Mario Chagas, sobre patrimônio e museologia social; Helena Uzeda, sobre questões relacionadas à expografia, à percepção do público e à comunicação das exposições museológicas; Renato Arruda sobre a política universitária de museus da Unemat; Cláudia Garcés sobre a participação das comunidades nos museus; Priscila Waldow em artigo sobre educação patrimonial no Museu Casa Borges, entre outros.

No terceiro capítulo, Musealidade e Musealização em Museus Locais de Mato Grosso, são desenvolvidas questões relacionadas a diferentes tipologias de museus, concentrando-se em museus de cidades pequenas do estado de Mato Grosso, fazendo uma analogia entre estes e o Museu Casa Borges; compara a realidade do MuCB aos preceitos da atual definição de museus; e apresenta uma breve discussão sobre tipologias de museus às quais o Museu Casa Borges poderia ser classificado. Reflete, ainda, sobre conceitos apresentados por autores como Ivan Vaz, Jacques LeGoff, Néstor Canclini, Zbynek Stránský; sobre pesquisas nos museus estudados, realizadas

por Acyr Montecchi (Museu de Humanidades - Cáceres), Priscila Waldow, Silvia Finguerut (Casa Memorial dos Viajantes - Diamantino); Aramis Luiz Silva e Aivone Carvalho Brandão (Museu Bororo – aldeia Meruri), entre outros; além de Hugues de Varrine, Pierre Mayrand, Gabrielle Reis, Odalice Priosti, sobre ecomuseus e museus de território; Nelson Cayer, António Ponte, Aparecida Rangel, sobre Museus-casa; Marcus Granato, Victor Abalada, Marta Lourenço, sobre Museus universitários; Mário Chagas e Inês Gouveia sobre museologia social.

No quarto e último capítulo, O Museu Casa Borges como meio de afirmação e divulgação da memória local: Possíveis futuros, é discutida a vocação desse museu municipal, sua potencial relação com atividades turísticas do município; sua relação com as comunidades e o território entorno e a possibilidade de atuação como fórum de discussão das memórias do município de Barra do Bugres; a constituição de seu acervo, incluindo a perspectiva de tombamento e patrimonialização do próprio edifício Casa Borges como acervo do museu; até as novas estratégias de comunicação que tem sido implantadas, desde exposições itinerantes, à atualização e desenvolvimento do novo *site* do Museu Casa Borges. Tem como referência conceitos ligados a questões museológicas de Marlene Suano, Ulpiano Menezes; pesquisas de Jane Senra e Silva, Jovino Ramos, sobre bens culturais de Barra do Bugres e região; além de informações obtidas nos relatórios e no *site* do Museu Casa Borges.

Espera-se com esta pesquisa incentivar a busca pelo conhecimento da história e do patrimônio cultural de Barra do Bugres, presentes nas ações do Museu Casa Borges, dando maior destaque e fortalecendo o sentimento de pertencimento da população em relação a seus bens culturais, contribuindo para o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas relacionadas ao, ainda recente, museu e ao patrimônio cultural local e regional.

CAPÍTULO 1

BARRA DO BUGRES: CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E SEUS VALORES CULTURAIS

1. BARRA DO BUGRES: CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E SEUS VALORES CULTURAIS

O Museu Casa Borges, objeto desta pesquisa, está situado em Barra do Bugres, uma cidade no interior do estado de Mato Grosso, região detentora de grande diversidade cultural, ainda que pouco valorizada, território pouco conhecido em um país tão diverso.

Localizado numa região ancestralmente ocupada por populações indígenas como os Balatiponé-Umutina e Haliti-Paresí⁴, Barra do Bugres hoje é um município com área de 5.976,865 Km² (IBGE, 2022), localizado na Mesorregião Sudoeste do estado de Mato Grosso, a 160Km da capital Cuiabá.

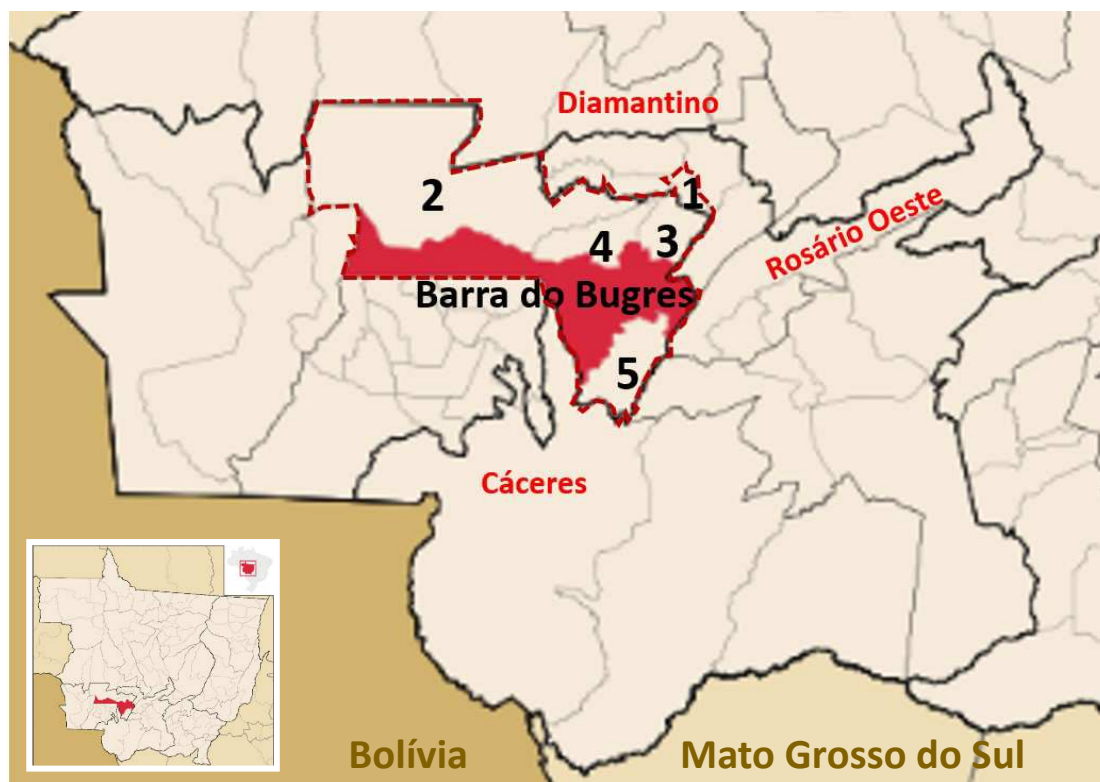
A população do município conta com cerca de 30.000 habitantes, sendo 80% residentes na área urbana da sede do município de Barra do Bugres que, na última década, sofreu um decréscimo de cerca de 7% em sua população, que de 32 mil habitantes em 2010, passou a 29.403 no censo realizado em 2022. Essa diminuição de população aconteceu em 48 dos 142 municípios de Mato Grosso, tendência já evidenciada no país pela desaceleração do crescimento demográfico⁵ (IBGE, 2022).

Criado em 1943, a área do município de Barra do Bugres foi desmembrada de territórios dos municípios de Diamantino, Rosário Oeste, e Cáceres, sendo este último já na região de fronteira do Brasil com a Bolívia, vila criada em 1778, e elevada a categoria de cidade em 1874, da qual Barra do Bugres permaneceu como distrito por setenta anos. O novo município de Barra do Bugres foi instalado em 19 de abril de 1944, abrangendo uma área bem mais extensa que a atual, com territórios pertencentes hoje a outros cinco municípios desmembrados posteriormente (Fig. 01): Arenápolis, emancipado em 1954; Denise (1982); Nova Olímpia (1986); Porto Estrela (1991) e Tangará da Serra, emancipado em 1976 com área desmembrada dos municípios de Barra do Bugres e Diamantino (Ramos 2003; Barra do Bugres, 2022; *sítes* das respectivas prefeituras municipais).

⁴ As terras onde vivem os Haliti-Paresí pertencem hoje ao município de Tangará da Serra, desmembrado do território original de Barra do Bugres em 1976.

⁵ De acordo com o IBGE, “de 2000 a 2023, taxa de fecundidade do país recuou de 2,32 para 1,57 filho por mulher” (Agência IBGE Notícias, 02/12/2024: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41056-populacao-do-pais-vai-parar-de-crescer-em-2041>).

Figura 01 – Mapa do perímetro atual de Barra do Bugres e dos municípios que foram desmembrados de seu território, numerados em ordem cronológica da data da emancipação



LEGENDA:

- 1 – Arenápolis**, emancipado em 1954
- 2 – Tangará da Serra**, emancipado em 1976 dos municípios de Barra do Bugres e Diamantino
- 3 – Denise**, emancipado em 1982
- 4 – Nova Olímpia**, emancipado em 1986
- 5 – Porto Estrela**, emancipado em 1991

Fonte: Mapas Wikipédia editados pelo autor

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM⁶ é de 0,693, considerado médio, e abaixo do IDH do estado (0,773), considerado alto, mas ainda assim o mais baixo da região Centro-Oeste, e também abaixo da média do Brasil (0,767). O índice referente a educação, de 0,595, fica um pouco acima da média do estado, que é de 0,577 (PNUD, 2017) dados que refletem o baixo nível de investimento em educação, e baixa qualidade de vida de parte da população, para quem o acesso à cultura inexistente ou se resume ao apoio escolar recebido pelos filhos (dados referentes ao censo de 2010).

⁶ O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) “é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano”, sendo considerado: Muito alto, acima de 0,800; Alto, de 0,700 a 0,799; Médio, de 0,600 a 0,699; Baixo, de 0,500 a 0,599; Muito baixo, entre 0 e 0,499 (PNUD, 2023).

O município de Barra do Bugres está localizado numa região de transição entre o Cerrado e a Amazônia, os dois maiores biomas do Brasil em área e biodiversidade. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, o Cerrado possui mais de seis mil espécies de árvores e 800 espécies de aves; e a Amazônia tem cerca de 40.000 espécies vegetais classificadas, 5.000 espécies animais – entre peixes, mamíferos, aves, répteis – e 130.000 insetos e outros invertebrados (ICMBio, 2002). São dos biomas mais ricos e ao mesmo tempo dos mais ameaçados, especialmente, no estado de Mato Grosso.

Figura 02: Superposição de mapas indicando a localização do município de Barra do Bugres em relação aos biomas de Mato Grosso



Fonte: Mapas Wikipedia, editados pelo autor, 2023

Como parâmetro da dimensão territorial do município de Barra do Bugres, foi elaborado um quadro comparativo entre sua área e densidade demográfica, em relação à capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, e ao município do Rio de Janeiro.

Quadro 01 - Quadro comparativo das dimensões territoriais e densidade demográfica dos municípios de Barra do Bugres, Cuiabá e Rio de Janeiro:

Município	Área territorial	População	Densidade demográfica
Barra do Bugres	5.976,856 Km²	29.403	4,92 hab/Km²
Cuiabá	4.327,220 Km ²	650.877	150,41 hab/Km ²
Rio de Janeiro	1.200,329 Km ²	6.211.223	5.174,60 hab/Km ²

Fonte: dados IBGE, 2022

O município de Barra do Bugres tem área quase cinco vezes maior que o Rio de Janeiro, e a população 200 vezes menor.

1.1 A Cidade de Barra do Bugres

Anteriormente ocupada pelo povo originário Balatiponé-Umutina, a região onde hoje se encontra o município de Barra do Bugres começou a atrair a população não-indígena a partir da década de 1870. Exploradores que subiam o rio Paraguai em busca das riquezas que abundavam naquela região. Entre elas, madeiras, como o mogno e o cedro, principalmente na região onde fica atualmente o município de Tangará da Serra; seringais nativos, na região do atual município de Denise (Ramos, 2003); e principalmente a poaia (*Cephaelis ipecacuanha*), também chamada de Ipeca, “planta de uso medicinal, cujas raízes são ricas em emetina e cefalina, alcaloides muito utilizados na indústria farmacêutica” (Lameira, 2002) – muito valiosa à época. Assim, foi sendo formado um pequeno povoado, à margem direita do rio Paraguai, onde desagua o rio Bugres, que daria nome à vila denominada de Barra do Rio Bugres, que na ocasião se constituía em um distrito do município de Cáceres, (Ramos, 1992; Ramos, 2003; Ferreira, 1994; Oliveira, 2013; IBGE, 2022; Barra do Bugres, 2022).

Figura 03 – Vista aérea parcial da cidade com o rio Paraguai em primeiro plano e a foz do rio Bugres, à esquerda



Fonte: Nilson Guedes, 2022

O rio Paraguai, importante rota de comércio da região, teve um papel fundamental no surgimento e desenvolvimento da cidade de Barra do Bugres, já que foi através do transporte fluvial que chegaram os primeiros habitantes que formariam o povoado na foz do rio Bugres:

Terminada a guerra contra o governo da república do Paraguai, em 1870, e restabelecida a livre navegação fluvial até Buenos Aires e Montevideu, começou em Mato Grosso um período de intercâmbio comercial que perdurou até 1914. Mato Grosso exportava, via rio Paraguai, para os mercados europeus, borracha, ipecacuanha, penas de garças, madeira, couros e charques [...] tudo transportado pela rota do rio da Prata. (Leandro *et al*, 2013, p. 28)

A cidade de Cáceres era o polo principal deste comércio pelo rio Paraguai, com diversos núcleos de produção “que faziam parte de São Luiz de Cáceres, mas que foram desmembrados a exemplo de Barra do Bugres, que foi um importante centro produtor de Ipecacuanha” – raiz medicinal conhecida popularmente por poaia ou ipeca. Até a década de 1950, o rio Paraguai ainda era a principal via de transporte até Corumbá e Cáceres (Leandro *et al*, 2013, p.33), nascendo das águas que brotam de um conjunto de lagoas, na região do Planalto dos Parecis. A Área de Proteção Ambiental (APA) de suas nascentes abrange os municípios de Alto Paraguai e Diamantino (Leandro *et al*, 2013; ISA, s/d).

O nome do rio pode estar relacionado aos “canoeiros Paiaguá”, um dos povos indígenas que habitaram suas margens (Zumak; Larcher, 2021, p.16). É um dos maiores rios da América do Sul, e o principal rio do Pantanal, responsável pelo regime de inundação e vazante, sendo também integrante da bacia do rio da Prata. Em Mato Grosso banha os municípios de Alto Paraguai, Barra do Bugres e Cáceres, seguindo por Mato Grosso do Sul, até entrar em território internacional, com sua bacia abrangendo Bolívia, Paraguai e Argentina (Leandro *et al*, 2013; Rabelo, 2021, p.26; ISA, s/d).

Figura 04 – Uma das lagoas das nascentes do rio Paraguai, município de Alto Paraguai, MT

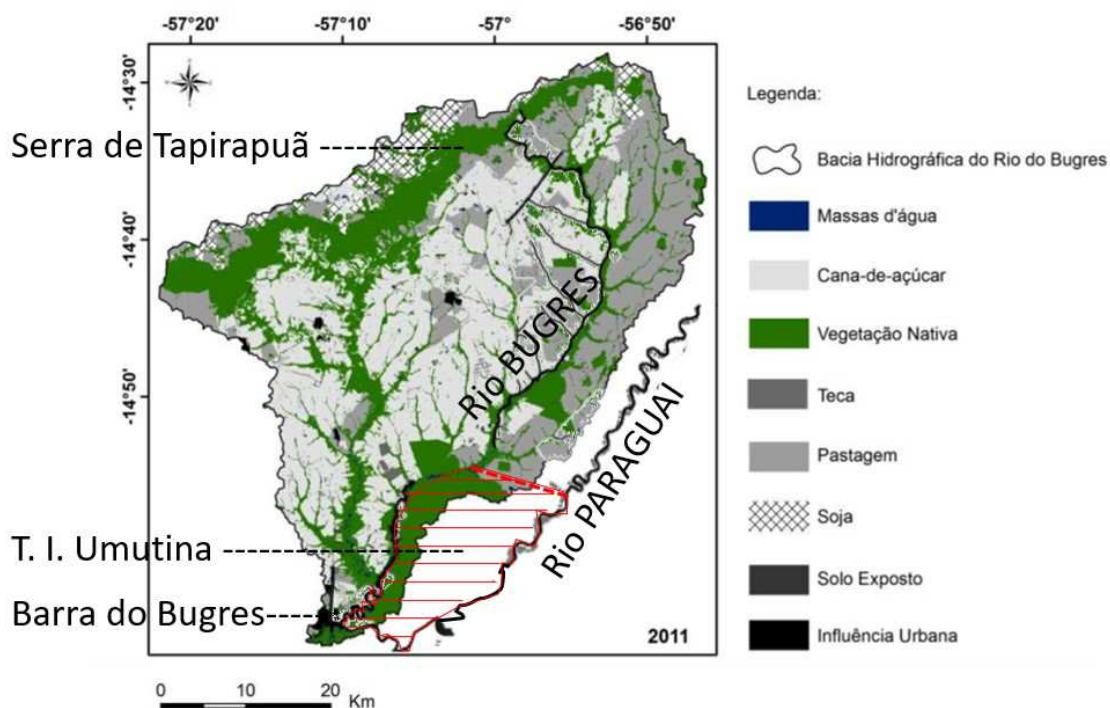


Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2016

Conforme pesquisa sobre a cobertura do solo na bacia hidrográfica do rio Bugres (Pessoa *et al*, 2013), esta abrange territórios de seis municípios mato-grossenses, desde sua nascente em Santo Afonso, até a sua foz em Barra do Bugres, onde a Terra Indígena Balatiponé-Umutina exerce importante papel de preservação de suas matas ciliares. Desenvolve-se predominantemente por áreas de planície, densamente ocupadas por culturas – como a cana-de-açúcar e pecuária, que impactam negativamente na qualidade de suas águas. Apresenta algumas manchas de vegetação nativa concentradas, principalmente, em áreas de preservação permanente (APPs) nas

encostas "próximas à serra Tapirapuã", onde ocorrem suas nascentes, hoje território dos municípios de Tangará da Serra e Nova Olímpia, e "nas matas ciliares na região sul da bacia, no município de Barra do Bugres", coincidindo com a área da Terra Indígena Balatiponé-Umutina (Fig.05) (Pessoa et al, 2013, p.166-167).

Figura 05 – Cobertura e uso do solo na Bacia do rio Bugres, com destaque para a área de vegetação preservada na Terra Indígena Balatiponé-Umutina, hachurada em vermelho



Fonte: Pessoa et al, 2013, p.164-166. Superposição de mapas, editada pelo autor, 2024

O mapa acima, datado de 2011, mostra claramente uma das regiões onde a mata ciliar do rio Bugres foi menos atingida pelo desmatamento, na terra indígena, hachurada em vermelho.

1.1.1 Por que Bugres? Etimologia da palavra

Em alguns mapas ainda se encontra a grafia "rio dos Bugres", deixando clara a relação entre a nomenclatura do rio, em português, e os indígenas que habitavam suas margens. No entanto, o nome da cidade, que remete ao nome do rio, passa a ser naturalizado por muitos que vivem ali, esquecendo da conotação racista do termo "bugres".

No dicionário Michaelis *on-line* o vocábulo "bugre" é apresentado como "denominação genérica a diversos grupos de indígenas brasileiros, tidos como

agressivos e sodomitas” e com sentido figurado de “pessoa rude, pouco civilizada” (Michaellis, 2023). “Bugre” era a forma com a qual os europeus se referiam, de modo pejorativo, aos indígenas encontrados aqui, como explica Gilberto Freyre:

A denominação de bugres dada pelos portugueses aos indígenas do Brasil em geral e a uma tribo de São Paulo em particular talvez exprimisse o horror teológico de cristãos mal saídos da Idade Média ao pecado nefando, por eles associado sempre ao grande, ao máximo, de incredulidade ou heresia [...] para o cristão medieval foi o termo bugre que ficou impregnado da mesma idéia pegajosa de pecado imundo (Freyre, 2003, p. 189).

Doutor em Ciências Sociais e mestre em Sociologia, Luís Augusto de Mola Guisard pesquisou “o uso freqüente do termo “bugre” como desqualificador de uma parcela considerável da população” (Guisard, 1999, p.93), em Cáceres/MT⁷:

O termo bugre originou-se num movimento herético, na Europa, durante a Idade Média, representando uma força contrária aos preceitos ditados pela ortodoxia da Igreja. [...] Aos poucos, no Mundo Ocidental, o sentido da palavra bugre vai se transportando de um mundo religioso para um mundo profano, levando consigo a idéia do bugre como o devasso, o sodomita, o pederasta, o infiel em que não se pode confiar, que representa a porção mais baixa da sociedade européia. Diversas fontes da literatura européia ocidental (portuguesas, francesas, italianas) trazem a tradução do termo bugre sempre associado a conceitos ofensivos, à sodomia, à heresia. Finalmente, este termo vem a ser associado aos índios encontrados na América e, simultaneamente, no Brasil (Guisard, 1999, p. 92)

Em seu artigo sobre “O bugre, um João ninguém”, Guisard mostra, a partir de relatos de pessoas moradoras da cidade de Cáceres, Mato Grosso, a visão preconceituosa ainda presente, a força negativa do termo “bugre”, empregado para se referir aos descendentes dos povos originários locais, depreciados por seus traços físicos e culturais, de “pele escura”, “cabelos lisos”, “nariz grandão”, menos inteligente”, “não é bom de trabalhar”, entre tantas expressões com conotação nitidamente racista:

Para a família cacerense tradicional, a sociedade local é vista como um todo coeso, harmonioso e unitário, representada pelos de dentro, pela irmandade das famílias tradicionais e, portanto, o bugre é considerado o ser não integrado, o de fora, o Chiquitano, o diferente, aquele que possui traços físicos e culturais dos Bororós⁸ e que deverá estar a serviço da norma (Guisard, 1999, p. 95).

⁷ Barra do Bugres foi distrito de Cáceres, sendo desmembrado em 1943; atualmente são municípios limítrofes.

⁸ Chiquitano e Bororo são povos originários, habitantes no estado de Mato Grosso.

Apesar da conotação depreciativa, o termo pode ser usado como forma de afirmação da identidade, como nos exemplos apresentados a seguir, o “Bar do Bugre” e o trio musical “Bugre Soul”, ambos em Mato Grosso:

Em Cuiabá, o “Bar do Bugre” funcionou desde 1922 até 1970 em frente à Praça Alencastro, como ponto de encontro de personalidades da época. “Oficialmente era Bar Moderno, nome que acabou sendo deixado de lado, já que o ambiente era conhecido por ser de propriedade de Olinto Neves, conhecido como ‘bugre’” (MidiaNews, 2020).

Figura 06 – O Bar do Bugre e a Praça Alencastro, local de encontro da sociedade da época



Fonte: HNT hipernotícias. Disponível em: <https://www.hnt.com.br/artigos/bar-do-bugre-e-a-familia-novis-neves/175490> Acesso em: 25.dez.2023

Novamente na cidade de Cáceres, se destacou, recentemente, um grupo musical de jovens mato-grossenses chamado “Trio Bugre Soul”, que apresenta músicas que tratam de temas relacionados a conflitos raciais e práticas racistas. “O nome escolhido pelo trio visa combater a lógica moderna racista exaltando a ancestralidade indígena (bugre) e negra (soul). Segundo o trio, sonoramente pode-se afirmar *bugre sou(l)*” (OlharConceito, 2022; Entretê, 2022).

O termo bugre já é usado com naturalidade em Mato Grosso há bastante tempo: bugre, bugra, como apelido ou como característica das pessoas de pele morena e cabelos lisos. Minha mãe, cuiabana de chapa-e-cruz⁹ conta que o pai dela, se referindo a seu fenótipo “se considerava bugre, não era preto, não era mulato, era bugre”.

⁹ A expressão “cuiabano de chapa-e-cruz” é uma expressão regional que remete à pessoa cuiabana nascida e criada em Cuiabá, cuiabana “raiz”, autêntica, sendo “chapa é a certidão de nascimento e cruz a de óbito” (Menezes, 2007).

1.1.2 Economia extrativista: A poaia e sua importância na formação da cidade

A poaia (*Cephaelis ipecacuanha*) é uma planta medicinal de pequeno porte, cerca de 30 a 40 centímetros, que se desenvolve em áreas sombreadas e úmidas da Mata Atlântica, e também das matas ciliares das áreas de Cerrado. Seu valor comercial se dá pela significativa concentração de alcaloides, utilizados como princípio ativo de produtos da indústria farmacêutica, principalmente suas raízes, de “coloração cinza, engrossadas e marcadas pela presença de anéis ásperos, desiguais e nodulosos” (Viana; Naves, 2011, p. 2975), o que exige que se retire a planta com a raiz, dificultando sua reprodução. Essa prática extrativista, hoje proibida por lei, aliada à derrubada das matas, levou a poaia a se tornar “ameaçada de erosão genética ou em vias de extinção” (Lameira, 2002, p.1; AL-MT, 2010):

Segundo estudos¹⁰, em parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a concentração de teor de emetina da poaia de Mato Grosso é oito vezes maior quando comparado aos teores de substância de poaia ocorrentes na Mata Atlântica brasileira (Maia, 2017, p.1).

A poaia está classificada como “Risco de extinção: Vulnerável (VU)” no Livro vermelho da flora do Brasil, sob a justificativa de ser:

Dependente de habitat florestal sombreado e de polinização cruzada, é procurada por extratores de raízes medicinais e tem exploração comercial desde o século XVIII, sem incentivos para cultivo [...]. A extração, o comércio e a exportação não cessaram, entretanto o volume de exportação diminuiu devido à escassez das subpopulações [...]. A espécie tem potencial para propagação vegetativa, e por isso fazem-se necessárias pesquisas e medidas de conservação [...]. A espécie também é ameaçada pelos efeitos da fragmentação e do desmatamento de seu habitat florestal (Valente, 2013, p. 924).

O Livro vermelho da flora do Brasil, coordenado pelo Centro Nacional de Conservação da Flora – CNCFlora, vinculado ao Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – JBRJ, é um “trabalho colaborativo que integra esforços de especialistas botânicos de instituições científicas de todo o Brasil e de outros países do mundo. [...] reúne o resultado de avaliações científicas do risco de extinção de espécies da flora brasileira” (Valente, 2013, p.11)¹¹.

¹⁰ “A pesquisadora Celice Alexandre Silva, doutora em Botânica e pós doutora em Biologia Reprodutiva de Plantas, estuda a poaia há cerca de quatro anos e mantém atualmente no câmpus da Unemat, em Tangará da Serra, um banco de germoplasma de sete populações de poaia oriundas dos municípios mato-grossenses de Barra do Bugres, Cáceres, Denise, Nova Olímpia, São José dos Quatro Marcos, Tangará da Serra e Vila Bela da Santíssima Trindade.” (Maia, 2017)

¹¹ O Livro vermelho da flora do Brasil é um trabalho colaborativo de cerca de 250 pesquisadores e instituições, sendo Arthur Sérgio Mouço Valente o responsável pelo verbete sobre a poaia: “*Carapichea ipecacuanha*”.

As imagens a seguir apresentam a poaia: uma exsicata¹² feita em 2018 a partir de amostra coletada na aldeia Bakalana, Terra Indígena Balatiponé-Umutina, acervo do Museu Casa Borges; e uma litogravura colorida de Edward Hamilton, da *Flora Homeopathica, London, 1852*, disponível no Museu do Universo da Farmácia – MUFA, museu virtual.

Figura 07 – Poaia



Fonte: Acervo Museu Casa Borges em foto Kelly Serschon, 2022 / Litogravura, Museu do Universo da Farmácia – MUFA (s/data)¹³

As raízes eram exportadas *in natura*, para serem beneficiadas em laboratórios fora do país. Os poaieiros, como eram chamados os trabalhadores que entravam na mata, onde permaneciam até quatro meses na coleta da poaia, vendiam o produto para os “patrões da poaia”, comerciantes que intermediavam a exportação, como era o caso do Sr. Herculano Borges (Oliveira, 2013, p.3).

O auge das exportações da poaia ocorreu entre 1917 e 1960 (Ramos, 2003, p.18), período em que exerceu importante papel na economia de Barra do Bugres e

¹² Técnica de prensagem e desidratação de espécies vegetais.

¹³ Ipecacuanha, *Carapichea ipecacuanha* (*Cephaelis ipecacuanha*). Handcoloured lithograph by Henry Sowerby from Edward Hamilton's *Flora Homeopathica*, Bailliere, London, 1852. Fonte: <https://www.alamy.com/ipacacuanha-carapichea-ipecacuanha-cephaelis-ipecacuanha-handcoloured-lithograph-by-henry-sowerby-from-edward-hamiltons-flora-homeopathica-bailliere-london-1852-image359086489.html>

seus arredores, chegando a representar 4% do PIB do estado (AL-MT, 2010), resultando, no entanto, grande desigualdade social, como coloca o professor e historiador Carlos Edinei de Oliveira:

O processo extrativista da poaia produziu uma sociedade desigual, marcada pela exploração capitalista entre dois sujeitos ligados ao extrativismo: o poaieiro, responsável pela extração na mata e o patrão de poaia, arrendatário e comerciante do vegetal (Oliveira, 2013, p.3).

O professor Jovino Ramos também aborda o abismo social criado entre o coletor da poaia e os comerciantes:

“[...] o poaieiro era alegre, farrista: por suas mãos passavam riquezas. E por elas passavam para outros... Para outras mãos que com elas viveriam afortunados. O poaieiro, infelizmente não. Não consta que algum tenha ficado rico. Os intermediários sim” (RAMOS, 2003, p. 27).

Apesar da importância da poaia para a economia de diversas regiões do país, não foi encontrado nenhum registro de patente brasileira do uso de suas substâncias. Pesquisa de Feres, Moreira e Andrade (2017), da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora, sobre o Direito de Patente da poaia, junto à Organização Mundial da Propriedade Intelectual, informa que foram encontrados cinco registros de patente referentes à espécie *Psychotria ipecacuanha*¹⁴ (Poaia), constatando que “elas têm origem em três países: Estados Unidos, China e Rússia [...] nenhum país que a possui como espécie endêmica é depositário de patentes” (Feres, Moreira e Andrade, 2017, p. 66).

A Unemat desenvolve, desde 2010 projetos de pesquisa de cultivo in vitro da Poaia, coordenados inicialmente pela professora Marfa Magali Roehrs, bióloga, e posteriormente pela professora Celice Alexandre Silva, doutora em Botânica, que mantém, no laboratório da universidade, material genético de poaia oriundo de sete municípios de Mato Grosso (AL-MT, 2010; Unemat, 2017)

Angélica Gonçalves de Souza em sua pesquisa de conclusão de curso de Licenciatura em Educação pela Universidade de Brasília – UnB, intitulada “Cultivo da poaia na Região do Assentamento Antônio Conselheiro [...]”, situado em Barra do Bugres, alerta para “o impacto social e ambiental causado pela extração da Ipecacuanha” (Souza, 2013, p. 37): Os poaieiros deixavam suas famílias no vilarejo,

¹⁴ A poaia apresenta variada sinonímia científica, sendo *Cephaelis ipecacuanha* e *Psychotria ipecacuanha*, as mais comumente usadas (Garcia, 2001).

durante o período de coleta, em busca do sustento. A poaia era moeda de troca nos armazéns, forçando assim que as famílias dos poaieiros fizessem ali suas compras.

A borracha dos seringais nativos, na região onde hoje é o município de Denise, também foi de grande importância para a economia da região. Porém, a perda de espaço da borracha brasileira no mercado internacional, a partir da década de 1910, atingiu principalmente Cuiabá, por sua maior dificuldade de acesso, em relação a outros polos como Belém e Manaus. (Ramos, 2003). A pouca experiência no manejo das seringueiras já havia causado a queda da produção:

A falta de conhecimento para o corte da seringueira, o desrespeito à época certa para a extração do látex foi a primeira agressão contra esta preciosidade vegetal, [...] a outra agressão veio logo a seguir: as queimadas de pequenas roças de subsistência, sem controle de fogo por meio de aceiros, permitiam que o fogo adentrasse as matas causando a morte de frondosas e seculares seringueiras (Ramos, 2003, p. 32).

Com a diminuição da produção e a desvalorização dos preços da poaia e da borracha, surgiu um novo ciclo econômico, da exploração de madeiras nobres (IBGE, 2022), como o cedro "pela sua leveza, resistência e flexibilidade exigida pela construção naval" e o mogno (Ramos, 2003, p. 37). As toras desciam, amarradas, pelo rio Paraguai, única via de transporte até a sede do município naquela época, a cidade de Cáceres, onde eram beneficiadas. Mais uma vez, a exploração desmedida, sem nenhuma preocupação com reflorestamento, causa sua extinção na região, pouco restando das madeiras nobres nas matas de transição entre o Cerrado e a Amazônia (Ramos, 2003, p. 39; Barra do Bugres, 2022).

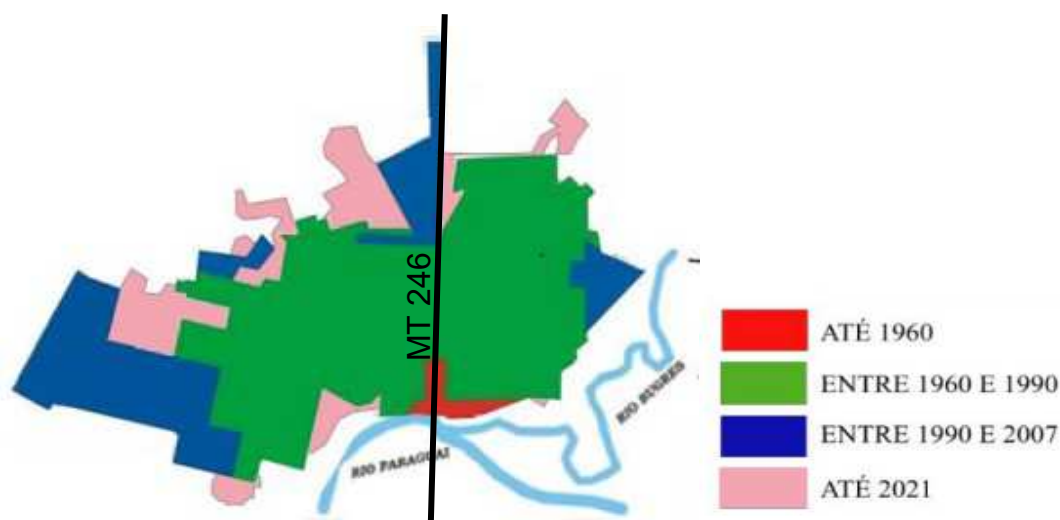
Como desdobramento da implementação da Marcha para Oeste¹⁵, programa de incentivo à ocupação e desenvolvimento econômico das regiões do interior do Brasil, tem início o desenvolvimento agrícola ao norte do, então, município de Barra do Bugres, nas regiões de distritos como Tangará da Serra, Nova Olímpia e Denise, posteriormente emancipados, paralelamente à economia extrativista ainda vigorosa até a década de 1960 (Campos, 2017; Diário da Serra, 2021).

A partir da década de 1980 tem início, em Barra do Bugres, um novo ciclo econômico voltado para a agropecuária, com implantação de frigoríficos e da usina de produção de biocombustível e outros derivados da cana de açúcar.

¹⁵ A Marcha para Oeste foi um programa do governo de Getúlio Vargas, implementado ao final da década de 1930, que buscava incentivar a ocupação das regiões Norte e Oeste do Brasil por meio de investimentos em infraestrutura, incentivo à ocupação de terras, desenvolvimento da agricultura, integrando e desenvolvendo economicamente o interior do Brasil, gerando, porém, graves conflitos com os povos indígenas e impactos ambientais pela implantação do agronegócio em larga escala (Oliveira, 2002; Campos, 2017).

A chegada dessas indústrias, especialmente a indústria sucroalcooleira, destaque na economia local até os dias de hoje, atraiu quantidade expressiva de trabalhadores para Barra do Bugres, em grande parte migrantes da região nordeste do país, o que contribuiu para a rápida expansão urbana (Fig. 08). O asfaltamento da rodovia MT 246, que corta a cidade, favoreceu o crescimento horizontal da cidade, ao longo de seu eixo, afastando-se dos rios, que passaram de fonte de recursos e transporte a local de turismo e lazer, especialmente durante o Festival de Pesca, importante evento anual que atrai centenas de pescadores e visitantes à cidade (Moraes, 2004; Costa, 2010; Barra do Bugres, 2022, Maciel, 2022; Maciel *et al*, 2022; Barralcoo, 2025).

Figura 08 – Mapa do crescimento urbano de Barra do Bugres



Fonte: Maciel, 2022, editada pelo autor

A importância da poaia e da seringa para o desenvolvimento de Barra do Bugres foi reconhecida com a inserção dessas espécies no brasão do município, criado pela lei 51/1989, e assim descrito:

Encimado pela coroa mural de oito torres de argentes, das quais cinco são visíveis. No centro do escudo a Ipecacuanha (poaia) e as seringueiras de cor sinopla (verde) representam as riquezas naturais mais importantes até agora exploradas no Município. [...] a faixa ondeada de argentes (prata) representa o Rio Paraguai e a 2ª faixa o Rio do Bugres, em cuja barra se localiza a cidade, vindo daí o nome de Barra do Bugres. [...] Na faixa vermelha, letras prateadas, inscreve-se o nome de Barra do Bugres ladeado pelos anos de 1.944 de sua emancipação política e de 1.966 de sua elevação a categoria de cidade sede da comarca (Barra do Bugres, 2023, grifo nosso).

Figura 09 – Brasão e bandeira de Barra do Bugres



Fonte: Prefeitura Municipal de Barra do Bugres / Imagem elaborada pelo autor, 2014

A página do Poder Judiciário de Mato Grosso informa que “a Comarca de Barra do Bugres [...] abrange os municípios de Porto Estrela, Nova Olímpia, Denise e Barra do Bugres, com uma população estimada de 67.060 habitantes nos quatro municípios” (Vasques, 2020).

1.2 O povo Balatiponé-Umutina: Ancestrais habitantes da região

Os Umutina, autodenominados *Balatiponé* – Povo Antigo (Kezo, 2019, p.64), são os originais moradores da região, “[...] cujo território tradicional compreendia o vale dos rios Paraguai e Bugres”, desde a foz do rio Sepotuba¹⁶, possivelmente chegando “até a região onde hoje situa-se o município de Cuiabá”, terra habitada pelo povo Bororo, cujo tronco linguístico, Macro-Jê, é comum às duas etnias (Corezomaé, M. 2018, p.13).

O nome “Umutina” surgiu do termo “Imuti”, que significa “índio branco” ou “não indígena”, forma como o povo Balatiponé era chamado por outros povos: “[...] após o contato e convivência com povos originários das etnias Paresí e Nambikwara, em 1930, passaram a ser conhecidos por ‘Umotina’, ‘Omotina’ ou ‘Umutina’ (grafia utilizada desde a década de 1940), que significa ‘índio branco’” (Corezomaé, L. 2017, p.25; ISA, 2020).

O professor Luciano Ariabo Kezo, indígena Balatiponé, mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, no Estado de São Paulo, corrobora essa informação e conta que, atualmente, alguns membros do seu povo têm evitado usar o

¹⁶ Apenas como referência da dimensão do território ocupado pelos Balatiponé-Umutina, a distância entre a foz do rio Sepotuba e a do rio Bugres, pelo rio Paraguai é de cerca de 247 quilômetros, e de 106 quilômetros em linha reta (medidas aproximadas feitas no GoogleMaps).

termo 'Umutina', preferindo se autodenominar "Balatiponé", já que, como ele revela, "Umutina é o apelido dado pelos Pareci aos Balatiponé, cujas características físicas se distinguem do estereótipo indígena" sendo considerado pejorativo (Kezo, 2019, p.64).

Em respeito à autodenominação "Balatiponé" e, considerando que o Decreto Federal que homologa suas terras se refere à "área indígena UMUTINA" (grafada assim, em maiúsculas), optamos por nos referir a esse povo pelo nome "Balatiponé-Umutina":

Art. 1º. Fica homologada, para os efeitos do art. 231 da Constituição Federal, a demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, da área indígena UMUTINA, localizada no Município de Barra do Bugres, Estado de Mato Grosso, caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena (BRASIL, 1989).

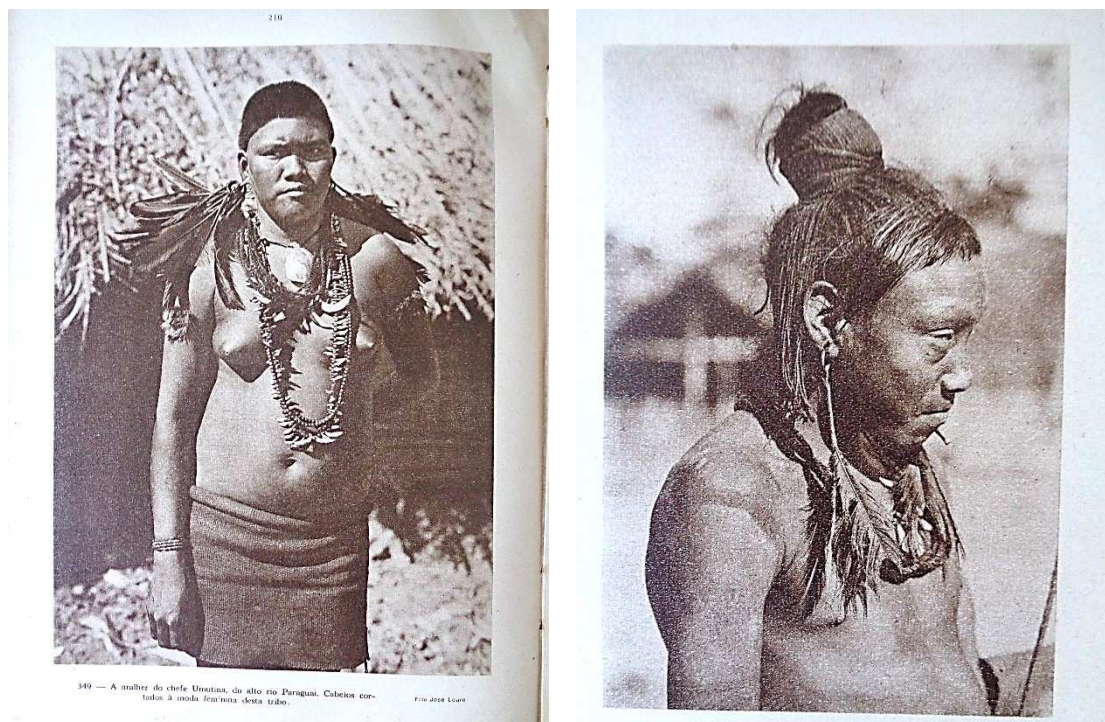
À época dos primeiros contatos, as mulheres deste povo costumavam usar os cabelos curtos, enquanto os homens usavam o cabelo preso em coque "amarrado no alto da cabeça por uma fita de algodão" e cavanhaque ou barba postiça (Fig. 10), feita de pelo do macaco bugio e dos cabelos das mulheres, sendo por isso chamados de "Barbados", pelos não-indígenas (Schultz, 1953, p. 18; ISA, 2020).

Segundo Antônio João de Jesus¹⁷, em seu artigo sobre o povo Umutina no Dossiê Índios do Brasil (Jesus, 1987. p.73), o primeiro contato do povo Balatiponé-Umutina com não-indígenas foi ainda no século XVIII¹⁸ e, após anos de exploração e violência, poucos representantes da etnia sobreviveram. A partir da década de 1870, com a chegada dos exploradores em busca da poaia e de outras riquezas naturais, então abundantes na região, o povo indígena foi sendo expulso de seu território original, sendo mortos covardemente, o que quase os levaria à extinção (Jesus, 1987; Machado, 2008).

¹⁷ Antônio João de Jesus, indigenista, foi servidor da Universidade Federal de Mato Grosso, atuando em prol da causa indígena por mais de 30 anos no Museu Rondon. De origem cuiabana, descendente de indígenas (povo Bororo), foi reconhecido por seu nome indígena *Merireu Bororo*. Viveu "por longo tempo" no posto Fraternidade junto aos Balatiponé-Umutina. Era pai da jornalista e indigenista Naine Terena de Jesus (Machado, 2009, p.210; Corezomaé, H. 2021).

¹⁸ Os primeiros contatos se deram a partir do século XVIII, porém a chegada dos exploradores da poaia no final do século XIX, e mais tarde, a partir de 1912, a instalação das linhas telegráficas pela Comissão Rondon, causam mudanças mais drásticas para o povo indígena, forçando os poucos sobreviventes a viverem escondidos nas matas (Jesus, 1987; Machado, 2008).

Figura 10 – Mulher Umutina e Homem Umutina do alto rio Paraguai (Rondon, 1945)



Fonte: Fotógrafo José Louro. Imagens reproduzidas do livro Índios do Brasil (Rondon, 1945)

O Instituto Socioambiental (ISA), organização não governamental que tem como objetivo a defesa da diversidade socioambiental, por meio do desenvolvimento de soluções de proteção ao meio ambiente e recursos naturais em territórios de comunidades indígenas e quilombolas de várias localidades do Brasil, relata, em sua página virtual sobre os Povos Indígenas do Brasil, lances dramáticos da história do contato dos Balatiponé-Umutina, citando o padre Nicolao Badariotti¹⁹ que, em 1898, escreve que “era a intenção do governo de Mato Grosso organizar uma expedição de extermínio contra esses índios [os Balatiponé-Umutina], dada a resistência que impunham a penetração de não índios em suas terras” (ISA, 2009/2024).

Na época dos contatos feitos pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI, no início do século XX, durante as instalações das linhas telegráficas pela Comissão Rondon, os Balatiponé-Umutina eram mal compreendidos em sua forma de saudação aos recém-chegados, sendo vistos como “agressivos e violentos”, por lutar contra a invasão de seu território:

¹⁹ Nicolao Badariotti, padre salesiano, participou de expedição na região do Alto Paraguai e Planalto dos Parecis, então norte do estado de Mato Grosso, antes de sua divisão em 1977, autor do livro “Exploração no Norte de Mato Grosso”, de 1898, em que registra a geografia da região e os povos indígenas Umutina e Paresí (Oliveira, 2002; Phylolibrum, 2010).

[...] eram descritos e tidos pelos não índios como indígenas agressivos e violentos, que impediam, pela força, a invasão de seu território tribal. Suas armas ofensivas eram o arco e as flechas e um tipo especial de maça, denominado tacape-espada (ISA, 2020).

Harald Schultz descreve, porém, essa recepção dos Balatiponé-Umutina como “saudação agressiva”, pois eles apontavam a flexa para o peito do visitante, tencionando o arco e soltando apenas a corda, mantendo a flecha segura, o que contribuiu muito para que ocorressem sangrentas batalhas entre invasores e os locais, por incompreensão do significado daquela atitude:

Esticam a corda dos arcos, vergando-os com a flecha dirigida ameaçadoramente contra nós, pronta a ser arremessada. Ouve-se o estalar da corda, mas a flecha não alça vôo, ficando presa entre o indicador e o polegar do agressor [...] os invasores das terras indígenas supunham-se atacados a traição e respondiam com suas armas de fogo, suscitando o ódio dos selvícolas que vinham pacificamente e com as melhores intenções de amizade ao encontro dos civilizados (Schultz, 1953, p.12).

Somente a partir da década de 1920, com a passagem das linhas telegráficas do Marechal Cândido Rondon, o povo Umutina passou a ter seu território reconhecido, no local denominado, então, de “Posto Fraternidade”, entre os rios Paraguai e Bugres (Arruda, 2003; ISA, 2020).

A fim de garantir o território, já que a população Umutina era muito reduzida, o Serviço de Proteção ao Índio – SPI, embrião da atual Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI, “trouxe da aldeia Utiariti, situada hoje no município de Sapezal/MT, grupos de indígenas Paresí e Nambikwara que passaram a viver juntos aos Umutina” (Corezomaé, M. 2018, p. 18). Com a chegada de povos de outras origens, com culturas, hábitos e, principalmente, línguas diferentes, começam a precisar se comunicar em um idioma comum: o português. Isso significaria o início do enfraquecimento da cultura e a perda quase total da língua materna. Harald Schultz, em suas visitas ao povo Umutina, ente 1943 a 1945, relatou que eram apenas “vinte e três índios” isolados em uma aldeia às margens do rio Paraguai, próxima ao local onde hoje se encontra a aldeia Massepô, localizada a cerca de 20 km da aldeia central (Schultz, 1953, p. 18; ISA, 2020; Museu Casa Borges, 2020).

Figura 11 – Pátio central da aldeia Umutina, com as construções da época do Posto Fraternidade Indígena ao fundo



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2015

Os Balatiponé-Umutina vivem hoje em seu território, que conta com pouco mais de 28.000 hectares, homologado em 1989, à margem direita do rio Paraguai, na confluência com o rio Bugres, no município de Barra do Bugres, Mato Grosso, distante cerca de 15 km da cidade. Cerca de 520 indivíduos habitam a reserva Umutina, distribuídos em nove aldeias²⁰ (Mato Grosso, 2000; Machado, 2008; ISA, 2020).

Durante muitos anos o povo Balatiponé-Umutina evitava caracterizar-se e mesmo externar sua origem indígena, vivendo acuado diante de discriminação e violência. Somente a partir do ano 2000, por incentivo de líderes comunitários, como Cleomar Tan Huare, Helena Corezomaé, e do envolvimento da escola da comunidade, jovens e crianças começaram a procurar, junto aos mais velhos, informações sobre a cultura de seus ancestrais (Jesus, 1987; Machado, 2008; Tan Huare, 2016; Corezomaé, H. 2021).

O Professor Cleomar Tan Huare relata, em seu trabalho de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena que soube que:

[...] na faculdade indígena aprendiam sobre educação diferenciada e que a cultura só sobreviveria no futuro se os mais jovens e as crianças soubessem da cultura original do povo, para depois fortalecer e repassar às futuras gerações que viriam. Eu imaginava na minha cabeça que tudo isso era um sonho quase que impossível de se realizar, pois a cultura umutina tinha deixado de ser praticada na década de 1940 e, só no ano 2000, começou o trabalho de resgate, portanto, 60 anos de cultura estática (Tan Huare, 2016, p. 9).

Tan Huare participou do grupo Nação Nativa, que buscou informações referentes à sua cultura tradicional, através de pesquisa bibliográfica e em museus, mais

²⁰ O texto da exposição virtual do Museu Casa Borges “Povo Balatiponé-Umutina: Passado, presente, futuro” apresenta seis aldeias instaladas: Aldeia Central, Massepô, Bakalana, Águas Correntes, Adonai e Uapô; e outras nove “em processo de abertura”: Cachoeirinha, Alto Retiro, Amajunepá, Corezomaé, Acorizal, Rio Bugres, Boropô, Barreiro e Catamã (Museu Casa Borges, 2020).

especificamente no então Museu do Índio do Rio de Janeiro, hoje denominado Museu Nacional dos Povos Indígenas. A existência de objetos etnográficos musealizados fundamentou sua pesquisa, possibilitando o início da revitalização de elementos da cultura Umutina que haviam sido silenciados: “Havia muitos itens da cultura a serem resgatados, começando pela dança, cantos, adornos, pinturas corporais, arte plumária, flautas sagradas, mitos e a língua” (Tan Huare, 2016, p. 9; Corezomaé, H. 2021).

Helena Corezomaé conta que o cacique Valdomiro Ariabo Kalomezoré, na volta dos Jogos dos Povos Indígenas, em 1999, no Paraná, “sentiu que deveria fazer algo e mostrar para as pessoas que eles também tinham a sua raiz, que até o momento era desconhecida pelos jovens, mas estava na memória dos anciões de sua comunidade” (Corezomaé, H. 2021).

Os Balatiponé-Umutina mantêm hoje algumas tradições, técnicas e saberes reaprendidos, inicialmente incentivadas pelas escolas, e que agora já fazem parte do cotidiano como patrimônio intangível de seu povo:

Bodô: O cocar horizontal, confeccionado com penas de arara, é usado pelos homens em festas e comemorações. A técnica de preparo das penas, do fio de tucum com cera de abelha e a manufatura do *bodô*, assim como de outros artefatos, foi aprendida e reintroduzida na comunidade. Tan Huare explica que “o cocar horizontal na língua umutina pode ser chamado de *bolô* ou *bodô*, porque no passado havia muitos clãs e a língua variava de aldeia para aldeia” (Tan Huare, 2016, p. 18).

Roça de Toco: Ou coivara. Técnica agrícola que consiste na derrubada e queima de parte da mata, para plantio de raízes, abóbora, feijão, banana etc. Toda matéria orgânica não aproveitada nesse processo é deixada no solo, contribuindo para uma rápida regeneração da mata.

Pesca com Timbó: O timbó é um cipó cuja seiva asfixia os peixes, facilitando sua captura. Feixes do cipó são dispostos às margens do lago, onde são macetados com um porrete, soltando uma espuma branca. Asfixiados, os peixes tendem a subir à tona da água, quando são capturados com flechas, lanças ou cestos.

Arquitetura de troncos: Originalmente suas casas tinham estrutura leve de madeira e vedação em palha. Atualmente, além de casas de tábuas ou de alvenaria de blocos cerâmicos, há muitas casas cujas paredes são feitas de troncos justapostos verticalmente, amarrados a uma estrutura principal e cobertas de folhas da palmeira babaçu.

Figura 12: Tiro com arco; pesca com timbó; pintura corporal e arte plumária (*bodô*): Patrimônio imaterial do povo Umutina



Fonte: Museu Casa Borges, 2020, editadas pelo autor. Disponível em <https://museucasaborques.wordpress.com/2020/09/26/balatipone-umutinapassado-presente-futuro/>

Pintura corporal: Utilizam tinta preta, feita da polpa do jenipapo, e vermelha do urucum, e ainda argila branca para proteger o corpo e desenhar grafismos que remetem a animais, como tamanduá, cobra, cachara e pintado (estes últimos, duas espécies de peixes regionais).

Tiro com arco: O tiro com arco é atividade tradicional dos Umutina, usada para a caça e pesca, e também para saudação aos visitantes. Hoje são realizadas competições internas e membros da comunidade participam de competições regionais e estaduais.

Além da revitalização da cultura imaterial, das técnicas e saberes tradicionais, existe na aldeia central um conjunto de edifícios denominados “Casas de Rondon”,

construídos a partir da década de 1920, por ocasião da implementação do Posto Fraternidade, patrimônio tombado em nível estadual (SEC, 2008).

Figura 13 – Fachadas de uma das Casas de Rondon na aldeia Umutina, remanescentes do Posto Fraternidade Indígena / Restauração de pintura mural no interior da mesma casa



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2013 / Leocílio Boroponepá Filho, 2022

Sem manutenção, os edifícios estavam deteriorados, até serem restaurados em 2022, a partir de projeto submetido por membros da própria comunidade.

1.2.1 A casa de troncos: técnica construtiva Balatiponé-Umutina

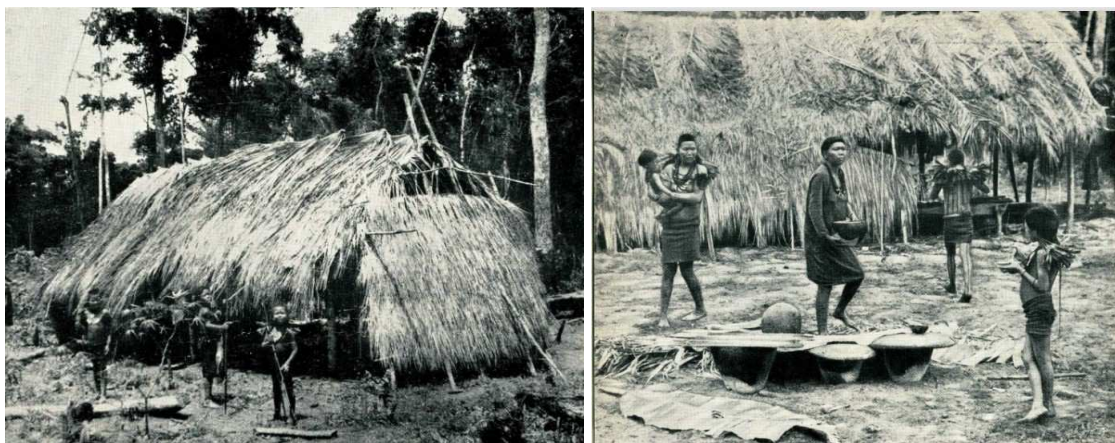
Em seu livro “Tecnologia Indígena em Mato Grosso”, pesquisa sobre a arquitetura de dez povos originários, o arquiteto José Afonso Portocarrero²¹ descreve a casa Umutina de antes do contato, a partir de análise das fotografias:

Sua estrutura aparenta ser bastante simples e semelhante às casas Bororo do período pós contato. A tapagem [...] seria um complemento, uma espécie de parede móvel. [...] pode-se notar, ao fundo, as travessas que ajudam a apertar a palha da cobertura-parede (Portocarrero, 2010, p. 175).

Para esse autor, existem algumas poucas referências da casa tradicional Umutina, chamada *yixipá*, em “fotografias da comissão Rondon (1946), nas quais o objeto principal é mostrar o índio, e não a casa, que apenas figura parcialmente em alguns quadros, ou as que aparecem no livro de Harald Schultz (1953)”, e também em vídeos, do mesmo etnógrafo Schultz, acervo do Museu Nacional dos Povos Indígenas (Schultz, 1945; Schultz, 1953; Portocarrero, 2010, p. 172).

²¹ José Afonso Botura Portocarrero é arquiteto e urbanista, professor da Universidade Federal de Mato Grosso, tem mestrado em história (UFMT) e doutorado em arquitetura (USP).

Figura 14 – Casas Umutina fotografadas por Harald Schultz



Fonte: Schultz, 1953, p. 17; p. 58

Atualmente, existem no território Balatiponé-Umutina casas de materiais industrializados, como alvenaria de blocos cerâmicos, tábuas, telhas cerâmicas ou de fibrocimento, além das casas tradicionais de estrutura de madeira e cobertura de folha de babaçu (*Orbignya phalerata*), palmeira com folhas de mais de três metros, abundante na região.

Figura 15 – Casas Umutina nas aldeias Central e Bakalana



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2013, 2015, 2016

As casas tradicionais atuais apresentam influências da casa rural brasileira, com telhado de duas águas e divisões internas (Weimer, 2005; Portocarrero, 2010), estrutura de madeira bruta, com vedação (paredes) em madeira serrada ou em troncos fixados, lado a lado, e cobertas de palha de babaçu – casas dignas, cuja técnica construtiva é dominada por eles, embora o sonho de muitos ainda seja a casa de alvenaria.

A estrutura, modulada, segue um padrão de medidas baseado na resistência das peças, especificamente das vigas, com vãos regulares de 3,5 a 4,0 metros, seguindo quase sempre o mesmo modelo, com uma linha de pilares centrais mais altos, que apoiam a cumeeira, e duas linhas laterais de pilares para apoio das peças do beiral (frechal). Apoiadas na cumeeira e nos frechais, troncos mais finos e leves definem a inclinação da cobertura, geralmente de folha de babaçu. Pode-se também utilizar folhas de buriti ou indaiá que são mais duráveis, no entanto, já são mais raras no território Umutina.

Os pilares, peças que entram em contato com o solo, são feitos de aroeira, madeira dura de grande durabilidade, enterrados cerca de 80 centímetros a um metro no solo. As vigas são de aricá, de crescimento mais rápido e abundante no território.

Os troncos roliços das paredes de vedação, justapostos verticalmente, são apontados e apoiados sobre troncos horizontais deitados no solo, à guisa de baldrame e, na porção superior amarrados nas vigas horizontais.

Figura 16: Arquitetura de troncos na aldeia Central do povo Balatiponé-Umutina: paredes de madeiras roliças apoiadas sobre tronco no solo, e amarrados na viga superior



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2016

Quanto à cobertura, foram encontradas duas formas de vedação: Na primeira, as folhas de babaçu são fixadas nas vigas inclinadas, superpostas horizontalmente. Na segunda, as folhas são dispostas inclinadas, apoiadas na cumeeira e no frechal, e em

vigas intermediárias, e trançadas umas às outras – possível herança do modo de construir paredes e cumeeira “trançada à moda de uma esteira” do povo Bororo (Portocarrero, 2010, p.114).

Figura 17 – Cobertura com as folhas superpostas na horizontal ou trançadas



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2016

Além do domínio do modo de fazer a casa, praticam a retirada da madeira na mata de maneira a preservar a floresta, sendo selecionadas árvores dispersas que, em vez de desmatar – como pode ser imaginado por alguém com olhar de fora, já que a construção de uma casa demanda da retirada de várias árvores novas – abrem espaço para entrada de luz, proporcionando o desenvolvimento das inúmeras mudas já germinadas, que não se desenvolveriam na sombra, aplicação empírica das técnicas de manejo florestal.

Conscientes da importância da preservação e divulgação de sua cultura, os Balatiponé desenvolvem, há alguns anos, eventos culturais que atraem número significativo de estudantes e outros interessados para intercâmbio cultural, como caminhadas, apresentação de danças, jogos indígenas, tiro com arco e flecha, produção, exposição e venda de artesanato, divulgando e valorizando a cultura de seu povo.

1.3 Os Quilombos da Região do Vão Grande

A região das nascentes do rio Paraguai, onde está localizado o município de Barra do Bugres, reúne quantidade expressiva de comunidades remanescentes de

quilombos, que preservam sua cultura tradicional, representada nas festas de santo, altares, danças, alimentação, arquitetura de terra, etc.

O território do Vão Grande conta com cinco Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), localizadas a cerca de 80 quilômetros da sede do município, às margens do rio Jauquara: Na margem esquerda estão as comunidades Retiro e São Benedito²²; e na margem direita Camarinha, Morro Redondo e São José do Baixio, isoladas entre si por áreas ocupadas por fazendas. São cerca de 308 moradores (Sales, 2020, p. 25), em sua maioria vivendo da agricultura de subsistência e com escassas condições de geração de renda, o que causa o êxodo de muitos jovens para outras cidades em busca de emprego.

Figura 18 – Paisagem da comunidade Morro Redondo com casas de taipa e a serra ao fundo



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2017

De acordo com a Fundação Cultural Palmares (2022), são seis as CRQs certificadas no município de Barra do Bugres. A comunidade São José do Baixio teve sua certificação como Comunidade Remanescente de Quilombo em 2005 e a comunidade Morro Redondo obteve certificação em 2010 (data da publicação). A comunidade Camarinha está com “processo aberto/aguardando complementação da documentação” desde 11/05/2007, data de abertura do processo (Palmares, 2017).

²² O nome oficial desta comunidade é “Vaca Morta” (Palmares, 2022), porém, segundo Silva (2021), a comunidade se autodenomina “São Benedito”.

Quadro 02 – Certidões expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) do município de Barra do Bugres, publicada no DOU de 22/08/2022 – Barra do Bugres – MT

COMUNIDADE - MUNICÍPIO	SITUAÇÃO	DATA
São José do Baixio - Barra do Bugres	Certificada	12/09/2005
Vermelhinho - Barra do Bugres	Certificada	12/09/2005
Vaca Morta - Barra do Bugres	Certificada	30/09/2005
Vãozinho/Voltinha - Barra do Bugres/Porto Estrela	Certificada	24/03/2010
Morro Redondo - Barra do Bugres	Certificada	28/04/2010
Água Doce - Barra do Bugres	Certificada	20/05/2016

Fonte: Palmares, 2022

Observa-se, pelo quadro acima, que todas as comunidades certificadas dessa região tiveram suas certidões expedidas durante os governos dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2011) e Dilma Rousseff (de janeiro de 2011 a agosto de 2016), garantias fundamentais para assegurar a posse de seus territórios e seus direitos de cidadãos. Além da certificação, as comunidades do Vão Grande, assim como muitas outras comunidades quilombolas pelo Brasil, foram contempladas, nesse período, com políticas públicas que asseguraram a construção da escola estadual, a instalação de energia elétrica com o programa Luz para Todos, com internet rural na escola, transporte escolar, posto de saúde, e o Programa de Inclusão de Estudantes Quilombolas (PROINQ), que oferta bolsas para viabilizar a permanência de estudantes quilombolas na Universidade.

Até 2002 havia escolas municipais nas comunidades Camarinha, Morro Redondo e São José do Baixio, construídas de tábuas, “atendiam somente até a 4ª série, o 5º ano atualmente” e abrigavam também a moradia dos professores e professoras. Em 2010, a escola foi estadualizada, passando a se chamar Escola Estadual José Mariano Bento. As obras de construção da escola, agora unificada na comunidade Baixio, tiveram início em 2011 e, após anos de interrupções, em 2014, foi ocupada pelos professores ainda inacabada, sendo concluída somente em 2017 (Sales; Severino Filho, 2020, p.6-8).

A página do Território Vão Grande / Barra do Bugres no site de divulgação turística da Secretaria de Turismo do estado de Mato Grosso, informa que essas comunidades:

Foram consideradas remanescentes por terem sido encontrados na região vestígios históricos de Quilombos, como mucambos, louças e ferramentas usadas no período de escravidão. Essas comunidades se refugiaram próximo à nascente do rio Jauquara, para proteger-se do trabalho forçado da época, localizando-se nas áreas mais altas entre

as Serra do Canal, Camarinha e Limboso - na Província Serrana do cerrado (uma unidade geomorfológica com cerca de 400 km, que vai desde o Pantanal até a região do Planalto dos Parecis). O Território autodenominado Vão Grande é formado por cinco comunidades, São José do Baixiu [sic], Morro Redondo, Camarinha, Vaca Morta e Retiro, composta por cerca de 200 moradores. Essas comunidades trazem consigo manifestações culturais tradicionais mato-grossenses, com a religiosidade católica em seus festejos, como as festas de Santos, com enfeites típicos, mastros, com rodas de cururu usando a viola de cocho e outros instrumentos típicos e as danças de Siriri, São Gonçalo (Descubra Mato Grosso, s/data).

Rafael Arcanjo Bento, natural da comunidade São José do Baixio, em entrevista à arquiteta Débora Mendes Reis (2013), relata que escravos negros e indígenas rebelados de uma expedição em busca de “ouro, poaia, madeira, coisas de valores” liderada por Silva Velho, chegaram à região do Vão Grande, “região de difícil acesso com terra e água farta”, onde se instalaram, segundo informações passadas de pai para filho, já que não há registro da época. Disse que os grupos se rebelaram, trabalhadores indígenas, negros e prisioneiros paraguaios, negando-se a seguir viagem e se fixando no local denominado “Cabana” no alto da serra (Reis, 2013). Segundo pesquisa em arqueologia, sobre a ocupação da Serra das Araras, foram encontradas na região “laranjeiras, que evidenciavam a presença de quilombos, bem como fragmentos de cerâmica” onde está situada atualmente a comunidade Morro Redondo (Costa²³, 1997, p.58-59).

Existem poucos registros dessas comunidades, daí a importância das fontes orais tais como os registros de pesquisas das professoras Maria Helena Tavares Dias (2017), Madalena Sales (2020) e os relatos dos mais antigos moradores, coletados por Pedro Silva, natural da comunidade Retiro. Em sua publicação “Narrativas do Interior”, há depoimentos sobre a diversidade cultural dos moradores daquela região:

[...] não eram refúgio apenas de negros, mas também de muitos indígenas escravizados. As narrativas mencionam indígenas que, de alguma forma, foram levados para o território e, [...] ao se refugiar em quilombos passaram a construir famílias e compartilhar costumes, lendas e crenças diferentes (Silva, 2021, p. 10).

Não foram localizados registros da data de início da ocupação do território Vão Grande, porém, membros das comunidades estimam em “mais de 200 anos”, como relata Pedro Silva:

Estima-se que a comunidade tenha mais de 200 anos de existência, [...] possivelmente, foi escolhido por pessoas que fugiam da

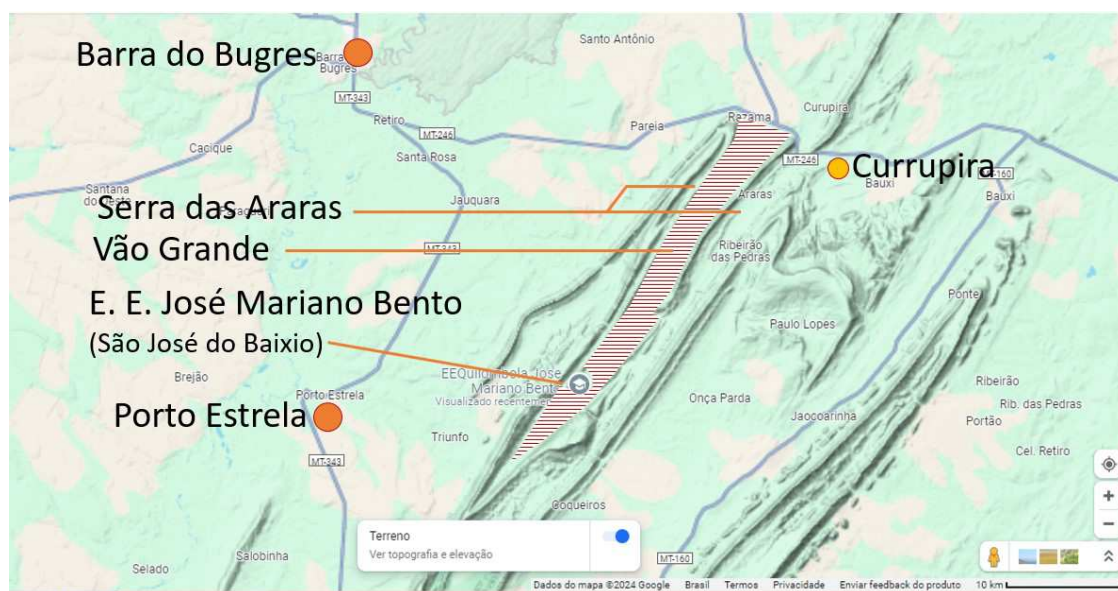
²³ João Felipe Garcia da Costa é Historiador com mestrado em história com ênfase em arqueologia, pela PUC Rio Grande do Sul.

escravidão, pois há uma topografia estratégica para se refugiar. Trata-se de uma área distante de tudo, [...] com uma única saída e entrada.

Uma região cortada por um rio, o Rio Jauquara, responsável pela sobrevivência da comunidade, já que, na maioria das vezes, os habitantes encontram ali os meios de se alimentar e de sobreviver – seja através de peixes, caças e até mesmo das roças, considerando que são feitas perto de rio, devido a riqueza da terra nesses locais (Silva, 2021, p. 19).

A professora Francisca Edilza Carvalho, em sua dissertação “Educação escolar quilombola na comunidade Baixio”, conta que “vivem nesse lugar os descendentes de pessoas que foram escravizadas, e que, em busca de liberdade, encontraram proteção em meio às serras, em meio às matas” (Carvalho, 2016, p. 48), referindo-se à Serra das Araras, cadeia montanhosa que forma, entre morros que seguem paralelos, a região denominada Vão Grande (Fig. 19) (Costa, 1997).

Figura 19 – Mapa do relevo da região do Vão Grande, no qual aparece indicada a localização da escola da Comunidade São José do Baixio, entre as Serras das Araras



Fonte: Imagem do Google Maps, editada pelo autor, 2023

Quanto ao significado dos termos utilizados para nominar tais comunidades, segundo o verbete *quilombo*, da Fundação Cultural Palmares, entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pelo reconhecimento e certificação das comunidades quilombolas:

o quilombo, que na língua banto significa “povoação”, era o espaço físico de resistência à escravidão [...] Eram agrupamentos criados em locais de difícil acesso, e que dispunham de armas e estratégias de defesa contra a invasão de milícias e tropas governamentais (Palmares, s/data).

No verbete *informações quilombolas*, da mesma Fundação Cultural Palmares, é citado o artigo 2º do Decreto nº 4.887/2003, que “regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos [...]” no qual:

consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Palmares, s/data).

E mais à frente explica que Comunidade Remanescente de Quilombo:

[...] é um conceito político-jurídico que tenta dar conta de uma realidade extremamente complexa e diversa, que implica na valorização de nossa memória e no reconhecimento da dívida histórica e presente que o Estado brasileiro tem com a população negra (Palmares, s/data).

A Constituição Federal de 1988 utiliza o termo “remanescentes das comunidades dos quilombos” no artigo 68: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos” assim como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), responsável pela oficialização da posse definitiva e titulação das terras, utiliza o termo “territórios quilombolas” (Brasil, 1988, p. 160; INCRA, 2020).

As comunidades do Vão Grande detêm um rico patrimônio cultural. Um diagnóstico inicial, ainda passível de maior aprofundamento, apresenta alguns dos bens de expressão cultural, religiosa, arquitetônica, ambiental, com potencial para ser utilizados pela comunidade em prol de seu desenvolvimento:

Figura 20 – Altares de santos em quase todas as casas: Patrimônio religioso



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2017

Religiosidade: As pessoas moradoras das cinco comunidades “em sua maioria, são católicos e professam sua fé e religiosidade nas festas de Santo, nas rezas, nos terços, rezados praticamente todas as semanas” (Sales, 2020, p. 25). Quase todas as casas tem um altar dos santos, montado pelos próprios moradores, reunindo estatuetas, imagens, flores, objetos, “símbolos de devoção cristã, que mistura elementos da cultura afro-brasileira” (Dias, 2017, p. 62), materialização de um patrimônio imaterial: a religiosidade, expressa nas festas, nas rezas, nas danças.

Arquitetura de terra: A comunidade São José do Baixio, onde se localizam a escola e posto de saúde que atendem a todas as comunidades, tem, logo na entrada, uma casa de terra, construída há cerca de cinquenta anos, bem conservada, com estrutura principal de madeira bruta enterrada no solo, paredes de taipa²⁴ e cobertura de folha de palmeira. Nas comunidades Camarinha e Morro Redondo, a maioria das casas ainda é de taipa com cobertura de folhas de babaçu, palmeira nativa de florestas de transição das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (IPHAN, 2017).

Figura 21 – Casa de taipa na comunidade São José do Baixio



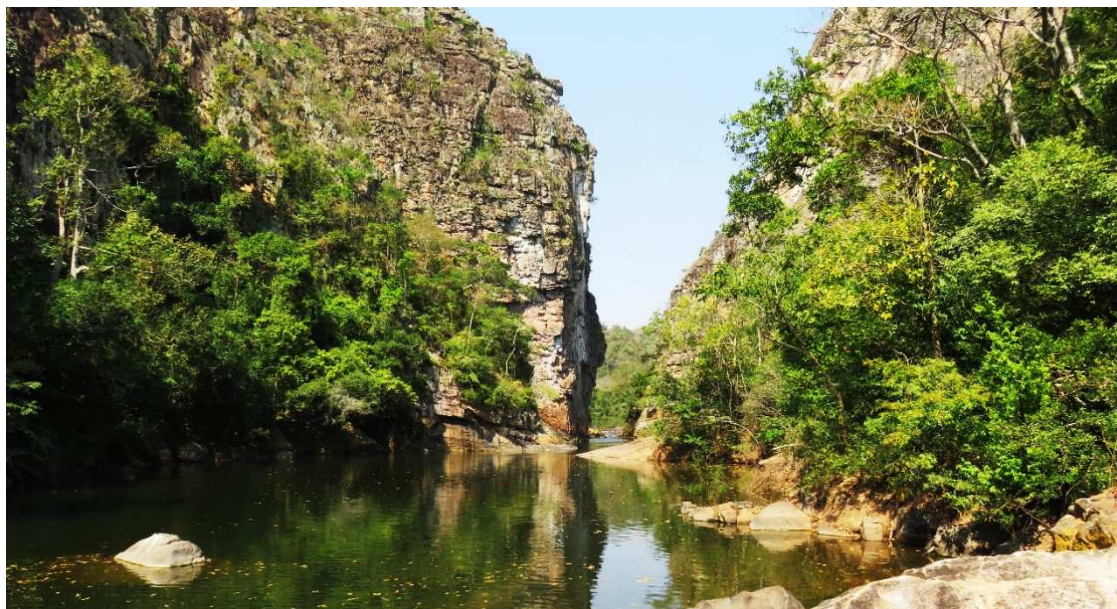
Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2012

Patrimônio ambiental: As comunidades da região do Vão Grande se desenvolvem num grande vale, aos pés das Serras das Araras e às margens do rio Jauquara, afluente à margem esquerda do rio Paraguai. O rio Jauquara tem configuração muito diversificada, com seu leito de pedra formando cânions e cachoeiras nas áreas mais altas; baixios,

²⁴ A técnica de construção de terra denominada de ‘taipa-de-mão’, ‘pau-a-pique’, ou simplesmente ‘taipa’, consiste no preenchimento, com terra argilosa socada em uma trama composta por peças de madeira dispostas verticalmente, a cada 15cm aproximadamente, e ripas ou lascas de bambu amarradas ou pregadas horizontalmente, de ambos os lados, alternadamente, a cada 10 a 15cm. Após o “barreamento” e a secagem da argamassa de terra, as trincas ou fissuras são preenchidas com uma outra camada de massa, mais fina, de barro peneirado, podendo este processo ser repetido para que a parede fique lisa e sem frestas.

que são trechos de águas rasas com leito de seixos, pontos ainda hoje usados para travessia; até se aproximar de sua foz, em relevo mais plano e águas barrentas. Além da pesca artesanal, o rio é ponto de visitação muito procurado, porém de difícil acesso, pois só é possível a entrada de pessoas acompanhadas por algum membro da comunidade.

Figura 22 – Rio Jauquara no cânion da Camarinha: Patrimônio ambiental da região do Vão Grande



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2016

Turismo e geração de renda: Por iniciativa da Secretaria de Turismo do município de Barra do Bugres foi realizado, em 2012, um curso de capacitação para guias de turismo direcionado a jovens das comunidades quilombolas, que puderam trabalhar em caminhadas turísticas, buscando alternativas para a conquista de independência e autonomia dentro do território, porém o projeto não teve continuidade. A Unemat já organizou roteiro de visitação às casas de taipa do Baixio e Morro Redondo, para palestrantes e participantes de seminários de arquitetura realizados no *campus*, envolvendo membros das comunidades como guias nas trilhas, no preparo das refeições, além da venda de doces, farinha, banana, artesanatos de palha, e apresentações culturais de música e dança.

1.3.1 Arquitetura de terra: Casas de taipa, patrimônio material e imaterial

As comunidades situadas no território Vão Grande são detentoras de profundo conhecimento sobre a construção de casas de taipa de excelente qualidade, mas percebe-se a perda da tradição quando essa arquitetura tradicional vai aos poucos

sendo substituída por casas de materiais industrializados, executadas com paredes de tábuas ou alvenaria de tijolos cerâmicos e cobertura de telhas cerâmicas ou fibrocimento, sob a justificativa de serem mais duráveis, apesar da maior eficiência térmica das casas de terra tradicionais.

Figura 23 – Casas de taipa nas comunidades Camarinha e Morro Redondo



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2016

Pesquisa realizada em 2015 na região do Vão Grande, intitulada “A casa no quilombo Baixius”, avaliação pós-ocupação²⁵ das casas de alvenaria da comunidade Vão Grande, informa que a comunidade quilombola São José do Baixio, composta por dezesseis famílias, até então moradoras de casas feitas de terra, foi contemplada, no ano de 2003, com a construção de casas de alvenaria pelo Programa de Habitação Rural do Instituto Nacional de Reforma Agrária - INCRA. No entanto, as casas de taipa, ao lado das novas casas de alvenaria, continuaram sendo utilizadas para as tarefas cotidianas, transformadas em cozinhas, enquanto as casas de alvenaria têm a função apenas para dormir (Adrião; Carvalho, 2015).

²⁵ Avaliação pós-ocupação (APO) é um instrumento metodológico utilizado em arquitetura, para avaliação da qualidade de ambientes construídos em uso, “considerando essencial o ponto de vista dos usuários”, coletando dados referentes a durabilidade, segurança, eficiência, conforto, satisfação do usuário, entre outros, que possam contribuir na elaboração e execução de projetos semelhantes, reduzindo assim os aspectos negativos detectados e aplicando os aspectos positivos (Ornstein; Romero, 1992, p.12)

Figura 24 – Casa original de taipa ao lado da casa de alvenaria



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2014

A casa de taipa costuma ser, equivocadamente, associada ao barbeiro (*Trypanosoma cruzi*), inseto transmissor da Doença de Chagas, mito causador da desvalorização e estigmatização dessas construções de terra. O barbeiro realmente tem preferência por lugares próximos à sua fonte de alimento, escuros e de temperatura amena:

[...] são insetos hematófagos, [...] alimentam-se exclusivamente de sangue de animais vertebrados. Vivem próximos a fonte de alimento escondendo-se em ninhos de pássaros, tocas de animais, copas de palmeiras e casca de tronco de árvores. [...]. Dentro das residências os barbeiros podem se esconder em frestas nas paredes, camas, colchões, atrás de móveis e quadros (São Paulo, 2019).

O Ministério da Saúde orienta para modos de prevenção com “medidas de controle ao barbeiro, impedindo a sua proliferação nas moradias e em seus arredores” (Saúde, 2005), sugerindo medidas a serem tomadas, tais como execução de “reboco e tamponamento de rachaduras e frestas”:

[...] usar telas em portas e janelas; [...] evitar montes de lenhas, telhas ou outros entulhos no interior e arredores da casa; construir galinheiro, paiol, tulha, chiqueiro, depósitos, afastados das casas e mantê-los limpos; retirar ninhos de pássaros dos beirais das casas; fazer limpeza periódica nas casas e em seus arredores; [...] (Saúde, 2005).

Percebe-se que as medidas preventivas não se referem ao tipo de material ou técnica construtiva, mas sim a questões de manutenção e higiene. Pesquisadores de técnicas construtivas de terra enfatizam as vantagens deste tipo de material, tais como: conforto térmico; sustentabilidade – já que utiliza materiais locais e recicláveis ou biodegradáveis, como a terra e a madeira; economia de energia e não emissão de gases poluentes, já que não há queima; assim como a conservação de uma técnica tradicional. Quanto ao estigma que a construção de taipa carrega, pesquisadores da Universidade

Federal do Cariri - Ceará salientam a importância dos cuidados e manutenção que a construção de terra exige:

[...] a casa de taipa ser vetor de doenças não é regra geral, se forem tomadas algumas precauções estes males podem ser evitados. Para prevenir o apodrecimento rápido das madeiras estruturais pode-se executar uma base de pedra elevando as paredes do solo de 50 a 60 cm. A casa também deve ser rebocada e coberta para que não haja degradação da taipa originando rachaduras que permitam a instalação do barbeiro (Santos; Costa; Oliveira; Alves; Pontes, 2012, p. 2).

O arquiteto Marco Rezende, professor da Universidade Federal de Minas Gerais e membro da Rede TerraBrasil afirma:

Este preconceito associa as construções em taipa de mão com a disseminação da doença de Chagas. O fato científico é que o inseto barbeiro, que habita frestas nas edificações, é agente transmissor do protozoário *Trypanosoma cruzi*, causador da doença. Não é a particularidade da construção com terra ser o habitat favorável do barbeiro, mas as frestas das paredes. Portanto, uma vez que não existem frestas, independente do material de sua execução, o barbeiro não se aloja (Rezende, 2022, p. 249).

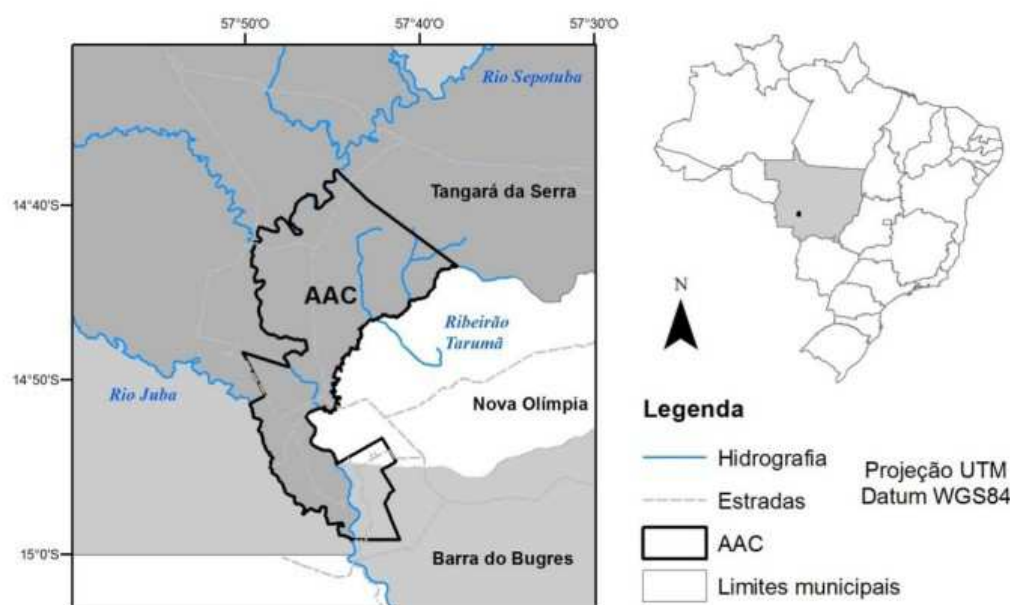
Detentores de grande diversidade cultural e ambiental, os moradores das comunidades quilombolas da região do Vão Grande costumam ser bem reservados quanto à divulgação de seus patrimônios. As festividades religiosas são assunto importante, reunindo toda a comunidade em torno das Festas de Santo, que homenageiam diversas divindades ao longo do ano, mas com rara participação de pessoas de fora. As comunidades quilombolas são fonte de pesquisa de projetos de pesquisa e de extensão de vários cursos universitários, de várias áreas, tais como história, cultura, produção, economia, meio ambiente, mas poucas pessoas das comunidades se envolvem efetivamente nos projetos, pois o trabalho na roça ou nas fazendas consome seu tempo. O Museu Casa Borges tem um bom relacionamento com professores e gestores da escola, mas a falta de recursos e a grande distância entre as comunidades e a cidade podem ser empecilhos para que ocorra maior envolvimento da comunidade com as atividades do museu.

1.4 O Assentamento Antônio Conselheiro e a escola Paulo Freire

Em outubro de 1996, uma concentração de mais de mil famílias de trabalhadores rurais sem-terra reivindicava acesso à terra, contribuindo para a consolidação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado de Mato Grosso (Ferreira, 2013, p.36-37). Vindos dos municípios de Barra do Bugres, Nova Olímpia, Porto Estrela, Tangará da Serra e outros municípios da região da Baixada Cuiabana,

organizavam-se em nove núcleos, em acampamento às margens da rodovia MT-358, que liga Barra do Bugres a Campo Novo do Parecis, próximo ao município de Nova Olímpia (Carvalho *et al*, 2013; Ferreira, 2013; Freire, 2013). Pessoas com “características e culturas diferentes, mas com os mesmos ideais, o de adquirir um pedaço de terra para plantar e cuidar dos filhos” (Freire, 2013, p.6).

Figura 25 – Mapa do Assentamento Antônio Conselheiro (AAC) e sua localização entre os três municípios



Fonte: Silva et al, 2017, p.37

Após vários meses de mobilização e negociação, os trabalhadores rurais conseguem uma área de terra, a princípio em comodato, na fazenda Tapirapuã, o que viria a ser o Assentamento Antônio Conselheiro, abrangendo partes do município de Tangará da Serra, em sua maior parte, e também Nova Olímpia e Barra do Bugres, um dos maiores assentamentos da América Latina, com área de aproximadamente 37.000 hectares, divididos em núcleos chamados agrovilas, e “mais de mil famílias assentadas” em lotes de cerca de 30ha cada, em média (Carvalho *et al*, 2013, p.3; Ferreira, 2013; Freire, 2013).

O parcelamento foi feito em “lotes individuais familiares”, distribuídos em 36 agrovilas, com a frente dos lotes ligados a uma área social comum, onde são implantados os equipamentos comunitários (Ferreira, 2013, p.40).

Desde o início, ainda no acampamento, foi decidido que “nenhuma criança iria ficar sem estudar”. Foi construída uma escola de palha, em que os próprios militantes eram professores (Ferreira, 2013, p. 42).

A Escola Paulo Freire, uma das escolas do assentamento, surge da luta dos trabalhadores e trabalhadoras como uma “Escola do Campo” em que “a comunidade desempenha um papel importante para a educação”. A busca de diálogo entre educadores e famílias pretende construir uma instituição que atenda às necessidades dos assentados, conquistando “melhor qualidade de vida para os seus familiares e todo o coletivo da escola”, contrariando o modelo tradicional de educação (Ferreira, 2013, p. 9-10).

No ano 2000 conseguem da Prefeitura de Barra do Bugres a construção de uma escola de madeira, com quatro salas de aula, para o ensino até a 6ª série e 250 estudantes matriculados em dois turnos, garantindo, nesse primeiro momento, a contratação de professores da própria comunidade (Ferreira, 2013, p.43).

Mas sua trajetória não é linear. Em alguns momentos de sua existência a escola se afasta de sua proposta inicial, abandona os diálogos com a comunidade, o que faz algumas famílias se afastarem. Contribuindo para esse cenário, a maior parte do corpo docente contratada não consegue se fixar, gerando uma troca constante de professores, o que prejudica a continuidade no aprendizado dos educandos (Araujo *et al*, 2009).

A pesquisa sobre a valorização do saber camponês junto a professores da Escola Paulo Freire (Araujo *et al*, 2009), realizada em 2009, ressalta que, além dos problemas relacionados ao transporte, às condições das estradas, à infraestrutura da escola, os professores têm dificuldade de se envolver com os saberes locais e de desenvolver conteúdos que se apropriem dos conhecimentos dos alunos. A pesquisa aponta que existem na escola propostas de ensino que visam “valorizar o saber camponês e o fortalecimento do homem do campo”, porém nem sempre são aplicadas na prática (Araujo *et al*, 2009, p.1). Ainda assim, a escola é local de encontros, “escola viva ligada com a vida sempre junto com as famílias e com os estudantes em várias ações realizadas pelo MST, mobilizações, reuniões, encontros de formações, etc” (Araujo *et al*, 2009, p.3; Ferreira, 2013, p.56).

Em 2011, é iniciada a construção de um novo edifício escolar, entregue somente em 2013, com maior estrutura, “fruto da luta das mulheres [...] que teve como maior objetivo proporcionar uma melhor condição escolar para seus filhos/as” buscando o retorno dos princípios da Educação do Campo, promovendo “uma educação para a permanência no campo” (Ferreira, 2013, p.46).

Figura 26 – Os dois edifícios da Escola Estadual Paulo Freire em 2015, à esquerda a de madeira, já abandonada, e à direita a escola nova



Fonte: Colagem de imagens elaboradas pelo autor, 2015

As fotografias acima, de 2015, mostram ainda o antigo edifício de madeira da escola, já abandonado, ao lado do edifício novo, inaugurado dois anos antes.

1.5 - Memórias da cidade de Barra do Bugres

A área urbana de Barra do Bugres conta com alguns elementos simbólicos, pouco valorizados ou mesmo desconhecidos por parte dos moradores. Alguns desses bens foram destacados através do levantamento promovido pela professora Gisele Carignani²⁶ e publicados no catálogo da exposição Permanências Urbanas (Carignani, 2022), realizada em 2022 no Museu Casa Borges²⁷.

Figura 27 – Visitantes na exposição “Permanências Urbanas”



Fonte: Gisele Carignani, 2022

²⁶ Gisele Carignani é arquiteta, historiadora, doutora em urbanismo, professora do curso de arquitetura e urbanismo da Unemat.

²⁷ Catálogo virtual da exposição Permanências Urbanas: <https://linktr.ee/museucasaborges>

A fotografia mostra a visita de uma escola à exposição Permanências Urbanas, a primeira após o período da pandemia.

1.5.1 A Zona Especial de Interesse Histórico e seu entorno

A área da cidade delimitada como Zona Especial de Interesse Histórico (Barra do Bugres, 2006, p.25), uma das categorias da classificação das zonas urbanas especiais, que merecem tratamento diferenciado quanto ao uso e ocupação do solo, preserva antigas construções que ainda resistem ao tempo, características da época da exploração da poaia, que mantem traços de uma arquitetura neocolonial, denominada de “arquitetura da poaia” por Oliveira (2013) em sua pesquisa sobre o Universo da Poaia e seu Patrimônio Cultural, testemunho histórico da chegada dos poaieiros à região:

A arquitetura da poaia, como uma expressão do patrimônio cultural, permite que o passado seja concebido como um passado-presente, porque se transforma e continua interagindo com as gerações da contemporaneidade. [...] A presença destas residências do tempo da poaia, e sua existência na memória coletiva, mostra a relação que a comunidade de poaieiros estabelece com o passado (Oliveira, 2013, p.4).

Um desses edifícios, a residência de Herculano Borges, comerciante da poaia, foi transformada no espaço cultural denominado Museu Casa Borges. É a partir deste edifício que surge a proposta de musealização da casa e de seu entorno, uma área que deu início à urbanização da cidade, como explica a professora Gisele Carignani (2022) no texto introdutório da exposição Permanências Urbanas²⁸, sobre “elementos urbanos que permanecem na paisagem e na memória coletiva” na cidade de Barra do Bugres:

Elementos significativos pela qualidade construtiva, pela representatividade histórica ou pela capacidade de transmissão de informações estão sempre compondo o tecido urbano na sua complexidade física e emocional (Carignani, 2022, p. 3).

A pesquisa realizada para a exposição “Permanências Urbanas”, apresentada em junho e julho de 2022 no Museu Casa Borges, apontou alguns bens significativos da memória da cidade, elementos urbanos de valor simbólico, listados resumidamente a seguir, e que podem ser parte inicial de um circuito expositivo extramuros:

²⁸ “O Projeto Permanências Urbanas trata da expansão urbana de Barra do Bugres, da memória da cidade e sua cultura através de elementos urbanos arquitetônicos e históricos que estão na memória coletiva dos munícipes. O projeto recolheu relatos de moradores, vivências, fotos históricas e atuais, mapeando os materiais de memória.” (Gisele Carignani, 2022). A exposição “Permanências Urbanas” foi realizada no Museu Casa Borges, de 15 de junho a 29 de julho de 2022.

Figura 28 – Casa Jango; Casa José Ourives; Antiga Prefeitura; Igrejinha Santa Cruz e estátua em homenagem aos poaieiros; Monumento alusivo à passagem da Coluna Prestes na orla do rio Paraguai



Fonte: Exposição *Permanências Urbanas*, 2022 / Museu Casa Borges

Casa Jango: Construída em 1946, com paredes de adobe sobre base de pedra canga e cobertura de telha cerâmica, encontra-se sem uso e em processo de deterioração. É uma das edificações remanescentes da época da exploração da poaia. (Carignani e Reis, 2014 apud Carignani, 2022).

Casa José Ourives: Mais um exemplar da “arquitetura da poaia”, encontra-se em excelente estado de conservação. Originalmente a casa abrigava, além da residência, uma área comercial, visível nas três portas na fachada, “destinada ao comércio poaieiro, ou seja, era nesse espaço que a poaia era barganhada por produtos de primeiras necessidades” (Oliveira, 2013 apud Carignani, 2022).

Antiga Prefeitura: A antiga sede da Prefeitura de Barra do Bugres, edificada em 1953, é uma das primeiras edificações, localizadas na entrada da cidade, às margens da rodovia MT 246. Na época de sua construção o prédio se destacava no ambiente ribeirinho, com fundação de pedra canga e paredes de alvenaria, enquanto as construções vizinhas eram em estrutura de madeira e paredes de taipa (Carignani, 2022).

Igrejinha de Santa Cruz: Originalmente construída de taipa, em 1896, foi reconstruída em tijolos maciços de cerâmica em 1936, “com empenho da comunidade local e dos poaieiros, que tocaram a construção da nova Paróquia, como forma de agradecimento, quando voltavam do meio da mata”. Com a construção da nova Matriz, em 1984, “a antiga igreja foi sendo abandonada pelos padres e pela população”. A igreja de Santa Cruz é tombada junto à Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, com publicação de tombamento no Diário Oficial de Mato Grosso em 29 de outubro de 2008. (Ramos, 2000 apud Carignani, 2022). Passou recentemente (de setembro de 2022 a março de 2023) por obras de conservação.

Orla do rio Paraguai: o rio Paraguai é um dos principais formadores do Pantanal e elemento fundamental na criação e estruturação do núcleo original da cidade de Barra do Bugres, que, assim como outras cidades históricas do estado, surgiram e se desenvolveram a partir do rio. Segundo Castor (2013), “pelas águas platinas chegavam tanto artigos de primeira necessidade, quanto ameaças externas” (Castor, 2013 apud Carignani, 2022). Nesta área das margens do rio ocorre anualmente o Festival de Pesca de Barra do Bugres, evento que chega a reunir 300 pescadores esportivos em embarcações, e centenas de visitantes, lotando os hotéis da cidade (MT-TV, 2022).

Monumento alusivo à passagem da Coluna Prestes: Chamado de “Homem de Ferro”, a escultura, com cerca de oito metros de altura, idealizada por Marcos Reinaldo Parada do Prado e construída pelos escultores Belarmino Pimental e André Pimental, teve como objetivo homenagear 15 homens que morreram em luta contra a Coluna Prestes que, em seu trajeto final rumo à Bolívia, passou em Barra do Bugres ocasionando o conflito (Oliveira, 2013).

Praça da antiga feira: O espaço do triângulo que hoje recebe o nome de Praça João Mendes do Nascimento, localizado no bairro Nova Esperança, era o local da antiga feira livre, removida na década de 2000, quando foi transformada em uma praça, pouco frequentada, porém que “permanece no imaginário coletivo da população mais antiga do local” (Silva, 2020 apud Carignani, 2022).

O primeiro cemitério: Desativado na década de 1960, e abandonado desde então, restam apenas resquícios dos antigos túmulos (Nativa, 2006 apud Carignani, 2022).

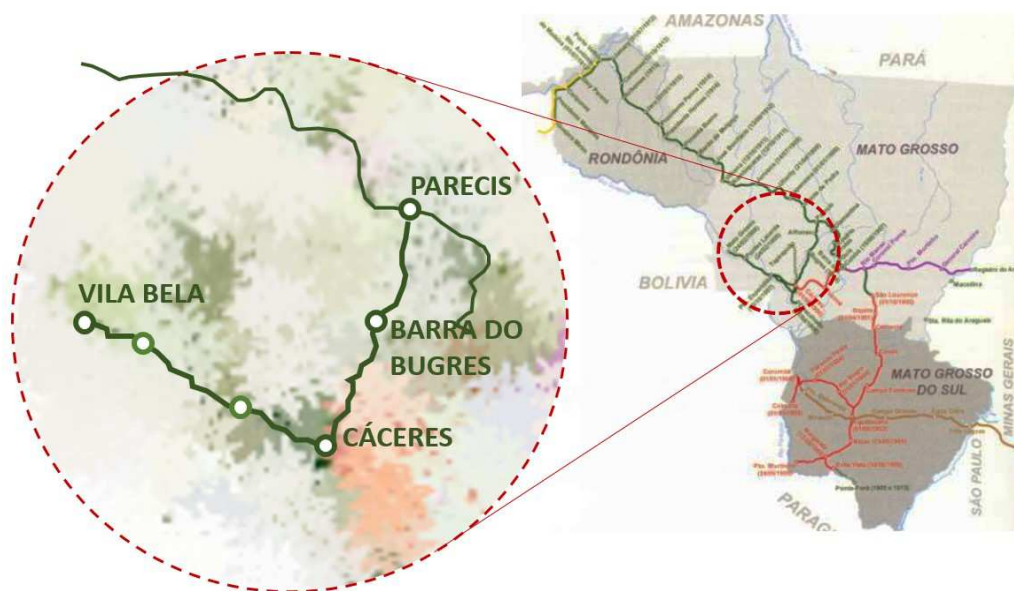
Além do próprio edifício do museu, a Casa Borges, construção da época da poaia, que consiste em espaço de cultura com vocação de abrigar material informativo sobre o patrimônio cultural e arquitetônico do município. Transformada em espaço cultural desde 2018 e institucionalizada como museu municipal em 2021, o Museu Casa Borges desenvolve ações por iniciativa da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, *campus* Barra do Bugres, em parceria com o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Barra do Bugres.

1.5.2 A Comissão Rondon encontra os Balatipóné-Umutina em sua passagem por Barra do Bugres

Fato importante da história de Barra do Bugres, a passagem da Comissão Rondon por seu território. Rondon era natural de Mimoso, distrito de Santo Antônio de Leverger, no Pantanal mato-grossense.

A “Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas”, conhecida como Comissão Rondon, liderada pelo marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), entre os anos de 1907 e 1915, percorreu os estados de Mato Grosso e Amazonas, tendo um de seus ramais passado por Barra do Bugres, de Parecis até Cáceres e seguindo a Mato Grosso, atual cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade (Siqueira *et al*, 2016, p.27). Em Barra do Bugres deixa marcas sensíveis, especialmente relacionadas à criação do Posto Fraternidade, embrião da atual Terra Indígena Balatiponé-Umutina (Arruda, 2004; Siqueira *et al*, 2016; Corezomaé, M. 2018).

Figura 29 – Mapa esquemático do percurso da Comissão Rondon, com destaque para o ramal de Parecis a Barra do Bugres, Cáceres, seguindo até Vila Bela da Santíssima Trindade



Fonte: Funai, 2009, p.7, editada pelo autor

O mapa esquemático (Fig. 29) mostra o trajeto das linhas telegráficas da Comissão Rondon de Cuiabá ao Araguaia, 1890 a 1891 (roxo), das linhas telegráficas de Mato Grosso, 1900 a 1906 (vermelho), e das de Mato Grosso ao Amazonas (verde). Partindo do percurso da Comissão de Mato Grosso ao Amazonas, no detalhe, o ramal

que vai de Parecis a Barra do Bugres, Cáceres e segue até Vila Bela da Santíssima Trindade (Funai, 2009).

O objetivo primeiro da expedição era o de mapear o território e implantar as linhas de transmissão do telégrafo na região Oeste e Norte do Brasil, então isoladas do restante do país, mas também aspiravam manter contato com os povos indígenas, e realizar pesquisa científica em diversas áreas, contando com a colaboração desses povos, resultando em extensa produção intelectual e científica em áreas como botânica, zoologia, geologia, astronomia, etnografia (Siqueira *et al*, 2016, p.7 / p.135-140):

Rondon conquistou a confiança destes povos tradicionais e pôde contar com eles para avançar floresta adentro, incorporando-os à sua equipe. Ele sabia que, para garantir a realização plena do projeto, a participação indígena seria fundamental. A partir do contato íntimo com estas populações, Rondon criou, em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais (SPITN), buscando garantir aos indígenas a posse de seus territórios (Siqueira *et al*, 2016, p.7).

O militar Ramiro Noronha, a convite de Rondon, se envolveu na abertura de Postos Indígenas em todo estado de Mato Grosso (então compreendendo os territórios do que são, atualmente, os estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, e Rondônia), conhecendo e mantendo relações com diversos grupos indígenas, entre eles os “Barbados, Umutina e Caiabi-Apiacá” no Posto Fraternidade Indígena, local onde hoje se encontra a aldeia central da Terra Indígena Balatiponé-Umutina (Siqueira *et al*, 2016, p. 82).

Nesses Postos Indígenas, além da abertura de estradas e construção de pontes, eram construídos “edifícios para acolher a administração, as residências do pessoal de apoio e também oficinas, escolas e enfermarias” (Siqueira *et al*, 2016, p.82-83), introduzindo “significativas mudanças culturais” (Arruda, 2004, p.3). No território Balatiponé-Umutina, o conjunto arquitetônico do antigo Posto Fraternidade Indígena foi tombado em nível estadual em 2008.

De acordo com suas pesquisas nos relatórios do Posto Fraternidade, a professora Lucybeth Arruda²⁹ expõe as táticas de aproximação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) com os Balatiponé-Umutina. O Posto Fraternidade Indígena foi “concebido como um espaço para o trabalho e concentração de índios considerados arredios hostis no relacionamento com os brancos” onde o SPI pretendia, com sua ação “fraternal”, atrair os indígenas a fim de “pacificá-los”, ponto fundamental para conseguir

²⁹ Lucybeth Camargo de Arruda, professora nos cursos de Antropologia e História na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), é graduada em Comunicação Social, com mestrado em História (UFMT) e doutorado em Antropologia Social.

seu intuito de “domínio do território” e conquistar a participação dos indígenas como mão de obra (Arruda, 2004, p.1).

A autora relata que no ano de 1928 os Umutina estavam divididos, parte deles viviam no espaço do Posto Fraternidade ou próximo, com contato direto com os Agentes do SPI, enquanto um grupo “morava na mata, num lugar chamado de Massepô” e raramente visitavam o Posto, e “um outro grupo que também habitava a mata, só que bem mais afastados, no lugar denominado de *Chikipo* e que recusavam qualquer tipo de contato com a frente do SPI”, sendo um dos motivos do isolamento as doenças que os “civilizados” transmitiam (Arruda, 2004, p.8).

O Professor Márcio Corezomaé³⁰ fala desses “vinte e três bravos guerreiros” que, até 1945, resistiram na mata, sem contato, e conta que:

[...] um dia foram obrigados a ceder, não como sinal de fraqueza, mas antes de tudo como estratégia, pois o confronto entre duas culturas e dois sistemas é sempre feito por meio de resistência. A resistência maior, nesse caso, foi o silenciamento da própria cultura, a fim de preservá-la (Corezomaé, M. 2017, p.66).

O ano de 1945 é considerado “o ano, oficial, em que os índios que ainda viviam na mata foram morar no espaço do posto” (Arruda, 2004, p.6). Márcio Monzilar Corezomaé ressalta que “para os povos indígenas brasileiros, a colonização representou sempre um processo de perdas: territoriais, culturais, sociais e linguísticas, quando não a própria extinção física” (Corezomaé, M. 2017, p.53).

Em Cuiabá, em 1972, é criado o Museu Rondon de etnografia e arqueologia no *campus* da UFMT, dois anos após a instituição da Universidade Federal de Mato Grosso, a “Universidade da Selva”, em plena ditadura militar. O Museu Rondon integra a visão de indígenas, como os Paresí e Bakairi, autores da construção de suas casas tradicionais em frente ao edifício do museu (Fig. 30), e indigenistas, como Orlando Vilas Boas, entre outros pesquisadores vinculados ao museu, colaboradores na aquisição de acervo material de diversas etnias de Mato Grosso (Machado, 2009).

³⁰ Marcio Monzilar Corezomaé, professor efetivo da rede estadual de ensino de Mato Grosso, atua na Escola Estadual de Educação Indígena Julá Paré, Barra do Bugres. Tem especialização em Educação Escolar Indígena e mestrado em Estudos Literários, pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat.

Figura 30 – Casa Bakairi em construção no Museu Rondon, UFMT



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2008

A casa Bakairi foi construída em 3 dias, por cerca de dez pessoas da aldeia Pakuera, no município de Paranatinga, de onde trouxeram também as madeiras e os fardos de palha da palmeira Buriti.

1.5.3 A traumática passagem da Coluna Prestes por Barra do Bugres

Na orla do rio Paraguai, localizada em frente ao MuCB, existe uma escultura de ferro em alusão à passagem da Coluna Prestes por Barra do Bugres (Fig. 31). A Coluna Prestes, movimento criado em 1924 por militares, entre eles Luiz Carlos Prestes, revoltados com o governo da primeira república, à época governada pelo presidente Artur Bernardes, considerado representante dos interesses das elites econômicas. A Coluna percorre, entre 1925 e 1927, mais de 25 mil quilômetros, em 13 estados brasileiros, denunciando as injustiças do governo federal e lutando pela implementação de eleições livres, o voto secreto, educação básica para todos (Oliveira, 2013; Carrion, 2014).

Figura 31 – O “Homem de Ferro”, monumento aos mortos em confronto com a Coluna Prestes, localizado na orla do Rio Paraguai, em Barra do Bugres, MT



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2015 / Alessandra Ribeiro de Carvalho. Exposição “Barra do Bugres: Natureza, História, Cultura”, no site do Museu Casa Borges, 2020

Partem do Rio Grande do Sul e do Paraná cerca de 1.500 homens, organizados em pequenos grupos, acompanhados por “pelotões a cavalo, que se deslocavam pelos flancos, vanguarda e retaguarda, fazendo o reconhecimento do terreno, fustigando o inimigo e obtendo montarias e mantimentos” (Carrion, 2014, p. 7), seguindo em direção ao nordeste do Brasil, passando pela primeira vez pelo sul do estado de Mato Grosso, atualmente Mato Grosso do Sul, em maio de 1925 (Carrion, 2014).

Ao final de 1926, após conhecerem, por quase dois anos, grande parte do país e sua miséria, Luiz Carlos Prestes percebendo que não conseguia a mobilização da população como era esperado, decide pelo encerramento da marcha, com rumo à Bolívia e Argentina, onde já se encontravam alguns dos generais exilados. Raul Carrion (2014) conta que, “nas palavras de Prestes”:

Como é que um país tão rico e o povo vivia naquela miséria? (...) Eu já estava convencido que a substituição pura do Bernardes não ia resolver nenhum problema. Nós estávamos diante de um problema social profundo, mas não conhecíamos as causas dessa miséria. (...) Por outro lado, com a guerra civil, quem mais sofria era o próprio povo (...) contribuir para terminar com a guerra civil, eu achava que já era um dever (Luiz Carlos Prestes, apud Carrion, 2014).

Na volta da marcha pelo Nordeste, entram novamente no estado de Mato Grosso, atravessando-o “de leste a oeste”, passando por Barra do Bugres em novembro de 1926, “onde ocorreram os principais combates e mortes” (Oliveira, 2013; Carrion, 2014; Santos, 2014).

Em vários estados do Brasil a Coluna Prestes foi atacada por “homens do Exército, Polícias Estaduais e batalhões de jagunços pagos pelo governo e pelos latifundiários da região” (Carrion, 2014, p. 10). Em Barra do Bugres, assim como em outros lugares de Mato Grosso, “a população foi estimulada pelos comandos políticos e policiais locais a perseguir a Coluna Prestes” (Oliveira, 2013, p.10).

Em sua rota final rumo à Bolívia (Fig. 32), a Coluna Prestes “pretendia chegar a Barra do Bugres para conseguir guarnições, em especial alimentos”. O grupo liderado por Siqueira Campos atravessa o rio Paraguai, “na madrugada de 20 de novembro de 1926” e chega em Barra do Bugres, onde é surpreendido pela população armada, o que resultou em confronto, com a morte de quinze pessoas da localidade (Oliveira, 2013, p. 10). Já em 1927, “no início de janeiro, a Coluna, invicta, cruzou o Rio Paraguai e iniciou a travessia da região dos pantanais, que se estende até a Bolívia, em condições extremamente difíceis” (Carrion, 2014, p. 16), chegando, finalmente, à Bolívia em 3 de fevereiro de 1927.

Figura 32: Destaque da passagem da Coluna Prestes pela região de Barra do Bugres (círculo azul), uma das “principais batalhas” indicadas, já a caminho da Bolívia, no mapa “A jornada da Coluna Prestes pelo Brasil”

A jornada da Coluna Prestes pelo Brasil

Comandados por Luís Carlos Prestes, a coluna percorreu mais de 25 mil quilômetros pelo Brasil



Fonte: Carrion, 2014, p. 14 e 15, editado pelo autor

Por iniciativa do professor Jovino Ramos³¹ foi construído em Barra do Bugres, em 1995, um monumento aos “15 mártires”, uma escultura de ferro chamada de “homem

³¹ O professor e memorialista Jovino Ramos, natural de Cáceres e radicado em Barra do Bugres, foi um estudioso das histórias e das culturas de Barra do Bugres, grande incentivador da realização da festa de Santa Cruz, padroeira da cidade de Barra do Bugres, das danças tradicionais, e da preservação da própria igreja de Santa Cruz. Autor de vários livros sobre a história de Barra do Bugres, Jovino Ramos participou ativamente da criação do Centro de Tradições Matogrossenses – CTM, criado em 1991 com objetivo de viabilizar a realização da festa de Santa Cruz, as danças tradicionais, como o Siriri e Cururu, a confecção e uso de instrumentos musicais como a viola-de-cocho, o mocho, o ganzá. Atualmente desativado, o CTM teve sua sede em prédio localizado na mesma rua do Museu Casa Borges (Ramos, 2003; Senra e Silva, 2012; Oliveira, 2013; Descubra Mato Grosso, s/data).

de ferro”, idealizada por Marcos Reinaldo Parada do Prado e construída pelos escultores Belarmino Pimental e André Pimental, com cerca de oito metros de altura, localizada às margens do rio Paraguai, reforçando no imaginário popular a percepção de que a Coluna Prestes era um inimigo a ser combatido:

A Coluna Prestes apresentada em Barra do Bugres é representada como uma vilã da História do Brasil, o monumento é edificado para glorificar os combatentes, os favoráveis à elite local da época. A escultura enseja um discurso favorável ao controle político da República dos Coronéis. O monumento dos “15 Mártires” tem uma intenção consciente de influenciar a formação da memória das pessoas que vivem e visitam Barra do Bugres. O monumento seleciona o fato da passagem da Coluna Prestes e a ação da população local como heróis da resistência a este movimento, que ao longo da historiografia brasileira sempre foi emblemático (Oliveira, 2013, p. 12).

Logo atrás da escultura, “conforme é considerado pela historiografia tradicional de Barra do Bugres” existe “um suposto cemitério que guardaria os restos mortais destes homens que lutaram contra a Coluna Prestes” (Oliveira, 2013, p. 11) e uma placa com os nomes dos 15 homens.

A historiografia de Barra do Bugres repete a versão do professor Jovino Ramos, memorialista respeitado pela comunidade de Barra do Bugres, que em seus livros conta que o movimento de Prestes atacou e incendiou a cidade, resultando na morte de 15 homens: “A destruição de Barra do Bugres na madrugada do dia 20 de novembro de 1926, por um grupo de revoltosos da coluna Prestes, sob o comando de Siqueira Campos” e que “foram sepultados 15 homens valentes mortos na defesa de Barra do Bugres” (Ramos, 2003, p. 10 e 11).

Ao final de seu livro “A Histórica Barra do Bugres” o professor Jovino Ramos volta ao tema da Coluna Prestes no capítulo “Perguntas e Respostas”, no qual busca “atender os leitores, em sua maioria professores e estudantes universitários” (Ramos, 2003, p. 58), contando sua versão sobre o fato da Coluna Prestes ter atacado a cidade, mesmo que isso fosse contra os princípios do movimento: “Em fuga desesperada para sair do Brasil, a coluna não era mais aquela do seu começo, quando tinha disciplina militar e ética de cidadãos” e cita uma fala atribuída ao comandante geral Miguel Costa, já na Bolívia, quando soube dos acontecimentos de Barra do Bugres: “[...] num lance infeliz vocês destruíram a imagem e os princípios nossos de atacar somente quando atacado” (Ramos, 2003, p. 63).

1.6 A importância da Universidade para a cidade

Criada em 1978, um ano após a divisão do estado de Mato Grosso, como Instituto de Ensino Superior de Cáceres e, posteriormente, instituída como Universidade do Estado de Mato Grosso, em 1993, nasceu com projeto de ser uma universidade *multicampi*, a fim de atender a diversas regiões do terceiro maior estado do Brasil, com área territorial de 903mil Km².

A partir de 1990 tem início sua expansão em outros municípios, com a abertura do *campus* de Sinop, ao norte do estado. O *campus* de Barra do Bugres, o penúltimo a ser implantado, foi inaugurado em 1994, com os cursos de Matemática, Letras e Ciências Biológicas.

Com *campi* universitários em 13 municípios, a Unemat oferece hoje 67 cursos de graduação em oferta contínua, além de mestrados e doutorados, núcleos pedagógicos (turmas fora de sede) e polos de educação à distância, alcançando 56 municípios (dados de 2020) (Unemat, s/data; Unemat, 2024a).

1.6.1 O *campus* de Barra do Bugres

O *campus* de Barra do Bugres oferece seis cursos de graduação (Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Computação, Direito, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Produção Agroindustrial, Matemática), além da Faculdade Indígena Intercultural (Faindi), que oferece, desde 2001, “cursos de licenciatura específicos e diferenciados” para professores indígenas de mais de 40 etnias do estado de Mato Grosso. O *campus* conta também com três programas de Pós-graduação³², e um fluxo de pessoas, em 2023, de 196 profissionais e cerca de 1.500 discentes³³ (Unemat, 2008; Unemat, 2020; Selleri, 2023).

De acordo com pesquisa socioeconômica, realizada em 2016, visando mensurar o impacto da Unemat no município de Barra do Bugres sobre a economia local, “levando

³² A Unemat Barra do Bugres conta atualmente com seis cursos de graduação na modalidade regular – ingresso semestral (arquitetura e urbanismo, ciência da computação, direito, engenharia de alimentos, engenharia de produção agroindustrial, e matemática); três cursos na Faindi na modalidade diferenciada – turmas únicas (enfermagem intercultural indígena, licenciatura intercultural indígena e pedagogia intercultural indígena); Mestrado em ensino em contexto indígena intercultural, Mestrado em matemática, Mestrado em ensino de ciências e matemática e Doutorado em ensino de ciências e matemática (Unemat, 2024a; Unemat, 2024b).

³³ Em dados atualizados em 2023 a Unemat conta com 196 profissionais em atividade no *campus*, entre terceirizados (31), estagiários (33), técnicos (34) e docentes (98) lotados no *campus* Barra do Bugres. Não estão computados docentes lotados em outros *campi* e que ministram alguma disciplina em Barra do Bugres. E 1.200 discentes na graduação, 126 na pós-graduação, e 170 vagas na Faindi (90 vagas na licenciatura intercultural indígena 30 vagas na pedagogia intercultural e 50 vagas na enfermagem intercultural) (Selleri, 2023).

em consideração apenas recursos oriundos de alunos e de profissionais do *campus* é injetado, em média por mês 2 milhões 200 mil reais sendo responsável por cerca de 4% do PIB do município" (Criativa, 2016).

Os principais segmentos afetados pela população universitária, entre professores, técnicos e estudantes, são o setor imobiliário e alimentício. É visível a valorização dos imóveis em torno da Universidade. Cerca de 60% dos estudantes dos cursos de graduação vêm de outras cidades, passando a residir em “quitinetes” ou casas compartilhadas (pensões ou repúblicas) durante o período da graduação. E 35% desse público faz suas refeições em restaurantes ou marmitarias nos arredores do *campus* (Criativa, 2016), gerando impacto positivo na economia e no desenvolvimento cultural da cidade.

1.6.2 A Faindi e a formação de professores indígenas

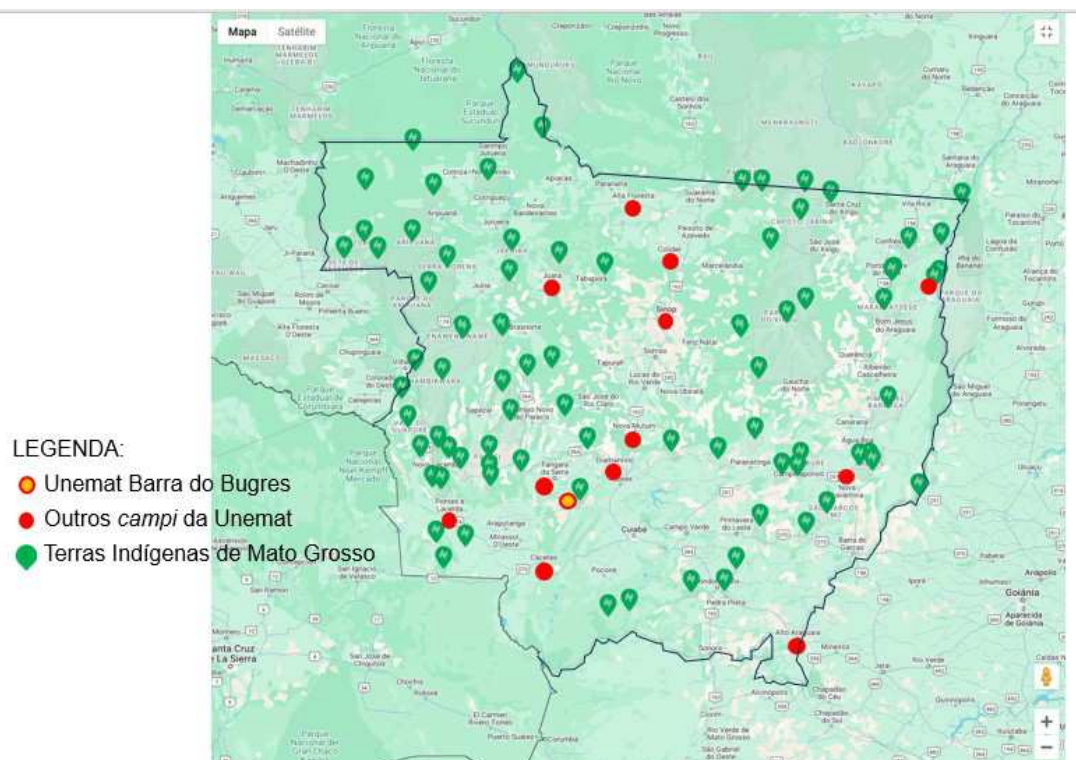
A Faculdade Indígena Intercultural da Unemat (Faindi), uma das primeiras faculdades brasileiras voltadas exclusivamente para a formação de professores indígenas, foi implantada na Unemat no ano 2001, a partir de projeto desenvolvido desde 1998, construção coletiva com a “participação efetiva dos representantes indígenas” e “discussão com as comunidades e os professores indígenas”, a Faindi tem como objetivo capacitar professores para atuar na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e na Gestão Escolar Indígena (Unemat, 2024b).

O estado de Mato Grosso reúne em seu território povos de 43 etnias, distribuídas em 89 terras indígenas³⁴ (Fig. 33) (Silva, 2011). Durante seus mais de vinte anos de atuação, a Faindi formou mais de 450 professoras e professores indígenas, de 36 etnias de Mato Grosso, e de dez etnias, oriundas de outros estados³⁵ (Unemat, 2024b).

³⁴ O estado de Mato Grosso conta com 43 povos indígenas, 56.687 pessoas autodeclaradas indígenas (IBGE, 2022) moradores nas áreas urbanas ou nas 89 terras indígenas do estado, em diferentes etapas de regularização (ISA, 2024). Todos os anos cerca de 120 indígenas de diversas etnias, alunas e alunos graduandos dos cursos de formação de professores da Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI / Unemat) se deslocam de suas aldeias até o *campus* universitário de Barra do Bugres. Por três vezes, foram realizados, pela FAINDI, eventos com a participação desses alunos no Museu Casa Borges: O “Dia da Mulher Indígena”, fórum de mulheres indígenas de Mato Grosso, em março/2019; a “I Feira Indígena Intercultural de Mato Grosso” em julho/2019, ambos coordenados pela professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira; e a “II Feira Indígena Intercultural de Mato Grosso” em julho e agosto/2022, coordenada pela professora Mayara Simer de Araujo Petroni. No vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NeH4XAuQ5TI>, Marcelo da Silva Guerreiro Baptista, jornalista, professor da Faculdade de Ciências Sociais da Unemat, registra uma dessas atividades, realizada em 2019.

³⁵ As etnias dos professores que já se formaram nos cursos da Faindi, sendo 36 povos de Mato Grosso: Apiaká, Aweti, Bakairi, Bororo, Chiquitano, Cinta Larga, Ikpeng, Irantxe, Juruna, Kalapalo, Kamaiurá, Kayabi, Kuikuro, Matipu, Mebêngokrê, Meninako, Munduruku, Myky, Nafukuá, Nambikwara, Panará, Paresi, Rikbaktsa, Suruí, Suyá, Tapayuna, Tapirapé, Terena, Trumai, Tukano, Umutina, Waurá, Xavante, Yawalapiti e Zoró; e dez originários de outros estados: Baniwa (AM), Baré (AM), Kaingang (RS e SC), Karajá (TO), Kaxinawa (AC), Pataxó (BA), Potyguara (PB), Tapeba (CE), Ticuna (AM) e Tuxá (BA) (Unemat, 2024b).

Figura 33 – As Terras Indígenas de Mato Grosso e a localização dos *campi* da Unemat



Fonte: GPEA, 2016; Unemat, 2024a. Editado pelo autor

Os cursos de Licenciatura para Formação de Professores Indígenas são ofertados em três habilitações: Línguas, Artes e Literatura; Ciências Matemáticas e da Natureza e Ciências Sociais, em turmas únicas, com duração de cinco anos, desenvolvidos em duas etapas: a “etapa presencial” em que os alunos saem de suas aldeias ou de suas cidades para assistir às aulas no *campus* da Unemat de Barra do Bugres, duas vezes por ano, durante as férias escolares, já que a maioria é professor em suas aldeias; e a “etapa intermediária” realizada durante os períodos letivos das escolas indígenas, em que os professores da Faindi se deslocam até as aldeias e que, juntamente com os graduandos, desenvolvem as práticas de ensino (Reporter, s/data; Unemat, 2024b)

A partir de 2015, a Faindi passou a oferecer também o curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural, a Especialização *lato sensu* em Educação Escolar Indígena, e o Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

1.6.3 O curso de arquitetura e urbanismo e a criação do museu

O curso de arquitetura do *campus* de Barra do Bugres foi aprovado em 2001, e

sua primeira turma teve início em agosto do mesmo ano.

Entre os impactos positivos que os diversos projetos de pesquisa e extensão do curso de arquitetura e urbanismo, bem como de todos os cursos do *campus*, proporcionaram a Barra do Bugres, alguns têm relação com o desenvolvimento das comunidades e a preservação do patrimônio edificado da cidade³⁶:

Casas de Rondon: O projeto de pesquisa denominado “Levantamento das construções atribuídas à Comissão Rondon existentes na aldeia Umutina, Barra do Bugres/MT” teve como objetivo analisar as edificações existentes na aldeia Umutina, denominadas “Casas de Rondon”, em uma perspectiva histórica e arquitetônica. O projeto, iniciado em setembro de 2014, foi cancelado após dez meses, pois não obteve autorização das lideranças das comunidades para sua realização. Somente em 2021 foi retomado o projeto de levantamento arquitetônico, mapa das manifestações patológicas e elaboração de projeto de restauração daquelas edificações, coordenado pela arquiteta e professora Priscila Waldow, dessa vez por iniciativa de Issac Amajunepá e outros membros da própria comunidade, após serem contemplados com recursos para restauração predial.

Casa de Cultura na aldeia Bakalana: Em abril de 2016, por solicitação de liderança e professores da aldeia Bakalana, uma das aldeias do povo Balatiponé-Umutina, à turismóloga da Secretaria Municipal de Turismo, Alessandra Ribeiro de Carvalho, com intuito de geração de renda por meio do turismo, foi instituído o projeto de extensão “Casa de Cultura na aldeia Bakalana, Barra do Bugres/MT” com objetivo de desenvolver projeto arquitetônico de construções destinadas a atividades culturais na aldeia Bakalana e dar início a atividades interculturais, inicialmente com a realização de oficina de técnicas de construção tradicional Umutina, ministrado por membros da comunidade e voltado para estudantes, arquitetos e outros interessados.

Restauração da igrejinha de Santa Cruz: O projeto de extensão denominado “Projeto de Restauração e Conservação da Igrejinha de Santa Cruz, de 1936, no município de Barra do Bugres”, cuja primeira versão apresentada em julho de 2017, referente a pesquisa histórica, coleta de dados e diagnóstico das patologias; e retomada no projeto de abril de 2019, com a elaboração de ações de conservação e restauração da primeira Igreja do município de Barra do Bugres. O resultado do projeto foi entregue em 2020, tendo sido desenvolvido pelo arquiteto Mackson William Barros Rotéias, egresso da Unemat e natural de Barra do Bugres, que contribuiu como bolsista no projeto de extensão e, já

³⁶ Os projetos citados tiveram o autor desta pesquisa atuando como coordenador ou membro.

graduado, coordenou as obras de restauro, iniciadas em 2020, paralisadas durante o período mais crítico da pandemia e finalizada e entregue em 2023 (Fig. 34).

Figura 34 – Igrejinha de Santa Cruz em fotos de antes e depois das obras de conservação



Fonte: Projeto de Extensão, 2017; Mackson Rotéias, 2023

Saneamento em comunidades quilombolas: Projeto de extensão de “Saneamento básico para as comunidades Camarinha e Morro Redondo” solicitado por Rafael Bento, liderança de uma das comunidades quilombolas da região do Vão Grande, foi institucionalizado em 2016, com objetivo de desenvolver projeto arquitetônico e de instalações hidrossanitárias, de um módulo sanitário e equipamento de tratamento dos efluentes, e executar um protótipo, com participação da comunidade. Durante o período de vigência do projeto foram executados dois módulos de tratamento de efluentes (Fig. 35).

Museu Casa Borges: O projeto de extensão “Museu de Barra do Bugres - Restauração e Reabilitação da casa Herculano Borges”, aprovado em fevereiro de 2018, teve como objetivo realizar levantamento e diagnóstico das manifestações patológicas da edificação e elaborar projeto de restauração visando a implantação de um espaço cultural. Com prazo original de dois anos, o projeto foi, posteriormente, prorrogado por

mais um ano. Durante sua vigência, além do desenvolvimento do projeto de restauração, foram realizadas diversas ações culturais, ainda antes das obras de restauro, que foram executadas em 2022.

Figura 35 – Instalação do sistema de tratamento de efluentes em casa na comunidade Morro Redondo



Fonte: Projeto de Extensão, 2016

Casa Borges: Arte, cultura e educação patrimonial: Ao final da vigência do primeiro projeto, foi encaminhado um novo projeto, “Casa Borges: Arte, cultura e educação patrimonial” que vem sendo renovado anualmente, estando em 2024 em sua quarta versão.

1.6.4 Egressos do curso de arquitetura da Unemat Barra do Bugres

Além de arquitetos e arquitetas egressos do curso da Unemat que permanecem na cidade, atuando na elaboração de projetos ou execução de obras, alguns tiveram, ou têm, atuação de alguma forma relacionada ao patrimônio de Barra do Bugres ou ao Museu Casa Borges:

A realização das obras de restauro da Igrejinha de Santa Cruz, patrimônio tombado de Barra do Bugres, se deveu ao empenho do egresso do curso de arquitetura, Mackson Rotéias, bolsista do projeto de extensão, que desenvolveu o mapa de danos, representação gráfica das manifestações patológicas do edifício e as propostas de restauro, ainda durante a graduação, e que, após a graduação se ocupou desde os trâmites para aprovação do projeto de restauro junto à Secretaria de Estado de Cultura, à administração e responsabilidade técnica pela execução da obra.

Arquiteta Cislene Silva Linck, egressa do curso de arquitetura da Unemat, professora contratada no mesmo curso, entre 2015 e 2018, desenvolveu a pesquisa histórica referente à Igrejinha de Santa Cruz, como membro da primeira etapa do mesmo projeto de extensão, coordenando o levantamento do estado físico da edificação, a elaboração do diagnóstico e as diretrizes para elaboração do projeto de restauração.

A professora Mayara Sismer de Araujo Petroni, membro do projeto do Museu Casa Borges, coordenadora no ano de 2022, é também egressa do curso de arquitetura e urbanismo da Unemat e, atualmente, professora efetiva do mesmo curso.

Lotada na Secretaria Municipal de Turismo de Barra do Bugres, Alessandra Ribeiro de Carvalho, turismóloga e arquiteta, também egressa do curso de Barra do Bugres, atua nas ações do MuCB, interlocutora entre museu e prefeitura.

A própria escolha dessa edificação como espaço cultural foi fruto do trabalho, entre outras pessoas, da arquiteta Diva Onofre da Silva, servidora da Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Controle de Barra do Bugres e egressa do curso de arquitetura e urbanismo da Unemat de Barra do Bugres. Após a morte do proprietário, Herculano Borges, a arquiteta percebeu o potencial daquele espaço, localizado às margens do rio Paraguai e com características da arquitetura do início do desenvolvimento da cidade. Diva Onofre assina como arquiteta e urbanista o memorial descritivo que acompanha a justificativa ao projeto de lei que autoriza a aquisição do imóvel pela prefeitura, que considera, entre outros itens, o interesse do município na preservação de áreas de interesse histórico, sugerindo ainda que "no referido imóvel será instalado o Centro Cultural, sala de Museu, casa do artesão [...] atividades relacionadas ao turismo e à cultura", culminando com a assinatura do parecer de aprovação da proposta de compra pela Comissão de Finanças e Orçamento da Câmara Municipal de Barra do Bugres em 4 de junho de 2013 (documento em anexo).

CAPÍTULO 2

A CASA BORGES E SEU PAPEL NA COMUNIDADE

2. A CASA BORGES E SEU PAPEL NA COMUNIDADE

O espaço cultural, hoje reconhecido como Museu Casa Borges (MuCB), foi idealizado por um grupo de pessoas da comunidade – historiadores, professores, artistas, artesãos do município de Barra do Bugres – como forma de ocupar uma casa histórica, que estava abandonada. Inicialmente institucionalizado através de um projeto de extensão, parceria entre a Universidade do Estado de Mato Grosso e o Departamento de Cultura do município, teve sua primeira atividade em julho de 2018, realizando, desde então, diversas atividades relacionadas ao patrimônio, arte e cultura local e regional.

Todavia, a ideia de se criar um museu histórico em Barra do Bugres já havia sido manifestada desde a década de 1990, como relatado pelo professor Adilson Alves³⁷ ao MuCB:

Desde a década de 90 já se vinha conversando sobre a criação desse local para se manter os registros dessas famílias, das famílias de Barra do Bugres, para não perdermos a história e a essência desse povo aqui, então é a partir de lá já havia uma conversação, mas isso só veio virar prática mesmo aqui no ano 2020 por aí, 2021 quando a Câmara aprovou uma lei para a criação desse Museu [...] (Alves, 2023).

A proposta inicial, entretanto, era de um museu voltado para contar a história dos colonizadores, das primeiras famílias que vieram se instalar na cidade, os “pioneiros”, e o local sugerido foi o edifício da primeira Prefeitura, onde atualmente funciona a Secretaria de Educação e Cultura:

[...] daí a ideia do museu, um local para conservar esses registros, conservar peças, e alguma coisa das famílias pioneiras aqui em Barra do Bugres, [...] os vereadores, os políticos aqui da cidade, acataram a ideia, abriram as portas e sugeriram então que esse museu ficasse lá na primeira Prefeitura do Município, que é um prédio público, histórico do município de Barra do Bugres, a primeira Prefeitura do Município de Barra do Bugres (Alves, 2023).

A recomendação da criação de museu municipal aparece, em 2006, no Plano Diretor da cidade, no artigo 47, que lista “ações estratégicas da Política Municipal de Cultura, Esporte e Lazer”, onde consta, no inciso IV, “criar Museu Histórico no Município” entre as ações propostas relacionadas à cultura, que podem ser inspiração para ações do atual Museu Casa Borges (Barra do Bugres, 2006, p.13-14), tais como:

[...] **III** - estimular a ocupação cultural dos espaços públicos da cidade; **IV** - fortalecer o Centro de Tradições Mato-grossenses e Associações Culturais; **V** - valorizar a Festa de Santa Cruz; **VI** - criar Museu Histórico

³⁷ Adilson Alves é professor de história da rede estadual de educação de Mato Grosso, atualmente lecionando em Tangará da Serra.

no Município; **VII** - promover e divulgar a cultura indígena do Município; **VIII** - promover estudos para realização de inventário com a finalidade de revitalizar e preservar o patrimônio arquitetônico do Município; **IX** - informar e orientar a população sobre o patrimônio artístico, arquitetônico e cultural, incentivando assim seu melhoramento e preservação; **X** - preservar, atualizar, ampliar e divulgar a documentação e os acervos que constituem o patrimônio artístico, arquitetônico e cultural do Município; [...] (Art. 47 do Plano Diretor, Barra do Bugres, 2006, p.13-14).

Entre as ações fomentadas pelo MuCB, algumas atentem a essas recomendações, como a “ocupação cultural dos espaços públicos”, que começa a ser realizada desde a própria criação do MuCB, em um espaço pertencente à municipalidade, e também quando a Secretaria de Turismo apoia a iniciativa da criação do Circuito Histórico, viabilizando a capacitação de um grupo de jovens como guias turísticos, incentivando o envolvimento dessas pessoas e promovendo meios de geração de renda. Outras ações relevantes foram: a abertura do espaço do museu à participação das comunidades indígenas, não só do município como de todo o estado, a fim de “promover e divulgar a cultura indígena”; o envolvimento da população com o “patrimônio artístico, arquitetônico e cultural” do município, proporcionado pelo MuCB por meio da contribuição de artistas, fotógrafos - profissionais e amadores, artesãos, músicos, estudantes locais, na realização de exposições de arte e de história, publicações, oficinas, atividades culturais diversas, enfim, realizadas no museu físico ou virtual.

Em 2013 a edificação Casa Borges, considerada de “interesse histórico”, foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres, sendo destinada a “atividades relacionadas ao turismo e cultura” (Deina *et al*, 2013, p.12; Lourenço, 2019, p.114-117).

Em novembro de 2017, a convite de professores da Unemat e do servidor Alcenir Tomé de Souza, à época membro do Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, reuniu-se, no quintal da casa Herculano Borges, um grupo composto por secretários municipais e membros de entidades voltadas à cultura, artistas, professores e estudantes, a fim discutir propostas para ocupação daquele edifício³⁸. O espaço já havia sido utilizado, ainda que de forma improvisada, com oficinas de cerâmica, oferecidas, pelo mesmo professor Alcenir, à comunidade vizinha.

³⁸ Estiveram presentes nessa primeira reunião: Adilson Alves, Professor de História; Alcenir Tomé de Souza, Departamento de Cultura; Bianca Carvalho, aluna do curso de arquitetura e urbanismo da Unemat; Carlos Edinei de Oliveira, Historiador e Diretor da Unemat Barra do Bugres; Carlos Luiz Pereira Neto, Secretário de Turismo de Barra do Bugres; João Mário de Arruda Adrião, professor do curso de arquitetura e urbanismo da Unemat; Klesley Hiago Rocha Tavares, do Ponto de Cultura “Me chama que eu vou”; Laércio Pereira, Coordenador Pedagógico da Escola José Ourives; Mackson William Barros Rotéias, aluno do curso de arquitetura e urbanismo da Unemat; Manoel da Guia, Centro de Tradições Matogrossenses (CTM); Manoel José Faria Oliveira (Maninho), Associação Musical de Barra do Bugres; Mara Cristina

Nessa reunião, Klesley Hiago, um dos responsáveis pelo grupo de Siriri³⁹ “Me chama que eu vou”, se dispôs a ocupar a área externa da casa com ensaios e apresentação de dança, ficando a Prefeitura incumbida de providenciar a estrutura mínima ao local, que seria limpeza geral da casa e do terreno, instalação de água e energia, e recuperação do banheiro, o que acabou não se concretizando naquele momento. Sete meses mais tarde, a Unemat realiza no local a primeira de uma série de exposições e outros eventos culturais.

O Plano Municipal de Cultura de 2019 tem em sua “Meta 5” a institucionalização do Sistema Municipal de Museus de Barra do Bugres, “integrado aos Sistemas Estadual e Nacional, até 2022”, o que não se realizou. Nesse item, consta a situação atual do município, citando a Casa Borges como casa de memória: “Não há política pública municipal de museu sedimentada e implantada. A casa de memória existente ‘Casa Borges’ é mantida pelo Departamento de Cultura e Secretaria Municipal de Educação” (Cultura, 2019, p.20).

Em dezembro de 2021 é sancionada a Lei Municipal 2.472, que cria o Museu Casa Borges (Barra do Bugres, 2021).

Quadro 03 – Cronologia da Casa Herculano Borges (MuCB)

~1878	Início da exploração da poaia. Início da formação da vila da Barra do Rio Bugres.
1927	Herculano Borges chega a Barra do Bugres.
1943	Lei de criação do município.
1944	Instalação do município de Barra do Bugres.
1945	Herculano Borges se casa com Andrelina Santos Borges. Adquire o terreno do atual MuCB com “uma casa simples de apenas um cômodo”, onde é hoje o mercadinho (Faccioni, 2015, p.86-89).
1955	Construção da casa de Herculano Borges com a configuração atual.
1960	Declínio do comércio da poaia.
1997	Morte de Herculano Borges.
1999	Nomeada Escola Municipal Herculano Borges, no bairro Alvorecer
2006	Publicação do Plano Diretor que define o perímetro da Zona Especial de Interesse Histórico, na qual a Casa Herculano Borges está inserida
2013	Aquisição da casa de Herculano Borges pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres.

Faccioli, Arquiteta; Nildo Muniz Ferreira, Diretor da Escola José Ourives; Rosalino Aluísio Magalhães, artesão (Fonte: Relatórios do Museu Casa Borges).

³⁹ Dança tradicional do Centro-Oeste, na qual as mulheres usam grandes saias rodadas, acompanhadas pela viola-de-cocho, mocho e ganzá.

2017	Projeto de extensão: Museu de Barra do Bugres – Restauração e Reabilitação da Casa Herculano Borges.
Jun.2018	Início das ações culturais na Casa Borges.
2020	Projeto de extensão: Casa Borges: arte, cultura e educação patrimonial. Suspensão das atividades presenciais / início de atividades virtuais
Dez.2021	Lei de criação do Museu Casa Borges.
2022	Obras de conservação da Casa Borges. Reabertura do MuCB com atividades presenciais.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024 (Ramos, 2003; Faccioni, 2015; Lourenço, 2019; Barra do Bugres, 1999/2006/2021; relatórios do MuCB)

2.1 Antecedentes do Museu Casa Borges

A Casa Borges tem uma relação muito próxima com a história da cidade. Pertenceu a Herculano Borges que, entre outras atividades, foi comerciante da poaia, recurso natural que desempenhou papel fundamental na ocupação do território e criação da cidade e, até a década de 1960, um dos principais produtos do primeiro ciclo econômico de Barra do Bugres (Ramos, 2003, p.18).

Da arquitetura da época da poaia, “produzida em Barra do Bugres desde 1878 até a primeira metade do século XX” (Oliveira, 2013, p.2), pouca coisa restou. O poaieiro era um indivíduo que vivia, durante o período da safra da poaia, que correspondia ao período das chuvas, no rancho ou feitoria, um abrigo construído na mata, coberto com folhas de palmeira. Suas casas na vila eram “[...] edificações simples para sua moradia. Geralmente casas de taipa de mão, que tiveram uma duração efêmera”, restando apenas alguns exemplares das casas dos patrões da poaia, sendo a casa de Herculano Borges uma dessas edificações remanescentes (Ramos, 2003, p.23; Oliveira, 2013, p.3).

2.1.1 A Casa Herculano Borges

O conjunto arquitetônico formado pela casa, construída na década de 1950, e o mercadinho anexo, residência do comerciante Herculano Borges, que hoje abriga o museu com seu nome, merece ser considerada patrimônio cultural da cidade de Barra do Bugres por sua importância histórica/simbólica de comércio da poaia:

Assim como as outras, a Casa Borges e o comércio foram edificados próximo ao rio, em uma avenida comercial movimentada por ser o antigo centro comercial, naquele período o comércio do Herculano [...] era o ponto de encontro dos poaieiros (Lourenço, 2019, p. 18-19).

E também pelo valor arquitetônico, por suas características construtivas, com estrutura de madeira bruta e paredes de adobe⁴⁰.

Figura 36 – A Casa Herculano Borges e o mercadinho em anexo



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2019

É uma edificação que precisa de cuidados de manutenção e conservação, como a que foi feita recentemente, no início de 2022, sob supervisão da arquiteta Mayara Sismer Petroni, professora no curso de arquitetura e urbanismo da Unemat, *campus* Barra do Bugres, e então coordenadora do museu, com substituição de telhas quebradas, reparos no revestimento das paredes, no piso, recuperação de portas e janelas, iluminação e instalação de equipamentos de prevenção e combate a incêndio.

Está situada à Rua Voluntários da Pátria nº 80, Bairro Nova Esperança, nas proximidades da orla do Rio Paraguai. Esta rua é conhecida como “rua dos Bêbados”, resquícios da época em que reunia grande parte do comércio e bares da cidade.

2.1.2 Quem foi Herculano Borges

Herculano Borges foi um importante comerciante da poaia. Nasceu, em 1918, no município de Rosário Oeste, Mato Grosso, chegando em Barra do Bugres em 1927 onde fixa residência (Lourenço, 2019, p. 28):

⁴⁰ O adobe é o nome dado ao bloco utilizado na construção de paredes, feito de barro, eventualmente com adição de fibras vegetais, moldado, geralmente no próprio local, em fôrmas de madeira e seco à sombra, sem processo de queima. Pode ser utilizado na construção de paredes de vedação, em edificações com estrutura de madeira bruta, ou autoportantes, dependendo da espessura da alvenaria em relação à sua altura. Por analogia, denomina-se ‘adobe’ o sistema construtivo que utiliza o bloco de terra crua como elemento principal: Casa de adobe.

Herculano conseguiu um emprego no comércio de Joaquim Manoel de Miranda, um dos principais comerciantes da poaia da primeira metade do século XX, até fundar seu próprio comércio, tendo trabalhado também, a partir de 1953, como “tesoureiro contador municipal” de Barra do Bugres. Casado com a senhora Andreлина dos Santos Borges e pais de 10 filhos, residiram no casarão à rua Voluntários da Pátria, até sua morte, em 1997 (Lourenço, 2019, p. 29).

Em 1999, foi homenageado com o batismo de uma escola no bairro Alvorecer com seu nome, a atual Escola Municipal de Ensino Básico - EMEB Herculano Borges, segundo o Projeto de Lei 004/99 que: “Dá denominação de ‘Herculano Borges’ à Escola Municipal recentemente construída no Jardim Alvorecer, neste Município”. Como justificativa, o texto da lei destaca sua atuação como servidor público nos cargos de “Tesoureiro Contador da Prefeitura” e “Juiz de Paz” (Lourenço, 2019, p. 118-120), “[...] sendo assim, mais do que justa esta simples homenagem que Barra do Bugres presta a um de seus valorosos pioneiros e desbravadores deste nosso município” (Barra do Bugres, 1999).

2.1.3 Características arquitetônicas e construtivas

Herculano Borges adquiriu, conforme a Escritura de Compra e Venda registrada no Cartório de Ofício e Notas de Barra do Bugres em 4 de maio de 1951, “uma casa contendo uma sala e uma arcova (*sic*) [...] pelo preço de CR-\$ 3.000,00 (Treis mil cruzeiros)” (Lourenço, 2019, p. 121 e 122).

Andreлина Borges⁴¹, em entrevista a Mara Cristina Faccioni (2015) em seu trabalho de graduação em arquitetura e urbanismo, conta que, logo após seu casamento, em 1945, o Senhor Herculano adquiriu um terreno, com:

[...] uma casa simples de apenas um cômodo sendo ampliado posteriormente para abrigar a família. A construção da nova residência ocorreu por volta de 1955 e 1956 pelo mestre pedreiro recém chegado de Cuiabá, José Valeriano de Moraes. Após a mudança o cômodo passou a abrigar o comércio da família (Andreлина Santos Borges, 2015, apud Faccioni, 2015, p.89).

⁴¹ “Andreлина Santos Borges, esposa do senhor Herculano Borges, falecido em 1997” (Faccioni, 2015, p.86).

Figura 37: Planta baixa da Casa Borges e mercadinho anexo



Fonte: Desenho de Patrícia Emanuela Pereira / Museu Casa Borges, 2021

A casa principal foi erguida com estrutura de madeira bruta, fachada frontal em alvenaria de tijolos cerâmicos e demais paredes em adobe, sobre base de pedra canga⁴². Tem esquadrias em madeira, originais, piso parcialmente executado em ladrilho hidráulico vermelho e, em dois quartos, piso cimentado liso. Cobertura em telhas cerâmicas, substituídas recentemente por telhas tipo *plan*, e estrutura do telhado em madeira, ainda original da época da construção. O mercado tem estrutura de madeira bruta, vedação em alvenaria de blocos de cerâmica maciços e cobertura de telhas cerâmicas. A área construída total (dimensões aproximadas) é de 235,00 m², sendo a casa com 140,00m² e o mercado em anexo com 95,00 m², num terreno de cerca de 1.200,00 m².

Como descrito por Larissa Borges Lourenço (2019) em sua pesquisa denominada “Casa Borges: História e arquitetura poaieira”, a casa principal:

⁴² A pedra canga é uma rocha sedimentar, de cor avermelhada, “produto de processos intempéricos em regiões com concentração de minerais com ferro” (USP, 2023). Encontrada com relativa abundância nos solos da região de cerrado, foi muito utilizada como material para construção de muros ou alicerces onde as paredes de taipa ou de adobe seriam apoiadas, elevadas e protegidas da umidade do solo.

[...] tem fundação feita com pedra canga socada, areia e barro até o nível do piso, evitando que os tijolos de adobe entrassem em contato direto com a umidade do solo. As paredes são de blocos de adobe com 26 centímetros de espessura com uma mescla de areia de goma e estrume de gado produzidos no município, com barro retirado da região, assentados e rejuntadas com argila e pedriscos (Lourenço, 2019, p.57).

E continua, informando que:

A fachada principal foi feita de tijolo cerâmico maciço. O muro foi edificado assim que a casa foi construída, o portão e as grades possuem característica da década de 50. O telhado tem como estrutura a madeira, consistia apenas nas terças transversais, caibros e cumeeiras sendo apoiadas diretamente nas paredes, com vãos pequenos a vencer dispensando o uso de tesouras, e assim como as casas construídas neste período não possui forro no seu exterior e interior (Lourenço, 2019, p. 58).

O telhado de duas águas, [...] os beirais são uma marca da arquitetura neocolonial, ornamentado com frisos do mesmo material usado nos revestimentos, servindo como uma barreira de proteção das chuvas evitando que a água chegasse nas paredes [...]. As janelas da casa possuem peitoril baixo, são de madeira, pintadas anteriormente na cor cinza, são atualmente azul lunar [...] (Lourenço, 2019, p. 59).

A edificação pertenceu a família do Sr. Herculano Borges até ser vendida para a Prefeitura Municipal em 2013, conforme Decreto de Lei Nº 021/2013 (Deina *et al*, 2013). As mesmas autoras informam que a Casa Borges:

[...] foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres através do Decreto de Lei Nº 021/2013, do dia 20/05/2013, e aprovado pela Câmara Municipal de Barra do Bugres – Comissão de Finanças e Orçamento, de acordo com o parecer Nº 031/2013 no dia 06/06/2013, autorizando o Poder Executivo Municipal a adquirir o imóvel considerado de interesse histórico, sendo destinada à instalação da Casa da Cultura, com salas para o Centro Cultural, Sala de Museu, Casa do Artesão e serviços de informação ao turista e demais atividades relacionadas ao turismo e cultura (Deina *et al*, 2013, p. 12. Grifo nosso).

Após anos de abandono, a casa passa a ser ocupada, em 2018, como um espaço museológico, que é objeto desta pesquisa.

2.2 Os sujeitos:

O Museu Casa Borges opera sob gestão compartilhada entre a Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, *campus* Barra do Bugres e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Barra do Bugres – SMEC, e está instalada em um edifício pertencente ao município. Embora exerça suas funções museológicas, o MuCB ainda

precisa de instrumentos essenciais para a sua consolidação, como a organização de seu plano museológico e de um regimento interno.

2.2.1 Envolvimento da Secretaria Municipal de Educação e Cultura / Lei de criação do Museu Casa Borges

Desde o início da realização das atividades culturais na antiga residência de Herculano Borges, em julho de 2018, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Barra do Bugres - SMEC tem dado apoio à realização das ações culturais realizadas pela equipe formada por professores e alunos da Unemat, além de colaboradores voluntários externos – professores da rede pública de ensino, historiadores e turismóloga.

Em 2019, a equipe do museu, assessorada pelo servidor da Unemat Hélio Fábio, da área do Direito, elaborou uma minuta de projeto de lei para a criação do Museu Casa Borges. O texto original, apresentado à SMEC colocava a Unemat como parceira na “coordenação, organização e divulgação dos eventos culturais” através de termo de cooperação técnica, como versam o artigo 1º §2º e artigo 4º §1º e 2º:

Art.1º § 2º O Museu Casa Borges está vinculado e subordinado diretamente ao Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes.

Art. 4º A gestão do Museu Casa Borges se dará, mediante acordo de cooperação técnica a ser firmado entre o Município de Barra do Bugres e a Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário Deputado Estadual Renê Barbour.

§ 1º A coordenação geral e a manutenção da infraestrutura predial do Museu Casa Borges competirão ao Município de Barra do Bugres, a serem executadas por intermédio do Departamento de Cultura da sua Secretaria de Educação, Cultura e Esportes.

§ 2º A coordenação, organização e divulgação dos eventos culturais atinentes ao Museu Casa Borges ficarão a encargo da Universidade do Estado de Mato Grosso, titularizadas por equipe técnico-científica vinculada ao *campus* Deputado Estadual Renê Barbour. (arquivos MuCB)

A proposta não foi aprovada à época sob justificativa que a criação do museu iria onerar os cofres públicos. Apresentado novamente em 2021, a uma nova gestão da prefeitura e da SMEC, o texto foi alterado e aprovado como lei municipal em dezembro de 2021. O texto aprovado, Lei Municipal Nº 2.472/2021, prevê no parágrafo 4º a elaboração de termo de cooperação técnica, porém não cita a Unemat:

§ 4º - A gestão do Museu Casa Borges se dará mediante de acordo de cooperação técnica firmado entre o Município de Barra do Bugres e entidades públicas e/ou organizações afins (Barra do Bugres, 2021).

A gestão compartilhada entre a Universidade e o Município foi garantida por meio de um Termo de Cooperação, assinado em 2022. O “Termo de Cooperação que entre si celebram a Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de Barra do Bugres – SMEC” define em sua Cláusula Primeira, seus objetivos:

O presente Instrumento tem como objetivo a conjugação de esforços no sentido de promover em cooperação, o desenvolvimento da Educação e Cultura mediante a implantação e execução do Projeto de Extensão “Casa Borges: Arte, Cultura e Educação Patrimonial”, que tem entre seus objetivos realizar ações culturais no espaço denominado Museu Casa Borges, situado à Rua Voluntários da Pátria, 80, Bairro Nova Esperança, Barra do Bugres – MT, conforme a Lei Municipal 2.472/2021 que cria o Museu Casa Borges, no município de Barra do Bugres – MT (Mato Grosso, 2023).

Com prazo de dois anos, prorrogável:

Cláusula Quinta – DA VIGÊNCIA

O presente Termo entrará em vigor a partir da data de sua assinatura e terá vigência de 02(dois) anos.

Sub-Cláusula Única: Havendo interesse das Instituições Signatárias, poderá o presente Acordo ser prorrogado por período além do estipulado nesta Cláusula, devendo constar em termo próprio (Mato Grosso, 2023).

2.2.2 A relação da Universidade com o projeto do Museu

O Museu surgiu a partir de um projeto de extensão como espaço cultural, em 2018, e foi reconhecido como Museu Municipal pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres, pela lei que “cria o Museu Casa Borges”, sancionada em dezembro de 2021. Em 10 de janeiro de 2023 foi assinado o Termo de Cooperação entre o município de Barra do Bugres e a Unemat que regulamenta a gestão compartilhada do Museu Casa Borges, com vigência de dois anos a partir da data de sua assinatura podendo ser prorrogado, caso haja interesse das partes signatárias.

Entre as obrigações da Unemat estão a de “designar, através de portaria, um servidor docente para assumir a função de gestor do projeto objeto do presente termo”, o que foi feito, tendo hoje à frente do Museu a professora Dr^a Cláudia Landin Negreiros, lotada no curso de matemática do *campus* de Barra do Bugres, e Docente Permanente, entre outros, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEII – Unemat, *campus* de Barra do Bugres. O Museu mantém, portanto, esta relação com a Unemat, responsável pela

gestão cultural, contando com professores, estagiários, bolsistas e voluntários da universidade.

O plano de trabalho referente a este termo de cooperação enumera como obrigações da universidade, dentro do museu, a realização de atividades como: Organização dos espaços do museu, realização de exposições e outras ações culturais, curadoria e projeto expográfico das exposições, desenvolvimento de plano de tombamento da edificação como Patrimônio Histórico, elaboração de artigos e participação em eventos com temas relacionados às atividades do Museu Casa Borges e seu patrimônio, entre outras atividades.

Buscando visibilidade e participação nas decisões das políticas municipais, o Museu Casa Borges tem participado com membros representantes da Unemat/MuCB no Conselho Municipal de Cultura (biênio 2018-2020 e 2020-2022), e no Conselho Municipal de Turismo (2023-2025).

2.2.2.1 A rede de museus da Unemat

A Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat é uma universidade com sede em Cáceres, criada como Instituto de Ensino Superior de Cáceres, em 1978, e instituída como universidade estadual em 1993, atualmente com 13 *campi* universitários e atuação em 43 municípios⁴³, do estado de Mato Grosso.

A partir de dezembro de 2019 representantes dos *campi* de Alta Floresta, Cáceres, Juara e Barra do Bugres, juntamente com representantes da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unemat – PROEC se reuniram para discutir a atuação da Universidade em relação aos museus desses municípios que, de alguma forma, estavam vinculados à Unemat, com objetivo de “organizar e fortalecer a política universitária de museus e patrimônio cultural” (Arruda, 2022, p.6), por meio de:

Consultoria em preservação do patrimônio cultural e museus, com a finalidade de produzir estudo e proposta de instrumentos para a institucionalização e organização da política universitária de museus e patrimônio cultural no âmbito da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat (Arruda, 2022, p.2 – grifo nosso).

⁴³ A Unemat possui 13 *campi* universitários, 17 núcleos pedagógicos e 24 polos educacionais de Educação a Distância. São 67 cursos presenciais e 129 cursos ofertados em modalidades diferenciadas. A instituição conta com 28 cursos de pós graduação (doutorados institucionais e interinstitucionais, mestrados institucionais e interinstitucional) e três cursos de formação de professores indígenas na Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI (Zattar *et al*, 2018).

Museu de História Natural, *campus* Alta Floresta:

O Museu de História Natural de Alta Floresta (MHNAF) da Universidade do Estado de Mato Grosso foi criado em 2001, “a partir de uma proposta de pesquisa de professores da Universidade”. O MHNAF tem como “principais objetivos a pesquisa técnica sobre bens do patrimônio cultural da região norte de Mato Grosso” (Arruda, 2022, p.28 e 32):

A partir de 29 de março de 2021, a institucionalização do MHNAF, que era renovada anualmente através de Projetos de Extensão, assumiu um novo status dentro da Universidade através de sua transformação em Centro de Pesquisa e Extensão e Museu de História Natural - MUHISNAF, do *Campus* Universitário de Alta Floresta (Arruda, 2022, p. 32).

Museu de Humanidades, *campus* Cáceres:

Atual Museu de Humanidades Alaíde Montecchi, foi fundado, em 2004, como Centro de Pesquisa e Museu de Arqueologia, Etnografia, Paleontologia e Espeleologia de Cáceres, em função de um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) para compensação dos impactos ambientais causados pela passagem do gasoduto Bolívia-Mato Grosso por seu território, com objetivo e responsabilidade de:

[...] receber e salvaguardar os materiais arqueológicos, etnográficos, espeleológicos e paleontológicos provenientes dos estudos técnicos e resgates da obra do Gasoduto (Arruda, 2022, p. 57).

Museu Vale do Arinos, *campus* Juara:

O Museu do Vale do Arinos é administrado pela Prefeitura Municipal de Juara, município ao extremo norte de Mato Grosso, em gestão compartilhada com o Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos – ECUMAM. Instituído por lei municipal em 2018, tem como objetivo a:

[...] criação e desenvolvimento de um espaço de metodologias e estratégias para proteção e difusão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Etnocultural, Natural e Artístico do Vale do Arinos (Arruda, 2022, p. 94).

Museu Casa Borges, *campus* Barra do Bugres:

Como mencionado na pesquisa de doutorado do historiador Renato Arruda, o Museu Casa Borges:

[...] é fruto de uma série de projetos de extensão (da Unemat) que vem sendo desenvolvidos desde 2018 [...] subordinado diretamente ao Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação,

Cultura e Esportes de Barra do Bugres através da Lei Municipal nº 2.472/2021 (Arruda, 2022, p. 123-127).

Informa que o museu tem como objetivo “pesquisar, preservar, divulgar, incentivar o Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do município de Barra do Bugres e região” (Arruda, 2022, p. 123), frisando que:

A unidade não possui acervo físico e todas as atividades museológicas desenvolvidas acontecem através da disponibilização dos dados, acervos e informações obtidas pelas comunidades locais e do estado (Arruda, 2022, p. 127).

Arruda ressalta ainda, em seu diagnóstico da “Política Universitária de Museus e Patrimônio Cultural da Unemat” a importância da “criação e institucionalização da Política Universitária de Museus e Patrimônio Cultural e da Rede de Museus da Unemat” (Arruda, 2022, p. 158), destacando:

o potencial dos Museus da Unemat, inclusive na interiorização da formação, pesquisa e ensino, voltados para o reconhecimento de novos patrimônios culturais, na garantia dos direitos culturais, na difusão da ciência e comunicação científica (Arruda, 2022, p. 158).

O trabalho culminou com a aprovação, em maio de 2022, da Resolução Nº 008/2022 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unemat – CONEPE, que:

Institucionaliza a Política Universitária de Museus, Patrimônio Cultural, Acervos e Coleções Científicas Visitáveis, doravante Rede de Museus no âmbito da Universidade do Estado de Mato Grosso (CONEPE, 2022, p.1).

E que define em seu artigo 12º, entre outros, os objetivos de:

I. Fomentar e apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, visando garantir a indissociabilidade destas;

IV. Coordenar a implementação e a avaliação da Política Universitária de Museus e Patrimônio Cultural;

Parágrafo Único A integração à Rede de Museus da Unemat é facultada as Unidades Museológicas da Unemat, independentemente do tipo de vinculação institucional (CONEPE, 2022, p.13-14).

Os museus da Unemat têm um papel importante de vitrine para as ações da universidade, envolvendo seus docentes e discentes com os patrimônios de suas cidades e, paralelamente, abrindo suas portas para as comunidades, um papel social primordial da universidade pública.

Em maio de 2022 foi aprovada uma resolução do Conselho Universitário (Consuni) e Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Conepe) da Unemat, que

institucionalizava a Política Universitária de Museus e Patrimônio Cultural da Unemat, que tem como um dos objetivos "balizar a realização e difusão de práticas orientadoras, estratégicas e operacionais [...] nas unidades museológicas da Universidade [...]" (Conepe, 2022). Em seu Artigo 46, a resolução, que aguarda regulamentação, trata da elaboração dos planos museológicos a serem desenvolvidos sob coordenação de profissional da museologia. A pesquisa desenvolvida por Renato Arruda (2022) detalha "o processo de construção" das diretrizes da política universitária de museus da Unemat e "a organização da Rede de Museus, com instrumentos para a regulamentação dos museus universitários" (Arruda, 2022, p.54).

2.3 A trajetória do Museu Casa Borges

Esta seção trata da apresentação do Museu Casa Borges e das ações a ele relacionadas, com ênfase no período de cerca de três anos e meio – de 2018 até final de 2021 – em que atuei como coordenador do projeto de extensão que desenvolve as atividades culturais naquele espaço.

O curso de arquitetura e urbanismo da Unemat utiliza, como material didático para o desenvolvimento de exercícios práticos de disciplinas – como Projeto Arquitetônico, Técnicas Retrospectivas, História da arquitetura, entre outras – as poucas edificações remanescentes do primeiro ciclo econômico da cidade. Para identificar as casas, estas são denominadas com os nomes de seus proprietários originais – assim, casa Jango, casa Ourives, casa Borges, são deste modo conhecidas.

No ano 2018, por iniciativa da professora Priscila Waldow, membro do projeto de extensão, e que ministrava a disciplina de Técnicas Retrospectivas, disciplina em que são discutidas técnicas e teorias de restauro de edificações, foi realizada uma exposição dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, cujo tema era a requalificação de uma dessas casas, a antiga residência do senhor Herculano Borges, a casa Borges, transformando-a em museu, e o título do trabalho era Museu Casa Borges, que passou a denominar aquele espaço cultural, como é conhecida atualmente, sem intenção direta de homenagear o antigo comerciante.

Embora possa haver divergência quanto a seu uso nessa acepção, foi utilizado o termo "requalificação", empregado na área de arquitetura e urbanismo como referência a ações realizadas em um edifício ou espaço urbano, conferindo-lhe nova função, diferente da original, porém preservando suas características arquitetônicas.

De acordo com o sociólogo Francisco Lopes⁴⁴, requalificação urbana se caracteriza por um conjunto de intervenções realizadas em edifícios, monumentos ou espaços públicos considerados como bens culturais, promovendo novos usos que “visam (re)ativar antigos sentidos perdidos no tempo” (Lopes, 2013, p.1-2).

Doutor em Geografia, Marcelo Sotratti⁴⁵, no verbete “Revitalização” do Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN, afirma que não há consenso entre os profissionais da área de planejamento urbano quanto aos significados de termos como reabilitação, revitalização, requalificação, ainda que, segundo ele, “todas essas denominações se referem comumente a estratégia de valorização de áreas dotadas de patrimônio cultural que passam por processos degenerativos”, referindo-se a essas práticas com o termo “refuncionalização”, que o autor descreve como: “A refuncionalização de espaços urbanos degradados consiste no processo de transformação de funções de elementos arquitetônicos de um determinado processo histórico pretérito” (Sotratti, 2015).

Essa primeira exposição teve 280 visitantes, em um dia, o que incentivou os membros do projeto de extensão a realizar outros eventos naquele espaço, e assim foi feito.

No primeiro período de funcionamento do Museu Casa Borges, de 2018 até a interrupção das atividades presenciais, em março de 2020, foram realizadas 12 ações culturais, entre apresentações musicais, oficinas, fóruns e exposições diversas, com o objetivo de dar uso à Casa e mostrar à comunidade o potencial daquele espaço como lugar de cultura. Nos quase 18 meses de funcionamento antes da pandemia, 4.095 pessoas assinaram o livro de presença, um número expressivo se for considerada a população do município, de cerca de 30 mil habitantes:

Quadro 04 – As ações culturais realizadas no Museu Casa Borges em 2018 e 2019

29 jul. 2018	Exposição de projetos do Museu Casa Borges Exposição de projetos de arquitetura de propostas de requalificação da Casa Herculano Borges e implantação do Museu Casa Borges, desenvolvidos na disciplina de Técnicas Retrospectivas. Organização Prof ^a . Priscila Waldow. Contou com 26 alunos expositores e 280 visitantes.
-----------------	--

⁴⁴ Francisco Willams Ribeiro Lopes é Sociólogo, mestre e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Departamento de Ciências Sociais da mesma universidade, e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (CV: <http://lattes.cnpq.br/2013733954175934>).

⁴⁵ Marcelo Antonio Sotratti é doutor e mestre em Geografia pela UNICAMP, Professor Adjunto do Curso de Turismo da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Coordenador de Extensão do Instituto de Geografia IGEOG/ UERJ e docente do corpo permanente do Programa de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural – PEP/IPHAN (CV: <http://lattes.cnpq.br/7461423427987536>).

14 set. 2018	VivaCidade Exposição de Arte, Cultura e História de Barra do Bugres, com trabalhos desenvolvidos nas disciplinas de “Planejamento Urbano e Regional”, “Teoria da Arquitetura e Urbanismo” e “Técnicas Retrospectivas”, apresentados em dois eixos: “Um olhar sobre a cidade: lugares históricos de Barra do Bugres”, exposição fotográfica composta por fotografias dos principais pontos históricos da cidade, organização Profª. Priscila Waldow; “Flanagem e Deriva”, exposição na qual os alunos desenvolveram jogos, cartões postais e cartilhas representando e trazendo reflexões sobre o meio urbano de Barra do Bugres. Organização Profª. Lara Nunes. Teve a participação de 54 alunos expositores e/ou organizadores, e 120 visitantes registrados no livro de presença.
19 out. 2018	Oficinas e Exposição de artesanato no Museu Casa Borges Apresentação de oficinas de Modelagem em argila, Papel <i>machê</i>, Pintura em tecidos e Jardinagem usando garrafas pet. Teve a participação de 7 alunos voluntários (Unemat) como ministrantes das oficinas, e a participação de 2 professores e 55 alunos da escola José Ourives.
26 nov - 01 dez. 2018	1ª. Mostra de Arte - Museu Casa Borges Exposição de obras de oito artistas locais e regionais, de modo a mostrar a importância de um centro de cultura como o Museu Casa Borges na cidade de Barra do Bugres: Alcenir Tomé de Souza, Claudyo Casares, Diego Roberto, Elaine Fogaça Oliveira, Eliane Machado, Geisiely Bibiano, Judite Malaquias e Viviane Dourado. Contou com a presença de 480 visitantes durante os 6 dias da exposição.
08 mar. 2019	Dia da Mulher Evento comemorativo do Dia Internacional da Mulher, com a participação de 35 mulheres indígenas, professores e voluntários, com apresentações culturais e fórum de discussão sobre direitos da mulher indígena. Organização Profª. Waldinéia.
01-02 abr. 2019	2º dia de oficinas no Museu Casa Borges Apresentação de oficinas de Modelagem em argila, Pintura com tintas naturais, Terrário e Mosaico. Teve a participação de 4 artistas como ministrantes das oficinas, e a participação de 3 professores e 114 alunos da escola Júlio Müller.
17-21 abr. 2019	6ª ExpoArte Exposição de trabalhos artísticos e artesanais de 11 artistas amadores locais. Projeto idealizado pela Professora Juliana Demartini, realizado semestralmente desde 2016, a ExpoArte tem como objetivo “incentivar a produção artística e fortalecer o vínculo entre a comunidade barra-bugrense e a Unemat”. Inicialmente realizada no <i>campus</i> da universidade, passa a ser exibida no MuCB, com participação aberta a toda a comunidade. Na inauguração da exposição, foi organizado um Sarau, na orla do rio Paraguai, em frente ao museu, com apresentação de música e poesia. Desde seu início, a proposta da ExpoArte é ser organizada por grupo de alunos do curso de arquitetura e urbanismo e outros voluntários. A exposição foi visitada por alunos das escolas do município, professores e comunidade, num total de 424 visitantes em 5 dias de exposição.
19-25 maio. 2019	2ª. Mostra de Arte - Museu Casa Borges Exposição de pinturas, gravuras e esculturas. Foram expostas obras de 6 artistas locais e regionais: Carlos Renato Pina, Francisco de Assis, Gabryelle Guedes, João Pedro de Arruda, Lagarto e Rosalino Aluísio Magalhães, com público de 660 pessoas.
03-06 julho. 2019	1ª. Feira Indígena Intercultural de Mato Grosso Proposta pela Profª Waldinéia Alcantara, expôs artesanato e objetos de alunos de diversas etnias de Mato Grosso, estudantes dos cursos de formação de professores indígenas da Faculdade Intercultural Indígena – Faindi/Unemat, e teve 451 visitantes em 6 dias de exposição.

09-13 set. 2019	A História do povo Balatiponé-Umutina Exposição de história, arte e cultura Balatiponé-Umutina. O evento contou com a participação da Escola Julá Paré na concepção e organização, e teve 814 visitantes, sendo 739 alunos das escolas do município.
14-18 out. 2019	7ª ExpoArte Exposição de artes de estudantes da Unemat e de artistas locais. A exposição teve a participação de 13 artistas como expositores de desenhos, pinturas, artesanato, e contou com a presença de 368 visitantes durante os 5 dias do evento.
02-06 dez. 2019	3ª. Mostra de Arte - Museu Casa Borges Exposição de pinturas de artistas locais e regionais, teve a participação de 5 artistas plásticos: Adriano Salvador, Henrique Magalhães, Luiz Henrique Badaró, Manoel Oliveira e Therezinha Oliveira. Contou com público de 292 pessoas, sendo 248 alunos das escolas do município, Escolas Júlio Muller, José Ourives e Assembleia de Deus.

Fonte: Relatórios do Museu Casa Borges, organizados pelo autor

As primeiras ações do Museu Casa Borges deixam bem claro o envolvimento da Universidade com essa instituição, “face visível” de atividades universitárias, organizadas e desenvolvidas por professores e alunos dos cursos de graduação da Unemat. Mais à frente, ocorreram as Mostras de Arte – iniciativa da primeira pessoa bolsista do projeto, Éle Fogaça⁴⁶, hoje profissional da arquitetura e das artes plásticas, com envolvimento em projetos culturais. Fogaça sugeriu a realização dessa primeira exposição coletiva de arte, fazendo convite a artistas e artesãos de Barra do Bugres e região a se envolverem com o museu. As Mostras de Arte deram visibilidade a artistas locais, trazendo para a exposição coletiva artistas mato-grossenses de destaque, com obras de acervos particulares, ou cedidas pelos próprios artistas, como Cláudio Casares⁴⁷, João Pedro de Arruda⁴⁸, Luis Badaró⁴⁹, todos eles, de alguma forma, tiveram envolvimento com a universidade. Hoje, os trabalhos desses artistas estão disponíveis também no *blog* e no novo *site* do museu como “Os artistas do Museu Casa Borges”, uma das iniciativas de ocupação do espaço virtual impulsionada pela necessidade de

⁴⁶ Éle Fogaça é mato-grossense, natural de Nova Olímpia, profissional de artes plásticas e ilustração. Possui graduação em arquitetura e urbanismo pela Unemat de Barra do Bugres. <https://casadaspretasmt.wixsite.com/exposicao/elaine-foga%C3%A7a>

⁴⁷ Cláudio Casares é artista plástico radicado em Cuiabá desde 1984. Teve participação em inúmeras exposições, no Brasil e em Portugal, onde morou e estudou por dois anos. Foi estudante no curso de arquitetura e urbanismo na Unemat Barra do Bugres. <https://www.instagram.com/claudyocasares1/>

⁴⁸ João Pedro de Arruda Neto nasceu em Cuiabá em 1935. Desenha desde os 16 anos. Morou durante dois anos na França e estudou na *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*, em Paris (Figueiredo, 1979). De volta a Mato Grosso vive de sua arte pintando naturezas mortas e retratos de pessoas da sociedade. Após sua morte, em 2013, parte de seu acervo foi doado ao Museu de Arte e Cultura Popular, MACP-UFMT, que organizou uma exposição póstuma sobre sua vida e obra. As telas emprestadas ao MuCB fazem parte da coleção de João Mário de Arruda Adrião, professor na Unemat. <https://macpufmt.wordpress.com/2020/03/27/exposicao-da-sonoridade-a-cor-o-que-sabemos-sobre-joao-pedro-de-arruda/>

⁴⁹ Luis Badaró é artista gráfico, trabalhando com desenho, arte digital, pintura mural, entre outras técnicas. Nascido em Rondonópolis, MT, é graduado em arquitetura e urbanismo pela Unemat, *campus* Barra do Bugres. <https://www.instagram.com/luisbadaro/>

afastamento social, imposto pela pandemia da Covid-19, “incorporando práticas do universo digital”, já utilizadas por muitas instituições museológicas como forma de divulgação de sua programação. Estas, passam a ser uma ferramenta dessa tentativa de comunicação com seu público, então distante fisicamente do museu (Abalada; Granato, 2019, p.7; Uzeda et al, 2021, p.201).

Figura 38 – Quadros de João Pedro de Arruda, na 2ª Mostra de Arte do Museu Casa Borges



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2019

Por falta de recursos e de pessoal, já que a equipe do MuCB era (e ainda é) composta majoritariamente por pessoas voluntárias, o desenvolvimento das atividades não era contínuo, ocorrendo por períodos de no máximo uma semana a cada mês. Já que durante a organização e, especialmente durante os eventos, essas pessoas ficavam sobrecarregadas. A proposta das oficinas de artesanato foi um meio de dar continuidade às atividades do museu voltadas para as escolas, porém com o número mais reduzido de alunos participando, sendo convidadas turmas específicas de uma determinada escola, a partir do contato com os professores interessados, restringindo a cerca de oito a dez crianças ou jovens por oficina. Tais ações eram ministradas gratuitamente por artesãos voluntários, moradores de Barra do Bugres, que disponibilizavam seu tempo para aquela atividade. Os materiais utilizados pelos participantes eram fruto de doação ou investimento dos próprios ministrantes.

A ExpoArte é um projeto que realiza, desde 2016, antes da existência do MuCB, exposições de arte dos alunos artistas do *campus* da Unemat. Originalmente realizada dentro da universidade, a partir de sua sexta edição, em 2019, a exposição passa a ser realizada no MuCB. A maioria dos participantes, sendo artistas amadores, graduandos dos cursos da Unemat, acabavam por envolver um número maior de voluntários, colegas desses artistas, que se uniam na organização e desenvolvimento das

atividades, promovendo festividades, saraus, apresentações de dança e música, em paralelo às atividades próprias da exposição.

Além desses, os eventos relacionados à cultura indígena de todo o estado de Mato Grosso, promovidos pela Faculdade Intercultural Indígena, que traziam para dentro do museu o saber imaterial desses povos, materializado em seus artesanatos, suas danças, sua música, expressões culturais, envolvendo a sociedade local e os indígenas, criando vínculos e quebrando preconceitos. Muitas das lembranças relatadas no questionário por estudantes e professores, em relação ao MuCB, referem-se às atividades culturais dos povos indígenas, como apresentado no item 2.4, que trata dos resultados do questionário.

O Museu Casa Borges busca ser compromissado com as comunidades, dar espaço para suas manifestações, permitindo a grupos culturalmente diversos e silenciados o protagonismo na expressão de sua história, exemplo da museologia social:

[...] comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí o movimento LGBT, o MST e outros” (Chagas; Gouveia, 2014, p.17).

A discussão da diversidade cultural, pode ser grande aliada ao fortalecimento do respeito a todas as pessoas e à luta contra o preconceito, assim como contra discriminação em relação ao que é diferente.

2.3.1 Processo colaborativo na construção das exposições

Desde o início de sua operação, a equipe do museu tem consciência da importância do envolvimento das comunidades com o museu. A comunicação no museu precisa ser clara, de fácil compreensão, devendo estar de acordo com a “leitura de mundo” das pessoas que o visitam: “[...] saber se elas [as palavras] coincidiram com a leitura de mundo dos grupos ou da classe social a quem falava” (Freire, 2019, p. 34).

Alunos e professores das escolas, públicas e particulares do município, são os principais convidados desde a primeira exposição. Os moradores da vizinhança do museu é outro público sempre lembrado, apesar de seu pouco envolvimento. Talvez o museu possa fazer um trabalho de aproximação com esse público, que pode se sentir constrangido de entrar no espaço sozinho.

Também participam das ações do museu, como expositores ou oficiantes, artistas e artesãos da cidade, muitas vezes colaborando também na recepção do público e mediação, atividades importantes e que demandam dedicação e energia, tanto quanto atuar na concepção e realização das atividades. E, ainda que não possua recursos, o museu busca sempre a colaboração de pessoas das comunidades para a construção de suas narrativas, tendo tido sucesso em várias exposições com a participação voluntária, especialmente de docentes e discentes através de suas escolas.

2.3.2 A escola Julá Paré e o povo Balatiponé-Umutina no museu

O povo Balatiponé-Umutina realizou sua primeira exposição no espaço do Museu Casa Borges, denominada “Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro”, em setembro de 2019, durante uma semana.

2.3.2.1 A exposição: *preparação*

Cientes da responsabilidade de contar a história de um povo, e dos “desafios de conhecer, documentar, guardar, conservar e divulgar coleções de objetos indígenas” (Garcês; Karipuna, 2021, p.102), foi proposta aos professores e professoras da escola da aldeia Umutina, a curadoria da exposição sobre o povo Umutina, desde a definição do título, o conteúdo, até a participação durante o evento. Em uma primeira reunião para discussão sobre a exposição, com a presença do professor Márcio Corezomaé Monzilar, coordenador pedagógico da Escola Estadual Indígena Julá Paré, e da bibliotecária Tainara Toriká Kiri de Castro, ambos membros da comunidade Balatiponé-Umutina, foram debatidas algumas ideias e, por fim, o professor Márcio Monzilar sugeriu o tema geral da exposição: Passado, Presente e Futuro. Em seguida foram definidos o conteúdo a ser abordado em cada fase e sua disposição nas salas do Museu. O museu buscando, intuitivamente, proposta do professor Paulo Freire de substituir "o caminho tradicional do discurso *sobre*" passando" ao debate, à discussão, ao diálogo em torno do tema *com* os participantes", perceber o outro como sujeito repleto de saberes e experiências (Freire, 2019, p.33).

As quatro salas do Museu seriam ocupadas com os seguintes temas: Na sala 1, a história do contato, desde quando os Umutina habitavam a foz do rio Sepotuba, os conflitos relacionados ao contato e a participação do Marechal Candido Mariano da Silva Rondon no processo de criação do Posto Fraternidade, no local onde hoje se encontra a aldeia central da terra indígena Balatiponé-Umutina. Na sala 2 seriam expostos artefatos, objetos, instrumentos, indumentária, e fotografias relacionadas à arte material.

utilizados nos rituais e atividades da comunidade. A sala 3 apresentaria painéis, fotografias e outros materiais relacionados à escola Julá Pará, desde sua criação até as atividades da escola atual, e sua importância na preservação e valorização da cultura Umutina. Na quarta sala, a criação de novas aldeias, apresentada a partir de material selecionado por moradores de cada aldeia, envolvendo assim toda a coletividade na construção da narrativa. Durante a mostra ainda seriam apresentados vídeos editados a partir de filmes antigos e atuais sobre a etnia (Quadro 05). Membros da comunidade, alunos e professores da escola foram convidados a receber os visitantes, promovendo na área externa do museu atividades como tiro com arco e flecha, danças tradicionais, música, e pintura corporal.

Quadro 05: Atividades realizadas na exposição *Balatiponé-Umutina: Passado, presente, futuro*

SALA		TEMA	OBJETIVO	MATERIAL
1	PASSADO	A história do contato / Marechal Rondon	Contar a história do contato, desde quando os Umutina habitavam a foz do rio Sepotuba, os conflitos relacionados ao contato, e as intervenções realizadas pelo Marechal Rondon.	Texto elaborado pelos professores e impresso em painel; Quadro e objetos relacionados ao Marechal Rondon; Mapa da ocupação da foz do rio Sepotuba e migração para a área atual; Fotos antigas e atuais do casarão Rondon; Reprodução das Imagens existentes no interior do casarão; Fotos antigas dos Umutina.
2	PRESENTE	Arte Material	Apresentar objetos, instrumentos, indumentária, utilizados nos rituais e atividades da comunidade.	Texto sobre o tema Desenhos das pinturas corporais Objeto arqueológico – panela Instrumentos, artefatos, indumentária, objetos cedidos pela comunidade.
3		A escola Julá Pará	Apresentar a história da escola desde sua criação até as atividades da escola atual, e sua importância na preservação e valorização da cultura Umutina.	Texto sobre as atividades da escola Banners referentes a atividades desenvolvidas Fotos Atividades produzidas pelos alunos.
4	FUTURO	Novas aldeias	Descrever a criação de novas aldeias, apresentado a partir de material selecionado por moradores de cada aldeia.	Texto sobre o processo de criação de novas aldeias Mapa da Terra Indígena com a localização das aldeias Fotos, objetos, atividades, produzidos por cada aldeia.
Outras atividades realizadas:				
Sala de vídeo		Vídeos	Apresentação de vídeos.	Vídeos antigos e atuais sobre a etnia.

Área externa		Atividades culturais	Estimular a relação entre alunos das escolas da cidade e o povo Umutina	Tiro com arco e flecha, apresentação de danças tradicionais, música, pintura corporal.
		Exposição e venda de artesanato	Venda de artesanato.	Artesanato produzido pela comunidade.

Fonte: Relatórios do Museu Casa Borges, organizados pelo autor

A comunidade indígena assumiu as funções de elaboração dos textos, seleção de fotografias e objetos, orientação na seleção das peças e montagem da exposição, identificação dos objetos expostos, solicitação de material às aldeias, além da mediação e da participação nas atividades paralelas durante a exposição.

2.3.2.2 A exposição “Balatiponé-Umutina: Passado, presente, futuro”

A exposição da história e do patrimônio cultural do povo Balatiponé-Umutina trouxe grande visibilidade ao Museu Casa Borges. As atividades complementares à exposição, promovidas pelos jovens Balatiponé-Umutina, especialmente o tiro com arco e flecha, atraíram a curiosidade dos alunos visitantes, contribuindo para a divulgação e maior participação das escolas (Fig. 39).

Figura 39: Jovens Balatiponé-Umutina ensinando tiro com arco para as crianças da Escola Municipal Herculano Borges



Fonte: Museu Casa Borges, 2019

Em relação ao termo “patrimônio”, sua definição vai além daquilo que um pequeno grupo considera como tal; importando mais o valor histórico, simbólico, que o objeto ou coisa tem para uma determinada comunidade. O professor e antropólogo José Reginaldo Gonçalves explica que “um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas” e nem de “uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público” (Gonçalves, 2007, p.2014-2015).

O termo “ressonância” entendido como o poder que um determinado objeto tem de significar mais do que a sua função primordial, afetando de forma e intensidade diferentes a pessoas com “diferentes referências culturais” (Borges; Campos, 2012, p. 118).

O professor Mário Chagas, em seu artigo sobre o Museu Vivo do São Bento, reforça essa afirmação quando analisa o conceito de patrimônio criado pelos jovens daquele museu, a percepção de que o patrimônio se estabelece quando alguém recebe aquilo que é transmitido, no caso, pelo envolvimento do público e da própria comunidade nas ações de comunicação do patrimônio imaterial – como as experiências oferecidas por integrantes dos povos originários: tiro com arco, grafismo, danças, assim como na história apresentada na exposição do museu (Chagas, 2016, p.146).

Durante a exposição, pôde-se perceber a sensação de pertencimento dos jovens Balatiponé-Umutina. Diante de um cocar, que possui determinados significados para aquele povo, quando exposto num museu, representa, para um membro daquela etnia, algo que vai muito além da admiração apenas pela questão estética que pode ser percebida por um não-indígena. O cocar representa a força de um povo que foi silenciado por vários anos e se reergueu. Como lembram as pesquisadoras do Museu Goeldi, são “objetos indígenas que são mais do que objetos” (Garcês; Karipuna, 2021). O rapaz Balatiponé-Umutina se sente à vontade para vestir o cocar que estava exposto, e tirar uma *selfie*, num gesto que demonstra o envolvimento e apropriação ao projeto do Museu, ele é parte dessa história (Fig. 40). Esses encontros dos povos indígenas com o museu:

[...] trazem novos questionamentos e desafios às pesquisas antropológicas e etnológicas e às ações museológicas, gerando processos reflexivos em todos os participantes, mas também provocando intensificação de emoções, principalmente entre os povos indígenas (Garcês; Karipuna, 2021; p. 106).

A liberdade que lhe foi proporcionada, a exemplo de “museus que são asas”, do belo texto da professora Maria Amélia Reis⁵⁰, que nos fala dos “modos de educar para a liberdade” que os museus podem permitir quando optam por “uma museologia com base na história das populações, de suas culturas e seus pensamentos originais, singulares e plurais, capazes de favorecer encontros com os diferentes e convivências libertadoras”, como o Museu Casa Borges vem fazendo (Reis, 2021, p.146).

Figura 40: Liberdade e pertencimento: o rapaz Balatiponé-Umutina veste os cocares em exposição, mostrando que ele é parte dessa história



Fonte: Acervo Museu Casa Borges, 2019

Os cocares que o jovem veste na figura acima têm significado muito especial para o povo Balatiponé-Umutina, sendo símbolo de sua resistência e perseverança, já que são artefatos cuja técnica de confecção foi reaprendida e reintroduzida recentemente, a partir da pesquisa realizada entre 2005 e 2008 e descrita por Tan

⁵⁰ Maria Amélia Gomes de Souza Reis é mestra e doutora em Educação, professora no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO, foi membro integrante do Grupo Técnico de Educação do Gabinete de Transição Governamental/2022.

Huare⁵¹ (2016, p. 9-10). O cocar maior, é o *Hakikano*, citado por Edna Monzilar⁵² como importante artefato utilizado em rituais, que possuem o poder de atrair “os espíritos de nossa ancestralidade” para estarem presentes nas danças (Monzilar, 2023, p. 65). Já o *Bodô*, o cocar horizontal, como “o sol e seus raios que o enfeitam, assim, como o cocar enfeita nossa cabeça”, é feito de penas de arara, sendo também usado em ocasiões especiais, apenas pelos homens, como explica Tan Huare (2016, p. 25). São bens que, de acordo com Gonçalves:

[...] nem sempre possuem atributos estritamente utilitários. Em muitos casos, servem evidentemente a propósitos práticos, mas possuem, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais, constituindo-se em verdadeiras entidades, dotadas de espírito, personalidade, vontade, etc. Não são, desse modo, meros objetos” (Gonçalves, 2007, p. 214).

Em um outro momento da exposição Balatiponé-Umutina, capturado pela sensibilidade da fotógrafa Kelly Serschön⁵³, o rapaz se reconhece em uma fotografia em que ele, ainda criança, aparece remando uma canoa (Fig. 41).

Figura 41: O rapaz se reconhece, ainda criança, em uma fotografia



Fonte: Acervo Museu Casa Borges, 2019, editada pelo autor

⁵¹ Cleomar Myahu Tan Huare é indígena do povo *Balatiponé-Umutina*, graduado em Licenciatura intercultural pela Faculdade intercultural indígena da Unemat, professor da Escola Estadual Julia Paré, no território indígena Umutina.

⁵² Edna Monzilar é indígena da etnia *Balatiponé-Umutina*, mestra em Ensino em Contexto Indígena pela Unemat, é professora e ex-diretora da Escola Estadual Indígena Julia Paré.

⁵³ Kelly Vitória Serschön é fotógrafa, graduada em matemática pela Unemat de Barra do Bugres, atualmente cursando mestrado em Ensino de Ciências e Matemática na mesma universidade, com pesquisa relacionada a etnomatemática e educação indígena, contribuiu com seu trabalho de fotografia artística e documental, voluntariamente, em diversas exposições no Museu Casa Borges, entre elas as exposições virtuais Especial Mulheres; Barra do Bugres: História, natureza e cultura; Balatiponé-Umutina, passado, presente, futuro. <https://www.instagram.com/kellyserschon.foto>

O reconhecimento do MuCB como espaço livre para as manifestações da cultura Balatiponé-Umutina foi um marco na trajetória deste museu, trazendo à tona a discussão sobre as memórias daquela comunidade, demonstrando sua importância como lugar de preservação e comunicação do patrimônio material e imaterial, com a participação das comunidades, fomentando a diversidade e “proporcionando experiências diversas para educação” (ICOM, 2022).

O museólogo Mário Chagas, referência na museologia social, comenta a entrevista concedida por Hugues de Varine e publicada em 1979 "Os Museus do Mundo", fala da descolonização dos museus, e dos desafios da "[...] construção de uma nova ética e de uma nova política museológica, pela produção de novos saberes e fazeres museais, incluindo aí uma nova abordagem historiográfica [...] e uma nova forma de lidar com as pessoas", como o MuCB vem tentando fazer, dando voz à sociedade local, suas ideias, sua arte, sua cultura (Chagas; Gouveia, 2014, p.10).

2.3.2.3 Curadoria Intercultural

Desde a primeira ideia de realização desta exposição sobre a cultura Balatiponé-Umutina era clara a importância da participação da comunidade desde a concepção até a organização e recepção durante o evento. O artigo “Curadorias do Invisível”, das pesquisadoras do Museu Emilio Goeldi, Claudia López Garcés e Suzana Primo dos Santos Karipuna, que trata da implementação da curadoria intercultural naquele museu diz que:

Nos museus etnográficos e nos campos de conhecimento da museologia e da antropologia, muito se tem avançado com o reconhecimento da importância da participação dos povos indígenas nos processos curatoriais de documentação, registro, conservação, gestão e comunicação de coleções etnográficas [...] repensar e redefinir o papel dos museus e o ato de colecionar objetos de diversas sociedades (Garcés; Karipuna, 2021, p.105. Grifo nosso).

O convite à bibliotecária Tainara Toriká Kiri de Castro, membro do povo Balatiponé-Umutina, feito inicialmente em função de seu maior conhecimento da cultura daquele povo, das pessoas, além de sua formação, que traria mais profissionalismo nas atividades de catalogação e identificação do material a ser selecionado para a exposição, foi muito além disso, formando uma “ponte” entre a Universidade e o povo Balatiponé-Umutina, mais especificamente os professores e alunos da escola Julá Paré, que passam a ver o Museu como uma ferramenta de afirmação social.

Um ano mais tarde, em setembro de 2020, parte do material dessa exposição foi publicada no *site* do Museu Casa Borges⁵⁴.

2.3.2.4 Resultados: O acervo do povo Balatiponé-Umutina

A exposição teve uma participação significativa de professores e alunos da Escola Julá Pará, a escola da aldeia Balatiponé-Umutina, com 5 professores e 30 alunos, além de outros 6 membros da comunidade, na organização e participação durante o evento recebendo os visitantes e apresentando atividades culturais paralelas à exposição.

Em cinco dias de exposição, tivemos a visita de 814 pessoas que assinaram o livro de presença, sendo 739 estudantes de 13 escolas e instituições do município, atingindo assim um de nossos objetivos, de apresentar a história e cultura Umutina para professores, crianças e jovens das escolas do município, quebrando preconceitos em relação a uma comunidade pouco conhecida, apesar de tão próximos geograficamente: apenas o rio Bugres separa a área urbana e a Terra Indígena (Fig. 42).

Figura 42 – Mapa ilustrativo da relação espacial entre a área urbana de Barra do Bugres e a Terra Indígena Balatiponé-Umutina, separadas pelo rio Bugres, com destaque para a localização da Unemat, o Museu Casa Borges, a Escola Julá Pará



Fonte: GoogleMaps, editada pelo autor, 2024

Ao final da exposição, cerca de cem fotografias⁵⁵ e cinco painéis com textos produzidos pelos professores da escola Julá Pará, foram entregues à escola da aldeia

⁵⁴ Disponível no site do MuCB: <https://museucasaborges.wordpress.com/2020/09/26/balatipone-umutina-passado-presente-futuro/>

⁵⁵ 97 fotos impressas tamanho A3 e 7 fotos impressas tamanho A1

Umutina para serem expostas na biblioteca da aldeia. A proposta é criar um espaço expositivo de interação ente comunidade e visitantes daquela comunidade.

2.3.3 A escola José Mariano Bento e as Comunidades Remanescentes de Quilombos no museu⁵⁶

Uma das exposições que estavam planejadas no calendário de 2020, que não pôde ser realizada em virtude da pandemia, seria sobre as Comunidades Remanescentes de Quilombos existentes no município. Em contato com professoras da escola José Mariano Bento, da comunidade Baixio, uma das Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) da região do Vão Grande, surgiu a proposta de se realizar uma exposição virtual, a partir de material organizado junto à comunidade. Foi um grande desafio a concepção, curadoria, organização e realização da exposição totalmente à distância.

A equipe contou com 16 pessoas, sendo nove (9) representantes das comunidades quilombolas, como apresentado no quadro a seguir.

Quadro 06 – Quadro de participantes da exposição das comunidades quilombolas

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BARRA DO BUGRES: MEMÓRIAS, SABERES E FAZERES	REPRESENTANTES DAS COMUNIDADES	BERENICE PEREIRA	Curupira
		MARILUCE LINA DA SILVA	Comunidade Vaca Morta
		MOARCIR RODRIGUES DA SILVA	Comunidade Água Doce
		RAFAEL BENTO	Comunidade Baixio
	PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ MARIANO BENTO	MARIA HELENA TAVARES	Professora
		ANTÔNIO MARCOS PEREIRA DA SILVA	Professor
		MADALENA SANTANA DE SALES	Professora
		MÁRCIA RESENDE DE SOUSA	Professora
		LEILA CAMPOS	Professora
	EDIÇÃO, PRODUÇÃO E ASSESSORIA	ALESSANDRA RIBEIRO DE CARVALHO	Turismóloga / Membro
		GABRYELLE GUEDES SOARES	Graduanda / Bolsista
		LARISSA BORGES LOURENÇO	Arquiteta / Bolsista
		VIVIANE PEREIRA DOURADO	Graduanda / Bolsista
		JOÃO MÁRIO ARRUDA ADRIÃO	Coordenador
	COLABORADORES	RODRIGO FACCONI	Agricultor
		DALVA CRISTINA DO NASCIMENTO	Economia Solidária

Fonte: Relatórios Museu Casa Borges

2.3.3.1 Preparação

Na primeira reunião, com a participação dos professores da Escola Estadual José Mariano Bento, Maria Helena Tavares Dias, Madalena Santana de Sales e Antônio Marcos Pereira Dias, foi definido o título da exposição e os temas. Inicialmente seria “Comunidades Quilombolas da Região do Vão Grande”, porém com a intensão de

⁵⁶ Disponível no site do MuCB: <https://museucasaborges.wordpress.com/2020/08/22/comunidades-quilombolas-de-barra-do-bugres-memorias-saberes-e-fazeress/>

envolver outras comunidades localizadas além dessa região, o título passou a: “Comunidades Quilombolas de Barra do Bugres: Memórias, Saberes e Fazeres”; e os assuntos a serem abordados na exposição, que foram desenvolvidos posteriormente, divididos em quatro temas principais, trazendo a percepção da história existente nessas comunidades:

Memória: Aborda a história das comunidades, o surgimento das comunidades, as primeiras construções, a certificação pela Fundação Palmares, etc.

Modo de Vida, Saberes e Fazeres: Aborda assuntos relacionados ao artesanato, a produção agrícola, a relação parental entre os membros das comunidades. Deve mostrar, como denúncia das dificuldades e problemas das comunidades, a dificuldade de venda dos produtos, os atravessadores, o transporte, a travessia do rio, a manutenção de estradas e pontes, etc.

Festividades e Religiosidade: Mostra as festas de Santo, altares, capelas, que envolvem toda a comunidade em um calendário anual.

Rio Jauquara⁵⁷: Mostra a importância do rio para a comunidade, a água, a pesca, o turismo, a relação da comunidade com a natureza. Deve abordar também as propostas de construção de barragens e como isso impactaria na vida das comunidades (Fonte: Relatórios do Museu Casa Borges).

As professoras e professores se incumbiram de convidar membros das comunidades, geralmente alunos ou ex-alunos para se envolver no projeto. Uma das alunas convidadas trouxe ao grupo uma inquietação apresentada pela comunidade, certa desconfiança quanto aos objetivos da pesquisa e os interesses dos pesquisadores. Frequentemente a comunidade se sente explorada, seja por pesquisadores, que prometem benefícios que nem sempre se concretizam, ou pelo fato de o resultado das pesquisas eventualmente não se reverter em recursos materiais, efeitos palpáveis para os moradores. A questão foi contornada, por intervenção das professoras, cujo envolvimento foi decisivo para que o projeto da exposição virtual fosse aceito por parte da comunidade, inclusive reforçando, em seus argumentos, a

⁵⁷ O Rio Jauquara é um dos afluentes do Rio Paraguai, à sua margem esquerda. Segundo pesquisa sobre as “pressões antrópicas na bacia Paraguai/Jauquara”, desenvolvida por pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Ambiente e Sistemas de Produção Agrícola da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat, a bacia do Rio Jauquara é a mais bem preservada, ambientalmente, entre as bacias que formam o Rio Paraguai, mantendo-se em estado “pouco degradado” com 63% de vegetação natural, em dados de 2014. O Rio Jauquara banha as Comunidades Quilombolas da região do Vão Grande, nos municípios de Barra do Bugres e Porto Estrela, que dependem diretamente de suas águas. Essas comunidades estão reunidas no Comitê Popular do Rio Jauquara, cuja pauta é a luta pela preservação do rio, e contra a implantação de uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH), uma das cerca de 135 barragens previstas para ser construídas em vários rios de Mato Grosso, impactando negativamente não só os quilombos, que não foram sequer consultados, como o próprio bioma do Pantanal (Ribeiro et al, 2017; Ativismo, 2020).

importância dos questionamentos feitos aos pesquisadores sobre a finalidade das ações que envolvam o território quilombola Vão Grande. A pesquisa para a montagem da exposição teve como base as dissertações das professoras Maria Helena Tavares Dias e Madalena Santana de Sales, ambas tendo como objeto de pesquisa o Território Quilombola Vão Grande⁵⁸.

2.3.3.2 A exposição: *Memórias, saberes e fazeres*

A exposição apresenta uma seleção de excertos das dissertações e de outros textos produzidos por alunos e professores da escola José Mariano Bento, ilustradas com fotografias de diversos autores.

Faz, inicialmente, uma apresentação das comunidades, contando desde o início de sua formação, a geografia, suas construções, enfatiza da importância do reconhecimento e valorização das Comunidades Remanescentes de Quilombo, dos diversos grupos étnicos que formam as comunidades do Vão Grande, toca nas questões de autoafirmação e identidade quilombola, a luta pela terra, a titulação das terras quilombolas, e finaliza abordando um assunto doloroso que é a questão da invasão de suas terras, que acontece ainda hoje;

Em seguida o tema “modo de vida, saberes e fazeres”, que aborda a educação escolar quilombola e suas diversas formas de aprender e de ensinar, a agricultura, a roça de toco, as ervas medicinais, o linguajar, o cozinhar;

Em “festividades e religiosidades” mostra os altares dos santos que são construídos em todas as casas, as festas de Santo desde a preparação das casas, as comidas, a chegada dos convidados, as músicas e danças.

Na sequência fala dos “rios e da natureza” ressaltando as dificuldades enfrentadas com as questões de saneamento básico, a travessia dos rios, a ameaça da construção da usina hidrelétrica, e finaliza com referências ao rio Jauquara e sua importância para as comunidades.

⁵⁸ As pesquisas têm como título: “Entre memórias e Narrativas dos Festeiros das Festas de Santo do Território Quilombola Vão Grande” (Dias, 2017); e “Os Fazeres e os Saberes Etnomatemáticos praticados pelos habitantes do Território Quilombola Vão Grande – Barra do Bugres MT” (Sales, 2020).

Figura 43 – Altar em homenagem a São José, padroeiro da comunidade São José do Baixio



Fonte: Museu Casa Borges, 2020

A publicação encerra com apresentação de “Relatos e contos de alunos da Escola Estadual José Mariano Bento sobre suas memórias” e sua relação com o lugar onde vivem, seleção de textos organizada pela professora Márcia Resende, uma forma de envolvê-los com o projeto do museu.

Figura 44 – Vista aérea do rio Jauquara na região da comunidade Camarinha



Fonte: Museu Casa Borges, 2020. Foto Mário Friedlander

2.3.4 Expografia e comunicação com o público

As exposições realizadas no MuCB contam com poucos recursos, o que obriga a utilização de materiais simples e de baixo custo, reaproveitados, transformados, e boa

Na sala 1 foram dispostas as telas de Judite Malaquias, na sala 2, a maior sala, ficaram os desenhos de Viviane Dourado e bordados de Elaine Machado, na sala 3 Desenhos sobre papel de Diego Roberto, e na sala 4 telas de Cláudio Casares. Quadros maiores nas paredes, e quadros menores num biombo feito de *pallet*, no centro da sala maior. Como as paredes da casa são de terra, adobe, não permitindo a fixação de pregos ou parafusos, todas as obras são penduradas no madeiramento do telhado, com fios de *nylon*, opção proposta na primeira exposição, e que tem se repetido como solução viável, já que não agride as paredes da casa e tem baixo custo.

A proposta de Cláudio Casares de levar cavalete e telas para pintar durante as exposições foi rapidamente acolhida pelos outros artistas, que também trouxeram seus materiais de trabalho para dentro das galerias, produzindo enquanto as visitas aconteciam, o que teve impacto muito positivo para o público. As crianças e jovens que visitavam o museu, muitos pela primeira vez, tinham contato, além das obras de arte e do espaço do museu, com os artistas, quebrando a barreira entre artista e público, desmistificando a figura do artista invisível (Fig. 46). Na varanda foi organizada uma mesa com material de desenho, papeis, pincéis, tintas guache, lápis de cor, e os visitantes, na maioria estudantes das escolas do município, podiam também desenhar e pintar, transformando a exposição num atelier de pintura, e tendo seus desenhos incorporados à exposição, em um varal.

Figura 46: Judite Malaquias e Cláudio Casares pintando durante a exposição



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2018

Mais importante do que a exposição em si, para aquelas crianças o espaço do museu era um lugar de diversão, brincadeiras faziam parte da construção do saber, da

formação do público, que voltaria mais vezes, eventualmente trazendo amigos e familiares, a criança como formadora de opinião.

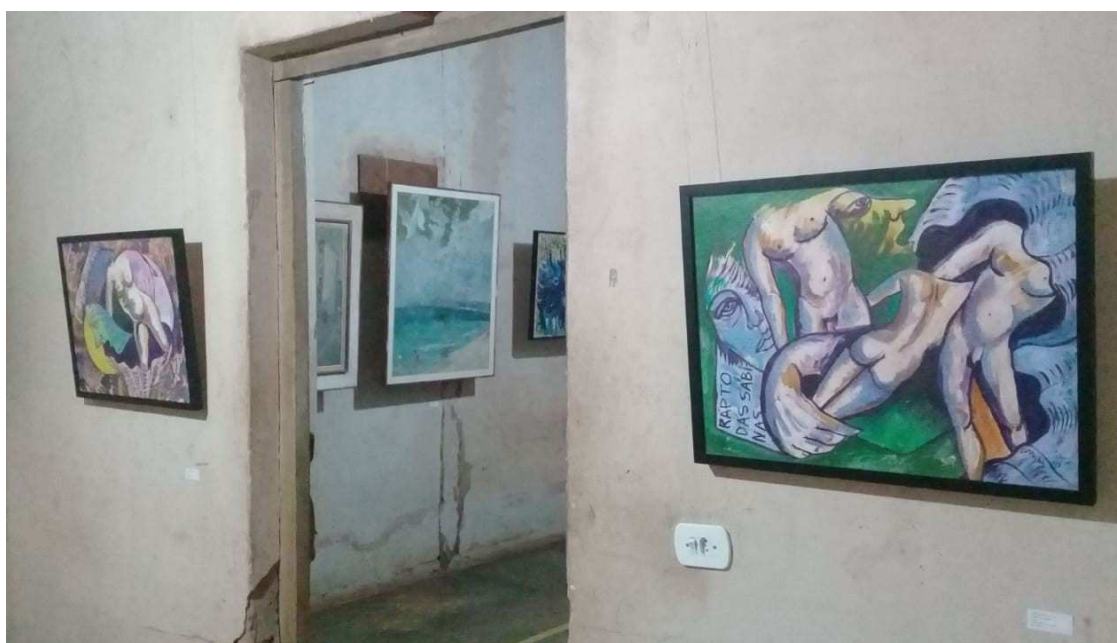
Desde o início o museu procura envolver as comunidades locais e a realização dessas exposições coletivas, com obras de artistas e artesão locais e regionais, cumpre parte desse compromisso.

2ª Mostra de Arte – O desafio de expor objetos tridimensionais em salas de pequeno formato (Maio de 2019)

O projeto da exposição se restringia à distribuição do material expositivo no espaço, esboçado sobre a planta do edifício a partir das características das obras disponibilizadas pelos artistas, que participavam com sugestões, sempre bem-vindas.

Com circuito livre, foram apresentadas obras de seis artistas ligados a Mato Grosso: João Pedro de Arruda (telas e desenhos, Fig. 47), artista plástico cuiabano, já falecido; Rosalino (esculturas e entalhes em madeira), artista e artesão de Barra do Bugres; Carlos Renato Pina (desenhos), arquiteto e artista plástico cuiabano; Francisco de Assis (xilografuras e pintura sobre papel), arquiteto e artista plástico domiciliado em Cuiabá; Gabryelle Guedes (desenhos), estudante do curso de arquitetura, tatuadora; e Lagarto (telas e desenhos), artista plástico e tatuador de Cuiabá.

Figura 47 – Quadros de João Pedro de Arruda, na 2ª Mostra de Arte do Museu Casa Borges



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2019

As telas e desenhos foram expostos junto às paredes, e as esculturas do Rosalino em uma mesa no centro de uma das salas, possibilitando serem observadas por todos os lados. Entretanto, por limitações arquitetônicas em relação à dimensão dos cômodos, os espaços de observação das obras frequentemente são sobrepostos aos espaços de circulação (Fig.48). No hall de entrada da casa foi colocado o livro de presença, sobre uma pequena mesa, e material referente à casa, tais como informações sobre os antigos moradores da casa, amostras de blocos de adobe, material usado para construção da casa, e uma ipeca, planta medicinal comercializada pelo antigo morador.

Figura 48 – Esculturas em madeira de Rosalino, em primeiro plano



Fonte: Relatórios MuCB. Imagem elaborada pelo autor, 2019

Até aquele momento a casa ainda não tinha sofrido nenhuma ação de conservação, se apresentando com várias manifestações patológicas, como deslocamento de reboco, pisos quebrados, manchas nas paredes, em contraste com as obras de arte expostas. Dar continuidade à realização dos eventos, mesmo com as paredes sujas e rabiscadas, era uma forma sutil de mostrar a importância das manifestações culturais espontâneas aos responsáveis pela manutenção dos espaços culturais da cidade.

I Feira indígena intercultural de Mato Grosso – apresentação de cultura material e imaterial de 24 povos indígenas (Julho de 2019)

A exposição da cultura (material e imaterial) de povos originários de várias regiões do estado de Mato Grosso⁵⁹, organizada como atividade prática por professores da Faculdade Indígena Intercultural – Faindi e seus alunos, ocupou todos os espaços do Museu Casa Borges, com exposição e venda de objetos no interior da casa e, na área externa, apresentações de dança, teatro, grafismo, e o fórum de mulheres indígenas em discussão sobre seus direitos (Fig. 49), realizando uma “prática museológica voltada para o social”, uma das características do “Museu Integral” apresentado por Tereza Scheiner (2012, p. 16).

Figura 49 – Atividades culturais na área externa do museu: Fórum de mulheres indígenas, danças, grafismo



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2019

⁵⁹ A exposição foi coordenada pela professora Waldinéia Antunes de Alcantara Ferreira, da Faindi, e estiveram representados os povos Apiaká, Arara, Bakairi, Bororo, Chiquitano, Cinta-Larga, Irantxe, Juruna, Kalapalo, Karajá, Kayabi, Kuikuru, Mebengôkre, Meynako, Munduruku, Myky, Nambikwara, Paresi, Rikbaktsa, Tapirapé, Terena, Umutina, Waurá, Xavante (Relatórios do MuCB).

O evento teve coordenação da professora doutora Waldinéia Antunes, docente da Faindi, a faculdade Indígena Intercultural da Unemat, que oferta cursos de formação para professores indígenas de todo estado de Mato Grosso, os quais, nos períodos letivos, se deslocam de suas cidades ou de suas aldeias para o *campus* de Barra do Bugres, proporcionando esse encontro entre povos de todas as regiões de um estado imenso, cuja extensão territorial excede os 900 mil quilômetros quadrados, com cidades distantes mais de mil quilômetros entre si. A I Feira Intercultural indígena de Mato Grosso, contou com representantes de 24 dos 42 povos indígenas do estado de Mato Grosso (IBGE, 2022; ISA, 2018).

Povo Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro – A expografia sugere um circuito cronológico (Setembro de 2019).

A exposição inicialmente chamada de “História e Cultura Balatiponé/Umutina” foi renomeada, após reunião com professores da escola indígena, como “Povo Baratiponé-Umutina: Passado, presente, futuro”. A partir desse tema foi desenvolvido todo o material da exposição, desde a produção de textos, seleção de fotografias, coleta de objetos, até a criação dos grupos de professores e estudantes da escola Julá Pará, na aldeia Umutina, que iriam participar das atividades durante os dias da exposição.

Figura 50 – Primeira sala do circuito sugerido na exposição Balatiponé-Umutina



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2019

Fundamentada na proposta dos professores, de contar a história de seu próprio povo, a história do contato, a passagem do Marechal Rondon (Passado); o modo de vida atual e suas conquistas, as atividades escolares (Presente); as novas gerações e a criação de novas aldeias (Futuro); e do material selecionado para compor a narrativa, foi definido um circuito através das salas do museu, sugerido por meio de uma linha tracejada adesivada no piso (Fig. 50). Objetos, quadros, fotografias, ilustravam os textos de cada sala, escritos pelos professores indígenas e impressos em painéis. As atividades extrapolaram o espaço interno do museu, com venda de artesanato na calçada, e atividades como apresentação de danças, pintura corporal, tiro com arco e flecha no quintal da casa.

2.3.4.1 Mobiliário expositivo

Uma das disciplinas eletivas do curso de arquitetura e urbanismo, Projeto Alternativo, cujo conteúdo busca realizar “[...] projetos de peças, objetos ou elementos arquitetônicos voltados ao aproveitamento, reciclagem, com objetivo de experimentação e criação” (Unemat, 2013, p. 66), desenvolve em seu programa exercícios práticos cuja proposta é elaborar o projeto de um objeto, utilizando materiais de aproveitamento, e executá-lo. Mobiliário para feira, cadeiras de papelão, *parklets*⁶⁰, jogos, brinquedos foram alguns dos temas propostos. No primeiro semestre de 2019 foi sugerido que se projetassem e executassem mobiliários que atendessem às necessidades de suporte para exposição de objetos bidimensionais e tridimensionais para o Museu Casa Borges.

Figura 51 – Mobiliário construído de material de reaproveitamento



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2019

⁶⁰ *Parklet* é o nome dado à proposta arquitetônica de ocupação de espaços urbanos, geralmente em áreas destinadas a vagas de estacionamento de automóveis (parqueamento) junto ao meio fio, como áreas de convivência ou lazer.

A partir de materiais de aproveitamento como madeiras de *pallets*, caixotes de feira, portas de armários descartados, papelão de caixa, tubos de papelão, entre outros, foram realizados cerca de 15 móveis, alguns desses utilizados ainda hoje.

Também foi doado ao MuCB uma estrutura geodésica de bambu, resultado de um projeto de pesquisa de uso do bambu na construção civil⁶¹. O objeto tem cerca de 2,50m de altura, peças de cerca de 2,00m, e é desmontável. Inicialmente foi utilizado como parquinho pelas crianças e na Feira Intercultural foi usado como suporte para tecidos onde os estudantes registraram grafismos de seu povo (Fig. 52).

Figura 52 – Geodésica de bambu: As crianças se apropriaram, usando a estrutura como parquinho e, posteriormente foi ressignificada como suporte para desenhos e pinturas de grafismos indígenas



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2019

2.3.5 Características prediais

A Casa Borges, por ser originalmente um edifício residencial, apresenta diversas limitações arquitetônicas, tanto em termos de espaço quanto por seu material construtivo principal, terra, que exige frequentes cuidados de conservação. Pelas dimensões exíguas dos ambientes, resultando muitas vezes em uma alta densidade de objetos expostos, nem sempre é possível projetar espaços de observação adequados às dimensões das obras e independentes das áreas de circulação. Ainda com o agravante de o público visitante, grande parte ser composto por turmas das escolas, ou

⁶¹ Foram executadas pelos bolsistas Thiago Lima e Vinicius Yuri, e outras pessoas voluntárias do projeto, duas geodésicas, entre vários outros protótipos com estrutura de bambu, desde a coleta, tratamento e execução, parte do projeto de pesquisa intitulado “A utilização do bambu na construção civil para a região centro-oeste do Brasil: análises de protótipos na cidade de Barra do Bugres-MT”, coordenado pela professora Dr^a Jane Elisa de Almeida.

seja, um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Pela diversidade de público, as crianças acabam sendo prejudicadas quanto ao campo de visão, já que a altura das obras geralmente considera a altura de uma pessoa adulta, o que pode ser revisto, adotando-se uma linha de visão intermediária, promovendo maior acessibilidade.

2.3.5.1 Iluminação natural e artificial

Quanto à iluminação natural, as duas salas frontais, sala 1 e sala 4, têm boa claridade na maior parte do dia, possuem duas janelas grandes cada, voltadas para Sul, portanto, com pouca incidência direta de luz solar, o que é positivo numa região de clima quente como Barra do Bugres. As salas 2 e 3 possuem uma janela cada, de dimensões menores do que as da fachada frontal, carentes, portanto, de iluminação natural. O projeto de iluminação das salas foi feito com base em orientações do arquiteto especializado em expografia Jeff Keese⁶², que atua, regularmente, em museus e galerias de Mato Grosso. Ao conhecer o Museu Casa Borges, e perceber sua carência de recursos e de instalações adequadas, sugeriu instalação de iluminação geral, com uso de lâmpadas tubulares led, fixadas diretamente nas peças de madeira da estrutura do telhado, com interruptor de 2 seções, o que possibilita acendimento total ou parcial das lâmpadas.

Figura 53 – Iluminação geral das galerias do Museu Casa Borges



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2022

⁶² Jefferson L. Keese possui graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo (FAU-USP, 2004), atuando profissionalmente na área de produção cultural, expografia e montagem de exposições em São Paulo e em Mato Grosso. <https://br.linkedin.com/in/jeff-keese-a7703825>

2.3.5.2 Sistema de Combate e Prevenção de Incêndio

Composto por extintores, iluminação de emergência e sinalização, o sistema de prevenção e combate a incêndios instalado no MuCB foi projetado pelo professor Cleber de Queiroz Martins, arquiteto e engenheiro de segurança, e adquirido com recursos do projeto de pesquisa Oficina Comunitária de Arquitetura (OCA), da professora Soneize Auxiliadora de Miranda, ambos da Unemat, juntamente com o material de instalação elétrica e iluminação.

2.3.6 Dois anos de isolamento: ações virtuais durante a pandemia.

No início de março de 2020 a Universidade suspendeu suas atividades em função da pandemia do coronavírus. Na ocasião o Museu Casa Borges estava com todo material pronto para uma exposição comemorativa do mês da mulher, sobre as mulheres de Barra do Bugres. Fotografias e trechos de depoimentos de 25 mulheres de várias áreas de atuação: Professoras, artesãs, pescadoras, membros das comunidades rurais indígena e quilombola, entre outras. Surgiu então a proposta de se publicar num *site* o material da exposição.

No final de março de 2020, foi criado o primeiro *site*⁶³ do Museu, onde foi publicado, a partir de 8 de abril, material referente a quatro exposições do Museu Casa Borges:

- “Mulheres”, com fotografias e trechos de entrevistas com mulheres de Barra do Bugres atuantes em diversas áreas, exposição concebida e realizada pelas mulheres da equipe do MuCB para comemoração ao mês da mulher, e que não pôde ser realizada presencialmente - publicada em 08.abr.2020;
- “Barra do Bugres: Natureza, História, Cultura”, uma seleção de fotografias de Barra do Bugres cedidas por diversos autores, profissionais e amadores - 21.jul.2020;
- “Comunidades quilombolas de Barra do Bugres: Memórias, saberes e fazeres” com fotografias, textos e entrevistas organizados a partir de artigos e dissertações publicados por professoras da escola José Mariano Bento, na comunidade Baixio, e colaboração de diversos membros das Comunidades Remanescentes Quilombolas existentes ao longo do Rio Jauquara - 22.ago.2020;
- e a exposição “Povo Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro” com o material da exposição presencial de 2019 – 26.set.2020 (Fonte: *Site* do Museu Casa Borges).

⁶³ *Site* do Museu Casa Borges: <https://museucasaborges.wordpress.com/>

Como o *site* é uma versão gratuita, e com espaço limitado, após essas exposições não foi mais possível inserir novas publicações. Foi então criado um *blog*⁶⁴ e uma página no *Instagram*⁶⁵, onde outras exposições foram publicadas.

No *blog* foi criada a exposição “Os artistas do Museu Casa Borges”, em que foram publicadas obras de oito artistas plásticos que já tinham anteriormente participado de outras exposições no Museu Casa Borges. No *blog* está hospedado também, provisoriamente, o *e-book* intitulado “Comunidades Indígenas e Remanescentes Quilombolas em Barra do Bugres/MT” organizado por membros do MuCB, com publicações de professores das escolas Julá Pará e José Mariano Bento, situadas na aldeia Balatiponé-Umutina e na comunidade Baixio, respectivamente.

No *Instagram* foram publicados trabalhos de artistas amadores nos eventos da ExpoArte, que aconteciam semestralmente desde 2016, inicialmente nas dependências da Universidade – apenas com a participação de alunos do curso de arquitetura e urbanismo – e posteriormente no Museu Casa Borges, abertas a manifestação de pessoas de toda a cidade.

Em 2023 foi iniciada a construção de um novo *site*, este a ser hospedado no domínio *unemat.br* com capacidade bastante ampliada.

2.3.7 Obras de conservação da casa

Quando foram iniciadas as atividades culturais, em 2018, a Casa Borges tinha ficado alguns anos abandonada, exposta a múltiplos fatores de degradação e, sem manutenção, apresentando diversas manifestações patológicas, como telhas quebradas ou deslocadas, quebra e afundamento de piso, trincas, deslocamento de reboco deixando à mostra os blocos de adobe, entre outras. Como não havia possibilidade de serem feitas as obras de restauro necessárias naquela ocasião, foram feitas apenas a substituição de telhas quebradas e instalação provisória de pontos de luz, além de lavagem das paredes e limpeza geral. Naquele momento, se decidiu dar início às atividades da instituição, mesmo com as obras por fazer, com intuito de atrair o público e apresentar resultados à Secretaria de Cultura e à Unemat. As paredes mostravam suas entranhas, e isso também foi incorporado como parte do aprendizado, em um canto da sala maior, algumas peças de adobe e um cartaz que especificava o

⁶⁴ *Blog* do Museu Casa Borges: <https://museucasaborges.blogspot.com/>

⁶⁵ *Instagram* do Museu Casa Borges: <https://www.instagram.com/museucasaborges/>

sistema construtivo da casa, descrevendo resumidamente a técnica de moldagem dos blocos e chamando atenção para as paredes de terra da casa⁶⁶.

O museu funcionou assim por um ano e meio de grande fertilidade, desde sua criação até final de 2019. Em seguida, a casa permaneceu vazia e sem uso durante os dois anos da pandemia, o que contribuiu para o agravamento de suas condições de desempenho⁶⁷, devido a degradação natural dos materiais, aliada à falta de manutenção.

As obras de reforma foram realizadas durante três meses, no primeiro semestre de 2022, executadas pela Secretaria de Obras do município. Embora a equipe não tivesse experiência em projetos de restauração, as obras foram realizadas sob acompanhamento e orientação da professora Mayara Sismer, arquiteta e, à época, coordenadora do Museu Casa Borges, de forma que os procedimentos causassem o menor Impacto possível, especialmente nos elementos originais da casa, como as paredes, pisos de ladrilho hidráulico, molduras e folhas de portas e janelas, seguindo, sempre que possível, as orientações sugeridas no documento “Diretrizes para Restauração” (em anexo), elaborado em 2018, pela equipe do projeto de extensão “Museu de Barra do Bugres – Restauração e Reabilitação da Casa Herculano Borges”, ainda no início da ocupação da casa.

Quanto à aparência externa, a pintura das paredes foi mantida na cor branca, e as folhas de portas e janelas na cor azul, a segunda mais antiga das camadas de tinta encontradas em prospecção: marrom, azul, creme, cinza e o branco na camada mais recente (Fig. 54).

Além das obras da edificação propriamente dita, foram recuperadas as calçadas do em torno, assim como a construção de valetas para captação de águas pluviais, protegendo, assim, as paredes das infiltrações.

Toda a instalação hidráulica e sanitária do banheiro foi refeita, bem como substituição de revestimentos, louças e metais, já que o banheiro se encontrava em condições inadequadas de uso, não mantendo as características originais da época de sua construção.

⁶⁶ Dizeres do painel explicativo sobre o adobe: “ADOBE é um tijolo feito de terra prensada em uma fôrma de madeira, e que não necessita de queima. Sua secagem ocorre naturalmente, ao ar livre, em um espaço sombreado e protegido da chuva. As paredes da Casa Borges são feitas de tijolos de adobe, e sua fundação em pedra canga” (arquivos do MuCB, 2019).

⁶⁷ A NBR 15575-1 - Edifícios habitacionais de até cinco pavimentos – Desempenho (ABNT, 2010), define o termo “desempenho” como “comportamento em uso de um edifício e de seus sistemas”. Segundo Ornstein e Romero (1992, p.15) desempenho é “uma propriedade que caracteriza quantitativamente o comportamento de um produto em uso”.

Figura 54: Prospecção das camadas de tinta na folha das janelas



Fonte: Relatório fotográfico MuCB, 2022

Com o uso atual mais frequente do museu, é esperado que as ações de conservação e manutenção preventiva sejam executadas rotineiramente de modo a prolongar sua vida útil.

2.3.8 Reabertura do museu em 2022

Em 15 de junho de 2022, o museu foi reinaugurado após as intervenções de conservação, abrindo suas portas novamente ao público, com a exposição “Permanências Urbanas”⁶⁸, que conta, através de textos e fotografias de elementos urbanos, um pouco da história da evolução urbana de Barra do Bugres. A curadoria da exposição, bem como a pesquisa histórica e iconográfica foi coordenada pela professora Gisele Carignani, historiadora e arquiteta e urbanista. A exposição é composta por 24 painéis adesivados sobre PVC, contando parte da história da cidade por meio dos lugares, edificações, monumentos, dividida em duas etapas: O Rio, que versa sobre a área ocupada até início da década de 1960, às margens do rio Paraguai; e Expansão, que descreve elementos relativos à expansão urbana a partir da segunda metade do século XX. Com concepção expográfica modulada e flexível para permitir itinerância, pode ser montada com número variável de painéis, em função do espaço disponível ou da história que se deseja contar.

⁶⁸ Parte do material expositivo está disponível no Catálogo da exposição Permanências Urbanas: [file:///D:/User/Downloads/CATALOGO%20COMPLETO%20\(5\).pdf](file:///D:/User/Downloads/CATALOGO%20COMPLETO%20(5).pdf) e no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=IhHsYNEX5DM>

No período de 26 de julho a 29 de setembro de 2022 foi realizada uma exposição de artefatos indígenas do acervo da Faindi/Unemat, e uma das salas do museu foi destinada a uma exposição de cerâmicas dos Balatiponé-Umutina, espaço solicitado por membros da própria comunidade, demonstrando a confiança e valorização daquele espaço museológico como canal de protagonismo dos povos indígenas de Mato Grosso.

Figura 55 – Exposição de artefatos indígenas do acervo da Faindi / Unemat



Fonte: Museu Casa Borges

No início de 2023 o Museu Casa Borges recebeu da Faculdade Indígena Intercultural – Faindi/Unemat a doação de cerca de 150 peças etnográficas da coleção de artefatos oriundos de diversos povos originários de Mato Grosso, coletados ao longo dos 22 anos de atuação dos cursos de formação de professores indígenas no *campus* da Unemat em Barra do Bugres. A coleção está em processo de catalogação. Uma das propostas do MuCB é a realização de inventário participativo dessas peças, em que alunos dos cursos de graduação e de mestrado da Faindi possam colaborar na catalogação desse acervo, identificando, entre as peças de suas respectivas etnias, os materiais, a função, significados, o nome dos objetos, num importante trabalho de cooperação.

2.4 “Nada sobre nós sem nós⁶⁹” – Resultados do questionário

Com intuito de buscar diálogo com as comunidades, respondendo a questões sobre o interesse e envolvimento com o Museu Casa Borges, ou sobre meios de integrar as comunidades ao processo de desenvolvimento do museu, foi elaborado um questionário, enviado para pessoas e grupos ligados a educação, cultura e turismo, e a todas as escolas do município de Barra do Bugres, para ser aplicado, principalmente, a seu corpo docente e estudantes.

O questionário foi elaborado em uma ferramenta *online*, que tem um alcance muito maior do que o número original de envios, já que pode ser reenviado pelas pessoas que o recebem inicialmente. Entretanto, o número de questionários respondidos foi muito aquém do esperado, cerca de 2% do universo provável.

Segundo o método da “Observação direta extensiva”, utilizando perguntas impressas, a média de devolução dos questionários respondidos alcança cerca de 25% do número de questionários expedidos (Lakatos, 2010, p.184). Quanto a questionários enviados por *e-mail*, a taxa de resposta foi de 8,2%, enquanto a de questionários de papel pode chegar a 30%, em pesquisa citada por Vasconcelos e Guedes (2017), que compara as respostas dessas duas formas de envio.

Ainda assim, os dados recebidos foram computados, e podem oferecer uma visão, ainda que incompleta, de como a população de Barra do Bugres vê o Museu Casa Borges.

O questionário busca respostas para questões referentes ao nível de conhecimento e aproximação com o MuCB, ao patrimônio cultural de Barra do Bugres, e dados pessoais como faixa etária, ocupação e o nome da escola, caso seja estudante ou professor/a. O nome da escola permite identificar a região onde a pessoa reside, se na área rural ou urbana; e a ocupação indica se a pessoa é estudante, o público majoritário do museu, ou docente.

Optou-se por não exigir identificação dos respondentes e, também, não foi formulada nenhuma pergunta “obrigatória”, deixando os participantes livres para responder ou não às questões, o que causou uma variação considerável entre o número de respostas a cada questão. O questionário é composto por 15 questões sendo oito (8)

⁶⁹ A frase “Nothing about us without us”, traduzida como “Nada sobre nós sem nós” e utilizada aqui com relação às atividades desenvolvidas pelo MuCB junto às comunidades de Barra do Bugres, é usada “há mais de vinte anos” como lema da luta de pessoas com deficiência por seus direitos. O pesquisador brasileiro na área de inclusão da pessoa com deficiência Romeu Kazumi Sassaki cita a Declaração de Tenerife, aprovada em 2003, que diz que “[...] nós temos o direito e a responsabilidade de falar por nós mesmos” (Sassaki, 2007).

perguntas abertas, três (3) perguntas fechadas e quatro (4) perguntas de múltipla escolha.

Uma primeira versão do questionário foi elaborada e enviada, como pré-teste, para quatro pessoas ligadas ao MuCB e à orientadora desta pesquisa, professora Helena Uzeda, que sugeriram alterações no conteúdo e no formato das questões.

Após as adequações, o questionário foi enviado, por *WhatsApp*, para 42 pessoas e sete grupos relacionados a cultura, educação e turismo de Barra do Bugres, atingindo aproximadamente 195 pessoas. Algumas dessas pessoas podem, eventualmente, participar de mais de um grupo.

Em seguida foi enviado, por *email*, ao setor de Comunicação da Unemat, sendo encaminhado para listas de transmissão dos alunos do *campus* de Barra do Bugres, resultando em 2.079 *emails* entregues.

Por fim, foi encaminhado para 24 escolas que atendem a turmas de nível fundamental, médio, educação de jovens e adultos (EJA) e educação especial (foram excluídas as creches e escolas de educação infantil) de uma lista fornecida pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura contendo *email* e *WhatsApp* da diretoria e coordenadoria pedagógica de todas as escolas, municipais, estaduais e particulares do município. O texto de apresentação solicitava que o questionário fosse enviado aos professores para que esses aplicassem-no em suas turmas, o que teria um potencial alcance de 363 professores e 5.695 alunos matriculados, em dados de 2023 (QEdu, 2023). Possível público respondente: $195 + 2.079 + 363 + 5.695 = 8.332$ pessoas.

A mensagem de apresentação do questionário enviada às professoras e professores teve o seguinte texto, com eventuais alterações a depender do destinatário:

Bom dia, professoras, professores...
João Mário aqui, sou professor no curso de arquitetura da Unemat *campus* Barra do Bugres.
Este questionário, sobre o Museu Casa Borges, em Barra do Bugres, faz parte da minha pesquisa de doutorado em Museologia e Patrimônio.
Você poderia responde-lo, e também encaminhar para seus alunos e outros professores responderem?
Obrigado.

O *link* ou *QRcode* do questionário seguia com o seguinte texto:

Bom dia, boa tarde.
Este é um questionário sobre o Museu Casa Borges, em Barra do Bugres. Você poderia responder?
São apenas 15 questões e não é necessário se identificar.

No dia 29 de outubro, um mês após o primeiro envio, tendo o número de respostas estacionado em 120 por cerca de uma semana, o questionário foi reenviado para todos os professores e coordenadores das escolas de Barra do Bugres, com um texto mais pessoal, ressaltando a importância das ideias e sugestões dos jovens e das jovens para o desenvolvimento do museu. Isso refletiu em mais 41 respostas nos dois dias subsequentes ao reenvio, atingindo a marca de 161 respostas.

O questionário ficou disponível durante quarenta dias (de 27 de setembro a 5 de novembro de 2024) e teve 161 respostas, equivalente a 2% do universo de cerca de 8.000 possíveis respondentes. Dessas, foram descartadas duas respostas⁷⁰, sendo computadas 159 respostas válidas, que serão consideradas na apreciação a seguir.

2.4.1 Análise dos dados coletados

Em seguida será apresentado um resumo comentado dos resultados, em blocos. Por não ter perguntas obrigatórias, nem todas as pessoas responderam a todas as questões, portanto as porcentagens se referem ao número de pessoas que responderam a cada questão.

Quem conhece o museu? (Questões 1 e 2)

Questão 1: Você já ouviu falar do Museu Casa Borges?

Questão 2: Como você ficou sabendo sobre este museu?

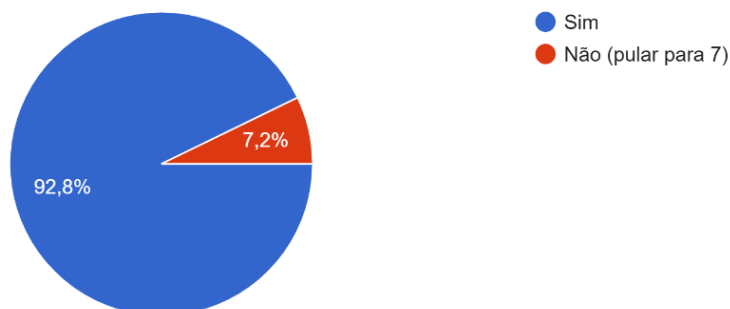
Das 159 pessoas que responderam ao questionário, somente 153 responderam à primeira questão. Dessas, apenas onze (7,2%) nunca tinham ouvido falar do MuCB. Das 11 pessoas que nunca haviam ouvido falar do Museu Casa Borges, todas professoras ou estudantes, apenas três delas eram de escolas fora da área urbana de Barra do Bugres. Sete dessas pessoas (seis estudantes e um professor) são vinculadas às escolas na cidade de Barra do Bugres. São estudantes na faixa de 12 a 19 anos, o que pode sugerir que eram muito novos antes da pandemia, quando o museu ainda recebia um número considerável de visitas das escolas.

⁷⁰ Das duas respostas descartadas, uma em que só a primeira questão foi respondida, deixando todo o resto em branco; a outra que escreveu o próprio nome em quase todas as respostas.

Figura 56 – Gráfico da proporção de pessoas que nunca tinham ouvido falar do MuCB em relação ao número de respostas a essa questão

1) Você já ouviu falar sobre o Museu Casa Borges?

153 respostas



Fonte: dados do *GoogleForms*, 2024

Em agosto de 2022 os professores da rede estadual de ensino de Mato Grosso foram orientados, por uma circular, sobre algumas restrições às aulas de campo fora do ambiente escolar, que deverão ser previstas no planejamento anual e devem ser submetidas a aprovação pela Diretoria Regional de Educação, o que pode levar até 180 dias, o que causou uma redução significativa das visitas das escolas estaduais ao museu. Essa decisão ocorreu devido a um acidente fatal envolvendo um aluno durante aula de campo de uma escola de Várzea Grande, MT (SEDUC, 2022a).

Ainda que 142 pessoas tenham respondido que já sabiam da existência do MuCB na primeira questão, houve 147 respostas sobre como tinham ficado sabendo do museu. Para a maioria dessas 147 pessoas (98 pessoas, ou 66,6%), a forma de divulgação mais eficiente foi por meio da escola ou universidade, seguida por informação de amigos, parentes e colegas de trabalho (39 pessoas, ou 26,5%). Apenas 15 pessoas (10,2%) souberam do museu pelas redes sociais. Essas foram, na maioria, pessoas jovens ou adultas, ligadas a escolas, moradoras da área urbana. Dessas 15 pessoas que responderam ter tido notícias sobre a existência do Museu Casa Borges através das redes sociais, 14 delas (93,3%) são estudantes ou professores, em igual proporção, sendo 12 dessas vinculadas a escolas na área urbana de Barra do Bugres; quatro são da Unemat e oito são de escolas públicas. A variada faixa etária e a baixa proporção de pessoas que tiveram essa informação por meio das redes sociais pode indicar que há, realmente, pouca divulgação por esses instrumentos de comunicação.

Talvez as redes sociais não estejam chegando a seu público. Uma das sugestões/críticas recorrentes no questionário, presente em catorze das respostas, é da

falta de divulgação do museu, nas redes sociais ou outros meios (mais divulgação; melhorar a divulgação; ser mais ativo nas redes sociais; que seja mais visto).

Sobre a visitação ao MuCB (Questões 3 e 4)

Questão 3: Você já visitou o Museu Casa Borges?

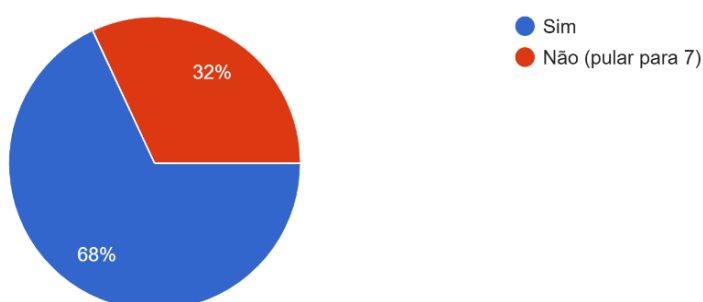
Questão 4: Quantas vezes você já visitou o Museu Casa Borges?

Das 147 pessoas que responderam a essa questão, somente cem delas (68%) já visitaram o museu.

Figura 57 – Gráfico da proporção de pessoas que já visitaram/nunca visitaram o MuCB em relação ao número de respostas a essa questão

3) Você já visitou o Museu Casa Borges?

147 respostas



Fonte: dados do *GoogleForms*, 2024

Das pessoas que informaram nunca ter visitado o museu, 16 delas (34%) estão em idade escolar (12 a 19 anos). Dessas pessoas que nunca foram ao Museu Casa Borges, 78,7% são estudantes ou professores, portanto vinculados a alguma instituição de ensino. E um dado importante, 25% das que responderam nunca ter estado no museu são estudantes ou professores da própria Unemat.

Sobre a quantidade de vezes que já visitou o museu, das 111 respostas, um terço (33,3%) visitou o museu apenas uma vez, e 28% visitou o museu mais de três vezes.

Sobre as atividades do museu (Questões 5, 6 e 7)

Questão 5: O que você achou mais interessante no MuCB?

Questão 6: Cite alguma informação nova que você obteve em suas visitas ao MuCB:

Questão 7: Que atividades você gostaria que o museu da cidade realizasse?

Das atividades consideradas mais interessantes do museu, as mais citadas estavam relacionadas ao acervo e às exposições, cada uma com 22 menções. Houve 19 referências ao próprio edifício, e 17 ao modo como a casa está sendo utilizada, como nos exemplos destacados:

Ao acervo: “As fotografias antigas”

“O artesanato indígena”

“As pequenas esculturas dos índios e dos animais”

“As pinturas e imagens, quadros”

Às exposições: “Exposições com a comunidade”

“As exposições dos artistas e povos locais”

“Encontrar sobre minha cultura Quilombola”

“A Exposição sobre nosso povo é linda”

“A participação do povo BALATIPONÉ neste museu”

“A história dos poaieiros”

Ao edifício: “O imóvel em si. A forma que foi construído e sua divisão interna”

“A arquitetura antiga e espessura das paredes”

“O edifício, o quintal e eventos”

“O espaço”

Ao uso da casa: “Como ele está sendo usado”

“Proposta museológica no interior do Estado

“O espaço disponibilizado para a divulgação dos artistas locais”

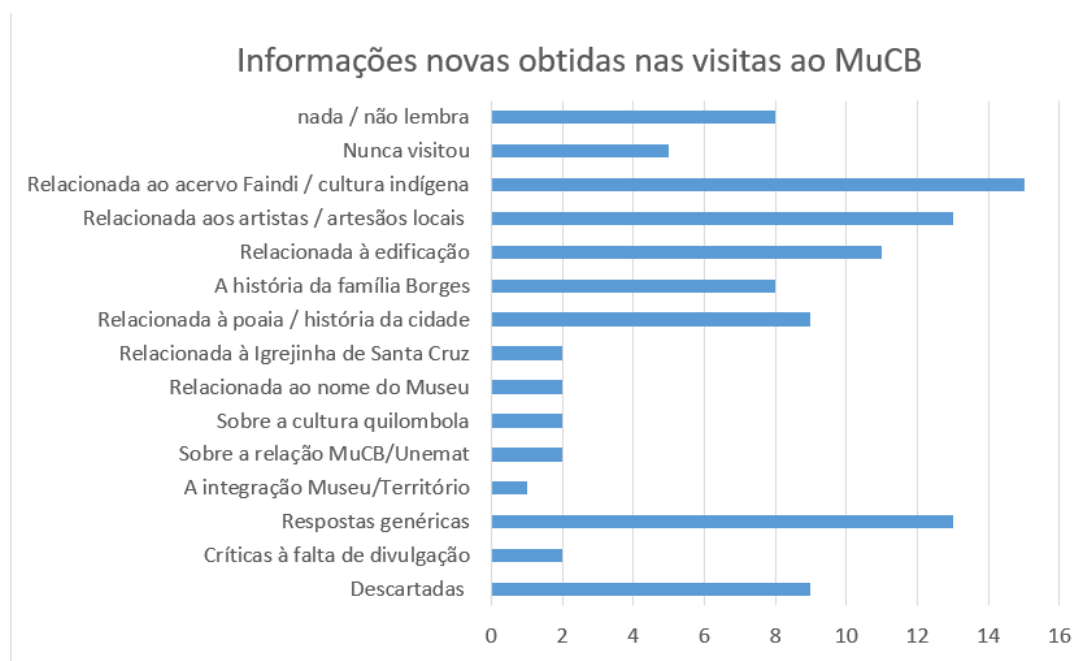
“A preservação da identidade histórica da casa”

Ainda houve referências isoladas sobre alguma atividade (“as flechas que atiramos”), sobre a recepção aos visitantes; e críticas – “não tem muita coisa interessante não” ou “poderia ser mais organizado”.

Quanto a informações novas obtidas nas visitas ao museu, grande parte das respostas apontam mais de um item. As mais citadas foram relacionadas ao acervo da Faindi ou à cultura indígena (15 menções), aos artistas e artesãos locais (13), ou relacionada à própria edificação (história da edificação; sistema construtivo; restauração). Também foram citadas a história da família Borges, a poaia e a história da cidade, entre outros. Treze pessoas deram respostas genéricas como “as histórias”, “narrativas”, “experiência valiosa”, “cultura local”, “recordações antigas”, “atividades educativas”, etc.

Duas das respostas se referem ao nome do museu e sua relação com o nome da escola Herculano Borges: “O nome do museu é o mesmo nome da escola onde trabalho, Herculano Borges” e “A escola onde trabalho leva o nome do morador da casa Borges Herculano Borges”.

Figura 58 – Gráfico referente a informações novas obtidas em visitas ao MuCB



Fonte: dados do GoogleForms, editados pelo autor, 2024

As sugestões para atividades a serem realizadas do museu da cidade são bastante diversificadas. A realização de exposições foi citada 49 vezes, entre exposições, em geral (cultura, artesanato), exposições sobre a história de Barra do Bugres, exposições do patrimônio indígena, exposições sobre a cultura quilombola, e por treze vezes foram sugeridas exposições itinerantes, nas praças e escolas, ou atividades ao ar livre, fora do espaço do museu.

Também são propostas atividades culturais, apresentações artísticas em geral, e algumas específicas, como atividades infantis, oficinas, cursos, palestras, teatro, entre outras. Foram sugeridas treze vezes a volta às visitas das escolas ao museu. Houve também sugestões como “Trabalhos de TCC para a cidade de BBg e para o estado”, possivelmente sobre a realização de exposição e divulgação de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) com propostas (urbanísticas? arquitetônicas?) para a cidade e o estado; e outras, mais arrojadas, como “Promover a revitalização da lagoa”, referindo-se ao descaso do poder municipal com a manutenção dos espaços de lazer e esportes entorno da lagoa no bairro Maracanã.

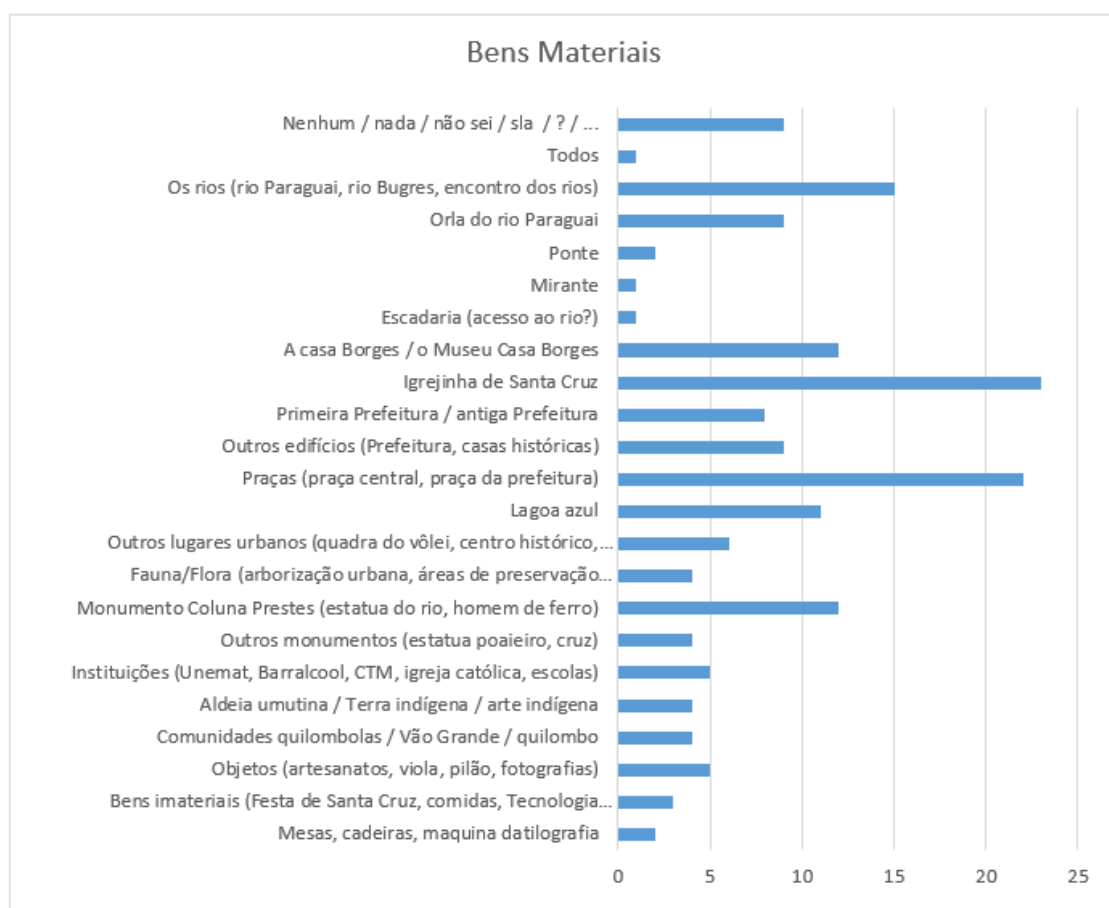
Sobre o patrimônio cultural de Barra do Bugres (Questões 8 e 9)

Questão 8: Cite alguns bens materiais (edifícios, lugares, objetos, etc) que você ache importante, para você ou para as comunidades de Barra do Bugres:

Questão 9: Cite alguns bens imateriais (festividades, técnicas, expressões artísticas, artesanatos, etc.) que você ache importante, para você ou para as comunidades de Barra do Bugres:

Quanto aos bens materiais de Barra do Bugres, há 28 referências aos rios Paraguai e Bugres, seja os citando nominalmente, seja se referindo à orla do rio Paraguai, ao encontro dos rios, à ponte, ao mirante. Há respostas que citam mais de um item.

Figura 59 – Gráfico referente ao número de citações sobre bens materiais de Barra do Bugres



Fonte: dados do *GoogleForms* editados pelo autor, 2024

O patrimônio edificado é citado em 52 respostas, sendo a Igreja de Santa Cruz a mais lembrada, com 23 referências. Os espaços urbanos, como praças, ruas, lugares, são citados em 39 das respostas. Monumentos e estátuas em geral tiveram 16 citações,

sendo o “Homem de Ferro”, monumento alusivo a passagem da Coluna Prestes pela cidade, a mais lembrada, com 12 menções. Também são citados, em menor número, as comunidades quilombolas; a aldeia Umutina; instituições como Unemat, Barralcool e o Centro de Tradições Mato-grossenses; além de instrumentos musicais, fotografias, e objetos diversos.

Grande parte desses bens citados já fizeram ou fazem parte do conteúdo de exposições e outras atividades desenvolvidas pelo Museu Casa Borges.

Em relação ao patrimônio imaterial, as festas, danças, artesanato, são os mais lembrados. As festividades são citadas em 44 das respostas, em especial o Festival de Pesca⁷¹, festival de pesca embarcada, realizado anualmente no rio Paraguai, na semana de aniversário da cidade, que obteve 22 referências, e as Festas de Santo, comemorações religiosas, citadas 14 vezes. Os artesanatos são citados 25 vezes, com destaque à produção da cultura indígena com 18 referências. As danças são referenciadas em 21 respostas (dança típica, regional, dança tradicional indígena), especialmente as danças tradicionais de Mato Grosso: o Siriri, o Cururu, o Rasqueado, sendo estas citadas nominalmente em 15 respostas.

Figura 60 – Largada do Festival de Pesca de 2017, vista da ponte



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2017

⁷¹ O Festival de Pesca de Barra do Bugres, em sua 28ª edição em 2024, ano da comemoração dos 80 anos de emancipação política do município, é realizado desde 1995, somente interrompido durante os dois anos da pandemia. É uma competição de pesca esportiva embarcada, geralmente com limitação de cem equipes embarcadas, além do Festival de Pesca Mirim, feira, e shows musicais, atraindo centenas de visitantes, e pescadores de todo o estado e de outras regiões. Disponível em: <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Secretarias/Desenvolvimento-economico-meio-ambiente-e-turismo/Noticias/1/3/>

Outros itens relevantes que foram citados, em menor número, como a viola de cocho (citada 7 vezes), a culinária (4 vezes), os saberes de forma geral, citados três vezes: “Casa de terra”; “Sistema construtivo”; “Agricultura Familiar), além de alguns lugares como a Lagoa Azul, igreja e praça, citados também três vezes. A Expoagro, exposição de produtos e negócios ligados ao agronegócio, realizada pelo Sindicato Rural de Barra do Bugres, foi citada três vezes.

Outras Expressões artísticas, como o teatro, cinema, exposições, circo, música, e outros foram lembrados em 15 das respostas.

Sobre visitas a outros museus (Questões 10 e 11)

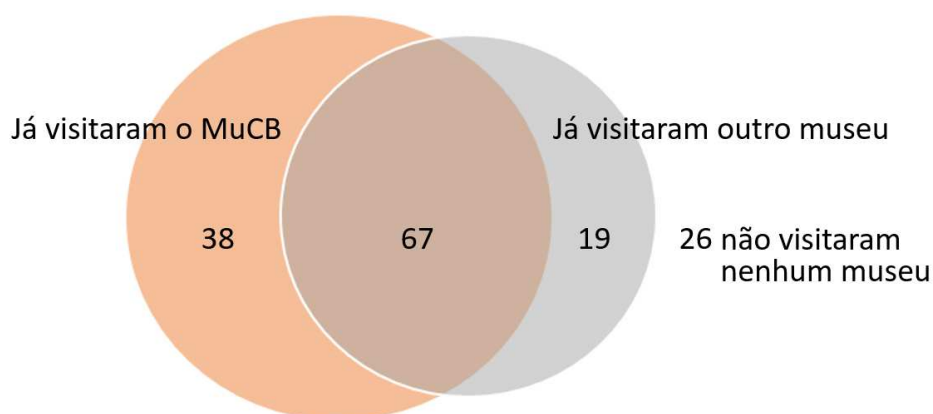
Questão 10: Você já visitou algum outro museu?

Questão 11: O que lembra de mais interessante nesse museu ou museus?

O diagrama a seguir procura mostrar graficamente as proporções de respostas sobre visitação a museus. No entanto, as somas das respostas podem apresentar pequena discrepância, já que o número de respostas à questão sobre visitação ao MuCB (147 respostas) e a outros museus (151 respostas) foram diferentes.

Há 38 pessoas que não visitaram outro museu além do Museu Casa Borges. Sessenta e sete respostas afirmam ter visitado algum outro museu além do MuCB. E vinte e seis não visitaram nenhum museu.

Figura 61 – Diagrama mostrando a proporção de respostas sobre visitação a museus, em números aproximados



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do GoogleForms, 2024

Sobre as referências mais interessantes lembradas nas visitas a outros museus, são citados itens referentes ao acervo em 68 das respostas, sendo 25 itens de acervos históricos e 16 de acervos artísticos. Também são citados itens do acervo arqueológico, indígena, bibliográfico (exposição sobre Santos Dumont), e outros que se referem ao “acervo” de modo geral.

Sete respostas citam a expografia (“Os relatos e imagens”; “Como as histórias são contadas”; “O modo como a exposição é montada”; “[...] explorando a visão e o tato”; “[...] gerando curiosidade”; “[...] disposição das artes, iluminação”). Perceber a expografia é, a meu ver, sinal de sensibilidade, demonstrada por essas pessoas.

São mencionadas também a qualidade do espaço (amplitude; área de permanência; tamanho dos espaços), e questões relativas à interação social que ocorre nos museus (“interatividade com os visitantes”; “inclusão social”; “vivência com outras pessoas”; “atividades infantis”). Quatro pessoas responderam que não se interessaram por nada (“nada”; “não sei”).

Caracterização do público respondente (Questões 12/13/14)

Questão 12: Qual a sua idade?

Questão 13: Qual a sua ocupação?

Questão 14: Se é estudante ou professor(a), qual o nome da sua escola (ou outra instituição educacional)?

As faixas etárias para essa questão foram definidas com base nos critérios do Estatuto da Criança e do Adolescente (criança até 11 anos, adolescente 12 a 18 anos), e IBGE (jovem até 19 anos, adulto 20 a 59, idosos 60 anos e acima).

O questionário foi respondido por 72 estudantes e 61 docentes, público para o qual o questionário foi direcionado com maior ênfase, e 19 com outras ocupações.

A maior participação nas respostas ao questionário foi de pessoas ligadas às escolas estaduais (47,6% das respostas à questão 14), seguidas de estudantes e professores/as da Unemat (37,5%).

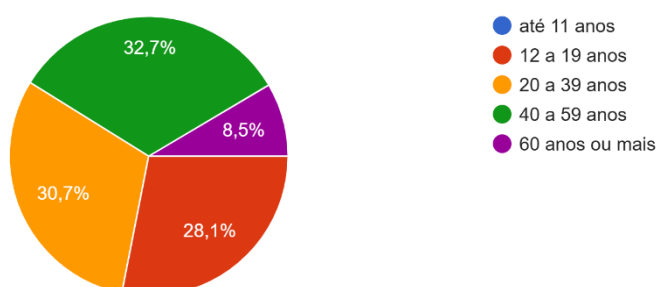
Foram 105 respostas de pessoas relacionadas a escolas da área urbana de Barra do Bugres (82,0%) e apenas 16 das escolas das áreas rurais ou distritos do município (12,5%).

A faixa etária dos respondentes foi bem equilibrada entre adolescentes adultos jovens e adultos, com cerca de 30% de participação em cada faixa, e 8,5% de pessoas idosas.

Figura 62 – Gráfico da faixa etária dos respondentes

12) Qual a sua idade?

153 respostas

Fonte: dados do *GoogleForms*, 2024Recados ao MuCB (Questão 15)Questão 15: Deixe algum recado para o Museu Casa Borges:

Dos 159 respondentes, apenas 107 enviaram recados ao MuCB. As mensagens enviadas, em sua maioria são elogiosas, com expressões genéricas como “parabéns”, “boa sorte”; mas também específicos, como “Obrigado pelo espaço”, “Ambiente acolhedor”, “Muito aprendizado”, em 29 mensagens.

Vinte das mensagens colocadas nos formulários enviavam desejos de continuidade (“Mantenha viva a história”; “Sucesso ao projeto”; “Vida longa”; “Continue o belíssimo projeto”; “Que venham mais eventos”), dezoito expressam desejo de conhecer ou voltar ao museu, doze mensagens externam desejos de desenvolvimento ao museu (“Que aumente o número de pessoas interessadas”; “[...] que cresça a rede de parcerias [...]”; “[...] apoio do poder público”; “Que seja referência no estado”), e duas pessoas apenas agradecem por poder contribuir na pesquisa respondendo ao questionário. Em nove das mensagens são feitas sugestões ou críticas: “Transformar a exposição da história de Barra do Bugres em exposição digital”; “usar áreas externas”; “Ser mais ativo nas redes sociais”; mais exposições; abrir mais horas do dia; ter mais organização.

E, finalmente, cinco mensagens que foram descartadas por serem ininteligíveis.

2.4.2 Sobre as respostas e as não-respostas ao questionário

O baixo número de respostas pode comprometer a avaliação dos resultados, mas ainda assim pode trazer uma outra percepção sobre as condições das escolas e das comunidades, a forma de consumir cultura, de ocupação do museu, espaço novo na cidade, que ainda está tentando mostrar sua razão de existir e dedicando-se à formação de público.

Em artigo que discute as vantagens e limitações da utilização de questionário eletrônico através da internet, em comparação a questionários impressos enviados por correio, entregues em mãos, ou por outro meio, são destacadas algumas das limitações do primeiro, como a necessidade de acesso à internet, o baixo controle da amostra, e o baixo índice de resposta, menor que todos os outros métodos de aplicação de questionário (Vasconcellos; Guedes, 2017, p.10).

Um outro problema apontado em relação a questionários eletrônicos é a possibilidade de “autosseleção”, em que as pessoas que não têm interesse no tema não respondem, ou que o maior número de respondentes seja de pessoas interessadas no assunto abordado, o que, segundo o autor, pode comprometer a pesquisa (Carlomagno, 2018, p.44).

Vendo por esse prisma, a baixa proporção de respostas, especialmente das escolas das áreas rurais, pode ter várias causas, entre elas a dificuldade de acesso à rede pode ser uma das respostas. Nas comunidades do Vão Grande, somente na escola é possível acessar a *internet* e computadores, e nem todos estudantes tem acesso a equipamentos tecnológicos pessoais. Importante considerar também a questão do tempo, e também a possibilidade de não recebimento. Os questionários foram enviados para as equipes de gestão para serem encaminhadas aos professores e professoras, que nem sempre teriam disponibilidade para fazer a divulgação e aplicação junto a sua turma por questões como sobrecarga de atividades. A questão geográfica também deve ser considerada, pois mesmo a escolas das comunidades Balatiponé e dos quilombos do Vão Grande – que já tiveram participação ativa, organizando e ocupando os espaços do MuCB – demonstram pouco envolvimento. Estando localizadas a 15Km e a 80Km, respectivamente, da sede do município, demandam de planejamento e transporte para que as visitas ocorram, dificilmente acontecendo por iniciativa própria.

Mas, o que me parece mais provável é o que o professor (Carlomagno, 2018) chama de “autosseleção”, quando somente se houver interesse pelo tema a pessoa vai se dispor a abrir o questionário e responder.

O Museu Casa Borges sabia dessa sua responsabilidade de exercitar a prática de visita ao museu, desde a primeira de suas atividades, em que foram as escolas convidadas a visitar, a participar, a se envolver com o museu. Nos primeiros eventos, o convite era feito pessoalmente a professoras e professores, que ministravam disciplinas como língua portuguesa, história, artes, num trabalho quase de convencimento, que inicialmente teve boa aceitação, por interesse dessas pessoas, aliado à disponibilidade de transporte escolar, pois mesmo dentro da área urbana, apenas duas ou três escolas estão localizadas a distâncias que permitam o acesso a pé até o museu.

Sobre outras dez escolas rurais, localizadas nos distritos, como a E.E. 7 de Setembro, no Assari (21Km.) e E.M. Raimunda Arnalda, em Nova Fernandópolis (55Km.), ou em áreas rurais, como a E.M. São Benedito, no assentamento Cabaças (65Km.), ou a E.E. Paulo Freire, no assentamento Antônio Conselheiro (70Km.), não há registro de que tenham visitado o museu (Ouvdoria, 2024). Compete ao próprio MuCB viabilizar o envolvimento dessas comunidades, através do contato com as escolas. Com algumas dessas, a comunicação realizada para o envio do questionário foi um primeiro contato, que evidenciou a dificuldade de deslocamento para que haja alguma interlocução entre escola e museu.

As comunidades quilombolas do Vão Grande ainda contam com uma preocupação a mais: O processo de municipalização da escola, passando para o município a responsabilidade das turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano, previsto pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso a ser implantada em todas os municípios até 2027⁷² (SEDUC, 2022b; MidiaNews, 2024).

Já a escola Julá Paré, da Terra Umutina, vive um processo de consolidação e divulgação de sua cultura, luta de muitos anos, buscando o desenvolvimento local por meio de ações de etnoturismo e ecoturismo. Iniciada desde 2012, com as “caminhadas na natureza”, que reuniam grupos de caminhada no território, ação descontinuada, impulsionada pela Secretaria Municipal de Turismo, e que, recentemente, começa a ter resultados, com a estruturação de um Plano de Visitação, e implementação do projeto de Etnoturismo Balatiponé⁷³, reunindo grupos de visitação a seis (6) comunidades. A prioridade são as ações dentro do território, o que possivelmente explique a baixa adesão à pesquisa sobre o MuCB. Travam uma luta diária pela sobrevivência com dignidade, pela manutenção de seus costumes, por sua liberdade. As marcas da

⁷² A municipalização de escolas estaduais em vários municípios de Mato Grosso é ação considerada inconstitucional, que vem sendo alvo de luta do Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso, desde 2020 (SINTEP-MT, 2023; SINTEP-MT, 2024a; SINTEP-MT, 2024b).

⁷³ Etnoturismo Balatiponé: Projeto de Ecoturismo e Etnoturismo na Terra Indígena Umutina-Balatiponé. <https://balatipone.com.br/>

violência pela qual passaram ainda são muito recentes (Balatiponé, 2023; Barra do Bugres, 2024).

As professoras ou professores sozinhos, ou mesmo as escolas, nem sempre têm condições de se mobilizar para o desenvolvimento de ações no espaço físico do museu. Desde a reabertura do MuCB, após a pandemia, há algumas propostas que vêm sendo colocadas em prática, como a exposição itinerante “Permanências Urbanas” (abril de 2022), composta por 30 painéis modulados, impressos com imagens e a história de lugares da cidade, podendo ser montada integral ou parcialmente, dependendo do espaço físico e do contexto da exposição; o projeto “O museu vai à escola” (junho de 2023), em que parte do acervo etnográfico foi apresentado em evento escolar na E. E. Professora Julieta Xavier Borges; a “Oficina de Ilustração – 80 anos de Barra do Bugres” (abril de 2024), na qual estudantes da turma do 8º ano de escola estadual desenvolveram ilustrações baseadas em fotografias de edifícios do centro histórico da cidade, que foram levados ao museu e expostos durante as ações de aniversário da cidade; entre outras ações, que são apresentadas, mais detalhadamente, no capítulo 4.

CAPÍTULO 3

MUSEALIDADE E MUSEALIZAÇÃO EM MUSEUS LOCAIS DE MATO GROSSO

3. MUSEALIDADE E MUSEALIZAÇÃO EM MUSEUS LOCAIS DE MATO GROSSO

O estado de Mato Grosso tem poucos museus - menos de 2% do número de museus do país. Baseado nas informações de Museus em Números, com dados de 2010, Mato Grosso tinha 43 museus, sendo o estado com menor número de museus da região Centro-Oeste (IBRAM, 2011 v.2B, p.605). Dos 141 municípios do Estado de Mato Grosso, apenas 17 deles contavam com algum tipo de museu em 2010, sendo que em onze dessas cidades havia apenas um museu. Isso corresponde a 12,1% de municípios que tinham algum museu em relação ao número de municípios do Estado, bem abaixo da média do Brasil que era de 21,1% de municípios com museu em relação ao número total de municípios brasileiros (IBRAM, 2011, v.2B, p.603-626; IBGE, 2022).

No entanto, a relação entre o número de pessoas e número de museus era pouco acima da média nacional, que era de 60.822 pessoas por cada museu no Brasil e em Mato Grosso 66.387 pessoas por museu. Isso devido à baixa densidade demográfica do estado que era, em 2010, de apenas 3,36 habitantes por quilômetro quadrado, bem abaixo da média do Brasil que era de 22,4 habitantes por quilômetro quadrado (IBRAM, 2011, v.2B, p.603-626; IBGE, 2022).

Dados da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso (SECEL) indicam que, em 2019, Mato Grosso contava com “mais de 60 espaços museológicos em funcionamento”, entre museus, galerias de arte e centros culturais. Em 2010, o número de museus do Estado era de apenas “43 instituições museológicas, sendo que 20 estão situadas em Cuiabá” (IBRAM, 2011, v.2B, p.605), porém em 2019 apenas nove dos museus de Cuiabá estavam em funcionamento (SECEL, 2019). Levantamentos mais atualizados da SECEL, realizados em 2020, informam que existem, em Mato Grosso, 30 municípios com museus, sendo 24 municípios com um museu apenas; 04 (quatro) municípios com dois 02 (dois) museus – Barra do Garças, Cáceres, General Carneiro e Poconé; 1 (um) município com 03 (três) museus – município de Diamantino; e Cuiabá, com 17 museus, um total de 52 museus, que corresponde a um aumento de 21% no número de museus no estado, em 10 anos (SECEL, 2020). São museus com grande diversidade tipológica, museus históricos, etnográficos, arqueológicos, museus de arte, surgidos por diferentes motivações – alguns nascendo em função de um acervo, outros, de um fato histórico, ou ainda de um propósito.

O Museu Casa Borges foi surgindo aos poucos, a partir do ideal de algumas pessoas: do professor Adilson Alves, que sonhava com um museu para a cidade; da

arquiteta e urbanista, Diva Onofre, da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Controle; da Prefeitura Municipal, responsável, entre outras competências, pela implementação do Plano Diretor do Município, que viu na antiga residência histórica potencial para ser convertida em espaço cultural – e que viabilizou a aprovação da lei que autorizou a compra do imóvel pela Prefeitura com esse propósito; de um artesão da Secretaria de Cultura, Alcenir Tomé, que já utilizava a casa como espaço para suas oficinas de cerâmica; das professoras Rosevania Venâncio, do Departamento de Cultura e Célia Aparecida, Secretária Municipal de Educação e Cultura – todas essas pessoas responsáveis pela organização do primeiro grupo de discussão sobre o uso da casa. Seria esse grupo, de professores, historiadores, artistas e artesãos, que deu início às atividades culturais naquela casa, antes mesmo que fosse institucionalizada como museu – um museu ainda sem plano museológico, que está tentando se estruturar, a partir da musealidade da própria edificação que o abriga e do seu entorno.

O termo “musealidade” está relacionado à representatividade de um determinado objeto, e conceituado de formas ligeiramente diferentes por diferentes autores, a depender das circunstâncias: Musealidade como a história latente que o objeto pode despertar, sendo percebido como documento (Soares, 2012, Stránský apud Soares, 2012; Desvallées; Mairesse, 2013; Soares, 2017) ou o valor atribuído ao objeto, tornando-o porta-voz de uma narrativa (Scheiner, 2012; Vaz, 2017).

O professor e museólogo Bruno Brulon Soares⁷⁴, analisando as teorias de Zbyněk Stránský⁷⁵, um dos primeiros teóricos a tratar a museologia como ciência e não apenas como técnica, coloca que o autor tcheco propõe que o objeto da museologia deveria ser, não a instituição Museu, mas a musealidade, entendida como um “valor documental específico” (Stránský apud Soares, 2017, p. 410), que produz a museália, o objeto de museu. Para Stránský, *musealidade* é o valor que um objeto ou elemento pode ter quando passa a ser percebido como documento, como registro de alguma coisa, um fato, uma existência. É o “caráter museal das coisas” (Soares, 2017, p. 410). Stránský entende a musealização como um conjunto de três etapas a serem realizadas, a saber: a seleção do objeto por meio da identificação do seu “potencial de musealidade”, a tesauroização desse objeto ou sua documentação na realidade do museu; e, por fim, a comunicação museológica, que apresenta e disponibiliza seu valor para o público (Soares, 2017, p. 414).

⁷⁴ Bruno Brulon Soares é museólogo e historiador, com doutorado em Antropologia e História, professor do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio – PPG PMUS (UNIRIO/MAST).

⁷⁵ Zbyněk Stránský, museólogo tcheco, um dos idealizadores e primeiro coordenador do Departamento de Museologia do Museu da Morávia em Brno, Checoslováquia, em 1962, que deu origem à primeira turma de museologia dedicada ao estudo da teoria museológica, instituindo a museologia como ciência (Soares, 2017).

Brulon Soares explica que, para Stránský, o objeto museológico, “portador de musealidade”, tem um potencial pelo qual é selecionado como museália, como objeto de museu. No entanto, “pode adquirir novos valores” (Soares, 2017, p. 414), novos significados, dependendo de como é apresentado na comunicação museológica, ou mesmo a forma pela qual é interpretado, já que cada pessoa interpreta e assimila de modo próprio a realidade que está a sua volta e que é diferente a cada corpo, cada indivíduo, conforme sua cultura, seu conhecimento, sua história de vida.

A partir da concepção de Stránský, o termo *musealidade* adquire variadas nuances, podendo ser considerada como o valor cultural que motiva sua musealização, um significado que seria intrínseco ao objeto, que precisa ser percebido, relacionado à história e à sua ligação com ela; ou seria um significado que foi conferido ao objeto pelo processo de musealização. Brulon Soares resume o termo *musealidade* como “o que pode haver de significativo no objeto”, as características que fazem esse objeto ter um “papel de mediador” entre o observador e a realidade, a qual ele faz referência (Soares, 2012, p. 36).

A museóloga Tereza Scheiner⁷⁶ cita um texto seu utilizado em sua aula⁷⁷, que fala da percepção de musealidade como um valor conferido a determinados elementos da realidade, a “relação muito especial entre o humano, o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas”, podendo, portanto, ser compreendida de diferentes formas (Scheiner, 2012, p. 18).

Ivan Vaz⁷⁸, em seu texto “Sobre a musealidade”, a define como significado atribuído a um objeto que está relacionado à sua representatividade, à sua expressão, ao simbolismo atribuído a ele:

Este conceito [musealidade] pode ser basicamente referenciado a qualidades e valores. Tais qualidades/valores, não obstante, se dariam a partir de processos em que um objeto se desloca de sua realidade originária, sendo dotado de significações condizentes a um novo contexto, no caso, museal. [...] a musealidade seria uma qualidade atribuída no objeto de museu, melhor dizendo, um objeto *comum* se tornaria *museália* através da constituição de sua musealidade. Esta constituição se daria através do processo de musealização (Vaz, 2017, p. 35).

⁷⁶ Tereza Scheiner é museóloga e geógrafa, com doutorado em Comunicação, Professora do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio – PPG PMUS (UNIRIO/MAST).

⁷⁷ Scheiner, Teresa C. M. “Museology”. Curso ministrado na International Summer School of Museology (ISSOM). Brno, República Tcheca, julho 1999. Texto não publicado, citado em: Scheiner (2012, p. 18).

⁷⁸ Ivan Vaz é Historiador e Museólogo, com mestrado em Museologia pela Universidade de São Paulo e doutorado em Estudos do Patrimônio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – PT.

Musealidade é o “traço característico” que permite que determinado objeto reflita uma realidade, ainda que apartado de seu contexto original (Vaz, 2017, p, 37).

A musealização, por seu lado, revela, expõe, destaca, os atributos simbólicos de um objeto, transformando-o de objeto comum em uma peça de museu, ou seja, uma museália, como um documento de uma determinada narrativa:

O trabalho da musealização leva à produção de uma imagem que é um substituto da realidade a partir da qual os objetos foram selecionados. Esse substituto complexo, ou modelo da realidade construído no seio do museu, constitui a musealidade, como um valor específico que emana das coisas musealizadas. A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 58).

Musealização é, portanto, a transformação de um objeto em porta-voz de algo relevante. O objeto comum “percebido como” ou “transformado em” representante, em ilustração, em documento de uma determinada narrativa, em símbolo de uma realidade. É o “processo que envolve um objeto que entra na cadeia museológica” desde o momento em que é adquirido pelo museu “até o momento em que ele é exposto para um público” (Soares, 2012, p.36).

O processo de musealização, além de seu poder de preservação do patrimônio, tem papel importante na construção das memórias de um povo, especialmente os museus locais ou regionais, em cidades do interior, com poucas referências, como no caso do MuCB, o museu abre portas, mostra caminhos: “o Museu permite ao Homem a leitura do Mundo” (Rússio, 2020, p. 82).

A cultura local retratada no ambiente do museu ou em seu entorno, o patrimônio edificado, os lugares de memória, ajudam na construção da identidade da criança, do jovem, que se sente representado ao ver suas próprias experiências.

Quando musealizamos objetos e artefatos (aqui concluídos os caminhos, as casas e as cidades, entre outros; e a paisagem com a qual o Homem se relaciona) com as preocupações de documentalidade e fidelidade, procuramos passar informações à comunidade; ora, a informação pressupõe conhecimentos (emoção/razão), registro (sensação, imagem, ideia) e memória (sistematização de ideias e imagens e estabelecimento de ligações.). É a partir dessa memória musealizada e recuperada que se encontra o registro e, daí, o conhecimento suscetível de informar a ação (Rússio, 2020, p.83-84).

O patrimônio material ou imaterial, dentro do espaço físico do museu ou fora dele, é usado como meio de preservação, pesquisa, divulgação, comunicação, visando à educação.

Objetos musealizados que são documentos de uma história representam, a partir de sua materialidade, conhecimentos e técnicas imateriais, seja dentro do espaço físico dos museus tradicionais, a partir dos objetos de seu acervo, próprio ou cedido, seja nos museus de território, que desenvolvem suas narrativas a partir dos bens culturais, materiais e imateriais existentes na comunidade, bem como a própria paisagem, podendo se constituir acervo museológico, sem ser necessariamente de propriedade do museu.

3.1 Museus locais de Mato Grosso

Municípios mato-grossenses como Cáceres, Diamantino, General Carneiro, Vila Bela da Santíssima Trindade possuem pequenos museus surgidos por iniciativa de grupos sociais locais, entidades públicas ou privadas atuantes no município, cada qual com características únicas. A seleção dos museus aqui apresentada foi feita em função de suas características peculiares e por serem museus conhecidos pelo autor. O conhecimento desses museus citados pode orientar o MuCB na busca de sua identidade, como veremos a seguir.

3.1.1 Museu de Humanidades Alaíde Montechi, MHAM, no município de Cáceres

O Museu de Humanidades Alaíde Montechi, no município de Cáceres, é um dos quatro museus, em atividade, vinculados à Unemat. Foi instituído em 2004 como Centro de Pesquisa desenvolvido no *campus* de Cáceres da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat, a partir de um Termo de Ajustamento de Conduta assinado quatro anos antes, como compensação pelos impactos ambientais causados pela passagem do gasoduto Bolívia-Mato Grosso pelo município, que passou à universidade a responsabilidade de receber e salvaguardar itens arqueológicos provenientes das obras de instalação do gasoduto (MHAM, 2017, p. 5; Arruda, 2022, p. 276).

O MHAM está localizado em um município de fronteira Brasil/Bolívia e tem como missão a preservação, investigação e divulgação da cultura de grupos étnicos e da ocupação pré-colonial daquela região, o que é feito por meio das pesquisas arqueológicas e paleontológicas (MHAM, 2017, p. 9).

Além dos objetos oriundos dos sítios arqueológicos, o MHAM foi vinculado ao Núcleo de Assuntos Indígenas, NAI, do curso de licenciatura em História da Unemat Cáceres, o que proporcionou a incorporação de um acervo etnográfico de cerca de 1.500 itens, entre eles, arte plumaria, cestaria, cerâmicas, entre outros, que foram

doados, no ano de 1997, por 30 grupos indígenas de Mato Grosso à Unemat – portanto, ainda antes da criação do museu (MHAM, 2017, p. 7). O acervo reúne também obras artísticas como pinturas e esculturas de artistas mato-grossenses, em diversas técnicas e materiais, “oriundas de projetos de exposições artísticas” (Arruda, 2022, p. 287).

Em relação ao Museu Casa Borges e o Museu de Humanidades, ambos são vinculados à Unemat, ainda que por diferentes instrumentos, por meio do Centro de Pesquisas e o Museu Casa Borges por meio de um Termo de Compromisso entre Unemat e Prefeitura Municipal.

Ainda que em menor número, o Museu Casa Borges foi, da mesma forma, contemplado com um acervo etnográfico de povos indígenas de Mato Grosso, de uma coleção iniciada bem antes de sua criação. Os dois museus, envolvidos com a população do município, e do estado como um todo, realizam periodicamente exposições de artistas locais e regionais, surpreendendo muitas vezes pela quantidade e diversidade de artistas com pouca visibilidade. O Museu Casa Borges já realizou, até aqui, três exposições coletivas de artistas profissionais nascidos ou atuantes em Mato Grosso, as chamadas Mostras de Arte, que expuseram, no total, cerca de oitenta obras de 19 artistas, sendo oito artistas de Barra do Bugres⁷⁹, dando destaque a esses artistas e atraindo olhar do público local para os eventos do museu, atuando como “instrumento de mobilização de diferentes grupos sociais, incluindo a comunidade de intelectuais e artistas mato-grossenses”, como resume Renato Arruda⁸⁰ em sua tese sobre a Política de Museus da Unemat (Arruda, 2022, p. 356).

3.1.2 Casa Memorial dos Viajantes, no município de Diamantino

A Casa Memorial dos Viajantes, em Diamantino – museu histórico instituído em 2007 por iniciativa da Secretaria de Cultura do município – está instalada em uma edificação histórica, localizada ao lado da Matriz, construída em 1932, com paredes de adobe. A antiga Casa Paroquial, onde residiam os padres da Igreja Nossa Senhora da Conceição, possui configuração arquitetônica que se resume a um longo corredor central com salas dispostas em sequência de ambos os lados. Na sala maior foi mantida, pela equipe de restauração, uma janela de prospecção em uma das paredes, que deixa

⁷⁹ Artistas de Barra do Bugres que expuseram no MuCB, entre 2018 e 2019: Alcenir Tomé (entalhe em madeira), Diego Roberto (desenho), Elaine Machado (bordados), Geisielly Bibiano (pintura em tela), Judite Malaquias (pintura em tela), Manoel José – Maninho (pintura em Tela), Rosalino (esculturas em madeira) e Therezinha Farias de Oliveira (pintura em tela).

⁸⁰ Renato Fonseca de Arruda é historiador, com mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural pelo IPHAN, e doutorado em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO/MAST; participou como colaborador na criação e desenvolvimento das políticas de museus e patrimônio cultural da Unemat.

à mostra parte dos blocos de terra originais (SEFAZ, 2007; Diamantino, 2024a). Tombada em 2003, a casa foi restaurada e entregue à população em 2007. A Casa Memorial dos Viajantes tem como objetivo “pesquisar, organizar, preservar e difundir a memória da cidade”, reunindo em seu acervo objetos que contam a história da cidade através dos relatos dos diversos viajantes que passaram pela região (Diamantino, 2024a).

As exposições são compostas por fotografias e objetos pertencentes à coleção da igreja católica alusivos à memória das missões jesuíticas que chegaram ao local na década de 1930; objetos indígenas referentes aos povos Apiaká, Haliti-Paresí, Kaiabi, Rikbaktsa, Xavante, primeiros habitantes da região; acervo referente à memória do Marechal Candido Rondon e à passagem da Comissão Rondon, em 1907; sala da memória dos ex-governantes do município de Diamantino desde 1942, constituído por fotografias, quadros e objetos pessoais; além de móveis, objetos, quadros, fotografias, relacionados à história das “famílias diamantinenses, desde as mais tradicionais até objetos trazidos por novos moradores” do município (Diamantino, 2024a).

A Casa Memorial dos Viajantes cabe muito bem na definição da professora Helena Uzeda, em seu artigo sobre o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro e outros museus de cidade, históricos por natureza, que “surgem como resultado de uma valorização de aspectos memoráveis da cidade, suas datas e heróis, com ênfase no orgulho cívico” apresentadas por meio de “coleções representativas, ligadas a fatos e personagens relevantes de sua história” (Uzeda, 2016, p.63) que, no Memorial dos Viajantes, reunindo em seu acervo diversos “elementos da trajetória cultural dos grupamentos urbanos” tornam-se “poderosos instrumentos de identificação de estruturas essenciais da cidade” (Uzeda, 2016, p.77), funcionando como importante recurso de comunicação e registro das diversas culturas formadoras da cidade.

Até recentemente, a Casa Memorial dos Viajantes abrigava uma coleção de documentos, desenhos e mapas da Expedição Langsdorff, que percorreu, entre 1821 e 1829, um trajeto que saiu do Rio de Janeiro indo até o Pará, passando pelo município de Diamantino em 1828, integrada por pesquisadores das áreas de botânica, astronomia, cartografia. A expedição realizou importantes registros da fauna, da flora, e da população dos locais pelos quais passou, sendo considerado um dos mais completos inventários da época. Desde 2018, a coleção se encontra no recém criado Museu Langsdorff, localizado na mesma cidade (Diamantino, 2024a; Diamantino, 2024b).

Museu histórico tradicional, o museu de Diamantino conta, de forma muito atrativa, sua história através dos visitantes que passaram por seu território.

Com área expositiva comparativamente bastante reduzida, o Museu Casa Borges ainda assim apresenta, sucintamente, a história da casa, suas técnicas construtivas, sua relação com a origem da cidade, e a história de seu primeiro proprietário, o comerciante Herculano Borges, mas deixa espaço para as próprias comunidades que viveram e vivem em Barra do Bugres contarem sua história, em eventos e exposições com artistas e artesãos locais; com o povo Balatiponé-Umutina, e com povos indígenas de várias outras regiões de Mato Grosso; e também os povos remanescentes de Quilombos da região do Vão Grande que contaram parte de sua história, seus saberes, seus fazeres, em exposição virtual e, mais recentemente, sobre sua religiosidade em exposição presencial. Teresa Scheiner (2012) enfatiza a importância dessa relação com as comunidades quando defende que o conceito de “Museu Integral” vai além da questão da musealização do território, dos patrimônios, da própria comunidade onde o museu está inserido, mas que se refere, principalmente, à questão do museu “estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória - e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais” ou seja a relação desse museu com as comunidades do entorno (Scheiner, 2012, p. 19).

3.1.3 Museu da Cultura Bororo (aldeia Meruri), no município de General Carneiro

O Museu Bororo da aldeia Meruri (Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri) é um museu de antropologia e arqueologia inserido em uma aldeia indígena do povo Bororo, no município General Carneiro. Criado em 2001, quando objetos etnográficos de uma pequena coleção Bororo foram repatriados do Museu do Colle, um museu missionário salesiano situado a cerca de 30 quilômetros de Turim, na Itália. Expostos no museu dentro da aldeia, proporcionam “legitimidade simbólica a um discurso formulado com [...] intenção de selar diálogo entre o museu do Colle e a aldeia Meruri”, de onde as peças teriam sido retiradas no passado (Silva, 2011, p. 256) (Fig. 63).

Meruri é uma das seis terras indígenas do povo Boe-Bororo, território descontínuo, com pequenas parcelas de sua área de ocupação tradicional – localizadas ao sul do estado de Mato Grosso, nas bacias dos rios Araguaia e São Lourenço – hoje demarcada e homologada, mas que já foi alvo de lutas e invasões por fazendeiros da região, encontrando-se cercada por áreas de cultivo do agronegócio (ISA, 2021; CIMI, 2022).

Figura 63 - A coleção repatriada, composta por oito objetos, fica exposta em vitrine, ao centro da sala Koge Ekureu, na aldeia Meruri.



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2015

Aramis Luiz Silva, doutor em antropologia social e pesquisador do museu Bororo e Aivone Carvalho Brandão, doutora em semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, diretora e curadora de museus salesianos e responsável pela repatriação da coleção, contam que, além dos oito objetos originais⁸¹, o acervo do Museu da aldeia Meruri conta com peças recentes, manufaturadas por pessoas da comunidade Bororo.

Uma das propostas do museu de Meruri é ser um “museu de técnicas”, sendo que as peças da coleção “deveriam ser constantemente recriadas em oficinas interessadas em multiplicar o domínio de suas técnicas de produção entre os Bororo”, devendo ficar disponíveis para empréstimo para eventos fora da aldeia, “assim elas ganhavam vida para além da sua função museal de encarnar a si mesmas como peças de museu”, incentivando o aprendizado e a difusão do conhecimento tradicional (Silva, 2015).

O incentivo à formação da coleção de objetos contemporâneos no Museu Bororo, “museu de técnicas”, como conceituado por Aramis Silva (2015), incentivando a permanência dos saberes, perpetuados pela transmissão através das gerações, pode sugerir uma analogia com atividades realizadas no Museu Casa Borges, que apresentam a cultura imaterial por meio de atividades paralelas às exposições e oficinas, características do “Museu Integral” explicitado por Tereza Scheiner, o museu

⁸¹ Lista dos objetos repatriados para o museu Bororo de Meruri: *Aígo burégi* - coroa adornada com garras de suçuarana (onça); *Baragára* - objeto feito de osso utilizado para perfuração do septo nasal, lobulo das orelhas ou lábios; *Powári móri* - instrumento musical fabricado de cabaça; *Bokodóri inogi* - colar feito de unhas de tatu canastra; *Áe* - cordão feito de cabelos humanos trançados e utilizado durante os funerais; *Bá* - estojo peniano fabricado do broto da palmeira Babaçu; *Baragára orógu* - punhal; *Adúgo ika* - arco (Silva, 2011, p. 264-266).

com “propostas e realizações de uma prática museológica voltada para o social” (Scheiner, 2012, p. 16).

Talvez as manifestações culturais do povo Balatiponé-Umutina tenham sido as que ocorreram em maior número na Casa Borges:

Tiro com arco e flecha: Práticas de tiro ao alvo com arco e flecha, uma das atividades tradicionais com maior número de praticantes na terra indígena Balatiponé-Umutina, ocorreu durante exposição no MuCB, aplicada por jovens nativos das aldeias do povo Balatiponé-Umutina, que atraiu grande número de estudantes;

Danças: Apresentação de danças tradicionais por grupos de jovens da escola Julá Paré, trajados e paramentados com chocalhos de tornozelo, peles, cocares, pintura corporal;

Grafismo: Jovens indígenas oferecem aos visitantes pintura corporal com grafismos característicos da cultura, com representação estilizada de peixes e outros animais, feitas com tinta de jenipapo – que pode durar até quinze dias na pele – de urucum, ou mesmo tintas industrializadas a base de água;

Cerâmica: Oficina de confecção de cerâmica, técnica tradicional que foi esquecida por mais de cem anos e que recentemente começou a ser desenvolvida em atividades escolares, especialmente nas aldeias Boropô e Katamã, distantes cerca de três a cinco quilômetros (3 a 5 Km) da aldeia central, onde se encontra a argila usada para a confecção das cerâmicas, na barranca do rio Paraguai. Essas foram algumas das práticas realizadas.

Outras atividades desenvolvidas pelo MuCB junto a estudantes, cujos resultados são expostos nas paredes do museu, procurando incentivar a visitação:

ExpoArte: A ExpoArte é uma exposição semestral de trabalhos artísticos (desenhos, pinturas, gravuras, esculturas) realizados por artistas amadores, que já acontecia desde 2016 na universidade, inicialmente apenas com participação de discentes do curso de arquitetura e urbanismo, mas que passou a ser realizada pelo Museu Casa Borges em 2020, de forma virtual com publicação no Instagram⁸² e, a partir de 2022, passando a ser apresentada em exposição tanto presencial como virtual;

Semana da Matemática: Bolsistas e voluntários do MuCB, estudantes do curso de matemática, organizaram o evento, desenvolvendo nas escolas atividades baseadas no *Tangram*, quebra cabeças de peças geométricas, cujos resultados foram depois expostos no museu.

⁸² Instagram do Museu Casa Borges: <https://www.instagram.com/museucasaborges/>

80 anos de Barra do Bugres: Oficina de ilustração realizada em conjunto com professoras de arte, em escola de nível fundamental, médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos), usando técnicas de desenho e pintura – com aquarela, lápis de cor, grafite, etc. – com a temática que celebrava os 80 anos de emancipação do município de Barra do Bugres, comemorado em 19 de abril de 2024. Baseada em fotografias de elementos urbanos de Barra do Bugres, a oficina propôs a representação daqueles edifícios, com técnicas livres de desenho. As ilustrações ficaram expostas no Museu Casa Borges durante o mês de abril.

O Museu Casa Borges almeja, com essas atividades, ser um “museu inclusivo”, atraindo jovens e crianças de diferentes origens, para que se sintam representados no museu, por meio da participação nas atividades de divulgação da cultura e patrimônio de Barra do Bugres, ser um desses “[...] museus como espaços de inclusão – lugar de todos” (Scheiner, 2012, p.29).

3.1.4 Museu de História e Arqueologia, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade

Uma das mais antigas cidades do estado de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, foi fundada em 1752, à margem direita do rio Guaporé, que pertence à bacia do rio Amazonas, em território de fronteira com a Bolívia. Criada como capital da, então, Capitania de Mato Grosso, a vila tinha a função de proteger a fronteira oeste do Brasil, permanecendo como sede do governo de Mato Grosso até 1824, quando a capital é transferida para Cuiabá. A partir de então, a cidade perde grande parte de sua importância, esquecida pelo poder estadual por quase um século, sendo habitada, majoritariamente, ainda hoje, por descendentes e remanescentes dos africanos escravizados que foram trazidos na época de sua implantação (SMEC, 1999; Lacerda, 2024).

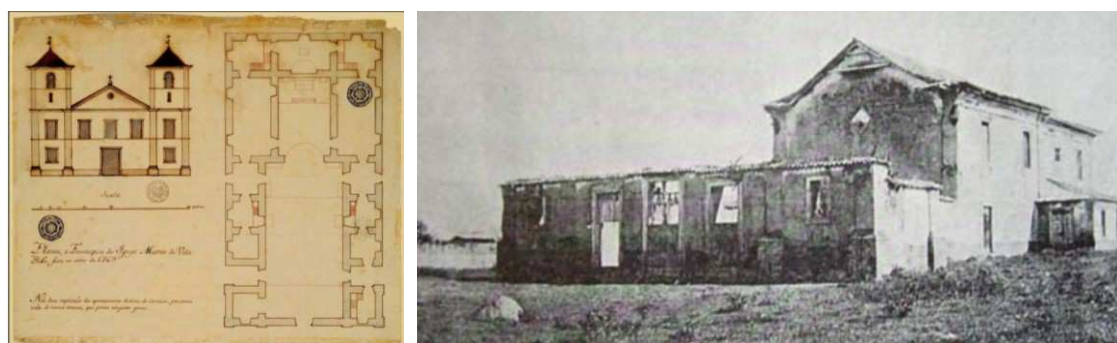
Criado em 2006, por uma lei municipal como “Museu Histórico e Arqueológico Joaquim Marcelo Profeta da Cruz⁸³”, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, o museu está instalado no antigo Palácio dos Capitães Gerais, tombado pelo IPHAN desde 1988 e que foi sede do governo estadual. Em seu acervo estão abrigados itens

⁸³ Líder comunitário, prefeito de Vila Bela nos anos 1959 a 1963, Joaquim Marcelo Profeta da Cruz, natural de Vila Bela da Santíssima Trindade foi incentivador da cultura do esporte e do lazer, tendo tido importante papel na preservação das festas tradicionais da Dança do Congo e do Chorado. Entre diversas atividades voltadas para as comunidades, defendia os direitos dos povos indígenas da região e orientava a população para regularização de suas terras (PFO, 2006).

da “cultura indígena, obras sacras, heranças africanas e objetos arqueológicos” (SECEL, 2019).

Apesar de não se constituir, formalmente, como acervo da instituição, as ruínas da antiga Matriz, situada em frente ao museu, são representadas na coleção do museu por cerca de 200 peças provenientes dos trabalhos de coleta realizada nas escavações do sítio arqueológico das ruínas, entre fragmentos de telhas e lajotas, fragmentos metálicos, vidros e louças, além de documentação com registros e relatórios das equipes de arqueologia (SEC, 2002) (Fig. 64).

Figura 64 - Projeto da Matriz, datado de 1769, e fotografia apresentada nos Relatórios de Candido Mariano Rondon de 1907.



Fonte: Relatório Final do Projeto Fronteira Ocidental – Arqueologia e História. SEC, 2002

A construção da igreja Matriz teve início em 1793⁸⁴, sendo que provavelmente nunca tenha sido concluída. Suas ruínas apresentam fundação em pedra canga⁸⁵ e paredes de adobe com mais de um metro de espessura. Em 2006, foi construída uma cobertura sobre as ruínas, visando sua proteção (SMEC, 1999; SEC, 2002; SECEL, 2019) (Fig.65).

O perímetro da área urbana que preserva o traçado original da cidade, composto por 48 quadras, juntamente com as edificações nele inseridas, foi tombado, em 1984, como patrimônio histórico e artístico do Estado de Mato Grosso. Em 1988, foi realizado o tombamento definitivo das ruínas da "Igreja da Matriz de Santíssima Trindade" e do

⁸⁴ A construção da primeira igreja teve início em 1771, como informam algumas fontes, porém, após seu desmoronamento, foi iniciada sua reconstrução, a partir de 1793, da qual restam as ruínas (Lacerda, 2024).

⁸⁵ Pedra Canga é um arenito marrom-avermelhado, rocha formada por um processo de acumulação de grande quantidade de óxido de ferro no solo (laterização), possivelmente pertencente a formações do período Devoniano, há cerca de 400 milhões de anos, aflorando na Chapada dos Guimarães (Costa et al, 2021, p. 31, tradução nossa). Encontrada com relativa abundância nos solos da região do Cerrado, a Pedra Canga foi muito utilizada nas fundações das construções, especialmente nas de paredes de terra do Centro Histórico de Cuiabá, e de outras regiões de Mato Grosso, protegendo-as da umidade proveniente do solo.

"Palácio dos Capitães Gerais" pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN (SEC, 2002; SECEL, 2019).

Figura 65 – Ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2018.

A relação do museu de Vila Bela com as ruínas da antiga Catedral pode ter alguma analogia com a proposta da criação do Circuito Histórico, na orla do rio Paraguai, partindo do Museu Casa Borges, com visitação a lugares de interesse histórico do seu entorno, elementos que, no cotidiano, são pouco notados, mas que ganham relevância quando se tornam símbolos do fato histórico. Essas “marcas” deixadas pelo ser humano em algum momento de sua passagem são ressignificados como “documentos” da história a ser contada (Le Goff, 1990, p.465-466).

O próprio edifício do Museu Casa Borges, assim como o da primeira prefeitura de Barra do Bugres, são edifícios com potencial de tombamento, ainda que em nível Estadual, como o são a igreja de Santa Cruz e o conjunto arquitetônico das Casas de Rondon no território Balatiponé-Umutina. O recente envolvimento da Secretaria de Turismo de Barra do Bugres no desenvolvimento da proposta do Circuito Histórico como local de visitação turística pode, juntamente com o Museu Casa Borges, trazer maior visibilidade à cidade.

Cada um desses quatro museus, com características próprias, conta histórias de seu próprio povo, de seu próprio local, mostrando a importância de preservar e divulgar patrimônios materiais e imateriais. Os museus como “mediadores” do processo de musealização, como coloca Soares (2017, p. 419), do mesmo modo que o Museu Casa Borges, que surge do ideal de um grupo de moradores de Barra do Bugres, que conta histórias, discute direitos, apresenta realizações no campo da arte, cultura, artesanato, pesquisas, festividades, oriundas das comunidades locais e regionais, disponibilizando-

as para pessoas da própria comunidade, em sua maioria estudantes, num esforço de formação de público.

Assim como as pessoas, as culturas e as paisagens, os museus também refletem o lugar de onde surgiram, fruto das "relações entre a prática museológica e as realidades sociais, políticas e econômicas da região"⁸⁶ (Scheiner, 2006, p. 5, tradução nossa), como aponta Teresa Scheiner, em seu texto, no prefácio de *"El pensamiento latino-americano"*, compilado das declarações das reuniões do ICOFOM LAM de 1992 a 2005. Nele, é enfatizada a importância do ICOFOM LAM como "uma aposta Idealista sobre a capacidade de produção teórica dos profissionais de museus de um continente tantas vezes visto como periférico, colonizado, intelectualmente menor"⁸⁷ (Scheiner, 2006, p. 5, tradução nossa), que remete ao preconceito regional, social, cultural, sofrido por sociedades periféricas, no caso a América Latina como um todo. Mas, dentro desse recorte, de forma mais acirrada em relação a culturas das cidades mais pobres do interior, como é o caso de muitas das cidades de Mato Grosso. Scheiner finaliza desejando que nos próximos anos possam ser vistas iniciativas que contribuam para "o desenvolvimento dos padrões técnicos adequados às realidades de trabalho de nossos museus e ao cumprimento de uma ética multicultural que respeite o modo de ser de todas as comunidades, sociedades e culturas de nossa região"⁸⁸ (Scheiner, 2006, p. 7, tradução nossa).

Há museus de diversos tipos, de diversas origens, que almejam essa "ética multicultural" a que Scheiner (2006, p. 7) se refere, e o Museu Casa Borges é um desses museus, diverso "enquanto representação da sociedade humana, no tempo e no espaço" (Scheiner⁸⁹, 2012, p. 18), retratando manifestações culturais do lugar – a cultura indígena, as manifestações religiosas, o artesanato, a música, pouco vistas e pouco conhecidas fora daquela ambiência. O museu pode ser esse canal que apresenta para a própria população o seu valor, sua cultura, sua diversidade, como um espelho, "no

⁸⁶ No original: "[...] se consolidó [...] el más importante núcleo de pensamiento teórico latino-americano sobre museos y museología y el más consistente foro de debate y presentación de ideas sobre las relaciones entre la práctica museológica y las realidades Sociales, políticas y económicas de la región" (Scheiner, 2006, p. 5).

⁸⁷ No original: "[...] um apasionado compromiso, uma apuesta idealista sobre la capacidad de producción teórica de los profesionales de museos de un continente tantas veces visto como periférico, colonizado, intelectualmente menor" (Scheiner, 2006, p. 5)

⁸⁸ No original: "Deseamos que los próximos quince años vean florecer nuestras iniciativas, con la consagración definitiva de este Trabajo en el universo académico y con la aplicación cada vez más amplia en la práctica cultural, de los principios científicos, filosóficos y ideológicos que venimos defendiendo – principalmente en lo que atañe a la consolidación de una terminología específica para el campo; al desarrollo de patrones técnicos adecuados a las realidades de trabajo de nuestros museos y al cumplimiento de una ética multicultural, que respete el modo de ser de todas las comunidades, sociedades y culturas de nuestra región" (Scheiner, 2006, p. 7).

⁸⁹ Scheiner, Teresa C. M. "Museology". Curso ministrado na International Summer School of Museology (ISSOM). Brno, República Tcheca, julho 1999. Texto não publicado, citado em: Scheiner (2012, p. 18).

qual a população local se olha para descobrir sua própria imagem” (Rivière, 1985, tradução nossa)⁹⁰, valorizando os bens materiais e imateriais, os saberes, as festas, a religiosidade, as danças, a música, os instrumentos, os saberes da construção da viola de cocho, da casa de terra ainda presente nas comunidades quilombolas, dos cocares Balatiponé-Umutina, a pesca no rio, entre outras manifestações.

O crítico de arte e pesquisador Mário Pedrosa entendia que a cultura nacional é construída a partir da união dessas diversas culturas, que estão nas “origens” da arte brasileira (Oliveira, 2021, p. 98). Em 1978, o autor desenvolveu o projeto do “Museu das Origens”, cuja proposta seria unir acervos de cinco museus, independentes e integrados: O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, reconstruído após o incêndio, o Museu do Índio e o Museu do Inconsciente, já existentes, e mais dois museus que seriam criados – o museu do negro e o museu de arte popular. O objetivo era buscar as “origens” da arte nacional, toda ela “inspirada” na arte das pessoas da periferia, segundo ele: “baixar ao chão e tirar lá de dentro os tesouros que estão lá e que nós não soubemos mostrar nem utilizar” (Pedrosa, 1979, apud Oliveira, 2021, p. 97). Na época, a ideia não foi levada adiante, o Brasil passava por anos de ditadura militar. Hoje, mais de quarenta anos depois, as discussões sobre inclusão, gênero, raça, fazem a proposta do Museu das Origens se manter ainda muito atual. Um grande número de museus de comunidades expõe suas culturas, suas tradições, “raízes” da arte brasileira. O Museu Casa Borges tem em sua natureza buscar a contribuição dos povos originários, dos quilombolas, dos artistas populares locais, dando voz a essas pessoas, preceitos da Museologia Social (Chagas e Gouveia, 2014; Sommer, 2018; Oliveira, 2021; Quirino, 2023).

São múltiplas as interpretações que um mesmo patrimônio pode desencadear, em função das diferentes formas de se pensar, das diferentes culturas, dos diferentes modos de perceber o bem. Como nos acervos preservados dos museus de Mato Grosso citados anteriormente, as urnas funerárias e outros objetos arqueológicos encontrados nas escavações de uma obra de engenharia; os cocares do povo Bororo, o perfurador labial, o estojo peniano, o colar de fios de cabelo dos parentes da pessoa morta; os objetos das famílias diamantinenses; as ruínas das paredes de terra de uma catedral nunca terminada; objetos que poderiam não ser reconhecidos como patrimônio, ter se perdido em função da falta de informação relacionada a seus significados intangíveis, definidos por Tereza Scheiner como “a herança espiritual constituída pelo conjunto de

⁹⁰ Texto da versão em inglês: “a mirror in which the local population views itself to discover its own image” (Rivière, 1985).

ideias, valores e memórias comuns a um determinado grupo social” (Scheiner, 2004, p.135)..

Foram preservados porque o museu deixa perceber esse caráter "imaterial" do patrimônio, o objeto "impregnado de valores e comportamentos simbólicos" (Scheiner, 2004, p.135). Valores que fazem o objeto ser considerado patrimônio, representação material de um significado intangível.

3.2 Caracterização do Museu Casa Borges - MuCB

A nova definição de museu, aprovada em 24 de agosto de 2022, tem o seguinte texto:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento (ICOM, 2022).

Buscando fazer uma analogia entre a definição de museus e o Museu Casa Borges, analisando separadamente cada trecho da definição, podemos dizer que, mesmo que intuitivamente, o MuCB, com suas atividades e funções, se encaixa, ainda que parcialmente, nos conceitos de museu:

- “é uma instituição permanente”

O MuCB é um museu municipal, criado através de lei municipal de 2021 que “cria o museu Casa Borges”, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura.

- “sem fins lucrativos, a serviço da sociedade”

Todas as atividades e eventos são gratuitas, abertas ao público, especialmente ao público escolar.

- “que pesquisa”

Grande parte das pesquisas são decorrentes de atividades acadêmicas. Existem projetos de pesquisa e de extensão da universidade, relacionados a sistemas construtivos e construções de adobe, técnicas de restauração de edificações, em que a Casa Borges é um dos materiais pesquisados; artigos sobre a Casa e sobre o Museu publicados em eventos de extensão, arquitetura e história; trabalhos de conclusão de curso (TCCs) de arquitetura e urbanismo que versam sobre a edificação Casa Borges;

exposições desenvolvidas a partir de trabalhos acadêmicos, dissertações e artigos de docentes e discentes da universidade e das escolas da aldeia indígena e das comunidades quilombolas; além daquelas exposições realizadas a partir de pesquisa feita especificamente para esse fim (Arruda, 2022; Bastos et al, 2020; Carignani, 2022; Carvalho et al. 2022; Faccioni, 2015; Lourenço, 2019; Waldow; Adrião, 2019).

- “colecciona, conserva”

O MuCB não possui espaço físico adequado para guarda do acervo e nem pessoal qualificado para conservação, e inicialmente não possuía acervo físico. Apenas em 2023 recebeu a doação do acervo de artefatos indígenas da Faculdade Indígena Intercultural da Unemat (FAINDI), com catalogação bem simplificada e incompleta (apenas nome do objeto, função, material e etnia que o produziu). Existe a proposta de desenvolvimento de projeto para realizar, junto à Faindi, a catalogação em parceria com alunos indígenas da Unemat.

- “interpreta e expõe patrimônio material e imaterial.”

Desde sua criação, em 2018, foram realizadas cerca de 20 exposições presenciais e algumas exposições virtuais, estas feitas durante o isolamento no período da covid-19, com temas diversos, tais como: artes plásticas de artistas locais e regionais; história do povo indígena Balatiponé-Umutina; elementos urbanos de importância histórica; cultura das comunidades quilombolas, entre outros. O MuCB expõe em seu espaço, físico e virtual, obras de arte, artesanato, objetos, fotografias, sempre contando com a participação das comunidades, de seus autores e autoras, na organização e na narrativa, além da realização de oficinas, palestras, fóruns de discussão, apresentações culturais de música, dança, teatro, entre outras.

- “Abertos ao público, acessíveis e inclusivos”

O espaço recebe, geralmente, grupos de estudantes, mas é aberto a todas as pessoas; porém não possui acessibilidade espacial ou comunicacional.

- “os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade”

As atividades no MuCB buscam representar a diversidade cultural e étnica do município. Quanto à sustentabilidade, em sua dimensão cultural e social, promove o acesso à cultura, a preservação da memória, o respeito à diversidade étnica, e a valorização das singularidades de cada comunidade. Grande parte dos materiais empregados nas exposições são reutilizados, evitando o descarte, remetendo, ainda que minimamente, à questão ambiental.

- “Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades”

O MuCB sempre convida artistas, artesãs e artesãos, comunidades indígenas e quilombolas da região, e escolas para participar, desde a criação dos eventos, concepção, curadoria, montagem e mediação. Atua com profissionais da educação, estudantes bolsistas e voluntárias de diversas áreas, porém não conta com profissionais da área da museologia.

- “oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento.”

Além das exposições de diversos temas, também são realizadas ações como oficinas de arte e artesanato, práticas de restauro de edificações, apresentações musicais, palestras, reuniões de mulheres indígenas, roda de conversa com artistas expositores, eventos comemorativos em datas específicas, como dia das crianças, consciência negra e aniversário da cidade, procurando contemplar uma diversidade de públicos, proporcionando encontros de múltiplos saberes.

O apêndice 1 apresenta quadros comparativos entre características do Museu Casa Borges em relação às definições de museu do ICOM, do Estatuto de Museus e da Lei de criação do IBRAM.

3.3 Tentativa de classificação da tipologia do Museu Casa Borges: Museu Universitário? Museu Casa? Museu de Território?

Ainda que não seja determinante para a trajetória do museu, foi feita essa breve discussão sobre tipologias de museu às quais o Museu Casa Borges poderia ser classificado: a princípio, Museu Universitário por estar de alguma forma relacionado com a universidade; Museu-Casa, como seu nome sugere, e por ter sido residência de um importante comerciante local; Museu de Território por sua vocação de aglutinar repertórios referentes aos diversos territórios e comunidades do município de Barra do Bugres. Quadros comparativos do MuCB e essas tipologias de museus pode ser consultado nos apêndices 2, 3 e 4.

Instalado em uma casa histórica pertencente ao município, o Museu Casa Borges tem gestão compartilhada entre a Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat e o Departamento de Cultura do município. Em seis anos de existência cresceu em termos de periodicidade das ações culturais, que inicialmente aconteciam durante uma semana por mês, passando, a partir de 2022, a ser aberto ao público por 5 dias na

semana. Durante a pandemia, nos anos de 2020 e 2021 permaneceu fechado e realizou diversas exposições virtuais⁹¹. Foi instaurado como museu, por lei municipal de 2021. Em 2022 foi reaberto, após obras de conservação e requalificação do espaço. Recebeu recentemente uma coleção de artefatos indígenas da Faculdade Indígena Intercultural da Unemat - FAINDI, ainda em processo de catalogação. A pesquisa ainda é incipiente, voltada mais especificamente ao próprio edifício, sua história e sua arquitetura de terra. Ainda não possui plano museológico, e não conta com profissionais da área de museologia ou conservação. É um museu em desenvolvimento.

A partir de reflexão sobre publicações de autores como Marcus Granato, Marta Lourenço (Museus Universitários); Aparecida Rangel, Marcos Ponte, Nelson Cayer (Museus-casa); Gabrielle Reis, Hugues de Varine, Leonardo Castriota, Teresa Scheiner (Museus de Território), foi feita correlação entre os conceitos apresentados, por esses e alguns outros autores, e a realidade do Museu Casa Borges:

3.3.1 Museu Universitário? A relação da Universidade com o museu municipal

Por ter sido criado a partir de projetos de extensão do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso e permanecer, ainda hoje, seis anos após sua criação, funcionando por meio de projetos de extensão e, portanto, vinculado à universidade, o Museu Casa Borges poderia ser classificado como Museu Universitário?

O Museu surgiu como resultado de um projeto de extensão, como espaço cultural, em 2018, e foi reconhecido como Museu Municipal pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres, pela lei número 2.472/2021 que “cria o Museu casa Borges”, sancionada em dezembro de 2021, que expressa em seu artigo quarto que “a gestão do Museu Casa Borges se dará mediante acordo de cooperação técnica a ser firmado entre o município de Barra do Bugres e entidades públicas e/ou organizações afins”. Foi então firmado um Termo de Cooperação “que entre si celebram o município de Barra do Bugres - MT e a Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat” com vigência de dois anos a partir da data de sua assinatura podendo ser prorrogado. O Termo de Cooperação tem como objetivo:

[...] a conjugação de esforços no sentido de promover, em cooperação, o desenvolvimento da Educação e Cultura mediante a implantação e execução do projeto de extensão ‘Casa Borges: arte cultura e educação patrimonial’ que tem entre seus objetivos realizar ações

⁹¹ As exposições virtuais podem ser apreciadas em: <https://museucasaborges.wordpress.com/> e no blog: <https://museucasaborges.blogspot.com/>

culturais no espaço denominado Museu Casa Borges situado à Rua Voluntários da Pátria, 80, bairro Nova Esperança, Barra do Bugres MT [...]” (Mato Grosso, 2023, p. 62-66).

Entre as obrigações da Unemat estão a de “designar, através de portaria, um servidor docente para assumir a função de gestor do projeto objeto do presente termo”, o que foi feito, tendo hoje à frente do Museu a professora Dr^a Cláudia Landin Negreiros, lotada no curso de matemática do *campus* de Barra do Bugres, e Docente Permanente, entre outros, do “Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECl - Unemat *campus* de Barra do Bugres”.

O Museu mantém, portanto, esta relação com a Unemat, responsável pela gestão cultural, contando com professores, estagiários, bolsistas e voluntários da universidade. O plano de trabalho referente a este termo de cooperação enumera como obrigações da Universidade, dentro do Museu, a realização de atividades como: Organização dos espaços do museu, realização de exposições e outras ações culturais, curadoria e projeto expográfico das exposições, desenvolvimento de plano de tombamento da edificação como Patrimônio Histórico, elaboração de artigos e participação em eventos com temas relacionados às atividades do Museu e seu patrimônio, entre outras atividades.

De acordo com o professor Marcus Granato, “Entende-se como museu universitário todo espaço que se autoneia museu e está inserido em uma universidade” (Abalada; Granato, 2019, p. 1). E lembra que, por ser um museu, deve atender ao que prega a nova definição de museus:

A princípio, não apenas por uma questão de coerência com as demandas e consolidações do setor dos museus, mas mesmo de coerência conceitual, não pode haver uma diferença de definição entre museu e museu universitário para além do fato de ser um museu dependente e inserido na estrutura de uma universidade (Abalada; Granato, 2019, p. 5).

No entanto, para sua pesquisa, ele considera museu universitário mesmo os que não atendam às condições mínimas para serem museus, desde que se autodenominem como tal:

[...]no escopo deste trabalho [...] só podem ser estudadas dentro do quadro dos museus universitários se, apesar de não apresentarem a estrutura e os requisitos básicos para assim se considerarem, autodenominarem-se museus, sobrepondo-se sempre o respeito à questão identitária à aderência irrestrita a um conceito fechado de museu (Abalada; Granato, 2019, p. 5-6).

São diversos quanto a suas características, no entanto compromissados com o ensino pesquisa e extensão. A professora Marta Lourenço menciona a dificuldade de estudar os museus universitários como grupo homogêneo, em virtude de sua grande diversidade: “É enorme a diversidade de museus e coleções universitárias, e o enfoque tradicional – por exemplo: disciplinar – torna difícil, quando não impossível, estudá-los como um conjunto⁹²” (Bruno, 1997; Lourenço, 2005, p. 159. Tradução nossa).

Sobre essa pluralidade de assuntos abordados nos museus universitários, sua diversidade de temas de pesquisa e das coleções, Abalada e Granato (2019) ressaltam seu papel de difusor de ideias:

[...] percebe-se o museu [universitário] como completamente inserido na vida universitária, podendo instituir-se como ‘face visível’ do trabalho ali desenvolvido (por seus professores responsáveis, ou do pelo departamento, ou mesmo pela própria universidade como um todo) ao público, seja esse pensado como sendo constituído prioritariamente pela comunidade acadêmica, seja pela sociedade em geral [...]. Assim, os museus universitários apresentam-se, via de regra, em posição peculiar enquanto locais de produção de conhecimento e testemunhos históricos desta produção, em parte pelo próprio sistema no qual se encontram inseridos (Abalada; Granato, 2019, p. 7).

O Museu Casa Borges tem, portanto, características de museu universitário, uma vez que, desde sua concepção, serviu como local de exposição, a “face visível” (Abalada; Granato, 2019, p. 7) de diversas atividades universitárias, desde divulgação de pesquisas, manifestações artísticas, apresentação de trabalhos didáticos de diversas disciplinas, envolvendo alunas/os e professoras/es de cursos tão diversos como arquitetura e urbanismo, ciências da computação, direito, matemática, e dos cursos de formação de professores da Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI, fazendo parte incontestemente dos princípios de ensino-pesquisa-extensão da universidade, sendo ao mesmo tempo espaço de realização e de documentação dessas atividades, muitas delas registradas em vídeos ou fotografia e publicadas no site do MuCB⁹³.

3.3.2 Museu-casa? Uma raiz medicinal como elemento de ligação entre a casa, o personagem e a história da cidade

A vila de Barra do Rio Bugres teve início com a ocupação por exploradores da poaia (*Cephaelis ipecacuanha*), raiz medicinal de grande valor à época, responsável

⁹² No original: “The diversity of university museums and collections is overwhelming, and traditional – e.g. disciplinary – approaches make them difficult, if not impossible, to study as a group.” (Lourenço, 2005, p. 159)

⁹³ Um novo site, hospedado no domínio Unemat, está em elaboração (ver item 4.3.2).

pelo primeiro ciclo econômico da cidade. Em meados do século XX, o comerciante da poaia Herculano Borges construiu sua casa e um pequeno mercado em anexo, às margens do rio Paraguai. Esta casa, conhecida por Casa Borges, foi transformada, recentemente, no museu da cidade.

Apesar de não ser um museu criado com o objetivo de homenagear a figura do senhor Herculano Borges ou sua família, originais moradores daquela casa, foi justamente seu valor histórico uma das razões pela qual a Prefeitura Municipal a adquiriu, após a morte de seu proprietário, para nela instalar um espaço cultural. Por sua história, e sua arquitetura característica do início da urbanização da cidade, a edificação é passível de fazer parte do acervo do próprio museu que abriga, como objeto-documento (Le Goff, 1990), o que justificaria seu tombamento.

O DemHist, Comitê Internacional do ICOM para os Museus-casa e Casas Históricas define, desde 1998, categorias de museu-casa que são atualizadas periodicamente. Expressa, de forma ampla, que “as casas-museu variam de castelos a chalés, de todos os períodos. A interpretação das casas-museu inclui informações históricas, arquitetônicas, culturais, artísticas e sociais” (ICOM DEMHIST, 2021).

Há diversas propostas de classificação dessa tipologia de museu, feitas a partir de análise de museus-casa ao redor do mundo. E em geral contemplam museus dedicados a residências de “pessoas ilustres” que viveram ou passaram pela casa, apresentando ambientes originais ou reconstruídos; acervo de coleções relacionadas ao personagem ou sua época; ou casas cuja edificação é, ela própria, objeto-documento por ser referência de uma época ou estilo (Cayer; Scheiner, 2021; Ponte, 2007).

O Museu Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, objeto de pesquisa da professora Aparecida Rangel, é um museu-casa, um dos primeiros instalados no Brasil, em que o personagem e a edificação se complementam, uma vez que o museu preserva espaços e objetos originais da época do antigo morador (Rangel, 2015, p.63).

Antônio Ponte, bastante crítico em relação à proliferação de instituições denominadas casa-museus, em Portugal, que “não se enquadram nos pressupostos internacionalmente utilizados para definir unidades deste tipo” (Ponte, 2019, p.19), já que, segundo suas anotações no texto sobre “categorização de casas-museu”, este deve reproduzir os ambientes como se fosse uma casa:

A casa-museu deverá refletir a vivência de determinada pessoa que, de alguma forma, se distinguiu dos seus contemporâneos, devendo este espaço preservar, o mais fielmente possível, a forma original da casa, os objetos e o ambiente em que o patrono viveu¹, ou no qual decorreu qualquer acontecimento de relevância, nacional, regional ou

local, e que justificou a criação desta unidade museológica (Ponte, 2019, p.20).

Voltando ao nosso cenário, em seu artigo sobre casas-museu de “heróis populares”, que trata da implementação de museus importantes em edificações simples, realidade de muitos museus no interior do Brasil, o professor e museólogo Mário Chagas faz uma reflexão sobre três “museus construídos em torno de figuras de heróis populares como Chico Mendes, Mestre Vitalino e Cora Coralina” (Chagas, 2010, p.1), em que associa o surgimento desses museus como reflexo da transformação que o país vem passando em relação à forma de contar a história a partir de diferentes perspectivas. “Já não são apenas os palácios” que são valorizados como memória, todos tem direito a ter suas memórias representadas. Chagas enfatiza que a valorização das culturas de pessoas “de todas as camadas sociais, de todos os grupos étnicos” tem refletido no surgimento de museus representativos de diversos grupos sociais antes invisibilizados, como “povos indígenas, comunidades quilombolas, moradores de favela, militantes de movimentos sociais, praticantes de religiões não dominantes e muito mais” (Chagas, 2010, p. 7). O Museu Casa Borges, ainda que leve em seu nome a referência a um “patrão da poaia”, tem, em sua prática, o envolvimento com as comunidades, podendo se ver representado nessa categoria de museus que dão voz à diversidade, se posicionando contra o racismo e outras formas de preconceito e discriminação.

Quanto aos diferentes tipos de museu-casa, Antônio Ponte (2007) apresenta uma série de classificações firmadas em diferentes épocas, desde 1934, com intuito de estabelecer “um sistema de identificação destas instituições”, desde palácios a casas de família, casa-museus que representam ou interpretam um determinado personagem ou estilo de vida, entre outras várias tipologias (Ponte, 2007, p. 43-47).

Apesar de não apresentar uma coleção ou ambientes que retratem a vida de um personagem, o MuCB pode se encaixar também nas definições de *Casa-museu representativa*, apresentada por Sherry Butcher-Youngmans, em 1993:

Casas-Museu Representativas: documentam um estilo, uma época ou modo de vida. Estes ambientes podem ser reconstruídos utilizando objectos não originais. Algumas casas foram restauradas para apresentarem determinado estilo de arquitectura ou período histórico em particular, utilizando peças adquiridas em mercados com o objectivo de mostrar histórias de grupos, mais do que individualidades (*apud* Ponte, 2007, p. 44. Grifo nosso).

E também na classificação de “Casa de interesse histórico local”, citada por Antônio Ponte, em que o acervo é composto por objetos de várias origens e épocas, sem necessariamente ter relação com a edificação (*apud* Ponte, 2007, p. 43).

Por fim, o Museu Casa Borges tangencia os conceitos de museu-casa por sua estreita ligação com a história da formação da cidade, devido a sua relação com coletores e comerciantes da poaia, a raiz medicinal que atraiu os primeiros formadores do povoado que deu origem à cidade, quando se considera a própria edificação como documento histórico e arquitetônico de uma época.

3.3.3 Museu de Território? O papel do museu como elemento de difusão de locais de memória.

O conceito de *museu* vem se adaptando ao longo do tempo, buscando refletir as constantes mudanças da realidade dos museus: “[...] nomenclatura variada para designar os novos museus como ecomuseus, museu integral, museu comunitário, de território, museu a céu aberto” (Castriota; Nery; Andrade, 2019, p.359), são algumas das diferentes tipologias da chamada “nova museologia”, que prega a democratização da cultura e o compromisso com as questões sociais, considerando especialmente a relação do museu com as pessoas e o ambiente em que vivem, em oposição à museologia tradicional, como explica Gabrielle Alves Reis (2021), geógrafa com atuação em museologia social e museus de território:

[...] esses museus [de território], embora abertos a um público amplo, visam a comunidade na qual eles estão instalados, a fim de que ela se reconheça neles e, portanto, seja valorizada por si mesma, contribuindo para a manutenção de sua identidade. Geralmente, os objetos em um museu de território permanecem em seu contexto original, são inventariados, mas continuam fazendo parte da vida das pessoas, servindo a elas (Reis, 2021. p. 74).

Diferente dos museus tradicionais, que deslocam o objeto musealizado de seu local e mesmo de sua função original; nos museus de território, incluindo neste conceito outros formatos de museu como o ecomuseu, o museu de percurso, geoparques, entre outros, a musealização *in situ* permite que o objeto musealizado continue desempenhando suas funções originais: “o objeto musealizado não é apartado do seu contexto de ambiência, mas todo o ambiente/território na integralidade são musealizados” (Carvalho, 2015, s/p), geralmente espaços a céu aberto, que podem ou não contar com locais voltados para a comunicação por meio de apresentação de mapas, textos informativos, fotografias entre outros.

Quanto ao impacto da musealização no desenvolvimento de uma comunidade, atrelado à valorização de seu patrimônio, Hugues de Varine, um dos criadores do conceito de ecomuseu, entende que:

O aparecimento de novas formas de museus, de novas práticas museológicas, que prefiro chamar de comunitárias [...] emanando de um território e de uma população, utilizando a cultura e o patrimônio como recursos para o desenvolvimento (Varine, 2001, p.58. Traduzido com auxílio da versão gratuita do tradutor - www.DeepL.com/Translator)⁹⁴.

Chamados de Museu Integral, desde a Mesa de Santiago, como explica Tereza Scheiner, são museus que conjugam a sociedade, seus saberes, crenças, histórias, e o ambiente onde vivem, tendo propósito não apenas na musealização de seu patrimônio/território, mas em sua capacidade de envolver a comunidade a "estabelecer relações com o espaço o tempo e a memória" (Scheiner, 2012, p. 19), curadoria colaborativa, que pode acarretar em um aumento da autoestima da própria comunidade representada, e a proteção e preservação de seu patrimônio cultural.

O Museu Casa Borges desenvolve exposições sobre bens materiais e imateriais de diferentes culturas do município e região, procurando mostrar sua importância para a própria população. Ainda que essas ações culturais busquem a colaboração das comunidades de Barra do Bugres, a iniciativa dessa participação raramente parte da comunidade, possivelmente pela falta de conhecimento das funções do MuCB e da falta de recursos para fomentar essa participação.

Com localização privilegiada em relação a lugares de importância histórica para o município, o Museu Casa Borges tem potencial de se desenvolver como local de divulgação desse território e ser parte da formação da memória do lugar.

Entretanto, mais importante do que a classificação do museu, é perceber sua relevância como patrimônio histórico da cidade. Testemunho de uma época em que a economia girava em torno da raiz medicinal, a história da casa pode ser usada como reflexão para as futuras gerações. A exploração da poaia, que promoveu o desenvolvimento econômico da cidade, também contribuiu para os conflitos causados pela invasão das terras indígenas, e o museu conta essa história também, como pode ser vista no texto produzido pelo professor Márcio Monzilar Corezomaé, à época coordenador pedagógico da escola Julá Pará, apresentado na primeira exposição do povo Balatiponé-Umutina no Museu Casa Borges:

Os ciclos econômicos vividos pela cidade de Barra do Bugres e região, foram determinantes para a desestruturação econômica, social e cultural do povo, além de, a partir desse período, reduzir a população

⁹⁴ No original : *"L'apparition de nouvelles formes de musée, de nouvelles pratiques du musée, que je préfère appeler communautaires, [...] émanant d'un territoire et d'une population, utilisant la culture et le patrimoine comme des ressources pour le développement,"* (Varine, 2001, p. 58)

drasticamente. Os caçadores, poaieiros, madeireiros e garimpeiros adentravam as matas e rios invadindo o território habitado pelos Balatiponé-Umutina. Os conflitos foram constantes e cada vez mais intensos, a ponto de o governo do Estado pretender organizar uma expedição de extermínio da etnia (Corezomáé, 2019).

O texto foi publicado parcialmente no *site* do Museu Casa Borges, e sua versão integral pode ser consultada nos anexos deste trabalho.

À parte ser considerado, ou não, um Museu Universitário, Museu Casa, Museu de Território, o Museu Casa Borges tem características em suas estratégias de funcionamento que remetem à Museologia Social.

Professores e museólogos, Mário Chagas e Inês Gouveia falam da museologia social no sentido da museologia que assume compromissos sociais com as comunidades a que está vinculado (Chagas e Gouveia, 2014, p.17), conceito de museologia que não se encaixa nas regras que definem o que é museu, são experiências e iniciativas diversas com "disposição para driblar e resistir às tentativas de normatização, estandardização e controle [...]" (p.16), comprometida com questões sociais, combate à discriminação, respeito às minorias.

O Museu Casa Borges tem realizado ações que tangem os conceitos da Museologia Social, abrindo suas portas para narrativas das comunidades urbanas ou periféricas, que queiram mostrar sua cultura, suas lutas, pouco vistas e pouco difundidas para além do próprio grupo.

A Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (Remus-RJ) é um grupo formado por representantes de museus de diversas regiões do estado:

[...] que atuam no resgate, preservação e difusão da memória coletiva e do patrimônio histórico e cultural das populações e culturas periféricas, indígenas e quilombolas, bem como na defesa dos direitos humanos dessas populações, que são nossas ancestrais no enfrentamento aos silenciamentos e apagamentos produzidos pelas classes dominantes ao longo da história de nosso país (Remus-RJ, 2025).

A Remus desenvolveu coletivamente, durante o ano de 2024, uma Carta de Princípios, "documento vivo" que visa o acolhimento a todas as pessoas e modos de vida, composta por 12 propósitos voltados para questões como: o compromisso de estimular práticas "contrárias a todas as formas de colonização, dominação, opressão e exploração de classe, de raça, de gênero, de idade, de sexualidade, de religião e mais"; a missão de luta pela justiça social; o repúdio a todas as formas de preconceitos e discriminações; o caráter educacional de suas iniciativas, a partir do diálogo e das experiências entre diferentes pessoas e culturas; possível referência e Inspiração para

a conduta que o MuCB pode adotar, com maior convicção, na comunicação dos patrimônios das suas diversas comunidades (Remus-RJ, 2025).

São caminhos que o Museu Casa Borges busca trilhar, se abrindo para a participação de todas as pessoas, expondo suas artes, sua cultura, suas necessidades e reivindicações. O museu “como um lápis”, capaz de escrever uma variedade de histórias (Chagas, 2006, p.16), estimulado, também, a desenvolver em seu espaço e seu entorno uma diversidade de ações sugeridas nas respostas ao questionário realizado entre a população de Barra do Bugres, bem como a lista dos eventos realizados no MuCB e em outros museus que suscitaram interesse aos espectadores. O museu como lugar de comunicação, empenhando-se em conquistar meios de motivar a constância dos visitantes e atrair novos públicos, se estabelecendo como lugar de acolhimento, e receptivo ao encontro de diversos grupos.

3.4 O MuCB e sua relação com a cidade

O Museu Casa Borges tem uma relação muito próxima com a história de Barra do Bugres. A cidade teve o início de sua ocupação com a vinda de exploradores em busca da poaia, raiz medicinal bastante valorizada por seus princípios ativos utilizados na indústria farmacêutica. A poaia foi responsável pelo primeiro ciclo econômico de Barra do Bugres e o início de seu desenvolvimento. A edificação onde está instalado o Museu Casa Borges pertenceu ao senhor Herculano Borges, comerciante da poaia, que comprava a raiz coletada na mata pelos poaieiros para revendê-la.

Apesar de levar o nome do patrão da poaia em sua denominação, o Museu Casa Borges não surge com intenção de homenagear o antigo comerciante, porém não ignora que ele faz parte da história da cidade, tanto que apresenta a história de sua família e da residência em um painel, organizado por uma de suas netas, Larissa Borges Lourenço, à entrada do museu. Do mesmo modo, fazem parte dessa história artistas e artesãos, estudantes, quilombolas, as mulheres de Barra do Bugres, o povo Balatiponé-Umutina, que tiveram voz durante essa, ainda curta, jornada empreendida pelo Museu Casa Borges, e outros grupos sociais que ainda não tiveram oportunidade de se manifestar naquele espaço, mas que também precisam ter sua história contada.

O museu é muito mais do que o edifício e os objetos em seu interior, o Museu Casa Borges está inserido na Zona Especial de Interesse Histórico, no centro histórico da cidade e às margens dos rios Paraguai e Bugres – e o seu entorno faz parte da história que o museu quer contar. São lugares que testemunharam o princípio da formação da cidade de Barra do Bugres a partir do final do séc. XIX, e que hoje podem

ser apreciados como objetos voltados para o ensino e o turismo, além do espaço físico do museu.

Os museus podem ter relação simbiótica com as atividades turísticas, na busca pela revitalização de áreas urbanas e preservação do patrimônio cultural. O caderno “Museus e Turismo” do Ibram (2014) discute a relação dialógica, os anseios de profissionais de museus e de profissionais de turismo, desde a “dificuldade de conciliar as responsabilidades de preservar, organizar e expor seus acervos e realizar atividades não apenas para o público, mas com o público”, buscando “atrair visitantes e oferecer-lhes uma experiência que os surpreendam positivamente” sugerindo que “os museus devem constar como pontos de partida para roteiros culturais, que devem incluir, ainda, monumentos, sítios tombados, espaços culturais e aspectos que retratam a cultural local” (Ibram, 2014, p. 14).

Sendo o museu um instrumento de preservação do patrimônio cultural, também pode ser considerado um espaço de memória, de salvaguarda da herança cultural de um povo, integração com os povos indígenas, luta contra o preconceito e a discriminação, e valorização do ambiente cultural entorno, como dito pelo professor Dr. Alberto Garlandini, Presidente do ICOM, em sua conferencia no Simpósio Internacional *online* Museus, Museologia, Patrimônio e Sociedade: Tendências e desafios na atualidade, realizado na Unirio em 02 de agosto de 2021 (Garlandini, 2021). A sociedade é, pois, peça fundamental na preservação do patrimônio cultural local, toda ação necessita de sua participação, que deve ser incentivada e apoiada. Por isso, a importância de políticas públicas que fomentem a promoção de ações culturais e educacionais, como sugerido na cartilha do IPHAN sobre Educação Patrimonial - Histórico, Conceitos e Processos:

Qualquer que seja a ação implementada ou o projeto proposto, sua execução supõe o empenho em identificar e fortalecer os vínculos das comunidades com o seu Patrimônio Cultural, incentivando a participação social em todas as etapas da preservação dos bens. Nesse processo, cabe aos poderes públicos exercer o papel de mediador da sociedade civil, contribuindo para a criação de canais de interlocução que se valem, em especial, de mecanismos de escuta e observação (IPHAN, 2014, p. 21).

Por ser o museu um agente de ação cultural e educativa, levantou-se a necessidade de buscar, para Barra do Bugres, a organização de um espaço que pudesse expor as culturas e as histórias do município e que os objetos ali expostos, as ações realizadas, pudessem, de alguma forma, interagir com o público, num caráter didático e socializador, “fortalecer os vínculos” (IPHAN, 2014, p.21), cumprindo sua função, dentro das atribuições dos museus, que devem assumir seu papel de agentes

motivadores, voltados prioritariamente para as comunidades que os cercam, incentivando-as a valorizar e a preservar o patrimônio em seu conceito mais amplo (patrimônio integral), sempre respeitando as diferenças culturais (Carvalho e Scheiner, 2012, p. 130).

São diversas possibilidades para esse museu que está aprendendo seu caminho. O Museu Casa Borges, que nasceu espontaneamente, sem o envolvimento de profissionais da museologia, por iniciativa de artistas, artesãos, arquitetas e arquitetos, historiadores, professoras e professores, estudantes, vizinhança, que primeiro ocuparam o espaço da Casa Borges com arte, artesanato, arquitetura, história, criando e realizando eventos culturais, empenha-se para ser esse espaço educativo, envolvendo as comunidades locais como protagonistas das próprias histórias a serem ali contadas, proporcionando diálogo entre pessoas de diferentes culturas, sempre trazendo algo novo, “algo que não conhecemos” (Freire, 1985, p.19).

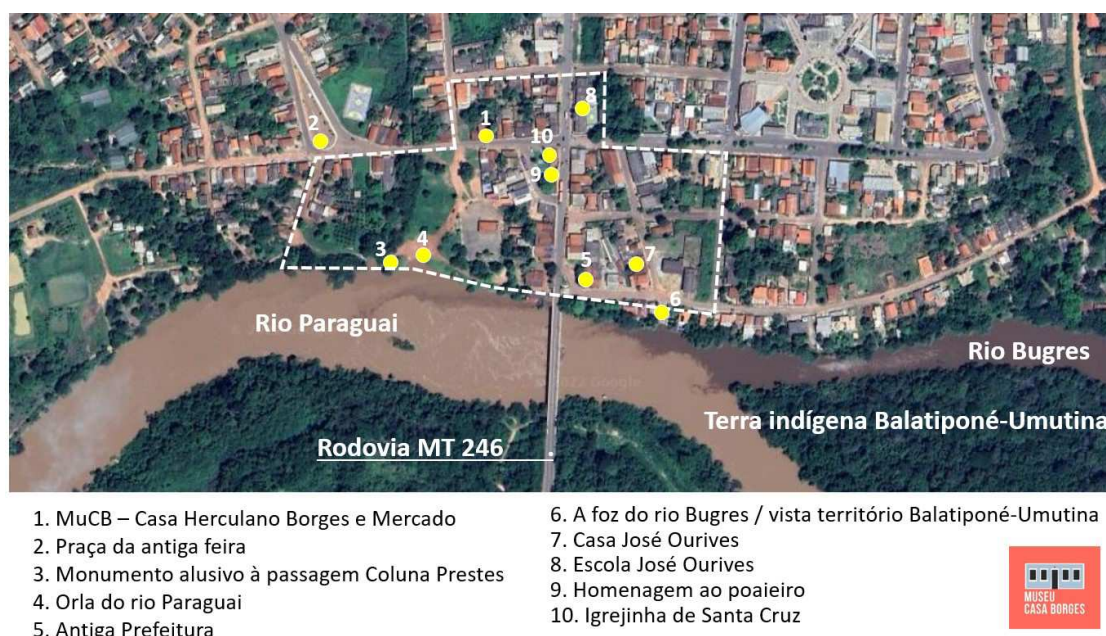
3.4.1 Implementação do Circuito Histórico

Em abril do ano de 2024, o município de Barra do Bugres completou 80 anos de emancipação política, e uma das atividades que o museu propôs para a data seria uma exposição extramuros, para a qual foram selecionados, inicialmente, dez pontos no entorno do museu, que contariam parte da história de Barra do Bugres (Fig. 66). São praças, edifícios, igreja, monumentos, e o próprio Rio Paraguai. Em cada um desses pontos seriam colocadas placas, com o nome do local, uma breve descrição relacionada a sua história, e um *QRcode* que remeteria ao *site* do museu onde seria contada, de forma mais aprofundada, a história referente a aquele símbolo, a aquele local.

Concebida a partir da exposição Permanências Urbanas, realizada no MuCB em 2022, que em sua primeira etapa tratava de lugares históricos da área do início da ocupação da cidade, delimitado como a Zona Especial de Interesse Histórico, foi inspirada em circuitos expositivos e exposições a céu aberto de diversos espaços culturais, como a Exposição Expandida da Casa de Cultura de Paraty, que conta parte da História Cultural de Paraty por meio de um mapa de visitação a vinte edifícios do Centro Histórico, cada um identificado e contando sua trajetória e relação com a história da cidade; o Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB) como ponto de partida para o percurso pelo território denominado Pequena África, na Zona Portuária do Rio de Janeiro que, por 300 anos, foi palco de acontecimentos relacionados aos povos trazidos do continente africano, simbolizados por lugares como o Cais do Valongo, hoje Patrimônio da Humanidade, cemitérios, igrejas, locais de manifestações

culturais e de moradia; o Museu das Remoções, que mostra as ruínas do bairro que foi um dia e lembra de todas as remoções praticadas no Rio de Janeiro, cidade construída sobre escombros; O Museu de Favela, museu vivo, cujo acervo são as histórias de seus moradores e suas casas-tela, onde artistas locais retratam cenas das histórias narradas; O Museu Vivo do São Bento, museu de território em Duque de Caxias, que percorre diversos pontos de interesse histórico e arqueológico do bairro São Bento, e desenvolve um programa com os “Jovens Agentes do Patrimônio” que discutem a relação das pessoas com o ambiente em que vivem e sua realidade social; a Rota da Ancestralidade, percurso idealizado pelo Museu da Imagem e do Som de Cuiabá (MISC) e o grupo Kizomba de capoeira, que dá visibilidade à história do povo negro na formação da capital mato-grossense, por meio de sete lugares entre ruas, praças, igrejas, que remetem à herança africana em Cuiabá⁹⁵.

Figura 66 – Mapa com destaque da Zona Especial de Interesse Histórico e os pontos selecionados para compor o Circuito Histórico



Fonte: GoogleMaps editada pelo autor, 2023

⁹⁵ Referências dos museus e percursos citados:

Casa de Cultura de Paraty: <https://www.casadaculturaparaty.org/paraty1945a2019>

Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira: <https://www.rio.rj.gov.br/web/muhcab>

Museu das Remoções: <https://museudasremocoes.com/>

Museu de Favela: <https://www.museudefavela.org/>

Museu Vivo do São Bento: <https://www.museuvivodosaobento.com.br/>

Rota da Ancestralidade: <https://sindjormt.org.br/noticias/jornalistas-pela-igualdade-racial-e-misc-lancam-documentario-lista-negra-e-levam-mais-de-100-pessoas-para-conhecer-a-historia-do-povo-negro-na-cuiaba-antiga>

O Circuito Histórico de Barra do Bugres conta histórias a partir de elementos urbanos ou naturais – que já estavam ali, só não eram percebidos. Tereza Scheiner nos fala sobre isso:

[...] registros materiais [...] que se inserem de tal modo em nossa experiência cotidiana que nós, com a mente e os sentidos impregnados ao ponto de saturação, já não os percebemos como documentos. Aí estão, em materialidade e permanência, as fortes marcas da presença humana no território: as formas de ocupação do espaço, os usos da natureza, o desenho das cidades, as arquiteturas. [...] Todos estão entre nós, em volta de nós - acenando, a todo momento, com as perspectivas e os limites de nossa própria existência. Mas, para percebê-los como registros de memória, é preciso olhar com olhos de ver (Scheiner, 2004, p. 279).

O circuito sugerido percorre pontos representativos de diferentes fatos e períodos da história da cidade, formando um percurso de cerca de um quilômetro (1 Km), indicados em um mapa a ser exposto na sede do museu.

As quatro janelas da fachada frontal do museu olham para parte da história de Barra do Bugres. Os lugares escolhidos representam segmentos da história, contada de diversas formas, como aponta o professor e museólogo Ulpiano Meneses, bens culturais que representam “a identidade que os grupos sociais lhe impõem” (Meneses, 1996, p. 93). Alguns desses pontos contam a história por meio de monumentos criados para lembrar tal fato, como a escultura Homem de Ferro, que remete à passagem da Coluna Prestes pela cidade; ou a estátua do poaieiro, que homenageia o trabalhador que se embrenhava na mata em busca da poaia⁹⁶, raiz medicinal que deu origem ao primeiro povoamento naquele local; outros pontos são lembrados por edificações, como a igreja de Santa Cruz ou as poucas residências remanescentes dos antigos comerciantes, erigidas com funções específicas de exercício da fé, lugar de comércio ou de abrigo, e que, agora transformadas em documento, guardam em sua materialidade registros de um tempo. Entretanto, há lugares em que já não existe mais nenhuma referência do que ali existiu ou aconteceu, como o lugar da antiga feira, que funcionou desde a fundação da cidade por mais de setenta anos, dela restando hoje apenas o espaço triangular que ocupava e onde a história é contada, memória “sempre atual” por estar em constante transformação (Nora, 2012). Há também histórias contadas a partir de símbolos que não registram, em sua aparência, a atividade humana que ali ocorreu. Falamos do rio Paraguai, por onde navegavam os barcos que trouxeram os primeiros exploradores e

⁹⁶ A poaia (*Cephaelis ipecacuanha*) é uma planta medicinal de pequeno porte, que se desenvolve em áreas sombreadas e úmidas da Mata Atlântica, e também das matas ciliares das áreas de Cerrado. Seu valor comercial se dá pela significativa concentração, em suas raízes, de alcaloides utilizados como princípio ativo de produtos da indústria farmacêutica (Viana; Naves, 2011, p. 2975).

as balsas que transportavam as riquezas vegetais; também da foz do rio Bugres, que dá nome à cidade; e, finalmente, do território onde hoje habitam os primeiros “donos” dessas terras, o povo Balatiponé-Umutina, cuja mata preservada de seu território pode ser avistada na confluência dos dois rios.

O projeto do Circuito Histórico de Barra do Bugres não foi finalizado, devendo ser implantado futuramente.

A Secretaria Municipal de Turismo está organizando cursos de qualificação para onze jovens moradores de Barra do Bugres que poderão se tornar condutores de turismo local⁹⁷. O treinamento teve início com cursos presenciais, ofertados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-MT) sobre “Condução em Trilhas e Caminhadas”, que trata de questões relacionadas ao turismo, segurança, meio ambiente, relacionamento etc. e “Turismo Rural: empreendendo na atividade”, que discute o planejamento das atividades turísticas, cuja ementa e conteúdos foram adaptados para o circuito na área urbana. Foram incentivados a fazer também o curso de “Condutores de Turismo em Espaços Culturais Locais”, ofertado a distância, gratuitamente, pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), cujo conteúdo aborda história e geografia aplicada ao turismo, patrimônio cultural, Interculturalidade, oratória, com carga horária de 200 horas.

A etapa da formação promovida pelo Museu Casa Borges, sob a forma de aula remota, abordará conteúdo referente à história de Barra do Bugres, a Casa Borges e sua relação com a cidade, e os conceitos de Museu de Território, apresentando os exemplos dos percursos museológicos que inspiraram a criação do circuito.

A última etapa da formação, a ser ofertada pelo professor da Unemat, historiador Romyr Conde, também membro da equipe do MuCB, será desenvolvida durante caminhada pelo Circuito Histórico, com conteúdo voltado ao conhecimento da relevância dos pontos a serem percorridos, e sua relação com a história local.

3.4.2 Viola-de-Cocho: Patrimônio imaterial presente em Barra do Bugres

A viola-de-cocho tem este nome devido ao modo de sua fabricação, com a caixa de ressonância escavada em um bloco de madeira bruta "mesma técnica utilizada na

⁹⁷ Guia de Turismo, como definido no texto da lei que regulamenta a profissão, exerce atividades de “acompanhar, orientar e transmitir informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas” (Brasil, 1993). Já o Conductor ou Monitor de Turismo tem atribuições mais restritas, é o profissional que recebe capacitação para conduzir visitantes em uma determinada área como unidades de conservação, museus, prédios históricos, entre outros, não podendo atuar foras daqueles limites (Turismo, 2021).

fabricação dos cochos – recipiente em que é depositado o alimento para o gado" (IPHAN, 2009), sendo um dos instrumentos, junto ao mocho e o ganzá⁹⁸, que acompanham as danças do cururu e do siriri, manifestações tradicionais em homenagem aos santos de devoção de populações ribeirinhas e pantaneiras do Centro-Oeste brasileiro. Muitas vezes, confeccionada pelo próprio músico, cada viola tem características como dimensão, peso e sonoridade únicas (Fonseca, 2008; IPHAN, 2009). De origem portuguesa, a viola-de-cocho foi adaptada no Brasil, principalmente na região do Pantanal mato-grossense, onde é tocada ainda hoje – apesar do risco de desaparecimento, já que os “fazedores” da viola-de-coxo geralmente são pessoas mais idosas, pouco interessando aos jovens esse aprendizado (Fonseca, 2008; IPHAN, 2009). Em Cuiabá, o som da viola-de-cocho vem sendo divulgado pelo professor da Universidade Federal de Mato Grosso, o músico Abel Santos Anjos Filho, que desenvolve pesquisa e divulga esse instrumento há trinta anos, trazendo ribeirinhos e pantaneiros tocadores da viola à condição de artistas regionais (SECEL, 2021).

Figura 67 – Violas-de-cocho em construção na oficina do professor Maninho e do mestre Rosalino



Fonte: Fotografia cedida pelo Prof. Maninho, 2024

Em 2024 foi realizada, em Barra do Bugres, uma oficina de construção da viola-de-cocho e do mocho, com recursos do Ministério da Cultura, através da lei Paulo

⁹⁸ O mocho e o ganzá são instrumentos de percussão, “tombados como patrimônio cultural de domínio popular no Estado de Mato Grosso” desde 1996 (Mato Grosso, 1996). O mocho tem como estrutura um quadro de madeira em formato semelhante a um banco, com membrana de couro, na qual é feita a percussão com duas baquetas de madeira. O ganzá, chamado também de reco-reco em algumas regiões, é um instrumento cilíndrico, feito de uma peça de bambu de cerca de 40 centímetros com ranhuras no sentido transversal ao seu comprimento, que são friccionadas com uma palheta de osso ou madeira, produzindo o som (IPHAN, 2003; CNFC, 2004; iPatrimônio, s/data; Mato Grosso, 2025).

Gustavo, proposta do professor e músico Manoel José Faria Oliveira, o professor Maninho, e ministrada pelo artesão Rosalino Aloísio Magalhães, que já expôs seus trabalhos de entalhe em madeira no Museu Casa Borges. A oficina, com objetivo de estimular os jovens a conhecer esses instrumentos e despertar possíveis interessados no aprendizado dessa artesanaria, foi realizada em espaço cedido pela Secretaria Municipal de Turismo, e contou com 22 alunos do projeto Nova Integração, projeto social desenvolvido pela Polícia Militar de Barra do Bugres desde 2017, que atende a jovens e crianças de 5 a 17 anos de diversos bairros da zona urbana e distritos, proporcionando atividades esportivas, artísticas e profissionalizantes (Barra do Bugres, 2022).

Em seu primeiro livro sobre a história de Barra do Bugres, o professor Jovino Ramos ensina que a madeira⁹⁹ para a confecção da viola-de-cocho, “que devia ser leve e resistente”, é cortada em seu formato externo, e depois escavada manualmente com instrumentos como a goiva e a enxó, a parte mais trabalhosa e delicada, já que suas paredes devem ter “a espessura uniforme, a mais fina possível, uma vez que este fator iria responder pela qualidade do som” (Ramos, 1991, p.54). Ainda segundo o professor Jovino Ramos, alguns artífices mais habilidosos construíam a viola de uma peça inteiriça corpo e cabo, mas também há as violas em que o cabo “era feito separadamente, de madeira mais consistente”. É uma viola de cinco cordas, originalmente feitas de tripa de macaco ou outros animais e atualmente substituídas por cordas de nylon e metal (Ramos, 1991¹⁰⁰, p.54; Fonseca, 2008).

Por utilizar ferramentas cortantes, a oficina não pode ser realizada no Museu Casa Borges como seria uma das sugestões. Peças remanescentes da oficina, como blocos de madeira, entalhes, e peças da viola-de-cocho em construção, serão organizadas em uma possível exposição no MuCB sobre a fabricação e o uso desse instrumento, bem como a valorização dos artesãos que ainda a fabricam.

A viola-de-cocho é um bem registrado como patrimônio cultural imaterial do Brasil desde 2004, inscrito no livro de Registro dos Saberes. O dossiê que respalda a solicitação de registro da viola-de-cocho junto ao IPHAN se baseia em levantamentos e documentação das pesquisadoras Francisca Ferreira no *Inventário da Cultura Popular*

⁹⁹ O dossiê “Modo de fazer Viola-de-Cocho”, do Iphan, informa que as madeiras tradicionalmente usadas para o corpo da viola são a ximbuva, o sarã-de-leite e o cedro, sempre cortadas na lua minguante, para evitar o ataque de insetos xilófagos. Para o tampo é usada a raiz da figueira, de difícil obtenção, podendo ser substituída por catana e a sapopemba ou a teca. Para outras partes, como a palheta, cravelha e pestana, são usadas madeira de maior resistência, como o cedro (IPHAN, 2009, p. 35-37).

¹⁰⁰ Seu primeiro livro, “Informativo Barra do Bugres: história folclore curiosidades”, sem informação da data de publicação no exemplar consultado, de sua 1ª edição, foi editado em 1991, de acordo com uma lista de “Livros do Autor” publicada em seu livro “A Histórica Barra do Bugres: 1º Ciclo Econômico”, de 2003 (Ramos, 2003, p.71).

Mato-grossense e de Julieta Andrade em *Cocho Mato-grossense: um alaúde brasileiro* realizados em 1978 e 1981 respectivamente (IPHAN, 2003; IPHAN, 2009).

3.4.3 Buriti, Palmeira da vida

Em uma das primeiras exposições realizadas no Museu Casa Borges, havia um quadro que representava um Buritizal, um conjunto de palmeiras Buriti às margens de um rio. O Buriti é uma palmeira de origem amazônica, que também pode ser encontrada no Pantanal e nas matas ciliares e regiões úmidas do Cerrado, servindo como abrigo de várias espécies e sendo de grande importância no ecossistema em que está inserido. Seus frutos são alimento para araras, papagaios e diversos outros animais, que também ajudam na dispersão de suas sementes. Suas folhas em formato de estrela, com até 3 metros de diâmetro, podem ser usadas na cobertura das casas e na confecção de esteiras, redes, entre outros utensílios. Para o viajante é um indicativo de que existe água naquela região (Malaquias, 2018; AMDA, 2018; Embrapa, 2021; VBio, 2023).

Figura 68 – O quadro “Buriti Palmeira da vida” de Judite Malaquias



Fonte: Relatórios MuCB, 2018

A tela da professora Judith Malaquias, intitulada “Buriti Palmeira da vida” (Fig. 68) é descrita por ela como “um quadro pedagógico, onde eu trabalhei com as crianças

da quinta série [...] falando sobre os benefícios do Buriti na natureza". A figura representa um Buritizal ao pôr do sol quando, segundo a autora, os animais vêm se alimentar de seus frutos, explicitando a importância dessa espécie para a sustentabilidade: "Por isso que eu coloquei ele aberto assim e mostrando que no meio, além dos frutos serem nutrientes para toda fauna silvestre, também ele é bússola de água rasa e a gente pode encontrar água no tronco dele" (Malaquias, 2018).

A relação da cidade com a biodiversidade é tema que abre um imenso leque de possibilidades a serem exploradas nas ações do MuCB, salientando o significado dos rios e suas matas ciliares, das matas preservadas na terra indígena vizinha, para um desenvolvimento sustentável.

3.4.4 Jovino Ramos, memorialista

O professor Jovino Ramos foi um respeitado memorialista de Barra do Bugres, tendo reunido informações relevantes de vários temas relacionados à cidade e regiões próximas. Foi autor de pelo menos 12 livros entre 1991 e 2003, sendo que nove tratam de temas relacionados ao município de Barra do Bugres. Neles, Jovino conta sua versão da história, baseando-se em pesquisas realizadas em arquivos municipais, publicações diversas e entrevistas, cujas fontes são citadas em alguns trechos de seus textos, e na sua vivência na cidade (Ramos, 2003; Oliveira, 2013).

Em suas pesquisas reúne um grande número de informações – "desde as mais simples às mais importantes, entendemos serem todas interessantes para figurarem neste livro", referindo-se a seu primeiro livro publicado, titulado de "Informativo Barra do Bugres: história folclore curiosidades", nomeado dessa forma, segundo sua apresentação, por ele próprio "entender que a obra ainda não é a história de Barra do Bugres" (Ramos, 1991, p.07).

Nascido em Cáceres, com formação em Licenciatura em Língua Portuguesa, Jovino lecionou em Cáceres, Cuiabá e Porto Estrela, antes de se estabelecer definitivamente em Barra do Bugres, em 1968 (Ramos, 1991; Senra e Silva, 2012). Entusiasta das tradições das Festas de Santo, em especial a Festa de Santa Cruz, Jovino conta que ela era "realizada com grande pompa e total participação da população, desde a criação da paróquia no remoto ano de 1896, quando a Santa Cruz foi reconhecida como a Padroeira de Barra do Bugres" (Ramos, 1991, p.49-50). A tradição seria durante muitos anos preservada, graças a sua dedicação e empenho na criação do Centro de Tradições Mato-grossenses – CTM, cujo principal objetivo era justamente incentivar a continuidade daquele ritual, além das danças tradicionais,

como o Siriri e Cururu, a confecção e uso de instrumentos musicais como a viola-de-cocho, o mocho, o ganzá. O CTM teve sua sede em prédio localizado na mesma rua do Museu Casa Borges, encontrando-se atualmente desativado (Ramos, 1991; Ramos, 2003; Senra e Silva, 2012, p.56-57).

Em publicação de 2006 em um site de notícias, Jovino Ramos enalteceu a Festa de Santa Cruz, ocorrida dias antes, dia 6 de maio daquele ano, como “a mais bonita celebração da cultura tradicional do povo mato-grossense”, lembrando que a festa “havia desaparecido por mais de 30 anos e conseqüentemente caída no esquecimento, até ser resgatada pelo Centro de Tradições Matogrossenses – CTM – de Barra do Bugres, fundado em 1994” estando viva novamente já por mais de uma década (Ramos, 2006). Atualmente a celebração acontece na igreja matriz, em 14 de setembro, dia de Santa Cruz, feriado municipal.

Com a restauração da antiga igrejinha de Santa Cruz, finalizada em 2023, foi organizado material referente a sua história e as obras de reforma, já expostos no MuCB, e que podem ser complementadas com pesquisa sobre os registros de Jovino Ramos sobre a festa da padroeira, e outras manifestações culturais por ele pesquisadas, registradas em suas publicações.

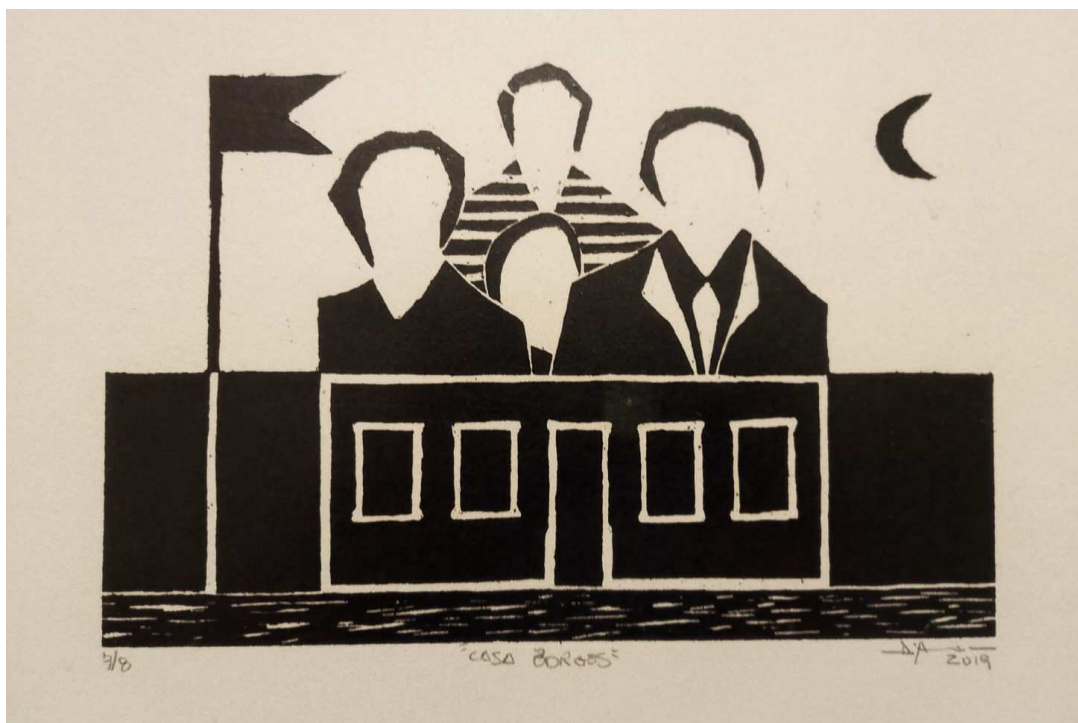
3.5 Constituição de acervo

O Museu Casa Borges iniciou suas atividades sem acervo físico próprio, no sentido de acervo institucional, que Marlene Suano define como “[...] tudo aquilo que o museu aloja, pela propriedade ou pela posse (objetos e coleções)” (Suano, 1986, p.93). Suas atividades envolvem as diversas comunidades de Barra do Bugres e região – artistas, artesãos, estudantes, comunidades tradicionais, que mostram os seus trabalhos e contam suas histórias por meio de desenhos, esculturas, artesanatos, mapas, fotografias – cedidas ou emprestadas pelos próprios autores ou guardiães –, apresentações e atividades culturais e artísticas, acervo operacional, descrito pela mesma autora, Marlene Suano, como:

[...] todo o patrimônio cultural e ambiental da região onde se insere o museu: meio ambiente físico, estruturas urbanas, monumentos, edifícios, festas e jogos e tudo o mais produto da ação da sociedade [...] o acervo operacional deverá ser estudado, discutido e conhecido através de visitas programadas e gerenciadas pelo museu” (Suano, 1986, p.93).

Suas primeiras peças de acervo físico foram um exemplar da poaia, coletada na aldeia Bakalana¹⁰¹, prensada, desidratada e emoldurada (imagem exposta na fig. 07, item 1.1.2); e uma xilogravura representando a fachada do museu (Fig.69), presenteada por Francisco de Assis, um dos artistas convidados a expor seus trabalhos na 2ª Mostra de Arte.

Figura 69 – Xilogravura representando a fachada da casa Borges, doada pelo artista Francisco de Assis



Fonte: Acervo Museu Casa Borges, imagem elaborada pelo autor, 2019.

3.5.1 A coleção de artefatos indígenas da Faindi

No início de 2023, o museu recebeu a doação de cerca de 150 peças remanescentes de uma coleção de artefatos indígenas da Faindi, a Faculdade Intercultural Indígena da Unemat, que oferece, desde 2001, cursos de “Licenciatura específica para formação de professores indígenas” nas áreas de Línguas, Artes e Literatura; Ciências Matemáticas e da Natureza; e Ciências Sociais, com total de 50 vagas. São turmas únicas, que acompanham os graduandos durante os cinco anos de formação. Parte do curso é ministrado no *campus* da Unemat, em Barra do Bugres, na chamada etapa presencial – por dois meses a cada ano, durante as férias escolares, pois muitos são professores nas escolas de suas aldeias – e as etapas intermediárias,

¹⁰¹ Bakalana é uma das aldeias da Terra Indígena Balatiponé-Umutina, localizada a cerca de 18 Km da aldeia central, em cuja mata ainda se encontra a poaia nativa.

nas quais os professores da Faindi se deslocam até as respectivas aldeias ou polos regionais para atender aos graduandos dos territórios próximos.

Figura 70 – Coleção de artefatos indígenas armazenados na sala da Faindi, no *campus* 3 da Unemat Barra do Bugres



Fonte: Imagens elaboradas pelo autor, 2016.

Esses alunos, quando vão a Barra do Bugres costumam levar artefatos para comercializar na cidade, sendo que alguns desses objetos foram doados para o curso, formando a coleção de 488 objetos, catalogados numa lista com a numeração, etnia e local de origem, nome do objeto em português e, em alguns, o nome do objeto na língua original, o material e sua função. Por falta de local adequado, os objetos eram guardados sem uma sala, expostos, sem controle de temperatura ou umidade, acarretando na deterioração de grande parte do acervo, especialmente as cestarias, resinas e arte plumária.

Hoje esses objetos estão expostos nas salas do MuCB, pois o museu não conta com espaço adequado para reserva técnica, e muito menos com pessoal capacitado para conservação desses objetos.

Um dos projetos a serem desenvolvidos é a catalogação desse material, a partir da ficha de identificação existente. A proposta é desenvolver um projeto de pesquisa junto à Faindi, que resulte na documentação do acervo, através da identificação dos objetos por estudantes das respectivas etnias, inspirado no acordo de cooperação técnico-científica firmado entre o Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular, que abriga o Museu do Folclore no Catete, RJ, e o Núcleo de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus (NUGEP), da Unirio, que desenvolve, desde 2023, projeto de pesquisa "compartilhando saberes entre universidades, museus e detentores de conhecimentos tradicionais" cujo plano de trabalho prevê, entre outras atividades, desenvolver diretrizes que promovam a inclusão dos saberes tradicionais nos trabalhos de documentação em espaços de memória (Cultura, 2024).

3.5.2 Musealização do edifício Casa Borges e seu entorno

A casa onde está instalado o Museu Casa Borges está inserida no perímetro da Zona Especial de Interesse Histórico (ZEIH) de Barra do Bugres, área às margens do rio Paraguai e Bugres, lugar das primeiras ocupações da cidade que se formava. Construída durante o primeiro ciclo econômico da cidade, é um dos poucos exemplares remanescentes da arquitetura de sua época, podendo a própria edificação fazer parte do acervo do museu nela instalado, objeto ressignificado como “documento” histórico e arquitetônico de uma época (Meneses, 1980).

No questionário sobre o Museu Casa Borges e o patrimônio de Barra do Bugres, a importância da casa é mencionada em trinta e uma respostas: Na questão 6, sobre novas informações obtidas em visitas ao museu, foram computadas 11 respostas relacionadas à edificação (história da edificação, sistema construtivo, restauração), e oito respostas sobre a história da família Borges; na questão 8, sobre os bens materiais de Barra do Bugres, a casa Borges ou o Museu Casa Borges são citados em 12 respostas.

Um dos produtos originados pelo primeiro projeto de extensão da casa Borges foi uma minuta do projeto de tombamento da casa como patrimônio histórico e cultural, sugerindo, a princípio, o tombamento em nível municipal (em anexo).

O memorial do projeto¹⁰² de tombamento menciona seu uso como espaço museológico e descreve a origem da casa, suas características arquitetônicas, a localização no Centro Histórico e seu significado para Barra do Bugres, relacionando-a ao comércio da poaia.

O texto do memorial de projeto apresenta resultados parciais do primeiro projeto de extensão relacionado àquela edificação, como o Mapa de Danos¹⁰³ e um Plano de Conservação da casa, que foi inclusive usado como referência durante as obras realizadas em 2022, sugerindo a realização de oficinas de restauro "como atividade complementar do curso de arquitetura e urbanismo" (Projeto de Tombamento, 2020, em anexo) a serem realizadas no próprio espaço do Museu Casa Borges. Duas dessas oficinas chegaram a ser realizadas – a primeira dentro do projeto João de Barro, que desenvolve pesquisa relacionada ao uso de terra na construção civil e que produziu peças de adobe na mesma dimensão das peças originais do Museu Casa Borges com o objetivo de utilizá-las para vedação de um vão de ar condicionado existente em uma das paredes externas; e a segunda sendo voltada para restauração dos revestimentos das paredes com prática de "preparação e aplicação de argamassa de reboco", compatível com as paredes de terra, nas regiões com deslocamento do reboco, e posterior "pintura das paredes com tinta preparada à base de cal" (Projeto de Tombamento, 2020, em anexo).

A proposta sugere o tombamento do conjunto arquitetônico da casa Herculano Borges e mercado anexo, englobando parte da área arborizada ao redor da casa e o volume do poço original da casa, atualmente aterrado, deixando livre uma área de cerca de 300m² ao fundo do terreno, possibilitando a construção de edificação anexa futuramente.

Uma justificativa do projeto foi apresentada à Prefeitura Municipal, pois um dos documentos necessários, segundo orientação da Secretaria de Estado de Cultura, seria uma declaração expressando interesse e consentimento na continuidade do processo de tombamento, o que não ocorreu, sob argumentação de que oneraria os cofres do município.

Atualização do projeto e continuidade no processo de tombamento da casa é mais uma das diretrizes para atividades futuras do MuCB, bem como a musealização

¹⁰² Em arquitetura, o termo "memorial justificativo" ou "memorial de projeto" se refere ao documento que explica e justifica as decisões de projeto, complementando os desenhos.

¹⁰³ Mapa de danos é um instrumento utilizado na coleta de dados para elaboração de projetos de intervenção em edifícios, em que são representadas graficamente as manifestações patológicas em paredes, pisos, tetos, utilizando simbologias para indicação de trincas, rachaduras, manchas, deformações, entre outros.

do próprio conjunto arquitetônico composto pela casa e o comércio anexo como acervo do Museu Casa Borges, importantes passos para preservação do espaço como centro de informação e difusão do patrimônio cultural da região.

3.6 Estratégias de Comunicação

Em 2022, quando da reabertura do MuCB às exposições presenciais, após o período de pandemia, uma das estratégias adotadas pelo museu para viabilizar seu funcionamento, com tão poucos recursos, foi a realização de exposições itinerantes. **A ideia** O objetivo era que o material desenvolvido para as exposições pudesse ser exposto em outros locais atendendo a um público maior. Algumas escolas, especialmente as de fora da área urbana, têm grande dificuldade de transporte para que estudantes e docentes possam visitar o museu, então a ideia é que o museu possa ir até essas escolas para encontrar seu público.

Uma das formas que o Museu Casa Borges tem encontrado para atrair as comunidades é através da escola. O museu é algo ainda novo na cidade e o envolvimento das escolas depende do comprometimento e iniciativa do corpo docente, o que nem sempre ocorre, pois demanda mais trabalho, muitas vezes, sem o reconhecimento da própria direção da escola ou das instituições ligadas ao museu.

A baixa adesão ao questionário da pesquisa sobre o Museu Casa Borges e o patrimônio cultural de Barra do Bugres deixa claro que essa distância escola/museu ainda existe, embora possa, aos poucos, estar sendo minorada. Das 25 instituições de ensino do município de Barra do Bugres, entre públicas e privadas, para as quais o questionário foi enviado, apenas 14 (56%) tiveram respostas registradas, ainda assim sete dessas escolas contaram com apenas um ou dois respondentes. Entretanto, das 105 pessoas que responderam à questão sobre quais as atividades mais interessantes do MuCB, 94 deram respostas edificantes sobre as exposições, o acervo, a proposta museológica, entre outras ações realizadas no museu - com apenas uma crítica e duas respostas indiferentes, além das respostas descartadas - demonstrando que apesar da dificuldade na visita ao museu, quando esse envolvimento ocorre, aparentemente produz impacto positivo a aquelas pessoas.

Algumas das atividades realizadas recentemente podem revelar um panorama do envolvimento escola/museu, sugerindo caminhos que possam ser trilhados:

O museu vai à escola (jun.2023):

Uma das experiências realizadas pelo MuCB, na tentativa de divulgar suas atividades e atrair a curiosidade de estudantes e suas famílias, foi o projeto “O museu vai à escola”, com sua primeira exposição promovida em junho de 2023, a convite de professores das disciplinas Protagonismo Juvenil e Artes, da Escola Estadual Julieta Xavier Borges, situada próxima a Unemat. Para o evento escolar, realizado todo final de semestre, reunindo várias disciplinas, o museu montou uma pequena exposição composta por um conjunto de peças de seu acervo indígena, sendo que algumas podiam ser manuseadas pelas pessoas da escola, desenvolvendo seu trabalho de formação de público.

Figura 71 – Exposição do MuCB na escola Julieta Xavier Borges



Fonte: Relatórios MuCB, 2023

Semana da Bioarte (jun.2023):

Realizada na primeira semana de junho de 2023, durante a Semana Nacional do Meio Ambiente, a oficina de Bioarte colocou em prática uma atividade desenvolvida no

quintal do Museu Casa Borges, voltada para jovens e crianças das escolas de Barra do Bugres.

Proposta por mestrandos em Educação, a oficina incentivava a expressão artística utilizando elementos da natureza. De acordo com o projeto enviado para a Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Unemat (PROEC), o termo Bioarte “se configura como uma prática artística na qual o meio é matéria viva [...] é arte inspirada na Biologia”. A atividade tem início com a coleta de folhas, flores, sementes que, aliadas a outros materiais como tintas e colas, são utilizadas para o desenvolvimento das práticas artísticas, com técnicas de pintura, colagem e gravura. As oficinas foram divulgadas junto às escolas de Barra do Bugres e eram ministradas durante aquela semana segundo agendamento conforme a demanda das escolas interessadas.

Figura 72 – Bioarte no quintal da casa Borges



Fonte: Relatórios MuCB, 2023

As oficinas e a posterior exposição dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças e jovens, teve como um dos objetivos gerais "levar os/as alunos/as das escolas públicas

do município [...] a frequentarem e valorizarem o Museu Casa Borges, mostrando-lhes que o museu é um espaço dinâmico".

Oficina de ilustração (abr.2024):

A oficina de ilustração intitulada "80 anos de Barra do Bugres" fez parte do estágio supervisionado de graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais realizada em março e abril de 2024, em uma escola estadual da cidade de Barra do Bugres. A oficina de ilustração foi realizada em parceria com a professora de arte do 8º ano da Escola Estadual Assembleia de Deus¹⁰⁴.

A escola, que já desenvolve projetos ligados à educação e arte, com práticas de percussão, canto, danças tradicionais, arte nos muros, aceitou receber a oficina, proposta que teve como tema os 80 de emancipação política do município de Barra do Bugres, comemorados em 19 de abril de 2024.

Desenvolvendo técnicas de representação gráfica como aquarela, lápis de cor, grafite, giz de cera, pastel, a turma de 19 estudantes discutiu, junto às professoras, a história de Barra do Bugres a partir de imagens de lugares históricos. A proposta Inicial previa que os próprios estudantes fariam a visita ao centro histórico da cidade e à orla do rio Paraguai, registrando imagens de edificações e outros lugares históricos, porém "por questões logísticas e institucionais não foi possível realizar tal ação". Sabe-se que, nas escolas estaduais de Mato Grosso, aulas de campo fora da unidade escolar devem ser planejadas com no mínimo 180 dias de antecedência, como explicado no item 2.4.1, o que inviabilizou a saída dos estudantes.

Foram fotografados então, pela própria estagiária, cinco objetos arquitetônicos, além da orla do rio Paraguai e o próprio rio, que foram apresentados em projeções e fotografias impressas para que os alunos recriassem aquelas imagens, usando as técnicas desenvolvidas.

Os desenhos foram estruturados, de forma artesanal, em molduras de papel rígido e ficaram expostos no Museu Casa Borges de 19 de abril, data do aniversário da cidade, até dia 30 do mesmo mês. Um convite encaminhado à direção da escola, a fim

¹⁰⁴ A Escola Estadual Assembleia de Deus recebeu esse nome quando surgiu, no começo da década de 1990, ainda vinculada a uma igreja Assembleia de Deus, tendo sido posteriormente transferida para o estado, mantendo seu nome, o que já foi alvo de denúncia ao Ministério Público. O processo foi julgado e a escola pôde manter o nome desde que a sociedade esteja de acordo, já que existem escolas com nomes relacionados a outras religiões, como a Espírita e Católica. <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/02/24/mt-inaugura-escola-evangelica-com-nome-de-igreja-ministerio-publico-investiga.ghtml>

de ser direcionado aos responsáveis pelos estudantes, convidava a comunidade escolar e seus familiares para visitação e aprecia o dos trabalhos dos alunos no museu.

A maioria das atividades desenvolvidas no museu, especialmente as que envolvem alunos e professores, são institucionalizadas junto   PROEC, de modo que certificados para todos os participantes possam ser emitidos pela Unemat ou pela Secretaria Municipal de Educa o e Cultura.

Disciplina eletiva (segundo semestre de 2024):

O Museu Casa Borges foi tema de uma disciplina eletiva de 40 horas, proposta pela professora Katiene Ricardo Graça, da cadeira de Língua Portuguesa da Escola Estadual Alfredo José da Silva, de período integral. A disciplina eletiva   intitulada "Raízes: uma viagem pela cultura popular no Museu Casa Borges".

A cria o desta disciplina eletiva foi a forma encontrada pela professora de dar continuidade ao envolvimento de suas turmas com o Museu Casa Borges, que vem acontecendo desde a primeira exposi o do museu – que havia sido interrompido, primeiro pela pandemia e em seguida pelas restri es implementadas pela Secretaria de Estado de Educa o, visando maior segurança na realiza o de aulas de campo e visitas fora do espaço escolar.

Segundo sua ementa, a disciplina procura maior rendimento na aprendizagem, valorizando o "olhar regional" por meio da promo o de visitas, atividades práticas, pesquisas, reda o, com base em temas relacionados a "contextos históricos e expressões artísticas" que contribuem para uma "compreensão ampla e contextualizada do patrimônio cultural e artístico".

Um dos objetivos da disciplina eletiva   "ampliar o repertório cultural dos alunos [...] estimular a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico, fortalecendo os laços entre a comunidade escolar e o patrimônio cultural e artístico da região", a autonomia no aprendizado, o estímulo   curiosidade, o "permanente exercício da curiosidade" (Freire, 2011, p.82-87), uma das formas de aprendizado mais eficazes.

A disciplina sugere práticas como a produ o de exposi es, jogos, fotografias, vídeos, *podcasts*, leitura e elabora o de textos relacionados a temas diversos sugeridos por datas comemorativas, como o dia dos povos indígenas, aniversário de Barra do Bugres, dia do trabalho, dia mundial do meio ambiente, combate   discrimina o racial, patrimônio histórico, entre outros.

As informações contidas nessas referências às atividades do museu foram coletadas nos projetos das respectivas atividades, disponíveis nos arquivos do MuCB ou cedidos pelos autores.

3.6.1 Exposições virtuais

Inspirados pelos exemplos das exposições virtuais realizadas no período da pandemia, algumas das práticas desenvolvidas no museu têm sido publicadas na forma de exposições virtuais, especialmente no *Instagram* do museu, que parece ser a preferência das jovens voluntárias e bolsistas que atuam no museu. Como o *site* que foi criado com esse objetivo no início de 2020 tem capacidade de armazenamento limitada e que foi atingida com as quatro exposições que continuam hoje disponíveis, foi iniciado o projeto da criação de um novo *site*, com capacidade maior, a ser hospedado no domínio Unemat, para que novas exposições virtuais possam ser disponibilizadas.

3.6.2 A criação do novo *site*: museucasaborges.unemat.br

O desenvolvimento do novo *site* do Museu Casa Borges foi feito por uma graduanda do curso de Ciência da Computação, Ana Maria Cardoso de Souza, como resultado de seu estágio supervisionado¹⁰⁵, sob orientação do professor Rodrigo Fernando Shimazu.

A proposta do *site* é ser plataforma de divulgação e de armazenamento de todo o material produzido pelo museu ou em função do museu, de modo que seu conteúdo possa ser utilizado como material de pesquisa. Assim, a página foi desenhada com oito abas principais, onde serão disponibilizados os diversos temas:

A primeira página, Sobre, abre abas secundárias com material referente ao museu e à edificação. Na aba secundária intitulada O Museu Casa Borges há uma pequena apresentação do museu, desde seu surgimento e sua implementação como o museu municipal; a segunda aba, A casa Herculano Borges, apresenta um texto sobre a arquitetura da casa, excerto de um pesquisa de graduação em arquitetura e urbanismo; em seguida, em Quem foi Herculano Borges, é publicada uma pequena biografia do Herculano Borges escrita por um de seus filhos, Hércules Borges; a aba Identidade Visual dá acesso ao manual de aplicação da marca do Museu Casa Borges, desenvolvida pelo bolsista do MuCB Vinicius Cigerza de Souza; e a aba Documentos,

¹⁰⁵ Ana Maria Cardoso de Souza. Desenvolvimento do *site* Museu Casa Borges. Relatório final de estágio supervisionado - Departamento de Ciência da Computação. Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) Barra do Bugres MT, 2024.

ainda em construção, é onde serão arquivados documentos referentes ao museu, como portarias, projetos, relatórios, estatuto e o plano museológico, ainda por ser elaborado.

Figura 73 – Página de abertura do *site*, em tela de computador



Fonte: museucasaborges.unemat.br

Na segunda aba será arquivada toda a documentação referente ao Acervo, tais como fotografias e documentação museológica referente ao acervo institucional do MuCB. A aba Calendário abre a página do mês corrente, onde deverão aparecer os dias de funcionamento do museu e as ações que estarão sendo realizadas naquelas datas, com opção de adiantar ou recuar nos meses, buscando informações das atividades programadas e das já ocorridas. Ao selecionar uma atividade no calendário o leitor poderá ser redirecionado para a página do evento escolhido.

A aba sobre Turismo foi uma sugestão da Secretaria de Turismo, ainda precisando de revisão e complementação, deverá conter uma apresentação da cidade de Barra do Bugres com roteiro de visitação; informações sobre o Circuito Histórico, percurso a ser implantado no entorno do museu; na aba sobre as Comunidades Remanescentes de Quilombos será feita uma breve apresentação do lugar com informações sobre o seu patrimônio natural e cultural; e o Povo Balatiponé-Umutina, com breve histórico e apresentação, podendo redirecionar, ao final, ao site oficial do projeto de Etnoturismo nas aldeias do território Balatiponé.

Na aba Biblioteca serão disponibilizados publicações, pesquisas, artigos, relacionados ao Museu Casa Borges e a suas áreas de interesse, e às histórias, culturas e patrimônios de Barra do Bugres.

Na aba Exposições foram definidas quatro abas secundárias, onde serão apresentados materiais referentes à Exposição Principal; às Exposições Temporárias que estiverem em curso ou que já aconteceram no museu, ordenadas por data; as Exposições Virtuais, para onde foram migrados os conteúdos do primeiro *site* e do *blog* do museu; e um Tour Virtual pelo museu e seu entorno, um dos projetos que podem ainda ser desenvolvidos. Na aba Galeria serão colocadas pastas com registros fotográficos dos eventos, das visitas, das oficinas, e demais acontecimentos relacionados ao MuCB, em ordem cronológica.

Na extremidade direita do *site* ficam disponíveis os botões das redes sociais e no rodapé, além dos *links* para os *sites* da Unemat e da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, aparece o endereço do museu e o *link* para sua localização no *Google Maps*, em Imagem de satélite.

A própria autora do *site* propõe, ao final de seu relatório de estágio, sugestões e recomendações que poderão ser acatadas numa próxima etapa, de atualização e alimentação do novo *site*, como a implementação de “botão de pesquisa ativo que direcione o usuário pelo site para encontrar a informação que ele procura” e “que sejam incluídas áreas de comentários que permitam a discussão e o *feedback* dos visitantes” (Souza, 2024).

3.7 O Museu Casa Borges como meio de afirmação e divulgação da memória local: Possíveis futuros

As experiências obtidas durante esses seis anos de atividades do Museu Casa Borges apresentam perspectivas que direcionam suas ações para caminhos diversos, que poderão ser realizadas em cooperação com as comunidades, cultura viva de Barra do Bugres, desenvolvendo projetos coletivos, como têm sido as propostas do MuCB.

O Museu Casa Borges tem funcionado pelo trabalho de uma equipe multidisciplinar, composta majoritariamente por pessoas voluntárias, de áreas como arquitetura e urbanismo, artes plásticas, ciências da computação, direito, história, matemática, música, pedagogia, turismo, porém de forma descontínua – em geral, professores e alunos da Universidade (Unemat) e de outras escolas locais, servidores da Prefeitura Municipal, além de artistas locais e moradores das vizinhanças. Grande parte das atividades desenvolvidas no museu partem de propostas envolvendo pessoas de diversos setores da comunidade, trabalhando de forma voluntária e, alguns, sem nenhum vínculo formal com as instituições envolvidas. Sem recursos financeiros, o

projeto conta com uma equipe pequena, sendo que a tentativa de atrair um maior número de voluntários nem sempre tem sucesso.

A importância das experiências que os museus podem proporcionar por meio das pesquisas realizadas junto às comunidades, especialmente quando é um museu ligado a uma universidade, como é o caso do MuCB, foi destaque em uma das mesas no Encontro Internacional de Territórios e Saberes, evento promovido pela Fiocruz, realizado em agosto de 2024. Em sua fala, Alessandra Korap Silva¹⁰⁶, representante do Povo Munduruku, fez importantes comentários sobre a relação das universidades com as comunidades tradicionais: “[...] universidades voltadas para a justiça social, produzindo conhecimento *com* os Territórios e não apenas usar seus saberes [...] encontro de saberes acadêmicos e saberes tradicionais”. Ela criticou pesquisas e pesquisadores que se apropriam de informações e saberes comunitários, o que ela chamou de “extrativismo epistemológico”, alertando para a “colonização epistemológica, que desqualifica o saber tradicional, dos povos tradicionais, [...] sujeitos do saber, e não objetos do saber” (Silva, 2024).

Ao final de sua exposição, Alessandra Korap abordou imprescindíveis questões ambientais que os povos originários aldeados e outras comunidades rurais enfrentam com maior intensidade, com uma fala impactante sobre “[...] o ‘desenvolvimento’ que não tem espaço para as crianças, não tem espaço para os animais, não tem espaço para os rios [...] o capital não vai matar daqui a 30 anos, já está matando agora” (Silva, 2024). Lembrando que no momento em que este texto é escrito, de secas e incêndios criminosos, o rio Paraguai – o maior rio do Pantanal mato-grossense, um dos seis biomas brasileiros – atinge seu nível mais baixo, só comparável a secas históricas das décadas de 1960 e 1970 (Climainfo, 2024).

Que o Museu Casa Borges seja uma instituição que não veja as comunidades apenas como objeto de pesquisa, mas que as comunidades se apropriem do museu como espaço de manifestação.

¹⁰⁶ Alessandra Korap Silva “é do Povo Munduruku, coordenadora da associação Pariri. Defensora dos direitos humanos e ambientais na Amazônia. Desde 2015 atua na luta em defesa do território e no enfrentamento de grandes empreendimentos no Tapajós, no combate ao garimpo ilegal e outras atividades que afetam o território do povo Munduruku. Dentre vários prêmios recebidos destaca o Prêmio Goldman de Meio Ambiente que ganhou em 2023” (Encontro Internacional de Territórios e Saberes, 2024: <https://www.territoriosesaberes.org/presencas-confirmadas-2>).

CONSIDERAÇÕES

CONSIDERAÇÕES

Estive na função de coordenador dos projetos de extensão que deram origem e continuidade às atividades do Museu Casa Borges desde seu início, em 2018, até o final do ano de 2021, quando me afastei da universidade para qualificação. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, e a partir de sua reabertura em 2022, as atividades do museu continuaram a ocorrer, com maior diversidade e regularidade, buscando sempre o envolvimento das escolas e das comunidades da região.

Tendo morado por mais de 10 anos na cidade de Barra do Bugres, município localizado no interior de Mato Grosso, desde o início tive curiosidade de buscar o que a cidade tinha de melhor a oferecer: a natureza em torno, os rios, as comunidades tradicionais, a cultura do lugar, que são objeto de vários projetos de extensão, que me revelaram toda a diversidade cultural de uma cidade à época desconhecida para mim, resultando em pesquisas junto às comunidades e ao patrimônio de Barra do Bugres, ainda sem saber que resultariam neste trabalho.

Durante os anos de 2020 e 2021, todas as atividades do MuCB foram remotas, em função da necessidade de afastamento social exigido pela pandemia, sem contato com o público, que era um dos principais objetivos da criação desse museu. Apesar das atividades desenvolvidas virtualmente terem uma vida mais longa, podendo ainda hoje ser consultadas e visitadas, na prática atingem um outro público, que não as escolas com suas turmas de crianças e jovens estudantes, que se distanciaram do museu, sendo que mesmo após o reinício de suas atividades, em 2022, o museu ainda tem dificuldade em atrair um público com maior constância.

O Museu Casa Borges consegue atrair olhares para questões que, em geral, são pouco visíveis. As mulheres, de várias culturas e origens, como na exposição virtual “Mulheres”, a primeira experiência de exposição virtual, no primeiro semestre de 2020, realizada por mulheres fotografando e interpretando falas de outras mulheres de Barra do Bugres, algumas mais conhecidas, outras menos; a religiosidade do povo quilombola, as festas de santos realizadas nas comunidades, pouco conhecidas por serem manifestações familiares, comunitárias, expressão de sua crença, sem intenção de envolvimento de pessoas de fora; a cultura de povos indígenas de todo estado de Mato Grosso; o povo Balatiponé-Umutina, tão perto e tão distante; os artistas locais, desconhecidos de muitos, passam a ter um espaço para mostrar sua arte. Interação entre culturas, respeito à diversidade, o museu como espaço de poder, mostrando a importância de sua existência, permitindo que seus espaços, públicos, possam ser ocupados por aqueles a que pertencem.

A criação do Museu Casa Borges vem suprir uma carência percebida há muitos anos, semente plantada por muitas mãos. O museu, em constante evolução, que conta histórias, que mostra artistas, que atrai crianças, que chama atenção para a casa histórica, que se transforma num espaço cultural e de transformação do espaço à sua volta. A própria edificação como documento histórico e arquitetônico de uma época. Mas não basta ter o nome de Museu. Falta ao Museu Casa Borges, essencial, a elaboração de um plano museológico que estabeleça metas visando sua sustentabilidade, a fim de garantir a continuidade de suas ações. As experiências praticadas no Museu Casa Borges, ou por meio dele, evidenciaram a profusão de temas ainda passíveis de serem explorados.

Sobre os quilombos da região do Vão Grande, o material organizado para compor as exposições, virtuais e presenciais, realizadas no MuCB externaram o empenho na união daquelas pessoas em prol de suas lutas pelos direitos mais básicos, desde a educação, a saúde, o transporte, a posse de suas terras, a preservação dos espaços da natureza onde estão inseridas, a produção de seu alimento, o professar de sua fé e religiosidade, o respeito à sua ancestralidade. Essas comunidades detêm um rico patrimônio cultural e ambiental, que pode ser mais valorizado e preservado, propiciando a “reconciliação da população com a sua história” (Mayrand, 2000), a partir de uma proposta de desenvolvimento sustentável, social e ambientalmente respeitosa.

O povo Balatiponé-Umutina, exemplo da resistência dos povos originários que, após viver por quase três décadas isolado, evitando praticar seus saberes ancestrais como “estratégia” de sobrevivência (Corezomaé, 2017), conquista seu território, ainda que uma parcela reduzida do que ocupavam anteriormente, em vida nômade, que utilizavam recursos naturais de uma determinada região, sem os destruir, permitindo à natureza seu tempo para regenerar. Ainda hoje, mesmo em território limitado, sua relação com a natureza se mantém, explorando de forma racional os recursos naturais renováveis. Ao construir sua casa de madeira, da árvore que é cortada na floresta para transformação em material para sua construção, são retiradas as peças necessárias do tronco, restando galhos e raízes. Aquela clareira que a árvore derrubada abre na mata permite que o sol invada seu interior, e as pequenas sementes germinadas, que na sombra não se desenvolveriam, recebendo luz se desenvolvem e se transformam em novas árvores. Esse saber é mantido ainda hoje, essa foi uma das vivências, talvez uma das mais importantes que tive em um dos projetos de extensão, em que se aprende muito mais do que se pretende ensinar. O material expositivo que foi produzido para a exposição dos Balatiponé-Umutina em 2019, e que foi levado para a escola Julá Paré, na aldeia central, talvez tenha proporcionado muito mais do que uma exposição

importante no Museu Casa Borges. Um grupo de pessoas daquela comunidade se reuniu em prol da reforma e restauração de uma das "Casas de Rondon", construções quase centenárias do antigo Posto Fraternidade, com objetivo de em uma dessas casas ser implantado um espaço cultural, talvez o museu do Povo Balatiponé.

A proposta do Circuito Histórico, baseada na pesquisa realizada para a exposição Permanências Urbanas, apresentada em junho e julho de 2022 no Museu Casa Borges, que aponta para alguns bens significativos da memória da cidade, elementos urbanos que podem ser o embrião de uma exposição extramuros, um percurso por dez pontos situados no entorno do MuCB, uma proposta apresentada para a Secretaria Municipal de Turismo e que está proporcionando a capacitação de condutores locais, formação que pode resultar em retorno financeiro para essas pessoas, além de dar visibilidade à história de Barra do Bugres.

O rio que atravessa terras anteriormente ocupadas pelos povos originários, denominado Rio dos Bugres por esse motivo, nomeando assim, pejorativamente, os indígenas, passa a denominar também a cidade localizada à sua foz. O uso do termo bugre, a que faz referência o nome do rio e o nome da cidade passa a ser naturalizado pelas pessoas que vivem no local. Contando a história de Barra do Bugres, o Museu Casa Borges precisa assumir o compromisso de apontar um novo modo de perceber e se apropriar do termo, transformando seu significado em um recurso de auto afirmação: sou Bugres! É o nome do rio, é o nome da cidade.

O Museu Casa Borges é um lugar que conta as histórias a partir de diferentes perspectivas: a visão do patrão da poaia, sem dúvida um personagem fundamental na criação da cidade de Barra do Bugres e no desenvolvimento econômico da cidade; mas também a visão do poaieiro, o trabalhador que entra na mata e por lá permanece por três ou quatro meses, sujeito ao frio, à chuva, ao ataque de insetos e outros animais, coletando a poaia, que na volta era vendida para assegurar a sobrevivência de sua família; e um terceiro ponto de vista, uma terceira perspectiva, a do indígena, que originalmente ocupava todo esse território e que sobreviveu resistindo à violência e ao despejo imposto por esses que adentravam a mata.

Esta pesquisa se desenvolveu como um primeiro passo na análise do processo de formação do Museu Casa Borges, um museu ainda em construção, em uma cidade carente de equipamentos culturais. Buscava responder, a partir do meu envolvimento durante os primeiros anos de seu amadurecimento, da observação dos resultados, de pesquisa junto aos relatórios das atividades ali realizadas, do diálogo com visitantes, a

algumas questões formuladas inicialmente, que poderiam orientar o desenvolvimento desse museu:

- Como integrar as comunidades locais ao processo de desenvolvimento do museu municipal para que a cultura desses grupos sociais seja valorizada e difundida? Desde o início de suas atividades, o Museu Casa Borges busca a participação das diversas comunidades de Barra do Bugres, pois sabe que é nessas comunidades que estão os saberes do nosso povo, as culturas que o museu quer comunicar. Com o propósito de atrair essas comunidades, especialmente as comunidades rurais, geograficamente distantes do centro da cidade, a tentativa de diálogo por meio da escola é a estratégia usada pelo MuCB, se empenhando para realizar a interação entre as diversas culturas, voltando-se especialmente para jovens e crianças, incentivando a curiosidade, a prática, a troca de saberes, passos fundamentais para a formação de cidadãos respeitosos e conscientes da grande diversidade de pessoas que formam uma comunidade. A distância física entre as comunidades, ou entre comunidades e museu, ainda é uma dificuldade a ser superada, seja pelo o apoio da Secretaria de Educação e da Unemat no fornecimento de transporte, seja pela divulgação de material no site do museu ou outras redes sociais, ou ainda pelo incremento das atividades itinerantes.

- De que forma a divulgação das culturas dos diferentes grupos sociais da região pode contribuir para o aumento da autoestima e a diminuição do preconceito e discriminação em relação a esses grupos? O preconceito nasce da ignorância, da falta de conhecimento. Quando o museu traz para dentro de seus espaços pessoas de culturas tão diversas, vivendo num mesmo território e desconhecidas, proporciona esse encontro e a comunicação. Quando uma criança de uma escola urbana encontra no museu um indígena ensinando tiro com arco, fazendo pintura corporal, sem necessariamente estar paramentado para seus rituais, e a criança, surpresa, pergunta "você é índio de verdade?" – nesse momento, o pré-conceito se quebra, a criança vê que seu vizinho indígena ocupa os mesmos lugares que ele, duas pessoas com diferentes formas de vida, diferentes conhecimentos a serem compartilhados.

- Existe interesse das comunidades de Barra do Bugres em divulgar sua cultura/memória/história através do MuCB? O museu ainda é algo novo na cidade. No início, todas as atividades foram de iniciativa do projeto do museu, que procurava artistas, comunidades, escolas, com propostas e convites, que eram aceitos ou não. Aos poucos, o espaço passou a ser reconhecido como o museu da cidade, especialmente no meio escolar. Professores e suas turmas demonstravam interesse em visitar o MuCB, assim como alguns artistas, que passaram a ter confiança de expor seus trabalhos ali. Os dois anos de isolamento quebraram esse avanço. Após sua reabertura,

em 2022, parecia que o museu precisaria começar do zero, com a divulgação de suas atividades, os convites à participação das escolas, com agravante do maior rigor imposto pela Secretaria Estadual de Educação para o planejamento e a realização das atividades extraclasse de alunos das escolas estaduais. Há dificuldades também, sem dúvidas, para o próprio museu se manter aberto, seja pela falta de recursos do próprio MuCB para proporcionar a realização das atividades, seja pela falta de pessoal envolvido profissionalmente nas atividades do museu, entre outros fatores. A participação das comunidades das áreas rurais, é um outro desafio, pela distância, pela dificuldade de transporte, talvez também pela falta de interação das comunidades com o museu; ainda assim algumas atividades propostas pelas comunidades já puderam ser realizadas no museu recentemente, como a exposição de cerâmicas dos Balatiponé-Umutina, inserida no evento da 2ª Feira Indígena Intercultural, e a exposição O Vão Grande (R)existe sobre a religiosidade e os conflitos territoriais dos quilombos do Vão Grande, criada e organizada por pessoas representantes da comunidade Camarinha. A tentativa de diálogo do museu com as comunidades, por meio do questionário realizado, demonstrou pouco envolvimento das comunidades rurais, o que não pode, entretanto, ser considerado um distanciamento das comunidades em relação ao museu. Um conjunto de circunstâncias, como dificuldades de conexão, a falta de prática no manuseio das tecnologias, o excesso de atividades curriculares dos professores, podem ter contribuído para que os questionários não fossem aplicados em maior número, assim como o não envolvimento das comunidades que nunca tiveram oportunidade de conhecer o museu, possíveis explicações para a fraca adesão a essa tentativa de diálogo.

- De que modo o Museu Casa Borges pode contribuir como instrumento de valorização dos patrimônios (material, imaterial, cultural, ambiental) de Barra do Bugres? Em termos gerais o Museu Casa Borges tem desenvolvido um número significativo de atividades relacionadas à comunicação de seus patrimônios, material e imaterial, cultural, ambiental, como a história contada a partir de elementos urbanos que permanecem ao longo do tempo, com seus significados, com sua história; as imagens que retratam a arquitetura e os monumentos da região às margens dos rios Paraguai e Bugres, na entrada da cidade, bem como os próprios rios, que documentam diversos fatos importantes da história de Barra do Bugres; o mapa da cidade com a linha reta traçada pela ponte e pela rodovia que divide a cidade em duas e demonstra a expansão de sua área urbana nas últimas cinco décadas, efeito das transformações da economia extrativista para a agroindústria e da implantação da universidade. O MuCB se apresenta como intermediário também na divulgação dos patrimônios das diversas

comunidades que compõe o município; nas exposições das obras de artistas plásticos e artesãos que tiveram visibilidade durante os eventos e publicação de seus trabalhos no *sítio* do museu; as fotografias que valorizam a arquitetura, as paisagens, a fauna e a flora, as atividades como a pesca, as danças, a música, a religiosidade; temas que não se esgotam, alguns já explorados, outros ainda por vir.

Em relação à hipótese de que o Museu Casa Borges tem atuado como polo irradiador de referência cultural e ambiental de Barra do Bugres, fortalecendo a identidade de grupos sociais que dele participam, a partir de reflexões junto às comunidades, e da comunicação de seus patrimônios, percebe-se que, pela forma como o referido museu vem desenvolvendo suas atividades – diversas, sempre procurando se adequar às realidades de cada momento, em constante empenho à participação do público e sugerindo curadoria colaborativa na busca da interação entre as diversas culturas – as diversas comunidades, disseminando seus saberes, pode estar proporcionando o aprendizado mútuo, entre quem produz os conteúdos, quem apresenta suas histórias, e aquele que observa, que recebe.

E de que forma recebe? A criança que visita o museu e diz “museu é tão legal!”, “você é índio de verdade?”; “tio, posso pegar manga?” tantas formas diferentes de produzir e de receber, com liberdade para olhar ou sentir ou se emocionar, naturalmente, sem perceber que o ensinar e o aprender acontecem simultaneamente. O ensinar e o aprender, que exigem curiosidade, respeito, o reconhecimento de sua identidade cultural, que exigem liberdade, que exigem disponibilidade para o diálogo, para os afetos e encontros, como ensina Paulo Freire em sua pedagogia da autonomia (2011).

Os relatos e reflexões feitas neste trabalho, sobre as inúmeras atividades realizadas naquele espaço, ou por meio daquele espaço, condizem com algumas das reações expressadas pela coletividade nas respostas às questões sobre as atividades do Museu Casa Borges, demonstrando a apropriação pelo público das performances do museu; assim como as lembranças dos patrimônios materiais e imateriais de Barra do Bugres, grande parte deles tendo sido conteúdo de algum, ou de vários, dos eventos realizados naquele espaço – patrimônios que estão vivos e que o museu incita à lembrança.

O que podemos intuir é que nesses primeiros seis anos de atuação, desenvolvendo ações com uma pluralidade de temas relevantes, fortalecendo vínculos com o patrimônio cultural da região, o MuCB demonstra sua predisposição ao acolhimento de iniciativas e manifestações diversas, envolvendo os detentores desses

saberes, como os já citados artistas e artesãos, exibindo suas obras e seu modo de trabalhar, incentivando jovens visitantes a desenvolver também suas formas de expressão; os representantes de vários povos indígenas de Mato Grosso, ocupando os espaços do museu e entorno com suas manifestações, seus sons, suas cores, discutindo suas necessidades e seus anseios, demonstrando que cada um desses povos indígenas é único; os remanescentes quilombolas, em sua luta constante pela preservação de seu território, por uma vida digna, resguardando saberes como a produção dos alimentos, a culinária, o uso das ervas medicinais, a técnica apurada na construção de suas paredes de terra e, acima de tudo, a religiosidade demonstrada no empenho da realização das Festas de Santo, que são motivação e união daquelas famílias; assim como as escolas, com professores e estudantes envolvidos com ciência, arte, cultura; todas essas motivando e atraindo a participação de outras manifestações e iniciativas.

Quanto ao envolvimento das comunidades com o MuCB pode-se dizer, em termos práticos, que durante esses seis anos, sendo dois anos de atividades apenas virtuais e não contabilizadas aqui, o levantamento feito no livro de assinaturas registrou que o museu foi visitado, de 2018 a 2024, por 5.619 pessoas, sendo 3.638 professores e estudantes de 22 instituições de ensino, entre escolas, universidades e projetos sociais, lembrando sempre que esse número de visitantes corresponde a 18% da população atual de Barra do Bugres, de cerca de 30 mil habitantes. Ainda que não seja uma fonte precisa de quantificação do público que frequenta o museu, já que pode haver pessoas que não assinaram o livro de assinaturas, ainda assim são números que podem ser considerados como ordem de grandeza do universo de visitantes.

O caminho trilhado por esta pesquisa pode contribuir, não apenas com a valorização e a divulgação do Museu Casa Borges, mas principalmente com a construção do seu futuro. A apresentação de Barra do Bugres, retratada no primeiro capítulo, consegue mostrar não só a história do município e da cidade, mas os diversos aspectos de sua cultura. Destaca a importância dos rios que margeiam a cidade, não só para o município, mas para toda a região, as áreas de vegetação ainda preservadas, no território indígena e nas matas ciliares, refúgio de uma fauna ainda exuberante. As referências, intimamente ligadas à cidade, que podem ser comunicadas nas ações do museu, como o nome do rio (Bugres) e da cidade; a poaia, que ainda cresce espontaneamente nas matas ciliares, principalmente em algumas aldeias do território Balatiponé-Umutina; a arquitetura da casa que, transformada em museu, materializa a história do lugar, um dos exemplares do patrimônio arquitetônico local, constituído por bens materiais lembrados em 52 respostas ao questionário como os de maior

importância para o município, devendo ser valorizados e preservados, não só os exemplares urbanos mas também arquitetura tradicional praticada nas comunidades rurais.

Importante como registro histórico desses pouco mais de seis primeiros anos de atuação do Museu Casa Borges, o conteúdo expresso no segundo capítulo mostra a transformação do espaço residencial em espaço cultural, com potencial de transformação do entorno, como já vem ocorrendo: a restauração da igreja de Santa Cruz, outro testemunho do início da formação da cidade; a possível revitalização do Centro de Tradições Mato-grossenses, na mesma rua do museu; o destaque dado à orla do rio Paraguai e seu significado para a cidade. Importante ressaltar o trabalho voluntário da equipe do MuCB, desenvolvendo ações que dão visibilidade à cidade, valorizando com isso as realizações da Universidade e da Secretaria de Cultura do município, responsáveis pela gestão do espaço. O questionário realizado com a população de Barra do Bugres buscava respostas sobre as contribuições que o museu poderia realizar para valorização de seus patrimônios, visando averiguar o interesse das comunidades em se envolver no processo de desenvolvimento do MuCB e na divulgação de sua cultura através do museu. A distância de algumas das comunidades, a falta de habilidade no uso das tecnologias, os desafios enfrentados pelas escolas para visita ao museu, ou a própria falta de divulgação mais efetiva, podem ser algumas das respostas para a baixa adesão ao questionário. Dentre as respostas às questões abertas, foi demonstrado grande interesse pela cultura indígena e também pelas edificações históricas, além de comentários relacionados a várias das atividades realizadas no museu, demonstrando sua importância como espaço de democratização do conhecimento, cumprindo assim parte de suas funções de difusão da cultura local.

O trabalho se lança num exercício que visa entender qual o papel desse museu, qual a sua vocação. Um museu que surge espontaneamente e que, intuitivamente, trilha o caminho para ser um museu inclusivo, que valorize o trabalho das comunidades, focando em sua atuação no presente, mas visando a preservação das tradições e manifestações culturais, trazidas para serem exibidas no museu; incentivando crianças e jovens das escolas locais a conhecer sua cultura e dela participar, mostrar que é possível viver de arte, trabalhar com a cultura, abrir as mentes e mostrar novos horizontes a todas as pessoas. Vitrine de atividades relacionadas à Unemat, sem dúvidas o Museu Casa Borges se configura como um Museu Universitário, espaço de realização e documentação de atividades de ensino-pesquisa-extensão da universidade. Quanto a ser um Museu de Território, essa é apenas uma possibilidade que o museu vem construindo, à medida que envolve as comunidades do município e

se utiliza dos espaços do seu entorno como acervo operacional de suas narrativas histórico-culturais. E ainda que o título do museu remeta à ideia de Museu-Casa e mesmo que não negue sua origem como residência e comércio de um patrão da poaia, o Museu Casa Borges dificilmente se enquadra nos conceitos de Museu-Casa. Preserva a relação da edificação com a história da cidade, mas seu foco principal são as narrativas que valorizem as memórias regionais. Com sua trajetória voltada para o reconhecimento das memórias locais, incentivando a participação comunitária na construção de suas narrativas, o Museu Casa Borges se aproxima dos valores da museologia social, transcendendo sua função expositiva, desenvolvendo-se paralelamente como lugar de educação não-formal, articulado com escolas e comunidades.

É possível imaginar os possíveis futuros que se descortinam para o MuCB, destacando sua relação com a cidade. Discorrer sobre as estratégias de comunicação e as ações itinerantes que vem sendo ensaiadas, no intento de conferir visibilidade ao MuCB, levando o museu aos lugares onde está seu público; incentivar o envolvimento de representações da diversidade cultural de Barra do Bugres em manifestações vinculadas ao museu; apresentar temáticas, sugestões e ideias que podem ser desenvolvidas à medida que o museu se consolida. As reflexões feitas a partir dessa pesquisa analisam a formação de seu acervo institucional, constituído principalmente por objetos etnográficos, e também de seu acervo imaterial, das culturas nele representadas pelas comunidades, considerando as histórias que podem ser narradas a partir de lugares da cidade, chegando até a proposta de tombamento da casa que abriga o Museu Casa Borges, bem como a musealização do edifício e de seu entorno como parte do acervo operacional do MuCB.

Uma das mudanças que pode trazer novos horizontes a esse museu, assim como aos demais museus vinculados à Unemat, foi a contratação, recentemente, de um museólogo para os quadros da universidade. Demanda cobrada e esperada desde 2000, quando teve início o Museu de Humanidades de Cáceres; somente neste concurso de técnicos, realizado em 2024, para contratação e cadastro de reserva para 140 vagas de profissionais técnicos de nível médio, técnico e superior, foi destinada uma vaga a profissional da museologia, provavelmente a ser lotado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e com atribuição de assessorar as equipes dos quatro museus existentes atualmente vinculados à Unemat.

Percebe-se, entretanto, os desafios que o Museu Casa Borges vem enfrentando, como a escassez de recursos financeiros para seu desenvolvimento, bem como para ações de conservação do próprio edifício, já que não existem previsões orçamentárias

para suas atividades, seja da Secretaria de Cultura, seja na própria Universidade, além da carência de pessoal capacitado para captação de recursos por editais de fomento à cultura.

Dentre as propostas a serem desenvolvidas no ano de 2025 e 2026 estão a elaboração do plano museológico do Museu Casa Borges; a revisão e atualização do projeto de tombamento do conjunto arquitetônico Casa Borges e Mercadinho; a proposição de um plano de manutenção preventiva da edificação, a ser protocolado junto à Prefeitura e Unemat; além do planejamento dos eventos culturais, dando continuidade à busca de interação do museu com as comunidades e com a realidade local, e do envolvimento dos moradores com o conjunto de bens culturais, para que percebam a importância da preservação de seus patrimônios, conhecendo-os e orgulhando-se deles.

O Museu Casa Borges vem se desenvolvendo como espaço inclusivo, procurando se adequar às realidades de cada momento, em constante empenho à participação comunitária, sugerindo curadoria colaborativa na busca da interação entre as diversas culturas, as diversas comunidades, documentando e divulgando a diversidade étnica e cultural da região, proporcionando o diálogo entre os diferentes, que Paulo Freire (1985) ensina que podem sempre nos trazer algo que desconhecemos, proporcionando experiências e trocas de saberes, aprendizado mútuo entre quem apresenta e quem apreende, quem “fala” e quem “escuta”.

O Museu Casa Borges e suas relações com as comunidades do entorno tem demonstrado seu potencial como elemento catalizador das memórias e da cultura desses povos. Seu vínculo com as comunidades da região de Barra do Bugres reforçam a importância da criação desse museu municipal como elemento de afirmação das memórias e patrimônios culturais da população do município. O MuCB, que surgiu com vocação para expor a arte e a cultura locais, pode ainda se tornar lugar de guarda, comunicação e discussão das memórias do município. O destaque que esse museu municipal tem proporcionado ao patrimônio cultural local é de grande relevância para a preservação desses bens, além de promover o reconhecimento dos valores comunitários, elevando a autoestima dos moradores do município ao ver sua própria história representada e valorizada.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ABALADA, Victor Emmanuel Teixeira Mendes; GRANATO, Marcus. **Museus universitários brasileiros e patrimônio cultural de ciência e tecnologia: resultados iniciais de seu mapeamento e relação**. GT- 9 – Museu, Patrimônio e Informação - XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019. Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/121704>. Acesso em: 29 out. 2023.
- ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 15.575-1: Edifícios habitacionais de até cinco pavimentos: Desempenho. Parte 1: Requisitos Gerais**. Rio de Janeiro: ABNT, 2010.
- ADRIÃO, João Mário de Arruda; CARVALHO Alessandra Ribeiro de. **A casa no quilombo Baixius**. in: 6º Seminário de Habitação de Interesse Social e 3º Encontro em Engenharia de Edificações e Ambiental. Cuiabá, 2015.
- AL-MT, Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso. **Projeto resgata o cultivo da Poaia em Barra do Bugres**. Publicado em 15 de outubro de 2010. Disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/projeto-resgata-o-cultivo-da-poaia-em-barra-do-bugres/visualizar> acesso em: 28.abr.2024
- ALVES, Adilson. **Museu Casa Borges - Histórico**. Relatório do MuCB. 19 de janeiro de 2023.
- AMDA - Associação Mineira de Defesa do Ambiente. **Buriti: a palmeira que dá vida às matas brasileiras**. 19 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://amda.org.br/especie-da-vez/2678-buriti-a-palmeira-que-da-vida-as-matas-brasileiras/> Acesso em: 31.jan.2025.
- ARAUJO, Deisimary Stella; LAFORGA, Gilmar ; ROSA, Marinês ; FRANCA, Raimundo Nonato ; WINCK, Bruna Raquel. **A valorização do Saber Camponês através de Metodologias e Elaboração de Estratégias para o ensino de Ciências no Assentamento Antônio Conselheiro em Tangará da Serra**. I Congresso Brasileiro de Extensão Universitário. Dourados: , 2009, v. , p. 1-12. Disponível em: https://www.unemat.br/eventos/jornada2008/resumos_conic/Expandido_00477.pdf Acesso em: 28.nov.2024.
- ARRUDA, Lucybeth Camargo de. **Posto Fraternidade Indígena – Outro Lugar, Outra História**. Texto integrante dos *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20XXVI/Lucybeth%20Camargo%20de%20Arruda.pdf> Acesso em: 17.fev.2023.
- ARRUDA, Lucybeth Camargo de. **Posto Fraternidade Indígena: Estratégias de Civilização e Táticas de Resistência (1913-1945)**. 2003. 162f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

ARRUDA, Renato Fonseca de. **Política de Museu e Patrimônio cultural da UNEMAT: trajetórias, perspectivas e desafios** / Renato Fonseca de Arruda. -- Rio de Janeiro, 2022. 530 f. il. Orientador: Márcio Ferreira Rangel. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins (UNIRIO/MAST), Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2022.

ATIVISMO, Escola de. **Jauquara vivo**. Publicado em 20/07/2020. Disponível em: <https://escoladeativismo.org.br/jauquaravivo/> Acesso em: 13.jan.2025.

BALATIPONÉ Etnoturismo. **Projeto de ecoturismo e etnoturismo na terra indígena Umutina-Balatiponé. Planejamento integrado para seis comunidades**. Barra do Bugres, MT, 2023. Disponível em: <https://balatipone.com.br/> Acesso em: 29.nov.2024.

BARRA DO BUGRES, Câmara Municipal de. **Projeto de Lei nº 004/99** **Dá denominação de “Herculano Borges” à Escola Municipal, recentemente construída no Jardim Alvorecer, neste Município**. Barra do Bugres, 09 de abril de 1999.

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal de. **Lei Complementar nº 012/2006 – “Institui o Plano Diretor de Barra do Bugres e dá outras providências”**. 2006. Disponível em: https://www.barradobugres.mt.gov.br/Transparencia/fotos_downloads/2724.pdf Acesso 20.jun.2022

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal de. **Lei Municipal Nº 2.472/2021 “Que cria o Museu Casa Borges no Município de Barra do Bugres, e dá outras providências”**. Portal Transparência. 2021. Disponível em <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Transparencia/Legislacao/Leis/6//6/> acesso em: 24.jun.2022

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal de. **Prefeita recebe PMs Mirins do projeto Nova Integração**. Publicado em: 18/11/2022. Disponível em: <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Imprensa/Noticias/Prefeita-recebe-pms-mirins-do-projeto-nova-integracao-3866> Acesso em: 30.jan.2025.

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal. **Brasão de Barra do Bugres**. 2023 Disponível em: <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Institucional/Brasao/6/> Acesso em 14.jan.2023

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal. **Desenvolvimento Econômico, Meio Ambiente e Turismo** – Notícias. 2024. Disponível em: <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Secretarias/Desenvolvimento-economico-meio-ambiente-e-turismo/Noticias/1/3/> Acesso em: 19.nov.2024.

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal. **História de Barra do Bugres**. 2022. Disponível em: <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Institucional/Caracteristicas/> Acesso em 16.out.2022

BARRALCOOL, Grupo. **Conheça a Barralcool**. 2025. Disponível em: <https://barralcool.com.br/> Acesso em: 08.jan.2025.

BASTOS, Viviane Pereira Dourado; LOURENÇO, Larissa Borges; ADRIÃO, João Mário de Arruda. **Casa Herculano Borges, Barra do Bugres-MT: O Valor do Espaço Museológico da Área da Educação.** n. 4 (2020): Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste (SEREX) (ISSN 2764-1570) / Resumos simples. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/serex/article/view/14625>

BORGES, Luiz C., CAMPOS, Marcio D'Olne. **Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência** – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil. In: Termos e conceitos da museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral. ICOFOM LAM 2012

BRASIL, Presidência da República. **Lei Nº 8.623, de 28 de janeiro de 1993. Dispõe sobre a profissão de Guia de Turismo e dá outras providências.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8623.htm Acesso em: 29.mar.2025

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988 – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto Nº 98.144, de 14 de setembro de 1989 “Homologa a demarcação administrativa da área indígena [Umutina] [...]”** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D98144.htm Acesso em: 17.fev.2023.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários.** Cadernos de Sociomuseologia. Edições Universitárias Lusófonas, n. 10, 1997. p. 47-51. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/3634> Acesso em: 19.mar.2025.

BRUSADIN, Leandro Benedini. **História, turismo e patrimônio cultural: o poder simbólico do Museu da Inconfidência no imaginário social** / Leandro Benedini Brusadin – 1. ed. – Curitiba : Editora Prismas, 2015. 242 p.

CAMPOS, Tiago Soares. **Marcha para o oeste no Brasil.** *Brasil Escola.* 26/05/2017. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/estado-novo-marcha-para-oeste.htm> Acesso em 09 de janeiro de 2025.

CANCLINI, Néstor García. **Los usos sociales del patrimonio cultural.** in: Repositorio del Observatorio Latinoamericano de Gestión Cultural. Universidad de Guadalajara, México, 1999. Disponível em: <https://observatoriocultural.udgvirtual.udg.mx/repositorio/handle/123456789/130> Acesso em: 04.maio.2024.

CARIGNANI, G.; REIS, V. B. G. **Projeto de Extensão - Resgate Cultural: o Adobe como técnica vernacular em Barra do Bugres - MT- um relato de experiência.** In: Seminário Nacional de Construções Sustentáveis: em busca da sustentabilidade e inovação urbana, 3. Anais [...] Passo Fundo – RS, 2014.

CARIGNANI, Gisele. **Catálogo Virtual – Exposição Permanências Urbanas.** Pesquisa institucionalizada sob Parecer nº 153/2022 – PROEC – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura / Unemat, 2022. Disponível em: <https://linktr.ee/museucasaborges> Acesso em: 17.out.2022.

CARLOMAGNO, Márcio Cunha. **Conduzindo pesquisas com questionários online: uma introdução às questões metodológicas**. In: Estudando cultura e comunicação com mídias sociais. Organização: Tarcízio Silva; Jaqueline Buckstegge; Pedro Rogedo Ed. IBPAD - Brasília, 2018. p.31-55. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6423894/mod_resource/content/1/Pesquisas%20com%20question%C3%A1rios%20on%20line.pdf Acesso em: 19.nov.2024.

CARRION, Raul. **Coluna Prestes 90 anos: 1924 – 2014**. Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em: http://www.raulcarrion.com.br/publicacoes/coluna_prestes.pdf acesso em: 14.set.2023.

CARVALHO, Alessandra Ribeiro de; ADRIÃO, João Mário de Arruda (Org.). **Comunidades Indígenas e Remanescentes Quilombolas em Barra do Bugres/MT**. 2022. Disponível em: <https://museucasaborges.blogspot.com/2022/10/comunidades-indigenas-e-remanescentes.html>

CARVALHO, Felipe. **Ecomuseu de Santa Cruz**. Rio Prefeitura, 2015. Disponível em: http://www.ecomuseusantacruz.com.br/sobre/o_que_e Acesso em: 14.jul.2022

CARVALHO, Francisca Edilza Barbosa de Andrade; OLIVEIRA, Elianai Moreira de Carvalho; RENNERT, Miriam Elisabete. **Histórico do Assentamento Rio Branco**. A-41. GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo. UFSCar Universidade Federal de São Carlos, 2013. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminarios-de-2013/1-educacao-do-campo-movimentos-sociais-e-politicas-publicas> Acesso em: 02.nov.2024.

CARVALHO, Francisca Edilza Barboza de Andrade. **Educação escolar quilombola na comunidade Baixo - Barra do Bugres/MT: avanços e desafios**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação, Cuiabá-MT, 2016. Orientadora: Profa. Dra. Suely Dulce de Castilho. 156 f. : il. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/1027> Acesso em: 11.set.2022.

CARVALHO, Luciana Menezes e SCHEINER, Tereza Cristina. **Suleando museus e museologia em direção à América Latina: O ICOFOM LAM e a interculturalidade latino-americana**. 2012. In Termos e Conceitos da Museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral.

CASTOR, R. S. **A arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos**. 2013. 456 f. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/USP, São Paulo, 2013.

CASTRIOTA, Leonardo Barci; ANDRADE, Claudia Nunes de Lima e; NERY, Samantha de Oliveira. **Um museu de território para Bento Rodrigues**. UFMG, 2019 : Revista Indisciplinar, v. 5(2), 344–373. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/32876> Acesso em: 15.nov.2023.

CAYER, Nelson Alexis; SCHEINER, Teresa Cristina. **Casas históricas e museus-casa: conceitualização e desenvolvimento**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 16, n. 2, e20200108, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/jMZpNPmH6QDQPhSWrDHjC8g/?format=pdf> Acesso em 07.out.2023.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006. 135p.

CHAGAS, Mário. **A poética das casas museus de heróis populares**. Revista Mosaico – Volume 2 – Número 4 – 2010. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/62790> Acesso em: 23.out.2023

CHAGAS, Mário. **Patrimônio é o caminho das formigas**. In: Maurício Barros de Castro; Myrian Sepúlveda dos Santos. (Org.). *Relações Raciais e Políticas de Patrimônio*. 1ed.Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2016, v. 1, p. 141-166. Disponível em: <https://mariochagas.com/wp-content/uploads/2020/12/52caminhodasformigas.pdf> Acesso em: 21.nov.2024.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. **Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)**. In: Cadernos do CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Vice-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão Ano 27, n. 41. *Museologia Social*, p.9-22. Dezembro de 2014 (Semestral). Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592> Acesso em: 23.jun.2024.

CHAGAS, Mario; LARDOSA, Nathália; CALIXTO, Luísa. **Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro: uma experiência de diagnóstico e cartografia**. Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, 27/03/2021

CIMI – Conselho Indigenista Missionário. **Com territórios cercados pelo agronegócio, povo Boe-Bororo busca alternativas**. Publicado em 25/04/2022. Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/04/com-territorios-cercados-pelo-agronegocio-povo-boe-bororo-busca-alternativas/> Acesso em: 13.maio.2024.

CLIMAINFO. **Pantanal seco: rio Paraguai registra níveis negativos e projeções indicam pior estiagem da história**. Climainfo, 10 de setembro de 2024. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2024/09/09/pantanal-seco-rio-paraguai-registra-niveis-negativos-e-projecoes-indicam-pior-estiagem-da-historia/#:~:text=%E2%80%9Crio%20Paraguai%20entrou%20em,a%20evapora%C3%A7%C3%A3o%20e%20causa%20assoreamento> Acesso em: 30.set.2024.

CNFCP, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. **Mocho (instrumento musical)**. Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. 2004 (ano de lançamento do site) Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000028.htm> Acesso em: 29.mar.2025.

CONEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução Nº 008/2022: Institucionaliza a [...] Rede de Museus no âmbito da Universidade do Estado de Mato Grosso**. UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso 09 e 10 de maio de 2022. Disponível em: http://www.unemat.br/legislacao/index.php?id_res=4859 Acesso em: 23.out.2022.

COREZOMAÉ, Helena Indira Ferreira. **Grupo Teatral Nação Nativa, intérpretes de sua própria história**. in: Teatro e os Povos Indígenas: janelas abertas para a possibilidade. 167 p. : il. Naine Terena e Andreia Duarte (Org.). N1 edições. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tepi.digital/teatro-e-os-povos-indigenas-janelas-abertas-para-a-possibilidade/> Acesso em 16.dez.2022.

COREZOMAÉ, Lennon Ferreira. **Educação escolar do povo indígena Balatiponé-Umutina: Compreendendo processos educativos da escola Julá Pará.** Dissertação (Mestrado) orientação: Prof.Dr. Luiz Gonçalves Junior. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de São Carlos, 2017.

COREZOMAÉ, Márcio Monzilar. **História de contato do povo indígena Balatiponé-Umutina com a sociedade brasileira.** Texto produzido para a exposição Povo Balatiponé-Umutina: passado, presente, futuro no Museu Casa Borges, Barra do Bugres-MT, 2019. Texto integral em anexo. Disponível (parcialmente) em: <https://museucasaborges.wordpress.com/2020/09/26/balatipone-umutina-passado-presente-futuro/> Acesso em: 07.abr.2024.

COREZOMAÉ, Márcio Monzilar. **Narrativa de origem do povo indígena Balatiponé-Umutina – Resignificação e traços de hibridismo.** Revista ECOS, [S. l.], v. 23, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/2680> Acesso em: 01.nov.2024

COREZOMAÉ, Marcio Monzilar. **Matáre Pitukwá Makewá: Narrativa Mítica e (re) Significação Entre o Povo Indígena Balatiponé-Umutina – Mato Grosso – Brasil.** Dissertação (Mestrado) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Aplicadas e Linguagem, Câmpus de Tangará da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018. 118f. Orientador: Agnaldo Rodrigues da Silva.

COSTA, Ana Cláudia Dantas da; NASCIMENTO, Marcos Antonio Leite do; SILVA, Carlos Humberto da; MIGLIORINI, Renato Blat. **Three hundred years of geodiversity in the Historic Center of the Gold City, Cuiabá, Brazil.** Journal of the Geological Survey of Brazil vol 4, SI1 Special Issue 1, p. 29 - 35, June 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/352213227_Three_hundred_years_of_geodiversity_in_the_Historic_Center_of_the_Gold_City_Cuiaba_Brazil Acesso em: 22.set.2024.

COSTA, João Felipe Garcia da. **O lugar, a gente e as coisas: Um Estudo sobre a História, a Subsistência e a Cultura Material dos Morroquianos da Serra das Araras, MT.** Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em História – Área de Concentração em Arqueologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert.

COSTA, Regina Maria da. **Migração nordestina para o corte de cana no Mato Grosso.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção do Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 2010. Orientador: Prof. Dr. Francisco José da Costa Alves. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3657?show=full> Acesso em: 10.maio.2022.

CRIATIVA consultoria. **Impacto econômico do campus Dep. Est. Renê Barbours da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) no município de Barra do Bugres-MT,** 2016. Empresa Junior do curso de Engenharia de Produção Agroindustrial. Coordenação: Profª Drª Jussara de Araújo Gonçalves.

CULTURA, Conselho Municipal de. **Plano Municipal de Cultura de Barra do Bugres/MT – PMCB.** Setembro/2019. Gestão 2018/2020

CULTURA, Ministério da. **Cooperação técnica-científica entre CNFCP/Iphan e Nugep/Unirio**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Atualizado em: 28/05/2024. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/unidades-especiais/centro-nacional-de-folclore-e-cultura-popular/cooperacao-tecnica-cientifica-entre-cnfcip-phan-e-nugep-unirio-documenta-bens-culturais-populares-e-trabalha-para-o-compartilhamento-de-saberes> Acesso em: 24.dez.2024.

DEAN, David. **Museum Exhibition: Theory and Practice**, London / New York: Routledge, 1994. Tradução adaptada: Helena Cunha de Uzeda. in: AULA 1: Esquema para o desenvolvimento de exposições. Museologia e Comunicação III – 2022-2. Escola de Museologia – UNIRIO.

DEINA, Salete; FURTADO, Vanessa Nossol; REIS, Victor Bruno Gonçalves dos; TIBURSKI, Helen Maria e TARDIVO, Veruska Pobikrowska. **Habitações históricas: Exemplos da cultura barrabugrense**. In: 1º Congresso Internacional de História da Construção Luso Brasileira. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES. 2013.

DESCUBRA Mato Grosso. **Centro de Tradições Mato-grossenses**. Barra do Bugres, s/data. Disponível em: <http://descubramatogrosso.com.br/pt/atracoes/barra-do-bugres/centro-de-tradicoes-mato-grossenses> Acesso em: 05.jan.2025.

DESCUBRA Mato Grosso. **Território Vão Grande**. s/data. Disponível em: <http://descubramatogrosso.com.br/pt/atracoes/barra-do-bugres/vao-grande> Acesso em: 04.dez.2022.

Desvallées, André; Mairesse, François (editores). **Conceitos-chave de Museologia**. Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury (tradução e comentários). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

DIAMANTINO, Prefeitura Municipal (a). **Casa Memorial dos Viajantes**. Prefeitura de Diamantino, 2024-a. Disponível em: <https://www.diamantino.mt.gov.br/casamemorial/> Acesso em: 16.maio,2024.

DIAMANTINO, Prefeitura Municipal (b). **Exposição Virtual da Expedição Langsdorff**. Prefeitura de Diamantino, 2024-b. Disponível em: <https://www.diamantino.mt.gov.br/langsdorff/> Acesso em: 22.ago.2024.

DIÁRIO da SERRA. **Atos alusivos – Tangará da Serra comemora 45 anos de emancipação**. Fabíola Tomes / Redação. Publicado em 12/05/2021. Disponível em: <http://www.diariodaserra.com.br/Noticia/Detalhes/MTk0NjYz> Acesso em: 09.jan.2025

DIAS, Maria Helena Tavares. **Entre memórias e narrativas dos Festeiros das Festas de Santo do território quilombola Vão Grande**. 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Buriti**. Autores: Talita Delgrossi Barros; José Gilberto Jardine. 08/12/2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/agroenergia/biodiesel/materias-primas/buriti> Acesso em: 31.jan.2025.

ENTRETÊ. **Trio de Cáceres lança clipe sobre canção que debate racismo.** Priscila Mendes. Cuiabá, 09/02/2022. Disponível em: <https://www.leiagora.com.br/entrete/2363/trio-de-caceres-lanca-clipe-sobre-cancao-que-debate-racismo> Acesso em 24.dez.2023

FACCIONI, Mara Cristina de Oliveira. **Museu de História para Barra do Bugres - MT: Proposta de implantação de museu na cidade de Barra do Bugres – MT.** Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2015. 106 p.

FERES, Marcos Vinício Chein; MOREIRA, João Vitor de Freitas; ANDRADE, Felipe César de. **Conhecimento tradicional e Direito de patente: Fatos e contradições no caso da Poaia.** Revista de Estudos Empíricos em Direito Brazilian Journal of Empirical Legal Studies vol. 4, n. 1, fev 2017, p. 57-71. Disponível em: [file:///D:/User/Downloads/mvchein,+REED_v4n1_paper_3_\[2\].pdf](file:///D:/User/Downloads/mvchein,+REED_v4n1_paper_3_[2].pdf) Acesso em: 01.nov.2022.

FERREIRA, João Carlos Vicente. Breve História dos Municípios de Mato Grosso. *in*: **Breve História de Mato Grosso e seus Municípios.** Cuiabá, 1994.

FERREIRA, Sandro Francisco **A Escola Estadual Paulo Freire do Assentamento Antônio Conselheiro : uma escola viva em construção.** Monografia (graduação) - Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina/DF, Licenciatura em Educação do Campo, 2013. Orientador: João Batista Pereira de Queiroz. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7510> Acesso em: 27.nov.2024.

FIGUEIREDO, Aline. **Artes Plásticas no Centro Oeste.** Ed. UFMT. Cuiabá, 1979

FONSECA, Edgar (direção). **A viola-de-cocho e a proteção ao patrimônio imaterial.** Vídeo institucional. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasil. abril de 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CE2KZ6fgxJ0&t=569s> Acesso em: 30.jan.2025.

FREIRE, Márcia Gomes. **Da Baixada Cuiabana ao Assentamento Antônio Conselheiro: O Testemunho de um Assentado.** Anais do VII encontro Regional Sul de História Oral. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) - Foz do Iguaçu, 9-11 de outubro de 2013. Disponível em: https://www.sul2013.historiaoral.org.br/resources/anais/5/1376433160_ARQUIVO_Trajectoriaememoriadeumassentado.pdf Acesso em: 30.ago.2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido** / Paulo Freire. 25ª ed. São Paulo / Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta** / Paulo Freire, Antonio Faundez. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Coleção Educação e Comunicação: v. 15. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/15.-Por-uma-Pedagogia-da-Pergunta.pdf> Acesso em: 23.mar.2025

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Fundação Gilberto Freyre, 2003 Recife-Pernambuco-Brasil 48ª edição, 2003, Global Editora.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. **Rondon: A luta pela integração nacional e a causa indígena**. projeto memória – Biblioteca Funai, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto65/FO-CX-65-4283-2011.PDF> Acesso em: 06.jun.2024

GARCÉS, Claudia Leonor López; KARIPUNA, Suzana Primo dos Santos. **“Curadorias do invisível”: conhecimentos indígenas e o acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi”**. In: Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 10, n. 19, jan./jun., 2021, p. 101-114.

GARCIA, Ruth Maria Alves, **Variação sazonal do conteúdo de alcalóides e anatomia de raiz e caule em populações naturais de Psychotria ipecacuanha (Brot.) Stokes (Rubiaceae)**. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2001. Orientador: Luiz Orlando de Oliveira. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/11521/1/texto%20completo.PDF> Acesso em: 16.fev.2023.

GARLANDINI, Alberto. **ICOM and museums facing global challenges**. Masterclass / Conferencia Magistral no Simpósio Internacional online Museus, Museologia, Patrimônio e Sociedade: Tendências e desafios na atualidade in: 15 anos PPG PMUS UNIRIO MAST. 02.ago.2021. (min. 58 em diante). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NPS0zpmHlRA> Acesso em 02.ago.2021

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios**. in: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios / José Reginaldo Santos Gonçalves. P.211-234 - Rio de Janeiro, 2007. 256p. (Museu, memória e cidadania). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3753385/mod_resource/content/1/GON%C3%87ALVES.%20antropologia_dos_objetos_V41.pdf Acesso em: 26.out.2024.

GPEA - Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte. **Povos Indígenas**. Mapa Social Mato Grosso – Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, 2016. Disponível em: <http://www.mapasocialmt.org.br/Grupo/14/> Acesso em: 08.dez.2024.

GUISARD, Luís Augusto de Mola. **O bugre, um João ninguém: um personagem brasileiro**. A Violência Disseminada. São Paulo Perspec. 13 (4). Dez 1999. P. 92 a 99. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400010> Acesso em: 23.dez.2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População: Indígenas**. Dados do Censo 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/22326-indigenas-2.html> Acesso em: 14.jun.2024.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Barra do Bugres**. Dados censo 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/barra-do-bugres/panorama> Acesso em: 03.ago.2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Barra do Bugres**. 2017. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/barra-do-bugres/panorama> Acesso em: 26.jun.2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Barra do Bugres**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/barra-do-bugres.html> Acesso em: 10.jan.2023

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama - Mato Grosso**. Censo 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> Acesso em: 17.fev.2024

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. **Museu e Turismo: Estratégias de Cooperação** – Brasília, DF. Ibram, 2014. 80p.: il; 23cm. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf Acesso em: 01.out.2024.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Números/Mato Grosso**. Vol. 2B, p. 603-626. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Disponível em: <https://antigo.museus.gov.br/museus-em-numeros/> Acesso em: 03.set.2024.

ICMBio, Instituto Chico Mendes. **Biodiversidade do Cerrado**. MMA – Ministério do Meio Ambiente, 2002. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/cbc/conservacao-da-biodiversidade/biodiversidade.html> Acesso em: 10.dez.2023

ICOM – Conselho Internacional de Museus. **Nova Definição de Museus**. Conferência Geral do ICOM – Praga, 24 de agosto de 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776 Acesso em: 01.fev.2023.

ICOM DEMHIST – International Committee for Historic House Museums. **O que é o DemHist?** 2021. Disponível em: <https://icom-demhist.org/o-que-e-o-demhist/> Acesso em: 28.out.2023.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Quilombolas**. Publicado em 28/01/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/quilombolas> Acesso em 06.maio.2024.

iPATRIMÔNIO. **Viola-de-cocho, ganzá e mocho**. s/data. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/mato-grosso-viola-de-cocho-ganza-e-mocho/#!/map=38329&loc=-12.540636000000017,-55.608097,17> Acesso em: 30.mar.2025.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Modos de fazer viola-de-cocho, Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Registro do bem cultural de natureza imaterial. Processo nº 1450.01090/2003-03. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VioladeCochoParecer.pdf> Acesso em: 30.jan.2025

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Modo de fazer viola-de-cocho**. Dossiê. Brasília, DF: IPHAN, 2009. 112 p. il. Color. 25 cm. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_modos_fazer_viola_cocho.pdf Acesso em: 30.jan.2025.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Modos de fazer violade-cocho - Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul**. Registro do bem cultural de natureza imaterial. Processo nº 1450.01090/2003-03. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VioladeCochoParecer.pdf> Acesso em: 30.jan.2025

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Universo Cultural da Palmeira Babaçu**. MINC, 2017. Textos de: Cejane Pacini Leal Muniz; Odair Giralдин; Valéria M. C. de Melo. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/universo_cultural_da_palmeira_babacu.pdf Acesso em: 18.dez.2023.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Ministério da Cultura, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf

ISA – Instituto Socioambiental. **Área de Proteção Ambiental Nascentes do Rio Paraguai**. Unidades de Conservação no Brasil. s/data. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/arp/5114> Acesso em: 29.out.2024.

ISA – Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil: Bororo**. Última atualização em 23 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo> Acesso em: 13.maio.2024.

ISA – Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil: Umutina**. Última atualização em 7 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Umutina> Acesso em: 06.jun.2022

ISA, Instituto Sócio ambiental. **Povos Indígenas em Mato Grosso**. Povos Indígenas no Brasil. Página modificada em 16 de julho de 2018. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Categoria:Povos_ind%C3%ADgenas_no_Mato_Grosso Acesso em: 14.jun.2024.

ISA, Instituto Socioambiental. **Balatiponé (Umutina) / História do Contato**. Povos Indígenas do Brasil. Publicado em 04/2009. Última atualização em 24 de setembro de 2024. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Umutina> Acesso em: 22.mar.2025.

ISA. Instituto Socioambiental. **Terras Indígenas no Brasil**. 2024. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil> Acesso em: 17.fev.2024.

JESUS, Antônio João de. **Os Umutina**. in Dossiê Índios em Mato Grosso. OPAN, Operação Anchieta; CIMI/MT, Conselho Indigenista Missionário. Cuiabá 1987. P. 72 - 77. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aopan-cimi-1987-indios/Opan_CimiMT_1987_DossiIndiosEmMatoGrosso.pdf Acesso em: 21.jun.2022

KEZO, Ariabo. **Povo Balatiponé Umutina**. in: Nós: uma antologia de literatura indígena. Organização e ilustrações Maurício Negro. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019. p. 55 – 65.

LACERDA, José. **História do Município**. Câmara Municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade, Publicado em 22/12/2024. Disponível em: <https://www.camaravilabela.mt.gov.br/Institucional/Historia-do-Municipio/> Acesso em: 23.jun.2024.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAMEIRA, Osmar Alves. **Cultivo da Ipecacuanha [*Psychotria ipecacuanha* (Brot.) Stokes]**. Circular Técnica 28. EMBRAPA - Belém, PA Setembro, 2002. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/27896/1/Circ.tec.28.pdf> Acesso em: 01.nov.2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão et all – 7ª ed. Revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LEANDRO, Gustavo Roberto dos Santos; ANDRADE, Leila Nalis Paiva da Silva; BINDANDI, Nádia Micheli. **Processo de navegação e uso das margens no Rio Paraguai no município de Cáceres – Mato Grosso**. Revista GeoPantanal . UFMS/AGB . Grupo de Pesquisa Pantanal Vivo . Corumbá/MS . 8(14): 27-45 . Jan./Jun. 2013. Disponível em: <file:///D:/User/Downloads/103-Texto%20do%20artigo-522-1-10-20141107.pdf> Acesso em: 16.out.2022

LOPES, Francisco Willams Ribeiro. **Patrimônio e “Requalificação” Urbana: Concepções e Conflitos**. v. 15 n. 1 (2013): ANAIS DO XV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ENAMPUR. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/438> Acesso em: 20.mai.2024.

LOURENÇO, Larissa Borges. **Casa Borges: História e Arquitetura Poaieira**. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2019. 125 p.

LOURENÇO, Marta C. **Between two worlds: The distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in Europe**. 2005. 406 p. Tese (Doutorado). Epistemology & History of Technology, Conservatoire National des Arts et Métiers, 2005. Disponível em: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~mclourenco/> Acesso em: 30.out.2023.

MACHADO, Maria Fatima Roberto (Organizadora). **Diversidade Sociocultural em Mato Grosso**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008. 144 p; Il.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. **Museu Rondon: antropologia e indigenismo na Universidade da Selva** / Maria Fátima Roberto Mahado. – Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2009.

MACIEL, Sérgio Dias. **Estudo sobre a expansão urbana de Barra do Bugres, MT**. Revista Zeiki, v. 3 n. 2 (2022): Tecnologia Aplicada, Educação e Sociedade. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/zeiki> Acesso em: 10.dez.2023

MACIEL, Sergio Dias; CARIGNANI, Gisele; TARDIVO, Veruska Pobikrowska. **Ensaio sobre a paisagem urbana e o patrimônio arquitetônico de Barra do Bugres, MT. Atividades didáticas em ambiente digital.** Revista Latino-americana de Ambiente Construído & Sustentabilidade. v. 3, n. 9 (2022). Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/rlaac_sustentabilidade/article/view/3276/3194 Acesso em: 08.jan.2025.

MAIA, Hemília. **De abundante a quase extinta, a poaia é pesquisada em Mato Grosso.** Governo de Mato Grosso, 2017. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/-/5502462-de-abundante-a-quase-extinta-a-poaia-e-pesquisada-em-mato-grosso> Acesso em: 15.jan.2023

MALACQUIAS, Judite. **Buriti, Palmeira da Vida.** in: Relatório do Museu Casa Borges. 1ª Mostra de Artes. 26 de novembro a 01 de dezembro de 2018 (em anexo).

MATO GROSSO, Assembleia Legislativa do Estado de. **Lei Nº 6772, de 10 de junho de 1996 - D.O. 10.06.96. Tomba ao patrimônio cultural do estado de Mato Grosso a viola de cocho, o ganzá e o mocho.** Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mt/lei-ordinaria-n-6772-1996-mato-grosso-tomba-ao-patrimonio-cultural-do-estado-de-mato-grosso-a-viola-de-cocho-o-ganza-e-o-mocho-e-da-outras-providencias> Acesso em: 29 de mar.2025

MATO GROSSO, É Bem. **Veja como se produz o Ganzá e o Mocho, instrumentos do nosso estado.** 2025. Vídeo disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4500533/> Acesso em: 29 de mar.2025

MATO GROSSO, Jornal Oficial Eletrônico dos Municípios do Estado de. **Termo de Cooperação Nº 001/2023.** Associação Mato-Grossense dos Municípios – AMM. ANO XVII | Nº 4.152. 16 de janeiro de 2023, p.62-65. Disponível em: <https://diariomunicipal.org/mt/amm/publicacoes/1141455/> Acesso em fev.2023.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação - SEDUC. **Umutina.** Cuiabá: SEDUC, 2000. 20 p. Il.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O objeto material como documento.** Aula ministrada no curso “Patrimônio cultural: políticas e perspectivas” organizado pelo IAB/Condephaat em 1980. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5577860/mod_resource/content/1/MENESES%20Ulpiano%20Bezerra%20de.%20O%20objeto%20como%20documento.%201980.pdf Acesso em: 04.mai.2024.

MENEZES, Alfredo da Mota. **O que significa chapa e cruz?** Opinião. Gazeta Digital. Publicado em: 16 de Dezembro de 2007. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/opiniaao/o-que-significa-chapa-e-cruz/163259> Acesso em: 27.jan.2025.

MHAM, Museu de Humanidades Alaíde Montechi. **Plano Museológico 2017-2027.** Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, julho de 2017

MICHAELLIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Bugre.** 2023 Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/> Acesso em: 23.dez.2023.

MÍDIA NEWS. **Seduc recorre de decisão que negou municipalização de escolas.** 05.09.2024. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/politica/seduc-recorre-de-decisao-que-negou-municipalizacao-de-escolas/476941> Acesso em: 20.nov.2024.

MIDIANEWS. **Há 100 anos Bar do Bugre dava início à vida noturna Cuiabana.** Da redação: Bianca Fujimori, 22/11/2020. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/cotidiano/ha-100-anos-bar-do-bugre-dava-inicio-a-vida-noturna-cuiabana/388450> Acesso em: 24.dez.2023.

MONZILAR, Edna. **Cultura Material e Imaterial Umutina Balatiponé** / Edna Monzilar. – Barra do Bugres, 2023. 63 f.; 30 cm.; il. color. Dissertação - Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023. Orientadora: Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

MORAES, Cleonice Aparecia de. **Histórias e trajetórias - um estudo sobre o cotidiano dos poaieiros em Barra do Bugres (1930 –1960).** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Orientadora: Profa Dra. Maria Adenir Peraro. UFMT / Cuiabá, 2004.

MUFA, Museu do Universo da Farmácia. **Emetina.** s/data. Disponível em: <https://museudouniversodafarmacia.com.br/acervo/moleculas-da-natureza/emetina/> Acesso em: 02.nov.2022

MUSEU CASA BORGES. 2020. Disponível em: <https://museucasaborges.wordpress.com/>

NATIVA Engenharia e Meio Ambiente. **Análise Temática Integrada do Município de Barra do Bugres.** 2006.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares.** Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 3 maio. 2024.

OLHARCONCEITO. **Trio Bugre Soul: Jovens mato-grossenses lançam música autoral e videoclipe no próximo sábado.** Da Redação: José Lucas Salvani, 01.Fev.2022. Disponível em: <https://www.olharconceito.com.br/noticias/exibir.asp?id=21385&noticia=jovens-mato-grossenses-lancam-musica-autoral-e-videoclipe-no-proximo-sabado> Acesso em: 24.dez.2023.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **Famílias e natureza - as relações entre famílias e ambiente na construção da colonização de Tangará da Serra – MT**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), 2002. Orientadora: Profª Drª Maria Adenir Peraro.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **Universo da Poaia e seu Patrimônio Cultural: Marcas do Tempo de Rondon e da Coluna Prestes**. XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH Brasil. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal-RN, 2013. 14 p. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364788439_ARQUIVO_UNIVERSOPOAIAESEUPATRIMONIOCULTURAL.pdf. Acesso em: 24.jun.2022.

OLIVEIRA, Edson Luiz. **Museu das Origens: Um projeto visionário de Mário Pedrosa**. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.14, n.42, p. 91-110, out.- dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1982-6672.2021v14i42p91-110> Acesso em: 11.jan.2023.

ORNSTEIN, Sheila; ROMERO, Marcelo (colaborador). **Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído**. Ed. Studio Nobel; Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo/SP, 1992.

OUIDORIA, Prefeitura de Barra do Bugres. **Serviços de Educação. 2024**. Disponível em: <https://ouvidoria.barradobugres.mt.gov.br/Carta-Servicos/Servico/Ensino-fundamental-1-ao-5-ano-e-eduacao-infantil-0-5-ano-2406> Acesso em: 22.set.2024.

PALMARES, Fundação Cultural. **Certificação Quilombola**. Certidões expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs). Publicada no D.O.U. de 22/08/2022. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 Acesso em: 19.out.2022

PALMARES, Fundação Cultural. **Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) com Processo de Certificação em Andamento: Aguardando complementação de documentação** – Atualizada até 15/05/2017. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/COMUNIDADES-REMANESCENTES-DE-QUILOMBOS-em-analise-15-05-2017.pdf> Acesso em 14.jul.2022

PALMARES, Fundação Cultural. **Informações Quilombolas**. Proteção, Preservação e Articulação. s/data. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao> Acesso em: 19.out.2022

PESSOA, Seyla Poliana Miranda; GALVANIN, Edinéia Aparecida dos Santos NEVES, Sandra Mara Alves da Silva Neves; KREITLOW, Jesã Pereira. **Análise espaço-temporal do uso e cobertura da terra na bacia hidrográfica do rio Bugres – Mato Grosso, Brasil**. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, v.9, n.17; p.162-174. Centro Científico Conhecer - Goiânia, 2013. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2013b/CIENCIAS%20AGRARIAS/ANALISE%20ESPACO%20TEMPORAL.pdf> Acesso em: 28.out.2024.

PFO – Projeto Fronteira Ocidental. Biografia de Joaquim Marcelo Profeta da Cruz. **Arqueologia e História – Vila Bela da Santíssima Trindade / MT. RELATÓRIO FINAL FASE 4 - IPHAN/MinC: Portaria nº 251, de 25 de Agosto de 2006**. Disponível em: <file:///D:/User/Downloads/PFO-Fase-4-Biografia-Joaquim-Marcelo-Profeta-da-Cruz-Projeto-Fronteira-Occidental.pdf> Acesso em: 22.set.2024.

PHILOLIBORUM. **Badariotti, Nicoláo.. Exploração no norte de Mato Grosso, região do Alto Paraguay e Planalto dos Parecis. São Paulo: Escola Typographica Salesiana, 1898.** Publicado em 11 de novembro de 2010. Disponível em: <https://philoliborum.blogspot.com/2010/11/exploracao-norte-mato-grosso-1898.html> Acesso em: 08.jan.2025.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento / Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. **Barra do Bugres, MT.** 2017. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/510170> Acesso em: 16.out.2022

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **O que é o IDHM.** 2023. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/o-que-e-o-idhm> Acesso em: 10.jan.2023.

PONTE, Antônio Manoel Torres da. **Casas-museu em Portugal: teorias e práticas.** dissertação de mestrado, Universidade do Porto; Faculdade de Letras - Departamento de Ciências e Técnicas do Património. 2007.

PONTE, António. **Casas-Museu. Entre o conceito e o modelo de ação. Da constituição ao modelo de investigação.** in CATEGORIZAÇÃO DE CASAS-MUSEU - 10 ANOS DE REFLEXÃO SOBRE CASAS-MUSEU EM PORTUGAL – Coleção Património Norte vol. 1 - p. 17 – 34. DEMHIST – ICOMPortugal, 2019. Disponível em: www.culturanorte.gov.pt Acesso em 27.out.2023

PORTOCARRERO, José Afonso Botura. **Tecnologia indígena em Mato Grosso: habitação.** Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010

PPG-PMUS - Unirio. **Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio.** 2023. Disponível em: <https://www.unirio.br/ppg-pmus> Acesso em 29.nov.2023

QEDu. Censo Escolar. **Barra do Bugres.** Dados de 2023. Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/5101704-barra-do-bugres/censo-escolar> Acesso em: 15.out.2024.

QUIRINO, Matheus Lopes. **Museu das Origens - Exposição atualiza projeto de Mário Pedrosa e busca integrar acervos de diferentes instituições para falar de Brasil.** In: Museu das Origens. SelectArt, Postado em 02/11/2023. Disponível em: <https://select.art.br/museu-das-origens/> Acesso em: 12.jan.2024.

RABELO, Angelo Paccelli Cipriano. **Bacia do Alto Paraguai: uma viagem no tempo /** Angelo Paccelli Cipriano Rabelo e Marcel Garcia de Souza , organizadores ; André Almagro ... [et al.] .Brasília , DF : IBICT , 2021. 140 p. : il Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1199> Acesso em: 29.out.2024.

RAMOS, Jovino S. **A histórica Barra do Bugres - 1º Ciclo Econômico.** 1ª Edição - Ministério Público do Estado de Mato Grosso. Promotoria de Justiça da Comarca de Barra do Bugres. Gráfica Renascer, Barra do Bugres, MT. 74 p. 2003.

RAMOS, Jovino S. **Festa de Santa Cruz em Barra do Bugres: Bonita celebração de cultura, religiosidade e fé.** ReporterNews. Notícias. 08 de Maio de 2006. Disponível em: https://reporternews.com.br/noticia/302463/Festa_de_Santa_Cruz_em_Barra_do_Bugres Acesso em: 31.jan.2025.

RAMOS, Jovino S. **Informativo Barra do Bugres - História Folclore Curiosidades**. 1ª edição. Cuiabá, Mato Grosso: Gráfica Atalaia, 1991.

RAMOS, Jovino Santos. **Barra do Bugres na História**. 1ª Edição, Barra do Bugres, MT. 2000.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza. **Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado**. 2015. 254f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/17822> Acesso em: out.2023.

RANGEL, Márcio Ferreira. **Museus, Museologia e Diversidade Cultural: Uma complexa triade**. in: MUSEUS, MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. p. 112 – 116. ICOFOM LAM 98. VII Encontro Regional – Cidade do México, México, 13 / 20 DE JUNHO DE 1998.

REIS, Débora Camila Mendes. **Casa da Benção: Proposta de uma casa de oração para comunidade quilombola São José do Baixios-MT**. Monografia/UNEMAT. Trabalho de Conclusão de Curso – Arquitetura e Urbanismo. Orientador Me. João Mário de Arruda Adrião. Barra do Bugres/MT, 2013.

REIS, Gabrielle Alves. **Os Museus de Território enquanto estratégia de mobilização do patrimônio ambiental e cultural**. Rev. CPC, São Paulo, v.16, n.31, p.69-94, jan./jun. 2021. Disponível em: <file:///D:/User/Downloads/175062-Texto%20do%20artigo-535954-1-10-20220110.pdf> Acesso em 15.nov.2023.

REIS, Maria Amélia Gomes de Souza. **Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas?** In: Museologia & Interdisciplinaridade - Vol. 10, nº 20, p. 144-157. Jul./Dez. de 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/382006425_Museus_e_os_modos_de_educar_para_a_liberdade_asas_ou_gaiolas Acesso em: 07.out.2024.

REMUS-RJ, Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro. **Carta de Princípios**. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 2025. Disponível em: <http://rededemuseologiasocialdorj.blogspot.com/2025/01/carta-de-principios-da-remus-rj.html> Acesso em: 27.jan.2025.

REPORTER do Araguaia. **Faindi - Estudantes indígenas da Unemat têm aulas em suas aldeias**. s/data. Disponível em: <https://jreporterdoaraguaia.com/Publicacao.aspx?id=61288> Acesso em: 08.dez.2024.

REZENDE, Marco Antônio Penido de. **Arquitetura e Construção com terra vernácula no Brasil**. in Anais do VIII Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil – TERRABRASIL 2022. Habitar a Terra. Florianópolis/SC, 1 a 4 de fevereiro de 2022. p. 245-251. Disponível em: <http://redeterrabrasil.net.br/wp-content/uploads/2022/01/Livro-TerraBrasil-2022.pdf> Acesso em: 18.fev.2023.

RIBEIRO, Higor Vendrame Ribeiro; GALVANIN, Edinéia Aparecida dos Santos; PAIVA, Magaywer Moreira de. **Análise das pressões antrópicas na bacia Paraguai/Jauquara - Mato Grosso**. Ciência e Natura, Santa Maria v.39 n.2, 2017, Mai - Ago, p. 378 – 389. Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318119180_ANALISE_DAS_PRESSOES_A_NTROPICAS_NA_BACIA_PARAGUAIJAUQUARA-MATO_GROSSO Acesso em: 13.jan.2025.

RIVIÈRE, Georges Henri. **The ecomuseum – an evolutive definition**. In: Museum. N° 148 (Vol XXXVII, n° 4, 1985) Images of the ecomuseum p.3-5. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000068366> Acesso em: 07.set.2024.

RONDON, Candido Mariano da Silva. **Índios do Brasil do Centro ao Noroeste e Sul de Mato Grosso**. Volume I. 1945. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro. Brasil.

RÚSSIO, Waldisa. **O Objeto da Museologia (e outros textos)**. P. 51-127. in: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Editoras: Luciana Menezes de Carvalho & Sandra Escudero. Série: Teoria museológica latino-americana - Textos fundamentais – 3. ICOM (ICOFOM), 2020. Disponível em: <https://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2022/04/WALDISA-RUSSIO-sarec.pdf> Acesso em: 08.mar.2024.

SALES, Madalena Santana de. **Os Fazeres e os Saberes Etnomatemáticos Praticados Pelos Habitantes do Território Quilombola Vão Grande**. Barra do Bugres, 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas. Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020. Orientador: João Severino Filho

SALES, Madalena Santana de; SEVERINO FILHO, João. **A Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento e sua contribuição na preservação dos fazeres e saberes dos habitantes do Território Quilombola Vão Grande**. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 06, nº 02, mai-ago., 2020. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1835> Acesso em: 31.out.2024.

SANTOS, Deborah Macêdo dos; COSTA, Celme Torres Ferreira da; OLIVEIRA, Carlos Wagner; ALVES, Francismar de Menezes; PONTES, Thiago Bessa. **Casas de taipa na Zona Rural Juazeiro do Norte: De ameaça à saúde a solução para sustentabilidade**. Universidade Federal do Ceará - Campus Cariri IV Encontro Universitário da UFC no Cariri Juazeiro do Norte-CE, 17 a 19 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://encontros.ufca.edu.br/index.php/encontros-universitarios/eu-2012/paper/viewFile/980/977> Acesso em: 18.fev.2023.

SANTOS, Wilson Pereira dos. **A Coluna Prestes em Mato Grosso**. Gazeta Digital, 5 de junho de 2014. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/opiniaao/a-coluna-prestes-em-mato-grosso/420887> acesso em: 15.set.2023.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. **Barbeiro**. Controle de Zoonoses. Publicado em: 12/12/2019. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/control_e_de_zoonoses/animais_sinantropicos/index.php?p=289901 Acesso em: 18.fev.2023.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão** – Parte 2. Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 58, set./out. 2007, p.20-30. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf> Acesso em: 14.nov.2024.

SAÚDE, Ministério da. **Doença de Chagas**. Biblioteca Virtual em Saúde. 2005. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/doenca-de-chagas-10/> Acesso em: 18.fev.2023.

SCHEINER, T. C. M. **Prefacio - el pensamiento museológico latinoamericano**. In: DECAROLIS, Nelly (Org.). El Pensamiento Museológico latinoamericano. Los documentos del ICOFOM LAM / compilados por Nelly Decarolis – Córdoba: ICOFOM LAM, Subcomité Regional del ICOFOM para a América Latina y el Caribe, 188 p Editorial Brujas, 2006. (p. 5-9). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=vl5LV-QVbwMC&pg=PA3&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=2#v=onepage&q&f=false Acesso em: 18.set.2024.

SCHEINER, Teresa Cristina M. **Imagens do 'Não Lugar'. Comunicação e os 'novos patrimônios'** Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2004. Orientadora: Priscila de Siqueira Kuperman. xi., 294 p. :il. Tese (doutorado) UFRJ/ Escola de Comunicação- CFCH / Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, 2004

SCHEINER, Teresa Cristina. **Museologia e Pesquisa: perspectivas na atualidade**. in: Mast Colloquia (V.7) Museu: Instituição de Pesquisa. Rio de Janeiro: MAST, 2005.

SCHEINER, Tereza Cristina. **O museu como processo**. Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museu: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 15-30, Belém, jan.-abr. 2012.

SCHULTZ, Harald. **Os Umutina**. Museu do Índio – FUNAI. Filme Etnográfico (1945). 21min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nE6lojlccV4> Acesso em: 07.jan.2025

SCHULTZ, Harald. **Vinte e Três índios resistem à civilização**. Ed. Melhoramentos, 1953. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú <http://www.etnolinguistica.org>

SEC – Secretaria de Estado de Cultura do Governo do Estado de Mato Grosso. Parecer Técnico para Tombamento Nº 016/2008/CPHC. Assunto: **Tombamento das “Casas Históricas da Aldeia Umutina”**. Coordenação de Preservação do Patrimônio Cultural. Processo Nº 153/08 – CH. GAB. – SEC/MT.

SEC, Secretaria de Estado de Cultura. **Projeto Fronteira Ocidental: Arqueologia e História** - Vila Bela da SS. Trindade. GONZÁLEZ, Érika M. R.; ZANETTINI, Paulo (Coordenação Científica). Relatório Final, julho de 2002. Governo do Estado de Mato Grosso.

SECEL, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso. **Lista de Museus de Mato Grosso**. 2020.

SECEL, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer. **Abel dos Anjos é reconhecido como mestre da cultura pelo trabalho com viola de cocho**. 22 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.secel.mt.gov.br/-/18448313-abel-dos-anjos-e-reconhecido-como-mestre-da-cultura-pelo-trabalho-com-viola-de-cocho> Acesso em: 30.jan.2025.

SECEL, Secretaria de Estado de Cultura, Esportes e Lazer. **Seis espaços museológicos para se visitar em Mato Grosso**. Notícias. Governo de Mato Grosso, 18 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.secel.mt.gov.br/-/11795469-seis-espacos-museologicos-para-se-visitar-em-mato-grosso> Acesso em: 23.jun.2024.

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação – MT (a). **Protocolo da Aula de Campo** – Governo do Estado de Mato Grosso, 2022a. Plataforma Geogúia - Guia para o desenvolvimento de aulas de campo. Disponível em: <https://auladecampo.com/categoria/protocolos-de-seguranca/> Acesso em: 14.nov.2024

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação – MT (b). **Redimensionamento na Educação é obrigação legal, de acordo com a Constituição Federal e com a LDB**. 18 de Novembro de 2022b. Disponível em: <https://www3.seduc.mt.gov.br/-/22994254-redimensionamento-na-educacao-e-obrigacao-legal-de-acordo-com-a-constituicao-federal-e-com-a-ldb> Acesso em: 20.nov.2024.

SEFAZ, Secretaria de Estado De Fazenda. **SEC inaugura Casa Memorial dos Viajantes em Diamantino**. Notícias. SEFAZ/MT, 04 de Dezembro de 2007. Disponível em: <https://www5.sefaz.mt.gov.br/-/sec-inaugura-casa-memorial-dos-viajantes-em-diamantino> Acesso em: 06.set.2024

SELLERI, Fernando Silva. **Patrimônio do Povo de Mato Grosso**. Reunião geral sobre as ações pedagógicas e administrativas do campus de Barra do Bugres. Semana pedagógica integrada - 2023/2

SENRA E SILVA, Jane Ferreira. **A Identidade tradicional mato-grossense expressa no Siriri Cururu e São Gonçalo: uma intersubjetividade cultural e seu devir** / Jane Ferreira Senra e Silva. Cáceres/MT: UNEMAT, 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012. Orientadora: Cecília de Campos França.

SENRA e SILVA, Jane Ferreira. **A Identidade tradicional mato-grossense expressa no Siriri Cururu e São Gonçalo: uma intersubjetividade cultural e seu devir** / Jane Ferreira Senra e Silva. Cáceres/MT: UNEMAT, 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012. Orientadora: Cecília de Campos França. Disponível em: https://portal.unemat.br/media/oldfiles/educacao/docs/dissertacao/2012/jane_ferreira_senra_e_silva.pdf Acesso em: out.2024.

SILVA, Alessandra Korap. **Depoimento**. in: Estratégias de transformação social para a promoção do Bem Viver: Universidades, movimentos sociais e comunidades tradicionais na construção da justiça climática. Paraty, RJ, 11 de setembro de 2024. Apresentação oral. Encontro Internacional de Territórios e Saberes - EITS.

SILVA, Aramis Luiz. **Mapa de viagem de uma coleção etnográfica – A aldeia Bororo nos museus Salesianos e o museu Salesiano na aldeia Bororo.**

Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação do Departamento de Antropologia Social. Doutorado, orientadora Professora Doutora Paula Montero. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13042012-141111/pt-br.php> Acesso em: 05.jun.2024

SILVA, Aramis Luiz. **Meruri 2015: do território cultural ao território dos entraves morais.** Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). Disponível em: https://issuu.com/bdlf/docs/116-3-500-1-10-20161219_2/s/11561672 Acesso em: 07.abr.2024

SILVA, Everaldo Luiz. **Terra Umutina.** Documentário. 24min35s. Laboratório avançado de Jornalismo Científico. Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, SP, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uzAR4qoCm6Y&feature=youtu.be>

SILVA, Pedro Paulo Rodrigues da. **Narrativas do interior** / Pedro Silva ; [produção e revisão Escola de Ativismo]. -- São Paulo : Ed. da Autora, 2021. Disponível em: https://escoladeativismo.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Narrativas_do_Interior_LIVRO_digital.pdf Acesso em: 11.set.2022.

SILVA, Regina Aparecida da. **Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso - Brasil.** São Carlos: UFSCar, 2011. 222f. Tese (doutorado) - Orientadora: Profª Drª Michele Sato. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1737?show=full> Acesso em: 08.dez.2024.

SILVA, Thaís Vasconcelos; QUEIROZ, Tadeu Miranda; GALVANIN, Edinéia Aparecida dos Santos. **Uso da terra no Assentamento Antônio Conselheiro no estado de Mato Grosso.** RA'EGA - O Espaço Geográfico em Análise, 40. 35-44. Agosto.2017. Departamento de Geografia – Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/44413> Acesso em: 27.nov.2024.

SINTEP-MT, Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso. **DESMONTE EDUCACIONAL: Três anos de redimensionamento da rede escolar e ilegalidade em Mato Grosso.** 20/12/2023. Disponível em: https://sintep.org.br/sintep/Utilidades/view_noticia/tres-anos-de-redimensionamento-da-rede-escolar-e-inconstitucionalidade-em-mt/i:3010 Acesso em: 20.nov.2024.

SINTEP-MT, Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso (a). **DESMONTE EDUCACIONAL: TJMT confirma posição do Sintep-MT e considera inconstitucional a política de municipalização.** 26/08/2024a. Disponível em: https://sintep.org.br/sintep/Utilidades/view_noticia/tjmt-confirma-posicao-do-sintep-mt-e-considera-inconstitucional-a-politica-de-municipalizacao/i:3515 Acesso em: 20.nov.2024.

SINTEP-MT, Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso (b). **Sintep-MT alerta que mesmo inconstitucional decreto de reordenamento segue com desmonte.** 18/11/2024b. Disponível em: https://sintep.org.br/sintep/Utilidades/view_noticia/sintep-mt-alerta-que-mesmo-inconstitucional-decreto-de-reordenamento-segue-com-desmonte/i:3730 Acesso em: 20.nov.2024.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; MACHADO, Fernanda Quixabeira; ÁVILA, Luciwaldo Pires de. **O Brasil pelos brasileiros: relatórios científicos da Comissão Rondon**. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2016. Disponível em: <https://www.secel.mt.gov.br/-/17211624-o-brasil-pelos-brasileiros> Acesso em: 19.jul.2022.

SMEC, Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Vila Bela SS. Trindade**. Prefeitura Municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade, julho de 1999. Secretaria de Estado de Cultura: Coordenadoria de Patrimônio Cultural/Bens Tombados.

SOARES, Bruno C. Brulon. **Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno**. in: Anais do Museu Paulista. v. 25. n.1. jan.-abril 2017, p. 403-425. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/issue/view/10253> Acesso em: 31.ago.2024.

SOARES, Bruno César Brulon. **Máscaras guardadas: musealização e descolonização** / Bruno César Brulon Soares. – 2012. 448 f. Orientadora: Lygia Segala. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2012.

SOMMER, Michelle Farias. **Nós, os bugres das baixas latitudes e adjacências - Como reconhecer o que é nosso, sendo nós essa imensa maioria de outros que residem abaixo da linha do Equador?** In: Museu das Origens. SelectArt, Postado em 02/02/2018. Disponível em: <https://select.art.br/nos-brugres-baixas-latitudes/> Acesso em: 12.jan.2024.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>

SOUZA, Angélica Gonçalves de. **Cultivo da poaia na região do Assentamento Antônio Conselheiro: Buscando na história uma opção atual de agricultura**. Universidade de Brasília – UnB, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina. Orientadora: Profª Drª. Marfa Magali Roehrs. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNB-2_37628c173df416b923c325dd1b6d1a29 Acesso em: 04.jun.2022

SUANO, Marlene. **O que é Museu**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1986. Disponível em: https://www.academia.edu/19309484/O_que_%C3%A9_Museu_1986_ Acesso em: 21.dez.2024.

TAN HUARE, Cleomar Myahu. **ARTE PLUMÁRIA UMUTINA: BODÔ**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Línguas, Artes e Literatura, apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, Barra do Bugres, MT. 2016. Orientadora: Prof.ª Drª. Mônica Cidele da Cruz

TURISMO, Ministério do. **Portaria MTur Nº 37, de 11 de novembro de 2021. Estabelece as normas e condições a serem observadas no exercício da atividade de Guia de Turismo.** Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/-publicacoes/atos-normativos-2/2021-1/portaria-mtur-no-37-de-11-de-novembro-de-2021> Acesso em: 29.mar.2025

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso (a). **Ensino.** SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. Cáceres, 2024. Disponível em: <https://sigaa.unemat.br/sigaa/public/home.jsf> Acesso em: 07.dez.2024

UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso (b). **Faculdade Indígena Intercultural.** Mato Grosso, 2024. Disponível em: <https://portal.unemat.br/indigena> Acesso em: 08.dez.2024.

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. **Nossa História.** Editora Unemat, 2008. Disponível em: <https://unemat.br/site/institucional/nossa-hist%C3%B3ria> Acesso em: 23.out.2022.

UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso. **Resolução nº 032/2013: Projeto Pedagógico do curso de arquitetura e urbanismo.** RESOLUÇÃO Nº 032/2013 – CONEPE Aprova a reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Campus Universitário de Barra do Bugres da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Disponível em: https://www.unemat.br/resolucoes/resolucoes/conepe/3402_res_conepe_32_2013.pdf Acesso em: 24.set.2024.

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. **Unemat em números.** Anuário Estatístico de 2020, ano base 2019. Disponível em: <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=numeros&m=informacoes-gerais> acesso em: 17.mar.2024.

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. **Unemat.** s/data. Disponível em: <https://unemat.br/> Acesso em: 08.dez.2024

UNEMAT, Universidade do Estado de Mato Grosso. **De abundante a quase extinta a poaia é pesquisada em Mato Grosso.** Publicado em 05/01/2017 por Hemília Maia. Disponível em: <http://portal.unemat.br/?pg=noticia/10597> Acesso em: 28.abr.2024.

USP. Instituto de Geociências. **Canga.** 2023. Disponível em: <https://didatico.igc.usp.br/rochas/sedimentares/canga/> Acesso em 20,jan,2023

UZEDA, Helena Cunha de. **Os limites de fruição: Espaços de observação e circulação nas exposições de arte.** 2º Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus - Identidades e Comunicação. UFRJ, 2010. Disponível em: https://arquimuseus.arq.br/anais-seminario_2010/eixo_ii/P2_Artigo_helena_uzeda.html Acesso em: 09.dez.2022

UZEDA, Helena Cunha de. **Os museus de cidade e o processo de interpretação da memória dos centros urbanos.** Museologia e Patrimônio – Unirio / MAST , v. 09 no. 02, p. 61-80, 2016. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/530/533> Acesso em: 30.out.2023.

UZEDA, Helena Cunha de; FERREIRA, Lorhana Serpa Ribeiro; SILVA JUNIOR, Paulo Cesar Ribeiro da. **Museus no Ciberespaço: as Redes Sociais como nova dinâmica do Público Digital**. Revista Museologia e Interdisciplinaridade, Vol. 10, nº Especial, p.195-208. Universidade de Brasília – UnB, dezembro de 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/37506> Acesso em: 01.jan.2025.

VALENTE, Arthur Sérgio Mouço. **Carapichea ipecacuanha**. Família RUBIACEAE. in Livro vermelho da flora do Brasil / texto e organização Gustavo Martinelli, Miguel Avila Moraes - 1. ed. - Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. 1100 p. ; 30 cm. Disponível em: <http://www.cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/publicacoes> Acesso em: 27.fev.2023.

VARINE, Hughes de. **La place du musée communautaire dans les stratégies de développement**. in Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX Encontro Anual do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe - ICOFOM LAM: Santa Cruz, Rio de Janeiro – Brasil, 2001. p. 57-62.

VARINE, Hughes de. **Repensando o conceito de museu**. Palestra proferida durante o Encontro ICOM/UNESCO sobre Museus e Comunidades. Jokmökk, Suécia, junho de 1986. Tradução de Tereza Scheiner, em agosto de 1992.

VASCONCELLOS, Liliana; GUEDES, Luiz Fernando Ascenção. **E-Surveys: vantagens e limitações dos questionários eletrônicos via Internet no contexto da pesquisa científica**. X SemeAD: Seminários Em Administração Da FEA-USP, (September 2017), 1–16. Retrieved from <http://sistema.semead.com.br/10semead/sistema/resultado/trabalhosPDF/420.pdf>

VASQUES, Nadja. **Novo Fórum de Barra do Bugres proporciona ferramentas para uma prestação jurisdicional humanizada**. Poder Judiciário de Mato Grosso. Mato Grosso, 15.dez.2020. Disponível em: <http://www.tjmt.jus.br/noticias/62830#.Y-7sQnbMLIU> Acesso em: 16.fev.2023

VAZ, Ivan. **Sobre a Musealidade** / Ivan Vaz ; orientadora Maria Cristina Oliveira Bruno -- São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, 2017

VBio - valorização biodiversidade brasileira. **Buriti: a árvore da vida e sua conexão com as comunidades tradicionais**. Redação: Candace Bauer. 2023. Disponível em: <https://www.vbio.eco/post/buriti-a-%C3%A1rvore-da-vida-e-sua-conex%C3%A3o-com-as-comunidades-tradicionais> Acesso em: 31.jan.2025.

VIANA, Carla Azevedo dos Santos; NAVES, Mary Naves da S. Rios. **Rubiaceae: Carapichea ipecacuanha**. in Plantas da Amazônia : 450 espécies de uso geral / Mary Naves da Silva Rios, Floriano Pastore Jr., org. - Brasília : Universidade de Brasília, Biblioteca Central, 2011. 3140 p. : il. , p. 2975-2990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/621057445/Plantas-da-Amazonia-450-especies-de-uso-geral> Acesso em 27.fev.2023.

WALDOW, Priscila; ADRIÃO, João Mário de Arruda. **Educação Patrimonial em Propostas Práticas: Experiências em Ações na Casa Borges em Barra do Bugres-MT**. 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil / organizador Márcio Ananias Ferreira Vilela. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565147089_ARQUIVO_EDUCACAO_PATRIMONIALEMPROPOSTASPRATICAS.pdf

WEIMER, Günter. **A casa popular brasileira**. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2005

ZATTAR, Neuza; TAVARES, Danielle; MAIA, Hemília; LIMA, Lygia (Orgs.). Unemat: **Uma história que faz parte de muitas outras**. – Cáceres: Editora Unemat, 2018. 85 p. II. Disponível em: <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=editora&m=cadastros-de-obras&c=unemat-uma-historia-que-faz-parte-de-muitas-outras> Acesso em: 24.out.2022.

ZUMAK, André.; LARCHER, Letícia. O contexto histórico da BAP. In: RABELO, A. P. C.; SOUZA, M. G. de (Org.). **Bacia do Alto Paraguai: uma viagem no tempo**. Brasília, DF: Ibict, 2021, p. 12-23. Disponível em: https://mpmt.mp.br/site/storage/webdisco/arquivos/Bacia%20do%20Alto%20Paraguai_Web.pdf Acesso em: 16.out.2022

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – Quadro comparativo definições de museu e o MuCB

Requisitos para criação de um MUSEU

ICOM – Nova Definição de Museu de 2022:

O que diz	O Museu Casa Borges
<i>Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos,</i>	O MuCB é um museu municipal, criado através de lei municipal de 2021 que “cria o museu Casa Borges”, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura.
<i>a serviço da sociedade,</i>	Todas as atividades e eventos são abertas ao público, especialmente o público escolar.
<i>que pesquisa</i>	Existem dois TCC do curso de arquitetura que versam sobre a edificação Casa Borges. Artigo ANPUH Pesquisas relacionadas a técnicas construtivas de terra (adobe), restauração de edificações. Exposições desenvolvidas a partir de pesquisa de elementos históricos da cidade (edifícios, espaços públicos, monumentos, os rios).
<i>coleciona, conserva</i>	O MuCB não possuía acervo. Apenas este ano recebeu a doação do acervo de artefatos indígenas da Faculdade Indígena Intercultural da Unemat (FAINDI), com catalogação bem simplificada (apenas nome do objeto, material e etnia que o produziu). Existe projeto em andamento de se realizar a catalogação em parceria com alunos indígenas da Unemat. Não possui espaço físico adequado para guarda do acervo e nem pessoal qualificado para conservação.
<i>interpreta e expõe patrimônio material e imaterial,</i>	Desde sua criação em 2018 foram realizadas cerca de 15 exposições presenciais, e 6 exposições virtuais feitas durante o isolamento, de temas diversos, tais como: artes plásticas de artistas locais e regionais; história do povo indígena Balatiponé-Umutina; Elementos urbanos de importância histórica; cultura das comunidades quilombolas, apresentações culturais com música, dança, tiro com arco, etc.
<i>Abertas ao público, acessíveis e inclusivos</i>	O espaço recebe geralmente grupos de estudantes, mas é aberto a todas as pessoas, porém não possui acessibilidade espacial ou comunicacional.
<i>os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade.</i>	As atividades no MuCB buscam mostrar a diversidade cultural e étnica do município. Sustentabilidade ???
<i>Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades</i>	O museu O MuCB sempre convida artistas, comunidades, escolas, para participar desde a criação dos eventos, concepção, montagem e mediação. Atua com professores e alunos bolsistas e voluntários de diversas áreas, porém não conta com profissionais da área da museologia.
<i>oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento.</i>	Além das exposições de diversos temas, também são realizadas ações como oficinas de arte e artesanato, práticas de restauro (de edificações), apresentações musicais, palestras, reuniões de mulheres indígenas, roda de conversa com artistas expositores,

Lei 11.904/2009 - Estatuto de Museus:

onde	O que diz	O Museu Casa Borges
Art 1 - único	Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.	Realiza exposições relacionadas ao patrimônio cultural, a história, das comunidades e da cidade. Conta com a participação de artistas, artesãos, historiadores ligados ao município, representantes das escolas das comunidades remanescentes de quilombo e dos povos indígenas da região trabalhando junto com a equipe do museu desde a concepção, planejamento, montagem e mediação dos eventos culturais ali realizados.
Art. 2º	princípios fundamentais dos museus: I – a valorização da dignidade humana; II – a promoção da cidadania; III – o cumprimento da função social; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; VI – o intercâmbio institucional.	O MuCB respeita todas as pessoas e suas formas de expressão. Realiza eventos e atividades relacionadas à arte e cultura local e regional, ao patrimônio arquitetônico, a história, sempre contando com a participação de integrantes das comunidades: artistas, artesãos, povos indígenas de Mato Grosso, remanescentes de quilombos, ribeirinhos, grupos de mulheres, estudantes universitários e da rede pública municipal e estadual, são alguns dos grupos envolvidos nas atividades do Museu.
Art. 4º	O poder público estabelecerá mecanismos de fomento e incentivo visando à sustentabilidade dos museus brasileiros.	O MuCB é vinculado à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes.
Art. 5º	Os bens culturais dos museus, em suas diversas manifestações, podem ser declarados como de interesse público, no todo ou em parte.	O MuCB não possui acervo. No início deste ano recebeu em doação a coleção de artefatos indígenas da Faindí, ainda em processo de catalogação.
Art. 7º Art. 8º	A criação de museus por qualquer entidade é livre, independentemente do regime jurídico, nos termos estabelecidos nesta Lei. A criação, a fusão e a extinção de museus serão efetivadas por meio de documento público.	O MuCB foi idealizado por um grupo de artistas, artesãos, professores, historiadores de Barra do Bugres, e criado por um projeto de extensão da Unemat, em 2018. Em 2021 foi sancionada lei municipal que cria o Museu Casa Borges

Art. 12º	A denominação de museu municipal só pode ser utilizada por museu vinculado a Município ou por museus a quem o Município autorize a utilização desta denominação.	Lei municipal 2.472/2021 Cria o Museu Casa Borges, vinculado à Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Barra do Bugres – MT. O MuCB tem gestão compartilhada entre a Unemat e Prefeitura Municipal, através de um Termo de Cooperação assinado em 2022.
Art. 13º	São considerados museus públicos as instituições museológicas vinculadas ao poder público, situadas no território nacional.	
Art. 14º	O poder público firmará um plano anual prévio, de modo a garantir o funcionamento dos museus públicos e permitir o cumprimento de suas finalidades.	
Art. 15º	Os museus públicos serão regidos por ato normativo específico.	

LEI Nº 11.906/2009 - Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=830080

onde	O que diz	O Museu Casa Borges
Art. 2º	Para os fins desta Lei, são consideradas: I - as instituições museológicas: os centros culturais e de práticas sociais, colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que possuem acervos e exposições abertas ao público, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer	O MuCB é um espaço cultural com exposições e outras atividades abertas à participação e visitação do público, voltadas para a educação, pesquisa e lazer. O MuCB não possui acervo catalogado (a coleção da Faindi, doada ao MCB recentemente precisa de catalogação e conservação)

a)	a vocação para a comunicação, investigação, interpretação, documentação e preservação de testemunhos culturais e naturais;	O MuCB surgiu como espaço expositivo, de trabalhos acadêmicos, artes plásticas, fotografias, arte e cultura dos povos originários de Mato Grosso. Suas atividades tiveram início há 5 anos (2018) e tem carência de pesquisa acadêmica. A partir de 2020 iniciou a publicar material de suas exposições em site e blog, buscando a preservação do resultado alcançado pelas pesquisas para organização do material apresentado nas exposições (reais/físicas ou digitais/virtuais)
b)	o trabalho permanente com o patrimônio cultural;	O MuCB trabalha com o patrimônio cultural do município e região
c)	o desenvolvimento de programas, projetos e ações que utilizem o patrimônio cultural como recurso educacional e de inclusão social;	As atividades desenvolvidas no MuCB têm como público alvo os estudantes e professores das escolas do município, apesar de estar sempre aberto à participação de todas as pessoas.
d)	o compromisso com a gestão democrática e participativa	Todas as atividades realizadas contam com participação de pessoas das comunidades do município/estado: estudantes, artistas, artesãos, povos indígenas, comunidades remanescentes de quilombos.
II	II - bens culturais musealizados: o conjunto de testemunhos culturais e naturais que se encontram sob a proteção de instituições museológicas	O MuCB tem sob sua guarda uma coleção de artefatos indígenas de várias etnias de Mato Grosso, coletadas pela Faculdade Indígena Intercultural – Faindi, e doadas recentemente ao Museu.
III	III - atividades museológicas: os procedimentos de seleção, aquisição, documentação, preservação, conservação, restauração, investigação, comunicação, valorização, exposição, organização e gestão de bens culturais musealizados.	O MuCB não possui pessoal qualificado para realizar procedimentos de seleção, aquisição, documentação, preservação, conservação, restauração, ou organização e gestão de bens culturais musealizados. O MuCB realiza investigação, comunicação, valorização, exposição, organização de bens materiais e imateriais da história/cultura/memória local e regional.

APÊNDICE 02 – Quadro comparativo Museu Universitário e o MuCB

Museus Universitários e o Museu Casa Borges

ABALADA, Victor Emmanuel Teixeira Mendes; GRANATO, Marcus. Museus universitários brasileiros e patrimônio cultural de ciência e tecnologia: resultados iniciais de seu mapeamento e relação. GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação - XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019. Florianópolis, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/121704. Acesso em: 29 out. 2023.		
	O que diz	O Museu Casa Borges
1	todo espaço que se autoneomeia museu e está inserido em uma universidade (p. 1)	O espaço cultural denominado por alunos do curso de arquitetura e urbanismo como Museu Casa Borges, título da primeira exposição naquele espaço, surgiu a partir de um projeto de extensão do professor João Mário Adrião, do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus Barra do Bugres, em 2018, iniciativa de professores, historiadores, artistas e artesãos da cidade de Barra do Bugres. Em 2021 foi sancionada lei municipal que “cria o Museu Casa Borges”, e assinado um Termo de Cooperação entre a Universidade e Prefeitura Municipal, que tem como objetivo “a conjugação de esforços no sentido de promover em cooperação, o desenvolvimento da Educação e Cultura mediante a implantação e execução do Projeto de Extensão “Casa Borges: Arte, Cultura e Educação Patrimonial”, que tem entre seus objetivos realizar ações culturais no espaço denominado Museu Casa Borges”
2	“A princípio, não apenas por uma questão de coerência com as demandas e consolidações do setor dos museus, mas mesmo de coerência conceitual, não pode haver uma diferença de definição entre museu e museu universitário para além do fato de ser um museu dependente e inserido na estrutura de uma universidade.” (p. 5)	O vínculo do MuCB com a Universidade é apenas relacionado ao projeto de extensão e ao Termo de Cooperação. Todas as atividades relacionadas ao MuCB são realizadas pela equipe do museu, composta por professores e bolsistas do projeto de extensão, uma estagiária da Secretaria de Cultura, e voluntários. Não há orçamento referente ao MCB.
3	Para sua pesquisa, consideram museu universitário mesmo os que não atendam às condições mínimas para serem museus, desde que se autodenominem como tal: “[...]no escopo deste trabalho [...] só podem ser estudadas dentro do quadro dos museus universitários se, <u>apesar de não apresentarem a estrutura e os requisitos básicos para assim se considerarem, autodenominarem-se museus</u> , sobrepondo-se sempre o respeito à questão inditória à aderência irrestrita a um conceito fechado de museu (p. 5-6. Grifo nosso).	O Museu Casa Borges se autodenomina Museu

4	"[...]percebe-se o museu como completamente inserido na vida universitária, podendo instituir-se como "face visível" do trabalho ali desenvolvido (por seus professores responsáveis, ou do pelo departamento, ou mesmo pela própria universidade como um todo) ao público, seja esse pensado como sendo constituído prioritariamente pela comunidade acadêmica, seja pela sociedade em geral [...]" (p. 7)	O MuCB, desde sua concepção, serviu como local de exposição de diversas atividades universitárias, desde divulgação de pesquisas, manifestações artísticas, apresentação de trabalhos didáticos de diversas disciplinas, envolvendo alunas/os e professoras/es de diversos cursos, sendo parte do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão da universidade.
---	--	--

LOURENÇO, Marta C. Between two worlds: The distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in Europe . 2005. 406 p. Tese (Doutorado). Epistemology & History of Technology, Conservatoire National des Arts et Métiers, 2005. Disponível em: https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~mclourenco/ Acesso em: 30.out.2023.		
	O que diz	O Museu Casa Borges
5	É enorme a diversidade de museus e coleções universitárias, e o enfoque tradicional – por exemplo: disciplinar – torna difícil, quando não impossível, estudá-los como um conjunto." (p. 159) No original: The diversity of university museums and collections is overwhelming, and traditional – e.g. disciplinary – approaches make them difficult, if not impossible, to study as a group." (p. 159)	O MuCB tem suas características relacionadas à universidade e à realidade do local onde está inserido.

APÊNDICE 03 – Quadro comparativo Museu Casa e o MuCB

Museus-casa e o Museu Casa Borges

CAYER, Nelson Alexis; SCHEINER, Teresa Cristina. Casas históricas e museus-casa: conceitualização e desenvolvimento. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 16, n. 2, e20200108, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/jMZpNPmH6QDQPhSWrDHjC8g/?format=pdf Acesso em 07.out.2023.		
	O que diz	O Museu Casa Borges
1	“[...] museu-casa é uma casa musealizada que necessita de um processo posterior ao da casa histórica para poder potencializar e visibilizar os valores do prédio, atuando como museu, ou seja, fazendo com que espaços criados para uso privado se tornem lugares públicos de exibição” (p. 1)	A Casa Herculano Borges tem em andamento um trabalho de levantamento físico e histórico, porém não é musealizada. Atua como museu, ainda que não tenha foco na apresentação do próprio edifício ou dos antigos moradores.
2	“tanto a casa histórica quanto o museu-casa passaram a ser percebidos como lugares de memória, nos seus três sentidos: o material, o simbólico e o funcional.” (p. 2)	O edifício ocupado pelo MuCB tem importância, como lugar de memória, por sua arquitetura característica do início do desenvolvimento econômico da cidade e sua emancipação como município, e pelo emprego do adobe como técnica construtiva (material); e por ter sido construída por um comerciante da ipecacuanha, raiz medicinal de grande valor, motor da primeira leva de exploradores e da fundação da vila que deu origem à cidade (simbólico).
3	“Uma casa histórica pode ser nomeada como museu-casa sempre que houver um trabalho e uma função museológica naquele espaço (Ponte, 2007, p. 3)”. (p. 3)	Uma das justificativas apresentadas à lei que autorizou a compra da casa pela prefeitura, foi o fato de ser um “imóvel considerado de interesse histórico [...] localizado em área declarada como integrante da Zona Especial de Interesse Histórico” e menciona o “interesse do município na preservação e proteção de áreas consideradas de interesse histórico cultural ou paisagístico”. Iniciou suas atividades como Museu em 2018, e em 2020 foi sancionada a lei que “cria o Museu Casa Borges[...].”
4	Assim, ao longo do seu processo, uma casa histórica pode se tornar uma “casa musealizada” (Cid Moragas, 2008, p. 11), ou não.” (p. 3)	A Casa Herculano Borges tem em andamento um trabalho de levantamento físico e histórico, porém não é musealizada.

5	“museu-casa, [...] é um prédio escolhido com posterioridade pela relevância histórica dos seus moradores ou pela importância de algum fato acontecido nele, mas não necessariamente “por ser portador de valores artísticos inerentes à sua materialidade e espacialidade.” (Oliveira & Rocca, 2018, p. 127)” (p. 4)	Apesar de não ser seu objetivo principal, a Casa Borges tem um significado histórico pela biografia de seu proprietário, comerciante da ipecacuanha, ainda que não possua moveis ou outros objetos originais, exceto por uma fotografia do casal, colorizada, guarnecida por moldura oval, e que foi encontrada na Casa quando se deu início às ações culturais que culminaram em sua institucionalização como museu municipal.
6	“Mas, ainda que essa matriz [a tríade casa-museu-personagem] seja uma ferramenta útil para a análise e a reflexão no primeiro momento, posteriormente é preciso ir além, para que o museu-casa possa desenvolver toda a sua potencialidade – que reside na possibilidade de estabelecer conexões mais amplas e complexas com outros cenários, histórias e representações, ultrapassando os limites do próprio museu, da personagem e da coleção (ou do mobiliário).” (p.6)	O MuCB tem uma ampla relação com as comunidades do município, especialmente as Comunidades Remanescentes de Quilombos da região do Vão Grande e o povo Balatiponé-Umutina. Além disso o MuCB tem potencial de se relacionar com elementos urbanos representativos da memória do lugar, como alguns edifícios, monumentos, espaços urbanos, e os rios que margeiam a cidade, elementos fundamentais no desenvolvimento da região.
7	‘DEMIST’, o comitê internacional do ICOM para os museus de casas históricas define, desde 1998, quando “realizou sua primeira reunião, durante a qual foram escolhidos os nomes ‘Historic House Museums / Demeures historiques-musées / Residencias Históricas-Museo’ e a abreviatura ‘DEMIST’” (p. 7), categorias de museu-casa. Grande parte dessas categorias tem relação a personalidades que habitaram a casa, a coleções relacionadas ao local/personagens, ou a fatos históricos relacionados ao local.	O MuCB está localizado em uma casa cujo proprietário teve certo destaque na sociedade local, além de ser representativa de um período histórico da cidade. A intenção da criação do museu nunca foi prestar homenagem à figura que o habitou, apesar de ter seu nome (Borges) atrelado ao nome do museu. Quanto ao valor histórico da casa, isso sim foi levado em consideração e inclusive é mencionado na lei que autorizou sua compra pelo município.

RANGEL, A. M. S. (2015). Museu Casa de Rui Barbosa: Entre o público e o privado [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro].		
Referências usadas: PONTE, Antônio Manoel Torres da. Casas-museu em Portugal: teorias e práticas . dissertação de mestrado, Universidade do Porto; Faculdade de Letras - Departamento de Ciências e Técnicas do Património. 2007.		
	O que diz	O Museu Casa Borges
8	Ao voltarmos nossa atenção para uma residência transformada em museu, alguns questionamentos são especialmente importantes: Como e por que um personagem e sua residência são eleitos para serem musealizados? Qual o efeito social destas ações? A quem interessava a criação deste espaço? A musealização da Casa, enquanto um lugar histórico, dotado de referências arquitetônicas; modo de construção; materiais típicos de uma dada região; palco de um acontecimento considerado significativo para uma sociedade, em suma, um objeto em si, é uma prática no universo museu. (p. 59)	Diferentemente do Museu Casa De Rui Barbosa, o Museu Casa Borges, apesar de levar o nome de seu antigo morador no título, não foi criado com intensão de homenagear o personagem ou sua residência, além do fato de sua arquitetura característica de uma época. A casa de Herculano Borges foi adquirida pela Prefeitura com objetivo de se tornar um espaço cultural, e entre as justificativas apresentadas está o fato de ser uma casa característica de uma época, e estar inserida na Zona de Interesse Histórico da cidade. Após 5 anos da aquisição da casa (de 2013, ano que foi adquirida a 2018, quando teve início a primeira ação cultural do Museu) o espaço passa a abrigar diversos eventos culturais como exposições, palestras, rodas de conversa, apresentações musicais, entre outras, voltadas principalmente para o público escolar. A casa tem potencial para ser musealizada e fazer parte do acervo do próprio museu.
9	No Brasil e no resto do mundo construções históricas são aproveitadas para a instalação de museus, com temáticas bastante variadas. Entretanto o modelo conceitual de museu que elegemos como objeto de estudo, possui características singulares, na medida em que a casa musealizada guarda uma relação direta com o personagem que a habitava e ambas são partes constituintes do acervo a ser trabalhado.” (p. 59)	A intenção da criação do museu nunca foi prestar homenagem à figura que o habitou, apesar de ter seu nome (Borges) atrelado ao nome do museu. Quanto ao valor histórico da casa, isso sim foi levado em consideração e inclusive é mencionado na lei que autorizou sua compra pelo município. Apesar de não ser seu objetivo principal, a Casa Borges tem um significado histórico pela biografia de seu proprietário, comerciante da ipecacuanha, espécie vegetal que impulsionou a vinda de exploradores, ocasionado a criação da vila que deu origem à cidade.

PONTE, António Manuel Torres da. (2007). Casas-Museu em Portugal: teoria e prática. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Porto, 2007.		
	O que diz	O Museu Casa Borges
10	[...]é fundamental reter a nossa atenção na expressão casa-museu, composta por duas palavras em justaposição, dois conceitos com dimensões completamente opostas quanto à sua abrangência, em relação à sua extensão pública e privada. [...]Um museu é criado para receber pessoas, transmitir conhecimentos e interagir com o público, a que se associa a função de conservar, estudar e divulgar as colecções. No âmbito das casas-museu, a própria casa é, também, uma importante e imponente peça do museu a preservar e estudar.” (p. 22)	A casa tem valor histórico e arquitetônico e tem potencial para ser musealizada e fazer parte do acervo do próprio museu.
11	António Ponte cita autores para quem “A casa-museu deverá reflectir a vivência de determinada pessoa que, de alguma forma, se distinguiu dos seus contemporâneos, devendo este espaço preservar, o mais fielmente possível, a forma original da casa, os objectos e o ambiente em que o patrono viveu” (PINA 2001: 4), ou no qual decorreu qualquer acontecimento de relevância, nacional, regional ou local, e que justificou a criação desta unidade museológica (p. 25)	O MuCB ocupa uma casa que tem importância no cenário histórico e arquitetônico da cidade, mas suas ações não enfatizam a vida do personagem Herculano Borges.

12	“Certas casas-museu, embora apresentem realidades e espaços domésticos, não passam de museus regionais, outras deveriam ser museus de arte, podendo ter o nome do homenageado, uma vez que este teve o mérito de desenvolver uma certa colecção, não devendo, contudo, assumir a denominação de casa-museu, pois não se apresentando como cenários de vida, não configuram uma casa-museu, mas podem assumir-se como um meio de manutenção de uma colecção intacta.” (p. 27)	Diante desta fala, o MuCB não se configura como Museu-Casa.
13	Porto fala da importância dos museus regionais e locais de preservar a memória local: “Neste panorama, os museus, assim como a tipologia específica das casas-museu, devem assumir um papel determinante no domínio da produção de bens culturais de qualidade. Os museus são instituições que, teoricamente, devem preservar as memórias materiais e imateriais, homenageando personalidades e evocando acontecimentos, zelar pela sua conservação, no sentido de permitirem o acesso das gerações do presente a esses patrimónios e, fundamentalmente, que as gerações futuras possam fruir o que de melhor se produziu no âmbito da criação humana ao longo dos tempos, catalisando vontades e agregando grupos em torno de ideais, minimizando, assim, os riscos da globalização social, onde o princípio de identidade se esgota.” (p. 35-36)	O MuCB é um museu regional, neste sentido, tanto que todas as ações realizadas tratam de apresentações de artistas locais e regionais, cultura e memórias das Comunidades Remanescentes de Quilombos e dos povos originários daquela região, história da cidade, etc.

14	Ao final, Ponte traça um paralelo entre as diversas classificações de Casa-Museu. Destacamos a seguir a relação traçada por ele referente às denominadas 'Casa de Interesse Histórico Local': "Finalmente relacionaram-se as casas que combinam as três categorias (S. Butcher Youngmans), com as casas com identidade social e cultural específica (Pavonni – Selvafolta), com as Casas de Interesse Histórico Local (Museion) e as Casas de Sentimento (Linda Young), unidades com menor relevância do ponto de vista das casas-museu. Estas podem combinar actividades de diversa ordem, tais como centros culturais, espaços para eventos diversos, podendo ser, muitas vezes, casas vazias onde se apresentam colecções que resultaram de recolhas locais." (p. 48-49)	A casa onde está instalado o MuCB tem valor histórico e arquitetónico para aquela região. O espaço do MuCB e seu entorno são utilizados para eventos de diversos tipos.
15	"conseguiu-se definir uma casa-museu, como um espaço doméstico convertido em equipamento público, posto ao serviço deste com vista a celebrar e evocar a história de um homem, de um país, de um grupo ou um acontecimento, que, por estar directamente relacionada com a casa, se consegue apreender nesse espaço." (p. 49)	O MuCB não foi criado com objetivo de cultuar um personagem, apesar de seu original proprietário criar essa conexão entre a edificação e a história da cidade.

APÊNDICE 04 – Quadro comparativo Museu de Território e o MuCB

Museus de Território e o Museu Casa Borges

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas . Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum., v. 7, n. 1, p. 15-30, Belém, 2012.		
	O que diz	O Museu Casa Borges
1	[...] o campo do conhecimento dedicado ao estudo e análise do Museu enquanto representação da sociedade humana, no tempo e no espaço. Abrange o estudo das múltiplas relações existentes entre o humano e o Real, representadas sob diferentes formas de museus: museus tradicionais, baseados no objeto; museus de território, relacionados ao patrimônio material e imaterial das sociedades do passado e do presente; museus da natureza; museus virtuais/digitais. [...]. (p. 18) Scheiner, Teresa C. M. "Museology". Curso ministrado na International Summer School of Museology (ISSOM). Brno, República Tcheca, julho 1999. Texto não publicado.	O MuCB se relaciona diretamente com comunidades do município, promovendo a participação das escolas (escola José Mariano Bento, da comunidade remanescente de quilombos (CRQ) Baixio; e da escola Jula Paré, da aldeia do povo Balatiponé-Umutina) na elaboração e realização de exposições e publicações relacionados à sua cultura e patrimônio, além de artistas plásticos, artesãos, músicos, envolvidos nos eventos culturais realizados no Museu.
2	Defendemos, aqui, que o Museu Integral se fundamenta não apenas na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território (espaço geográfico, clima, recursos naturais renováveis e não renováveis, formas passadas e atuais de ocupação humana, processos e produtos culturais, advindos dessas formas de ocupação), ou na ênfase no trabalho comunitário, mas na capacidade intrínseca que possui qualquer museu (ou seja, qualquer representação do fenômeno Museu) de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais. (p. 19)	Algumas características de Museu Integral remetem ao conceitos de Museu de Território. O MuCB atua como difusor de memórias das comunidades rurais, bem como apresentando histórias de elementos urbanos, tendo, portanto, potencial de atuar como museu de território.
3	Consagrado pelo texto da Carta de Santiago, em 1972, o termo 'museu integral' vincula-se diretamente ao conceito de 'patrimônio integral', construído sobre uma percepção holista do meio ambiente[...] (p. 19)	Algumas características de Museu Integral remetem ao conceitos de Museu de Território.

REIS, Gabrielle Alves. **OS MUSEUS DE TERRITÓRIO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE MOBILIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO AMBIENTAL E CULTURAL**. Rev. CPC, São Paulo, v.16, n.31, p.69-94, jan./jun. 2021. Disponível em: <file:///D:/User/Downloads/175062-Texto%20do%20artigo-535954-1-10-20220110.pdf> Acesso em 15.nov.2023.

	O que diz	O Museu Casa Borges
4	Os museus de território surgem, então, como uma resposta aos museus tradicionais, baseando-se na musealização de um território, com ênfase dada às relações culturais e sociais homem/território, ao valorizar processos naturais e culturais, e não os objetos enquanto produtos da cultura, baseada no tempo social. No Brasil, alguns segmentos de grupos subalternizados estão presentes nesse conceito de museu, muitas vezes como reação à desterritorialização. Esses locais surgem nas favelas, em bairros periféricos das regiões metropolitanas, no interior, em aldeias indígenas ou em demais áreas com a presença desses grupos. Eles estão ligados a lutas pela cidadania, pelo direito de minorias, pelo reconhecimento de culturas marginais. (p. 73-74)	Apesar de não serem musealizados, o MuCB explora em suas ações culturais elementos urbanos e áreas do entorno (naturais e construídas), sua história e sua relação com a cidade.
5	Diferentemente de um museu tradicional, esses museus [de território], embora abertos a um público amplo, visam a comunidade na qual eles estão instalados, a fim de que ela se reconheça neles e, portanto, seja valorizada por si mesma, contribuindo para a manutenção de sua identidade. Geralmente, os objetos em um museu de território permanecem em seu contexto original, são inventariados, mas continuam fazendo parte da vida das pessoas, servindo a elas. (p. 74)	O MuCB trabalha com a história, imagem, significado dos elementos de seu entorno, mostrando valor ao que nem sempre é percebido.

6	Segundo Choay (2001), para marcar e perpetuar a identidade, é importante marcar o espaço com determinados símbolos que constroem certa identidade, em uma estratégia de fazer lembrar por meio da marca no espaço. (p. 75)	A casa que abriga o MuCB, aos poucos, está se consolidando como referência material do patrimônio cultural da cidade. Elementos urbanos e lugares no entorno do MuCB estão sendo configurados como museu de percurso, símbolos de diferentes épocas e diferentes histórias relacionadas à cidade.
7	[...] o museu de território busca trazer um olhar mais voltado à própria comunidade na qual está inserido, em narrativas que atendem a grupos insurgentes. [...] (p. 83)	É princípio do MuCB convidar representantes das comunidades para contribuir na concepção e desenvolvimento dos eventos culturais: Quilombolas, indígenas, artistas, artesãos, etc.
8	Esse tipo de museu é formado por um percurso a partir de pontos de memória que remetem a locais que foram muito importantes na história do grupo, com a ideia justamente de trazer as memórias à tona. (p. 83)	Existe projeto de um evento a ser realizado em comemoração aos 80 anos de emancipação do município, com organização de “roteiros de visita, caminhadas, tanto na área urbana quanto nas aldeias Umutina e nas comunidades quilombolas”. Sobre a área do entorno do Museu: A área da cidade delimitada como Zona Especial de Interesse Histórico (BARRA DO BUGRES, 2006, p.25) preserva um pequeno número de antigas construções que ainda resistem ao tempo, características da época da exploração da poaia [...]. A própria Casa Borges, sede do Museu, é uma construção remanescente desse período, e tem relação muito próxima ao “universo da poaia” e consequentemente à criação da cidade, já que seu primeiro morador, o Sr. Herculano Borges foi um comerciante da poaia (OLIVEIRA, 2013, p. 4). A exposição expandida “80 anos de Barra do Bugres” pretende dar visibilidade a esses elementos urbanos, abrindo possibilidades para a difusão desse patrimônio além dos muros do Museu, envolvendo não só a Zona Especial de Interesse Histórico como todo o município. (MuseuCasaBorges - 80 anos de Barra do Bugres, 2023).

9	Apesar de estarem inseridos na mesma categoria, os museus de território e os ecomuseus possuem uma diferença principal fundamental: enquanto os museus de território são voltados para o desenvolvimento comunitário , os ecomuseus visam mais ao meio ambiente, como uma relação dialógica entre público representado e território. (p. 91)	Nesse sentido o MuCB não é voltado para o desenvolvimento econômico da comunidade, mas tem como objetivo o desenvolvimento cultural da comunidade, apresentando arte e cultura da região.
---	--	---

CASTRIOTA, Leonardo Barci; ANDRADE, Cláudia Nunes de Lima e; NERY, Samantha de Oliveira. **Um museu de território para Bento Rodrigues**. UFMG, 2019 : Revista Indisciplinar, v. 5(2), 344–373. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/32876> Acesso em: 15.nov.2023.

	O que diz	O Museu Casa Borges
10	Um Museu de Território almeja, primordialmente, o desenvolvimento dos moradores e a preservação de seus bens culturais, materiais ou imateriais, promovendo o envolvimento continuado da comunidade, sob o viés da valorização patrimonial, cultural e identitária. (p. 345)	O MuCB desenvolve exposições sobre bens materiais e imateriais de seu entorno e de todo o município, procurando mostrar sua importância para a própria população do município.
11	Tem-se utilizado uma nomenclatura variada para designar os novos museus como ecomuseus, museu integral, museu comunitário, de território, museu a céu aberto, entre outros, e há casos em que os gestores não denominam o processo local como um “museu”, mas se baseiam nas premissas de um Museu de Território, defendidas pelo Movimento Internacional da Nova Museologia (MINOM), juntamente ao ICOM (Conselho Internacional de Museus). (p. 359)	O Museu Casa Borges tem potencial de se configurar como museu de território.

12	Existem alguns eixos que definem um “Museu de Território”: o território, a comunidade e o patrimônio global – o seu acervo. Como ressaltado, o museu deve conectar-se às memórias individuais e coletivas de uma comunidade e/ou de várias comunidades que possuam valores complementares e às suas questões identitárias. A participação cidadã é outro eixo, refletida em um processo de apropriação e constituição do museu pela população, participe na seleção do acervo, administração dos recursos e em sua própria mobilização, ainda que possa receber apoio técnico e científico de especialistas. (p. 360)	Ainda que as ações culturais realizadas no MCB procurem a participação da comunidade de Barra do Bugres, a iniciativa dessa participação raramente parte da comunidade.
13	O desenvolvimento econômico é outro aspecto significativo do processo, pois um Museu de Território pode alavancar o desenvolvimento local de base comunitária, ao incentivar e dinamizar iniciativas locais, culturais, econômicas e socioambientais de determinado território oferecendo, por exemplo, fontes de financiamento para o fomento das iniciativas individuais, coletivas e do próprio museu (VARINE, 2005, 2007). Acima de tudo, a estruturação desse Museu pressupõe reconhecimento e reafirmação das memórias individuais e coletivas eleitas como essenciais, enquanto constitutivas do patrimônio e dignas de serem reveladas para o público (p. 360)	O apoio à proposta de Circuito histórico na área entorno do museu pela Secretaria Municipal de Turismo pode alavancar propostas turísticas e geração de renda para estabelecimentos da região e profissionais do turismo.

WILD, Bianca; ALMEIDA, Bruno Cruz de. **THE ECO-MUSEUM OF SEPETIBA: STRENGTHENING LOCAL IDENTITIES AND CREATING GLOBAL CONNECTIONS**. in RESHAPING REGIONAL IDENTITIES – MAKING NEW MEMORIES, PRESERVING THE OLD. Proceedings of the 2013 ICR Conference. Rio de Janeiro, Brazil, 10-17 August 2013. (p. 33 - 40). Disponível em: https://icr.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/21/2019/01/RESHAPING_REGIONAL_IDENTITIES-MAKING_NEW_MEMORIES.pdf Acesso em 20.nov.2023

	O que diz	O Museu Casa Borges
14	Museus locais com perfil comunitário procuram conhecer a si mesmos a partir da participação da população, para ter o museu como ferramenta, como importante instrumento para seu desenvolvimento e compreensão de sua realidade, seu território, paisagem, patrimônio, memórias e histórias e, a partir daí, recuperar sua autoestima, componente básico para um diálogo mais democrático. (WILD; ALMEIDA, 2013, p. 33. Tradução nossa) No original: Local museums with a communitarian profile seek to get to know themselves with the participation of the population, to have the museum as a tool, as an important instrument for the development and understanding of their reality, their territory, landscape, heritage, memories and stories, and from there to restore their self-esteem, a basic component in a more democratic dialogue. (p. 33)	O MuCB procura, desde sua origem, envolver as diferentes comunidades locais, tendo realizado varias ações com a participação de povos indígenas, quilombolas, artistas, artesãos, como expositores ou como autor do evento, mas raramente a iniciativa parte da comunidade. Mas isso pode vir a mudar, a partir da visibilidade que o espaço vem conquistando.

15	O museu local não apenas pode, mas deve ser um instrumento que desempenhe papel fundamental na construção de ideologias e identidades. Deve trabalhar em prol do desenvolvimento da comunidade, estimulando o processo de conscientização e criatividade no modo de encarar os problemas atuais, usando informações do passado e do presente, pensando de forma crítica e, assim, criando um futuro de maiores possibilidades. (WILD; ALMEIDA, 2013, p. 34. Tradução nossa) No original: The local museum not only can, but should be a tool that plays a fundamental role in the construction of ideologies and identities. It should toil in the service of community development, stimulating the process of awareness and the creativity of populations facing today's problems, using information from the past and the present, thinking in a questioning way, and thus creating a future with more possibilities. (p. 34)	O MuCB procura abraçar uma diversidade de ações culturais, contando histórias do passado, perspectivas de futuro mas, sobretudo, salientando ações do presente, por meio da comunicação e envolvimento dos participantes em experiências de valorização da cultura e dos patrimônios locais.
16	Nossa intenção com este artigo é apresentar o trabalho do Ecomuseu de Sepetiba, também como um museu local, de acordo com as definições de Moreira: “[...] sendo um museu local cujo objetivo principal é promover o desenvolvimento local, um museu aberto à participação popular e com campos de atuação variados, centrados em duas dimensões, a interna [...] e a externa (MOREIRA, 2007: 103)” (WILD; ALMEIDA, 2013, p. 36. Tradução nossa). No original: Our intention with this paper is to present the work of the Ecomuseum of Sepetiba, also as a local museum, according to the definitions presented by Moreira: “[...] as being a local museum whose main purpose of activity is to promote local development, a museum open to popular participation and with varied fields of action centred in two dimensions, the internal (...) and the external.” (Moreira 2007: 103) (p. 36)	O MuCB é um museu local, com objetivo de envolver a comunidade local, aberto à participação de todas as pessoas, e voltado para a diversidade cultural local.

APÊNDICE 05 – QUESTIONÁRIO: TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS

QUESTIONÁRIO – TABULAÇÃO das RESPOSTAS

Disponível de 27.set a 05.nov. 2024 (40 dias)

Número de questionários respondidos: 161

Número de respostas descartadas: 2

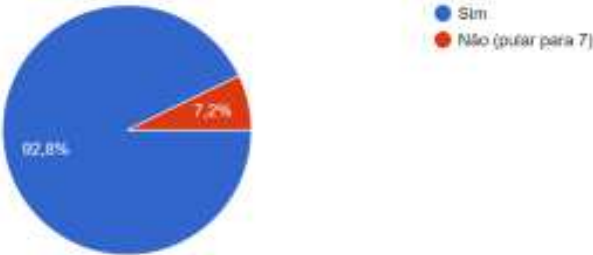
Total computado: 159 respostas válidas

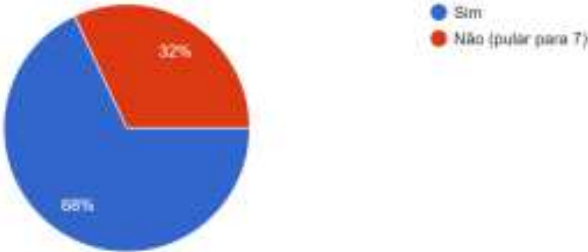
Questões norteadoras:

- Existe interesse das Comunidades de Barra do Bugres em divulgar sua cultura através do Museu Casa Borges?
- É possível integrar as comunidades locais ao processo de desenvolvimento do museu?
- A divulgação das culturas dos diferentes grupos sociais de Barra do Bugres pode contribuir para a diminuição do preconceito e discriminação?
- De que modo o Museu Casa Borges pode contribuir como instrumento de valorização dos patrimônios de Barra do Bugres

→ Este questionário faz parte de uma Pesquisa sobre patrimônio e cultura de Barra do Bugres e o Museu Casa Borges (MuCB).

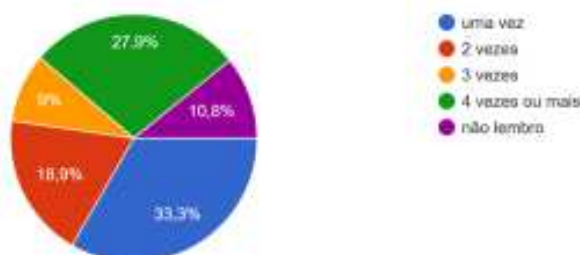
Sobre conhecimento e visitação ao MuCB:

Questão 1 Você já ouviu falar do Museu Casa Borges? 153 respostas válidas	
Sim	142 (92,8% das respostas válidas)
Não	11 (7,2% das respostas válidas)
1) Você já ouviu falar sobre o Museu Casa Borges? 153 respostas 	
Questão 2 Como você ficou sabendo sobre este museu? 147 respostas (algumas pessoas souberam por mais de um meio)	
Escola	79
Amigos/parentes	38
Redes sociais	15
Outros:	
Universidade	19
Mora perto / andando pela cidade	3

Email / outros meios de comunicação	2
Colegas de trabalho	1
Doce Vida (Projeto de Assistência Social)	1
Participando de atividades no MuCB	1
RESUMO: A maioria das pessoas que responderam que já sabiam da existência do MuCB, 98 pessoas (66,6%) souberam por meio da escola ou universidade e 39 (26,5%) por meio de informação de amigos, parentes e colegas de trabalho. Apenas 15 pessoas (10,2%) disseram ter conhecido o museu por meio das redes sociais.	
Questão 3 Você já visitou o Museu Casa Borges? 147 respostas	
Sim	100 (68%)
Não	47 (32%)
3) Você já visitou o Museu Casa Borges? 147 respostas  ● Sim ● Não (pular para 7)	
Questão 4 Quantas vezes você já visitou o Museu Casa Borges? 111 respostas	
1 vez	37 (33,3%)
2 vezes	21 (18,9%)
3 vezes	10 (9%)
4 vezes ou mais	31 (27,9%)
Não lembro	12 (10,8%)

4) Quantas vezes você já visitou o Museu Casa Borges?

111 respostas



Sobre as atividades realizadas no MuCB:

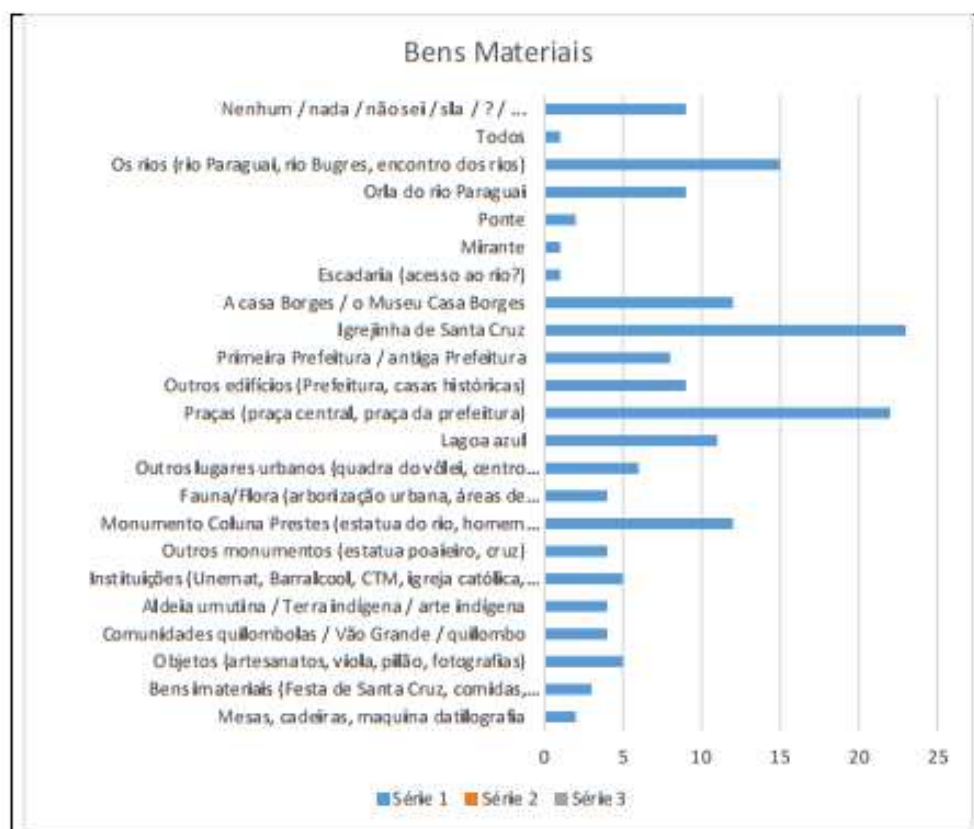
Questão 5	
O que você achou mais interessante no MuCB?	
105 respostas (algumas citam mais de um item)	
Tudo	3
Nada / não lembro	2
Nunca visitou	5
As exposições (Exposições com as comunidades; a história em fotografias; a história do poaieiro)	22
O acervo (as fotografias antigas; o artesanato indígena; as artes de artistas locais; as pinturas)	22
O edifício (arquitetura; o prédio; tipo de construção; espessura das paredes)	19
A proposta museológica / uso do espaço (Como está sendo usado; o museu no interior do Estado; a proposta de uso do espaço; integração com a comunidade barrabugrense; o projeto Itinerante)	17
As oficinas	2
A localização	2
A recepção aos visitantes	1
Outras atividades: "as flechas que atiramos"	1
Crítica: "Não tem muita coisa de interessante não. Poderia ser mais organizado"	1
Descartadas (Respostas sem relação com a questão; sem sentido)	10
Questão 6	
Cite alguma informação nova que você obteve em suas visitas ao MuCB:	
86 respostas (algumas citam mais de um item)	
Nada / Não lembro	8
Nunca visitou	5
Relacionada ao Acervo Faindi / cultura indígena	15

Relacionada aos artistas e artesãos locais	13
Relacionada à edificação (História da edificação, sistema construtivo, restauração)	11
A História da família Borges	8
Relacionada à poaia / História da cidade	9
Relacionada à Igreja de Santa Cruz	2
Relacionada ao nome do museu (o nome do museu é o mesmo da escola onde estudo / trabalho)	2
Sobre a Cultura quilombola	2
A Relação MuCB / Unemat	2
A Integração museu / território	1
Respostas genéricas (as histórias, narrativas, experiência valiosa, cultura local, as artes, recordações antigas, atividades educativas, etc)	13
Críticas à falta de divulgação	2
Descartadas (Respostas sem relação com a questão; sem sentido)	9



Questão 7	
Que atividades você gostaria que o museu da cidade realizasse? 129 respostas (algumas citam mais de um item)	
Nada / não sei / nenhuma	3
Continuar como está	1
Oficinas	14
Cursos	5

Palestras	4
Teatro	4
Música / dança / sarau / poesia	7
Fotografia	1
Pintura	1
Documentário	1
Mais exposições (cultura, arte, artesanato)	23
Exposições itinerantes (nas praças, escolas) / atividades fora do espaço / ao ar livre / Feiras	13
Exposições Históricas de Barra do Bugres	9
Exposições do patrimônio / visibilidade indígena	3
Exposição sobre cultura quilombola	1
Atividades culturais / apresentações artísticas / eventos / ações com a comunidade/público/sociedade	12
Atividades infantis	3
Mais visitas das escolas / convites às escolas	13
Visitas guiadas / ter um guia historiador	3
Fórum / Propostas para a cidade e estado	2
Publicação em redes sociais	1
Revitalização da Lagoa	1
Atividades mais dinâmicas / "Fosse mais atrativo e tivesse uma estrutura melhor"	2
Mais apoio da prefeitura	1



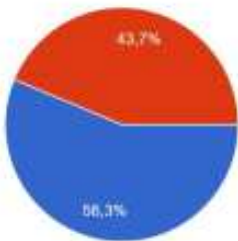
Sobre o patrimônio de Barra do Bugres:

Questão 8	
Cite alguns <u>bens materiais</u> (edifícios, lugares, objetos, etc) que você ache importante, para você ou para as comunidades de Barra do Bugres:	
124 respostas (algumas citam mais de um item)	
Nenhum / nada / não sei / sla / ? / ...	9
Todos	1
Os rios (o rio Paraguai, o rio Bugres, encontro dos rios)	15
Orla do rio Paraguai	9
Ponte	2
Mirante	1
Escadaria (acesso ao rio?)	1
A casa Borges / o Museu Casa Borges	12
Igrejinha de Santa Cruz	23
Primeira Prefeitura / antiga Prefeitura	8

Outros edifícios (Restaurante Beira Rio, Prefeitura, casas históricas, casa José Ourives)	9
Praças (praça central, praça da prefeitura)	22
Lagoa azul	11
Outros lugares urbanos (quadra do vôlei, centro histórico, ruas de pedra, primeiro cemitério, feira do bairro Maracanã)	6
Fauna/Flora (arborização urbana, áreas de preservação ambiental, fauna, trilha ecológica)	4
Monumento Coluna Prestes (estatua do rio, estatua aos mártires, homem de ferro, homem de lata)	12
Outros monumentos (estatua poaieiro, cruz, estatua da praça)	4
Instituições (Unemat, Barralcool, Centro de Tradições Matogrossenses, igreja católica, escolas)	5
Aldeia umutina / Terra indígena / arte indígena	4
Comunidades quilombolas / Vão Grande / quilombo	4
Objetos (artesanatos, viola, pilão, fotografias das famílias locais, pinturas)	5
Bens imateriais (Festa de Santa Cruz, comidas, Tecnologia indígena)	3
Mesas, cadeiras, maquina datilografia	2
Questão 9 Cite alguns bens imateriais (festividades, técnicas, expressões artísticas, artesanatos, etc) que você ache importante, para você ou para as comunidades de Barra do Bugres: 115 respostas (algumas citam mais de um item)	
Não sei / não conheço / nenhum	6
Saberes (casa de terra, sistema construtivo, agricultura familiar)	3
Artesanato / cultura indígena	18
Artesanato quilombola	2
Artesanatos	5
Comidas típicas / culinária local	4
Festas religiosas / festas de santo	14
Festival de Pesca	22
Aniversário da cidade	3
Outras festividades (festas populares, festa junina, festas na praça, festival Gospel)	5
Danças tradicionais (Siriri, Cururu, rasqueado)	15
Dança tradicional indígena	2
Outras Danças (dança típica, regional, danças)	4

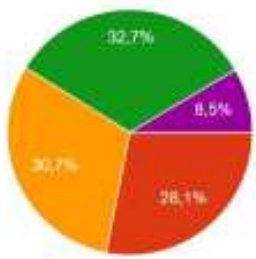
Outras Expressões artísticas (teatro, cinema, exposições do museu, circo, musica, fotografias, quadros, lembranças)	15
Viola de cocho	7
Flauta	1
História oral	1
Artistas	1
Lugares (Lagoa azul, a igreja, praça)	3
ExpoAgro / Rodeio	3

Sobre o conhecimento a outros museus:

Questão 10 Você já visitou algum outro museu? 151 respostas	
Sim	85 (56,3%)
Não	66 (43,7%)
10) Você já visitou algum outro museu? 151 respostas:  ● Sim ● Não (pule para 12)	
Questão 11 O que lembra de mais interessante nesse museu ou museus? 92 respostas (algumas citam mais de um item)	
Tudo	1
Nada / não sei / ? / ...	4
Nunca visitei	1
O acervo:	
Geral	14
Histórico	25
Artístico	16
Arqueológico	8
Indígena	4

Bibliográfico (exposição sobre Santos Dumont)	1
O espaço do museu (amplitude; área de permanência; tamanho dos espaços)	6
Interação social (interatividade com os visitantes; indução social; vivência com outras pessoas; atividades infantis, a risada de um senhor)	6
A edificação (arquitetura)	4
A expografia (os relatos e imagens; como as histórias são contadas; modo como a exposição é montada; ...explorando a visão e o tato; ...gerando curiosidade; disposição das artes, iluminação)	7
RESUMO: Das sete pessoas que destacaram itens relacionados à expografia, todos adultos (20 a 59 anos), seis são vinculados a alguma instituição de ensino (3 professores, 2 estudantes universitários e um diretor de escola)	

Perfil dos respondentes:

Questão 12 Qual a sua idade? 153 respostas	ECA: criança até 11, adolescente 12 a 18 IBGE: jovem até 19, adulto 20 a 59, idosos 60 acima
até 11 anos	-
12 a 19 anos	43 (28,1%)
20 a 39 anos	47 (30,7%)
40 a 59 anos	50 (32,7%)
60 anos ou mais	13 (8,5%)
12) Qual a sua idade? 153 respostas  ● até 11 anos ● 12 a 19 anos ● 20 a 39 anos ● 40 a 59 anos ● 60 anos ou mais	
Questão 13 Qual a sua ocupação? 153 respostas (algumas pessoas informam mais de uma ocupação / profissão)	
Estudante	72

Professor/a	61
Outras:	
Arquiteto/a	4
Servidor Público	3
Autônomo / MEI	2
Outras profissões	5
Outras profissões na escola (AAE - Apoio Administrativo Educacional, Diretor)	5
Descartadas	2
Questão 14 Se é estudante ou professor/a, qual o nome da sua escola (ou outra instituição educacional)? 128 respostas	
Unemat (campus Barra do Bugres)	48
Escolas na área urbana da cidade de Barra do Bugres:	
EE Deputado Renê Barbour	27
EE Alfredo José da Silva	15
Escola Carrossel (particular)	4
EM Herculano Borges	5
EM Guiomar Campos de Miranda	2
EE Júlio Müller	2
EE Julietta Xavier Borges	1
EM Assembleia de Deus	1
Escolas na área rural ou distritos do município de Barra do Bugres:	
EE José Mariano Bento (Comunidade Quilombola Baixio)	7
EE Sabino Ferreira Maia (distrito Curupira)	6
EE 7 de Setembro (distrito Assari)	2
EE Indígena Julá Paré (aldeia Umutina)	1
Escolas em outros municípios :	
EE Indígena São José (aldeia Sangradouro – povo Bóe-Bororo e Xavante, Município General Carneiro)	2
Unemat <i>campus</i> Cáceres	1
Univag (Centro Universitário de Várzea Grande)	1
EE Maximiana do Nascimento (município de Jangada)	1
Descartadas	3

Mensagens para o MuCB:

Questão 15 Deixe algum recado para o Museu Casa Borges: 107 respostas	
Não / nada / nada a declarar	7
Desejos de desenvolvimento (que aumente o número de pessoas interessadas; que cresça a rede de parcerias; apoio do poder público; que seja referência no estado)	12
Desejos de continuidade (Mantenha viva a história; sucesso ao projeto; vida longa; continue o belíssimo projeto; que venham mais eventos)	20
Sugestões / críticas (transformar a exposição da história de Barra do Bugres em exposição digital; usar áreas externas; ser mais ativo nas redes sociais; mais exposições; abrir mais horas do dia; ter mais organização)	9
Desejos de conhecer ou voltar (saudades; queria conhecer; um dia vou visitar)	18
Elogios (Parabéns; boa sorte; obrigado pelo espaço; ambiente acolhedor; espaço importante; patrimônio municipal; muito aprendizado; são atenciosos)	29
Agradecem por poder contribuir respondendo ao questionário	2
Descartadas (uuuu; Ah; pix; I'm american; ...)	5

Perfil de quem nunca ouviu falar do Museu Casa Borges (11 pessoas):			
número	idade	ocupação	escola
34	60+	Professor/a	EE Indígena São José (Município General Carneiro)
54	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
57	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
60	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
64	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
99	20 a 39	Professor/a	Escola Carrossel
104	60+	Professor/a	EE Indígena São José (Município General Carneiro)
118	12 a 19	Estudante	(não informada)
139	60+	Professor/a	EE 7 de Setembro (distrito Assari)
143	12 a 19	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
157	12 a 19	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
		RESUMO:	

		Idade:	12 a 19 → 7 pessoas
			20 a 39 → 1 pessoa
			60+ → 3 pessoas
		Ocupação:	Professor/a → 4 pessoas
			Estudante → 7 pessoas
		Escola:	Escola em BBG → 7 pessoas (6 estudantes e 1 prof)
			Escola fora de BBG → 3 pessoas

Perfil de quem nunca visitou o Museu Casa Borges: 47			
número	idade	ocupação	escola
10	40 a 59	Professor/a	Unemat
15	20 a 39	Professor/a	Unemat
16	20 a 39	Professor/a	Unemat
17	20 a 39	Arquiteto/a	
18	40 a 59	Ag. ambiental	
22	40 a 59	Professor/a	Escola Carrossel
26	20 a 39	(não inf.)	(não informada)
34	60+	Professor/a	EE Indígena São José (Município General Carneiro)
37	60+	Professor/a	Unemat
38	20 a 39	Estudante	Unemat
39	20 a 39	Téc. Educação	(não informada)
40	20 a 39	Estudante	Unemat
42	20 a 39	Estudante	Unemat
43	12 a 19	Estudante	Unemat
45	20 a 39	Estudante	Unemat
49	20 a 39	Estudante	Unemat
53	20 a 39	Estudante	Unemat
55	12 a 19	Estudante	(não informada)
56	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
57	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
58	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
59	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
61	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva

63	12 a 19	Estudante	EE Alfredo José da Silva
76	20 a 39	Analista Faturamento	
80	12 a 19	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
82	40 a 59	(não inf.)	(não informada)
83	12 a 19	Estudante	Escola Carrossel
84	20 a 39	Estudante	(não informada)
89	12 a 19	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
96	20 a 39	Estudante	(não informada)
101	40 a 59	Serv. Público	EE Deputado Renê Barbour
105	20 a 39	MEI	
107	40 a 59	Professor/a	EE Alfredo José da Silva
118	12 a 19	Estudante	(não informada)
121	40 a 59	Professor/a	(não informada)
127	20 a 39	Professor/a	EE Sabino Ferreira Maia (distrito Currupira)
130	20 a 39	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
133	12 a 19	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
136	40 a 59	Professor/a	EE Sabino Ferreira Maia (distrito Currupira)
138	12 a 19	Estudante	(não informada)
139	60+	Professor/a	EE 7 de Setembro (distrito Assari)
141	40 a 59	Professor/a	(não informada)
143	12 a 19	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
144	40 a 59	Serv. Público	
148	12 a 19	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
152	12 a 19	Estudante	EE Deputado Renê Barbour
		RESUMO:	47 pessoas nunca visitaram o MuCB
		Idade:	12 a 19 → 16 pessoas (todos de escolas da área urbana de BBG ou "não informada")
			20 a 39 → 17 pessoas
			40 a 59 → 10 pessoas
			60+ → 3 pessoas
		Ocupação:	Professor/a → 12 pessoas
			Estudante → 25 pessoas
			Outras ocupações → 7 pessoas
			Ocupação não informada → 2 pessoas

		Escola:	Escola em BBG → 28 pessoas (20 estudantes e 6 prof)
			Escola fora de BBG → 4 pessoas
			Professores da Unemat → 4 pessoas
			Estudantes da Unemat → 7 pessoas

ANEXOS

ANEXO 01 – Termo de anuência Museu Casa Borges



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÉ BARBOUR
BARRA DO BUGRES



TERMO DE ANUÊNCIA

O **Museu Casa Borges**, instituição localizada no município de Barra do Bugres, Mato Grosso, e vinculada à Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) através do Termo de Cooperação 001/2023, publicado no dia 16 de Janeiro de 2023 no Jornal Oficial Eletrônico dos Municípios do Estado de Mato Grosso, ANO XVII | N° 4.152, p. 62/66, está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado **“O Museu Casa Borges e seu papel na valorização e difusão da memória coletiva de Barra do Bugres – MT”**, coordenado pelo pesquisador **João Mário de Arruda Adrião**, do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), e assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa nesta Instituição: Receber e prestar atendimento/assistência das demandas que possam surgir em decorrência da pesquisa; fornecer acesso aos relatórios de atividades e outros dados internos da Instituição; permitir acesso para a coleta de dados; autorizar a participação de bolsistas e estagiários na pesquisa; autorizar citar o nome da instituição. Esta instituição se compromete a assegurar a segurança e bem-estar dos participantes, em atendimento à Resolução 466/2012 e/ou 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares.

Autorizo o disposto acima

Barra do Bugres, 26 de abril de 2024

Documento assinado digitalmente
gov.br CLÁUDIA LANDIN NEGREIROS
Data: 26/04/2024 14:02:14 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Cláudia Landin Negreiros
CPF: 69201730691

Coordenadora do Museu Casa Borges - Portaria nº 221/2023



MUSEU CASA BORGES
RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, 80, BAIRRO NOVA ESPERANÇA, BARRA DO BUGRES - MT

ANEXO 02 - Projeto de lei 021/2013 - [...] adquirir imóvel de interesse histórico



ESTADO DE MATO GROSSO
PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES
GABINETE DO PREFEITO

JUSTIFICATIVA AO PROJETO DE LEI
Nº 021/2013

Sr. Presidente, Sr. (as) Vereadores (as).

Submeto à apreciação e deliberação dessa Casa de Leis, o Projeto de Lei nº 021/2013 - Que autoriza o Poder Executivo Municipal a adquirir imóvel considerado de interesse histórico, e dá outras providências.

Considerando que no Plano Diretor do Município o imóvel está localizado em área declarada como integrante da subcategoria Zona Especial de Interesse Histórico.

Considerando que as áreas declaradas como zona urbana especial merecem tratamento diferenciado devido a sua peculiaridade própria.

Considerando que o Município tem interesse na preservação e proteção de áreas, quando a mesma for considerada de interesse histórico cultural ou paisagístico.

Considerando ainda que no referido imóvel será instalado o Centro Cultural, Sala de Museu, Casa do Artesão, serviços de informação ao turista e demais atividades relacionadas ao turismo e a cultura.

Por estas razões encaminhamos à esta Egrégia Casa de Leis o presente Projeto de Lei para apreciação e aprovação dos nobres Edis.

Gabinete do Prefeito, em 20 de maio de 2013.


JÚLIO CÉSAR FLORINDO
Prefeito Municipal


PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES
Desenvolvimento com participação

Praça Angelo Masson, 1000 - Centro - Fone: (65) 3361-1921 / 3361-1922

MEMORIAL DESCRITIVO DE LOTE URBANO

Área de Interesse Histórico

Proprietário: Andreina Santos Borges

End: Rua Voluntários da Pátria- Nova esperança, Barra do Bugres-MT.

Área: 1.230,70 m².

LOTE URBANO

Confrontações e Dimensões:

Mede 27,30 m de frente para Rua Voluntários da Pátria;

Mede 9,30m + 17,90 m no fundo divisando com área da mesma;

Mede 50,10 m do lado direito divisando com João de Campos Borges;

Mede 6,60 m + 41,81 m do lado esquerdo divisando com a quem de direito;

Perfazendo área total de terreno de 1.230,70 m².

Barra do Bugres, 24 de Abril de 2013.


Responsável Técnica: Diva Onofre da Silva
Atribuição técnica: Arquiteta e Urbanista
CAU: A52975-3





CÂMARA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PARECER Nº 031/2013

Projeto de Lei nº 021/2013

PARTE INTERESSADA: Prefeitura Municipal de Barra do Bugres - MT

REGIME: Urgência Especial

RELATOR: Vereador Max Aparecido Soares

1. RELATÓRIO:

O Projeto em referência autoriza o Poder Executivo Municipal a adquirir imóvel considerado de interesse histórico, e dá outras providências.

Este Relator fundamentado no art. 71 da Lei Complementar nº 012/2006 - Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Barra do Bugres, in verbis:

"Tem início na confluência da Rua Claro Ramos da Silva com a Rua Voluntários da Pátria; daí segue por esta última sentido "leste" até a Rua Sívio Monteiro; defletindo à esquerda, segue pela Rua Sívio Monteiro até a Rua Mato Grosso; defletindo à direita segue pela Rua Mato Grosso, cruzando a Avenida Marechal Cândido Rondon, até o limite da Escola Estadual José Ovídio, incluindo-a; defletindo à direita por este limite até a Avenida Brasil; defletindo à esquerda pela Avenida Brasil, até a Avenida Deputado Hílder Sansão; deflete à direita por esta via, até a Rua Frederico Josetti; defletindo à direita segue por esta via, até a Rua Claro Ramos da Silva; daí deflete à direita pela Rua Claro Ramos da Silva, até chegar ao ponto inicial desta descrição, fechando uma área de 46.653,56 m² ou 4,66 ha."

Opino pela constitucionalidade e legalidade do mesmo. E o relatório.

2. Análise

Conforme destacado na mensagem, o presente Projeto de Lei se justifica tendo em vista que no referido imóvel será instalado o Centro Cultural, Sala de Museu, Casa do Artesão, serviços de informação ao turista e demais atividades relacionadas ao turismo e a cultura.

3 - Parecer

Com isso percebe-se que o Projeto em apreço é de grande relevância, e fundamentado, no douto parecer da Assessoria Jurídica desta Casa de Leis, emitimos parecer favorável a aprovação do mesmo, em face da finalidade a que se destina.

Salvo melhor juízo, este é o nosso parecer e voto.

Sala das Comissões, 04 de junho de 2013.

Max Aparecido Soares
Relator

José Maria Neto
Vice-Relator

DE ACORDO: COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO

Sival Jesus Gomes de Souza Aguiar
Presidente

Antonio da Silva Pereira
Vice-Presidente

Alfonso Mendes
Secretário

ANEXO 03 – Lei 004/99 - Dá nome de Herculano Borges à escola [...]

	Câmara Municipal de Barra do Bugres	
PROTOCOLO:	• Projeto de Lei (X) • Projeto de Decreto legislativo () • Projeto de Resolução () • Requerimento () • Indicação () • Moção () • Emenda ()	N ° 004/99
AUTORES: VEREADORES: GABRIEL OENNING-PSDB; JOÃO BATISTA DIAS-PMDB		
<u>JUSTIFICATIVA</u> Ao Projeto de Lei n.º 004/99 Dá denominação de “Herculano Borges”, à Escola Municipal, recentemente construída no Jardim Alvorecer, neste Município. O Sr. Herculano Borges nascido no dia 09/09/1918, no Município de Rosário Oeste - MT, chegou a este Município em 1927, fixando residência na localidade de Campina de Melo. Filho do Sr. João de Campos Borges e Benedita Nogueira Borges. Casou-se com Andreolina Santos Borges em 20/06/1945, de cujo matrimônio teve 10 (dez) filhos. No dia 1º de agosto de 1.9946, assina Termo de Compromisso conforme Ato n.º 19 do então Prefeito Alfredo José da Silva, para desempenhar o Cargo de Fiscal da Prefeitura Municipal. No dia 19/02/53, conforme Portaria n.º 36 a Prefeita Guiomar Campos Miranda o designou para responder pelo expediente da Secretaria, durante a ausência do Secretário da Prefeitura. No dia 13/11/1953, conforme Portaria n.º 45 a Prefeita Municipal Guiomar Campos Miranda o nomeou para exercer o cargo de Tesoureiro Contador da Prefeitura, permanecendo no mesmo até a sua aposentadoria. O Sr. Herculano exerceu também o cargo de Juiz de Paz neste Município durante 6 (seis) anos. O Sr. Herculano Borges, além de funcionário público tinha um comércio de Secos e Molhados na Rua Voluntários da Pátria, onde residia, mantendo-o até a data de seu falecimento em 08/07/1997.		
Rua Belo Horizonte S/N - Fone: (065) 761-1255 - Cep. 78.390-000 - Barra do Bugres - Mato Grosso		



Câmara Municipal de Barra do Bugres

do Projeto de Lei n.º 004.

O homenageado além de desempenhar com brilhantismo os cargos públicos foi também excelente pai, procurando com todo esforço e sacrifício que seus filhos pudessem concluir um curso superior, ter melhores condições de vida; dentre eles temos três professores estaduais de nível superior, Promotor de Justiça e Engenheiro Civil, sendo os outros filhos, excelentes pais também na educação de seus filhos.

Sendo assim, mais do que justa esta simples homenagem que Barra do Bugres presta a um de seus valorosos pioneiros e desbravadores deste nosso Município.

Plenário das Deliberações Clemente Gomes Cardoso,
aos 09 dias do mês de abril de 1.999.

GABRIEL OENNING
VEREADOR-PSDB

JOÃO BATISTA DIAS
VEREADOR-PMDB

ANEXO 04 – Lei 2.472/2021 – Que cria o Museu Casa Borges [...]



ESTADO DE MATO GROSSO
PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES
GABINETE DO PREFEITO

LEI MUNICIPAL Nº 2.472/2021

“Que cria o Museu Casa Borges no Município de Barra do Bugres, e dá outras providências.

A Câmara Municipal de Barra do Bugres, tendo em vista o que dispõe o artigo 59 da Lei Orgânica Municipal, aprova e o Prefeito Municipal **DIVINO HENRIQUE RODRIGUES DOS SANTOS**, nos termos do artigo 77 da Lei Orgânica Municipal, sanciona a seguinte lei.

Art.1º - Fica criado no Município de Barra do Bugres o **Museu Casa Borges**, com finalidades, atribuições e organização prevista nesta Lei.

Parágrafo único: O Museu Casa Borges funcionará no prédio intitulado **Casa da família do Sr. Herculano Borges**, situado na rua Voluntários da Pátria, nº 80, Bairro Nova Esperança, Barra do Bugres.

Art. 2º - São os seguintes os objetivos do Museu:

I - a valorização do patrimônio histórico, artístico e cultural de Barra do Bugres como modo de fomentar o exercício da cidadania e cumprir a sua função social;

II - a promoção de ações educativas como oficinas, seminários, encontros, palestras, eventos, exposições, dentre outras, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações artísticas, culturais e ao patrimônio material e imaterial da sociedade barrabugrense;

III - o incentivo ao turismo, com vistas à geração de emprego e renda para o município, e à produção artística e cultural de Barra do Bugres;

IV - a promoção do desenvolvimento intelectual e cultural dos estudantes das escolas do município e da região.

Art.3º - O **Museu Casa Borges** fica vinculado e subordinado diretamente ao Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação, Cultura.

Praça Felipe Ferreira Mendes, nº. 1000 - Centro, Barra do Bugres – MT
CEP: 78.390-000 - Pabx: (65) 3361-1921/1922
Email: gabinete@barradobugres.mt.gov.br





ESTADO DE MATO GROSSO
PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES
GABINETE DO PREFEITO

Art.4º - A gestão do Museu Casa Borges se dará mediante acordo de cooperação técnica a ser firmado entre o Município de Barra do Bugres e entidades públicas e/ou organizações afins.

Art. 5º - Fica o poder Executivo municipal autorizado a abrir os créditos necessários e a fazer operações de crédito indicadas para a execução desta Lei.

Art. 6º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, em 07 de dezembro de 2021.

DIVINO HENRIQUE RODRIGUES DOS SANTOS
Prefeito Municipal

Praça Felipe Ferreira Mendes, nº. 1000 - Centro, Barra do Bugres – MT
CEP: 78.390-000 - Pabx: (65) 3361-1921/1922
Email: gabinete@barradobugres.mt.gov.br



ANEXO 05 – Minuta de decreto de criação do Museu Casa Borges

DECRETO N. XXX, DE XX DE JANEIRO DE 20XX

Dispõe sobre a criação do Museu Casa Borges — Museu de Arte e Cultura de Barra do Bugres e dá outras providências.

DIVINO HENRIQUE RODRIGUES DOS SANTOS, Prefeito Municipal de Barra do Bugres, Estado de Mato Grosso, no uso das atribuições legais que lhe são conferidas pelo art. 76, XIV, da Lei Orgânica de Barra do Bugres,

DECRETA:

Art. 1º Fica criado o **Museu Casa Borges — Museu de Arte e Cultura de Barra do Bugres** com finalidades, atribuições e organização previstas neste Decreto.

§ 1º Ao Museu Casa Borges compete atividades de conservação, investigação, comunicação, interpretação e exposição, para fins de preservação, manutenção, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, referentes ao patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental do município de Barra do Bugres e região, criando um espaço de integração social que atenda às necessidades artísticas e culturais da sociedade em que está inserido.

§ 2º O Museu Casa Borges está vinculado e subordinado diretamente ao Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes.

Art. 2º O Museu Casa Borges funcionará no prédio da antiga residência Herculano Borges, situada na rua Voluntários da Pátria, 80, no bairro Nova Esperança.

Art. 3º Enquanto unidade museológica, são objetivos do Museu Casa Borges:

I - a guarda e preservação de bens culturais e naturais que façam referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade de Barra do Bugres e região;

II - a identificação, com vistas à musealização, de bens de natureza material ou imaterial, considerados individualmente ou em conjunto, que consistam em testemunhos materiais e imateriais da trajetória dos cidadãos de Barra do Bugres sobre o território do município e região;

III - a valorização do patrimônio histórico, artístico e cultural de Barra do Bugres como modo de fomentar o exercício da cidadania e cumprir a sua função social;

IV - a promoção de ações educativas, como oficinas, seminários, encontros, palestras, eventos, exposições, dentre outras, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações artísticas, culturais e ao patrimônio material e imaterial da sociedade barrense;

V - o incentivo ao turismo, com vistas à geração de emprego e renda para o município, e à produção artística e cultural de Barra do Bugres;

VI – a promoção do desenvolvimento intelectual e cultural dos estudantes das escolas do município e da região.

Art. 4º A gestão do Museu Casa Borges se dará, mediante acordo de cooperação técnica a ser firmado entre o Município de Barra do Bugres e a Universidade do Estado de Mato Grosso, câmpus universitário Deputado Estadual Renê Barbour.

§ 1º A coordenação geral e a manutenção da infraestrutura predial do Museu Casa Borges competirão ao Município de Barra do Bugres, a serem executadas por intermédio do Departamento de Cultura da sua Secretaria de Educação, Cultura e Esportes.

§ 2º A coordenação, organização e divulgação dos eventos culturais atinentes ao Museu Casa Borges ficarão a encargo da Universidade do Estado de Mato Grosso, titularizadas por equipe técnico-científica vinculada ao câmpus Deputado Estadual Renê Barbour.

§ 3º Mediante solicitação do seu coordenador-geral, e aprovada pelo Conselho Curador, o Museu Casa Borges poderá contar com consultoria técnica especializada sempre que necessário.

§ 4º Dada a natureza cultural permanente do Museu Casa Borges, admite-se que o instrumento previsto no *caput* seja firmado com prazo indeterminado, nos termos da Lei.

§ 5º O Museu deverá ter seu Estatuto para disciplinar suas atividades, aprovado por um Conselho Curador, estabelecido no prazo de cento e oitenta (180) dias a contar da publicação desta lei.

§ 6º As questões de interesse do Museu não previstas nesta Lei deverão ser estabelecidas em seu Estatuto, a ser elaborado e aprovado pelo Conselho Curador.

Art. 5º Este Decreto será encaminhado para apreciação ao Legislativo Municipal que, no prazo máximo de 60 dias a partir da data de publicação, deverá referendá-lo para manutenção dos seus efeitos.

Art. 6º Este Decreto entra em vigor na data da sua publicação.

Gabinete do Prefeito, XX25 de janeiro de 2024.

DIVINO HENRIQUE RODRIGUES DOS SANTOS
Prefeito Municipal

CARLOS TAYANO
Secretário Municipal de Educação, Cultura e Esportes

ANEXO 06 – Termo de Cooperação Unemat / Prefeitura Municipal



**PREFEITURA MUNICIPAL DE
BARRA DO BUGRES**
Gestor: Prefeita Azenilda Pereira

TERMO DE COOPERAÇÃO Nº 001/2023

**TERMO DE COOPERAÇÃO QUE
ENTRE SI CELEBRAM O MUNICÍPIO
DE BARRA DO BUGRES-MT E A
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO
ESTADO DE MATO GROSSO –
UNEMAT.**

O MUNICÍPIO DE BARRA DO BUGRES, entidade de Direito Público, com sede administrativa na Praça Felipe Ferreira Mandes, nº 1000, Centro, na cidade de Barra do Bugres-MT, devidamente inscrita no CNPJ sob o nº 03.507.522/0001-72, neste ato representado pela sua Excelentíssima Prefeita, Sr^a **MARIA AZENILDA PEREIRA**, brasileira, casada, portadora do RG nº 0482983-2 SSP/MT, e CPF nº 654.816.901-87, residente e domiciliada a Avenida Emanuel Pinheiro, nº 1790, Bairro Maracanã, na Cidade de Barra do Bugres-MT, doravante denominada COOPERANTE, e a **FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**, pessoa jurídica de direito público, criada sob a forma de fundação pública, através da Lei Complementar nº 30, de 15 de dezembro de 1993, sediada na Av. Tancredo Neves nº 1095, Bairro Cavallhada, na cidade de Cáceres-MT, inscrita no CNPJ sob o nº 01.367.770/0001-30, neste ato representada pela sua magnífica Reitora, Prof^a. Dr^a **VERA LUCIA DA ROCHA MAQUEA**, brasileira, solteira, funcionária pública estadual, portadora da Cédula de Identidade sob o nº FJ407739 DPF/MT e CPF nº 395.533.701-44, residente e domiciliada a Rua dos Pescadores, nº 500, Cavallhada I, na cidade de Cáceres-MT, doravante denominada COOPERADA, resolvem celebrar o presente TERMO DE COOPERAÇÃO, com fulcro na Lei 8.666/93 e suas alterações posteriores e mediante as cláusulas e condições seguintes:

Cláusula Primeira – DO OBJETIVO

O presente Instrumento tem como objetivo a conjugação de esforços no sentido de promover em cooperação, o desenvolvimento da Educação e Cultura mediante a implantação e execução do Projeto de Extensão “**Casa Borges: Arte, Cultura e Educação Patrimonial**”, que tem entre seus objetivos realizar ações culturais no espaço denominado Museu Casa Borges, situado à Rua Voluntários da Pátria, 80, Bairro Nova Esperança, Barra do Bugres-MT, conforme a Lei Municipal 2.472/2021 que cria o Museu Casa Borges, no município de Barra do Bugres-MT.

Sub-Cláusula Única: O Plano de Trabalho passa a fazer parte deste Termo, independentemente de sua transcrição.

Cláusula Segunda – DA FORMA DE EXECUÇÃO

Os signatários comprometem-se a emendar todos os esforços para garantir a efetivação do objeto do presente Termo de Cooperação.

Cláusula Terceira – DA GESTÃO DO TERMO

O Gestor deste Termo de Cooperação, representante da UNEMAT, será a Sr^a. **Cláudia Landin Negreiros**, matrícula nº. 121144, coordenadora do projeto de extensão “Casa Borges: Arte, Cultura e Educação Patrimonial”, lotada na Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas, do Campus de Barra do Bugres-MT, bem como o Gestor representante da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de Barra do Bugres-MT, será a Sr^a. **Bernadete Fernandes Gregolin**.

11/08/2023
A ZENILDA
PEREIRA 65481690187
0187

Assinatura digitalizada
por meio de sistema
de autenticação
eletrônica
1



**PREFEITURA MUNICIPAL DE
BARRA DO BUGRES**
Gestão: Prefeita Azemilda Pereira

Sub-Cláusula Única: Compete aos Gestores a apresentação de relatórios circunstanciados das atividades desenvolvidas.

Cláusula Quarta – DAS OBRIGAÇÕES

As Instituições signatárias do presente Termo de Cooperação comprometem-se a desenvolver as ações abaixo descritas:

I. DO MUNICÍPIO DE BARRA DO BUGRES

- a) Planejar, acompanhar e controlar, as ações a serem desenvolvidas, referentes à execução do presente Termo;
- b) Designar 01(um) servidor para atuar como Gestor das ações deste Termo, como representante da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes do município de Barra do Bugres-MT;
- c) Possibilitar que profissionais, professores e acadêmicos, na execução de trabalhos vinculados ao presente instrumento, e com a devida autorização, utilize a infraestrutura técnica e administrativa, respeitada a regulamentação da instituição cedente;
- d) Promover a Divulgação das ações objeto deste Acordo, citando obrigatoriamente, a participação dos partícipes;
- e) Observar as normas e condições constantes na legislação específica aplicável à execução do objeto;
- f) Assegurar que todas as pessoas designadas para trabalhar nas atividades previstas neste Instrumento, conheçam e explicitamente aceitem todas as condições estabelecidas;
- g) Permitir o livre acesso, de servidores devidamente autorizados pelas demais partes do presente Termo, a atos e fatos relacionados direta ou indiretamente com o presente instrumento, quando em missão de fiscalização;
- h) Permitir o livre acesso de servidores do órgão de controle interno, em qualquer tempo e lugar, a todos os atos e fatos relacionados direta ou indiretamente com o instrumento pactuado, quando em missão de fiscalização ou auditoria;
- i) Publicar o referido Termo de Cooperação em Diário Oficial.

II. DA UNEMAT

- a) Planejar, acompanhar e controlar, as ações a serem desenvolvidas, referentes à execução do presente Termo;
- b) Designar, através de Portaria, 01(um) servidor docente para assumir a função de Gestor do Projeto, objeto do presente Termo;
- c) Possibilitar que profissionais, professores e acadêmicos, na execução de trabalhos vinculados ao presente instrumento, e com a devida autorização, utilize a infra-estrutura técnica e administrativa, respeitada a regulamentação da instituição cedente;
- d) Elaborar relatórios das atividades desenvolvidas, no âmbito deste Termo de Cooperação;
- e) Promover a Divulgação das ações objeto deste Acordo, citando obrigatoriamente, a participação dos partícipes;
- f) Observar as normas e condições constantes na legislação específica aplicável à execução do objeto;
- g) Assegurar que todas as pessoas designadas para trabalhar nas atividades previstas neste Instrumento, conheçam e explicitamente aceitem todas as condições estabelecidas;

BARRA DO BUGRES
AZEMILDA PEREIRA
PREFEITA MUNICIPAL



**PREFEITURA MUNICIPAL DE
BARRA DO BUGRES**
Gestão: Prefeita Azemilda Pereira

- h) Permitir o livre acesso, de servidores devidamente autorizados pelas demais partes do presente Termo, a atos e fatos relacionados direta ou indiretamente com o presente instrumento, quando em missão de fiscalização;
- i) Permitir o livre acesso de servidores do órgão de controle interno, em qualquer tempo e lugar, a todos os atos e fatos relacionados direta ou indiretamente com o instrumento pactuado, quando em missão de fiscalização ou auditoria.

Cláusula Quinta – DA VIGÊNCIA

O presente Termo entrará em vigor a partir da data de sua assinatura e terá vigência de 02 (dois) anos.

Sub-Cláusula Única: Havendo interesse das Instituições Signatárias, poderá o presente Acordo ser prorrogado por período além do estipulado nesta Cláusula, devendo constar em termo próprio.

Cláusula Sexta – DAS MODIFICAÇÕES

Os signatários, de comum acordo e tendo em vista a conveniência e interesse pertinentes, poderão modificar os termos do presente Termo de Cooperação, desde que mantido o seu objeto e respeitada a legislação em vigor.

Cláusula Sétima – DA DENÚNCIA E RESCISÃO

O presente Termo de Cooperação poderá ser denunciado a qualquer momento, desde que a parte interessada, justificadamente, notifique a outra, por escrito, com antecedência mínima de 90 (noventa) dias.

Sub-Cláusula Primeira: No caso de denúncia, havendo pendências ou trabalhos em execução, os signatários definirão, através de um Termo de Encerramento do Termo de Cooperação, as responsabilidades relativas à conclusão ou extinção de cada um dos trabalhos e todas as demais pendências.

Sub-Cláusula Segunda: A rescisão decorrerá do descumprimento de qualquer de suas cláusulas e condições, operando os seus efeitos de pleno direito, independente de notificações ou interpelações, judiciais ou extrajudiciais.

Cláusula Oitava – DAS ALTERAÇÕES

As condições estabelecidas no presente Termo poderão ser alteradas, em todo ou em parte, através da assinatura de instrumento denominado “Termo Aditivo”, com as devidas justificativas, mediante proposta a ser apresentada no prazo mínimo de 20 (vinte) dias antes do seu término e desde que aceitas pelos Partícipes.

Sub-Cláusula Única: É vedado o aditamento do presente Acordo com o intuito de alterar o seu objeto. Sendo, também, vedado que os “Termos de Ajuste Vinculados”, de alguma forma, impliquem da alteração do objeto deste Acordo.

Cláusula Nona – DA PUBLICAÇÃO

O COOPERANTE providenciará como condição de eficácia, a publicação deste Termo de Cooperação na forma de Extrato no Diário Oficial, devendo esta ocorrer no prazo de 20 (vinte) dias, a contar da data da sua assinatura, conforme disposto na legislação vigente.

BARRA
ACENLDA
PEREIRA 2015-01 | PÁGINA 01/01
0001187



**PREFEITURA MUNICIPAL DE
BARRA DO BUGRES**
Gestão: Prefeita Azenilda Pereira

Cláusula Décima – DOS CASOS OMISSOS

Os casos omissos e as dúvidas que se originarem em virtude do presente Acordo, serão dirimidos pelos signatários mediante termo específico, se necessário, ou conforme disposto na legislação aplicável.

Cláusula Décima Primeira – OUTROS PARTICIPES

Mediante concordância expressa das Instituições executoras de atividade específica, outros órgãos ou instituições poderão participar das ações específicas a serem desenvolvidos no âmbito deste Termo de Cooperação.

Cláusula Décima Segunda – ELEIÇÃO DE FORO

Fica eleito o foro da Justiça Estadual de Mato Grosso, Comarca de Barra do Bugres-MT, para dirimir questões oriundas deste Termo de Cooperação, na esfera judicial, surgidas do presente instrumento e que não puderem ser resolvidas via administrativa, renunciando desde já a qualquer outro por mais privilegiado que seja.

Para firmeza e como prova de assim ajustados, lavra-se o presente Instrumento, em 02 (duas) vias de igual teor, que passam a ser assinados por todos, na presença de testemunhas abaixo subscritas.

Cáceres-MT, 10 de janeiro de 2023.

MARIA AZENILDA PEREIRA: 65481690187
0187
Assinado de forma digital
por MARIA AZENILDA
PEREIRA: 65481690187
Dados: 2023.01.11
08:21:21 -04'00'

MUNICÍPIO DE BARRA DO BUGRES-MT
Sra. Maria Azenilda Pereira
Prefeita Municipal



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
Profª Drª Vera Lucia da Rocha Maquea
Reitora

TESTEMUNHAS:

NOME COMPLETO	ASSINATURA
Láiza Benta Almeida Lledo	 Documento assinado digitalmente LAIZA BENTA ALMEIDA LLEDO Data: 12/01/2023 13:00:35-0300 Verifique em https://verificador.jb.br
CPF Nº	
785.755.401-49	
NOME COMPLETO	ASSINATURA
Fernanda Brito Cherba Lucas	 Documento assinado digitalmente FERNANDA BRITO CHERBA LUCAS Data: 12/01/2023 13:12:43-0300 Verifique em https://verificador.jb.br
CPF Nº	
005.546.769-58	

ANEXO 07 - Minuta do projeto de tombamento da Casa Herculano Borges



Casa Herculano Borges, Barra do Bugres MT
Proposta de tombamento

Departamento de Cultura / Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Barra do Bugres, MT
Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat campus Barra do Bugres

Barra do Bugres, 2020

Equipe:

Priscila Waldow, arquiteta e urbanista, professora.
Departamento de arquitetura e urbanismo Unemat, campus Barra do Bugres.
(65) 99987 8680 w.priscila@gmail.com

João Mário de Arruda Adrião, arquiteto e urbanista, professor.
Departamento de arquitetura e urbanismo Unemat, campus Barra do Bugres.
(65) 99942 4030 joao.mario@unemat.br

Larissa Borges Lourenço, arquiteta e urbanista
Bolsista do Projeto de Extensão Museu Casa Borges
(66) 99917 9687 larissa.borges@unemat.br

Colaboração: Mara Cristina de Oliveira Faccioni, arquiteta e urbanista
Caio Cezar Tomaz de Oliveira, arquiteto e urbanista
Luiz Fernando Pereira, arquiteto e urbanista

Desenho da capa: Francisco de Assis

SUMÁRIO

	ITEM	PÁG.
	APRESENTAÇÃO	4
1.	DESCRIÇÃO	4
1.1.	LOCALIZAÇÃO	4
1.2.	PROPRIEDADE	5
2.	IMPORTANCIA HISTÓRICA	5
2.1.	PROCESSO CONSTRUTIVO	6
3.	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DA EDIFICAÇÃO	7
3.1.	O MERCADO	8
3.2.	A CASA	8
3.2.1.	FUNDAÇÃO E PAREDES	8
3.2.2.	COBERTURA	8
3.2.3.	ESQUADRIAS	8
4.	USO CULTURAL DA CASA: O MUSEU CASA BORGES	9
5.	PATOLOGIAS E DANOS	11
6.	PLANOS DE CONSERVAÇÃO	13
6.1.	DIRETRIZES PARA RESTAURAÇÃO	14
6.2.	OFICINAS DE RESTAURO	14
6.3.	PROJETOS COMPLEMENTARES	14
7.	ÁREA A SER TOMBADA	15
8.	REFERENCIA BIBLIOGRÁFICAS	16
	ANEXO I – Documentos do imóvel	
	ANEXO II – Fotografias; Mapa de danos; Diretrizes para Restauração	
	ANEXO III – Resumo das atividades culturais realizadas na Casa Borges	
	ANEXO IV - Declaração formal da proprietária (Prefeitura Municipal), expressando o interesse e anuência com a instauração do processo de Registro.	

APRESENTAÇÃO

Este Memorial tem como objetivo a solicitação de tombamento como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado de Mato Grosso, do imóvel denominado “Casa Borges” e do Mercado anexo, situado à rua Voluntários da Pátria, 80, Barra do Bugres / MT, nos termos da LEI Nº 9.107, de 31 de março de 2009, que dispõe sobre a proteção do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado de Mato Grosso. **(pessoal do SISEM sugeriu que seja tombado a nível municipal)**

A Casa Borges é uma edificação construída em adobe na década de 1950, em bom estado de conservação, e é utilizada desde 2018 como espaço de ações culturais.

1. DESCRIÇÃO

A Casa Borges, residência construída na década de 1950, e a edificação comercial em anexo, construída posteriormente, sem data definida, foram adquiridas em 2013 pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres com objetivo de implantação de um museu, e desde 2018 é utilizada como espaço para ações culturais, organizadas pelo curso de arquitetura e urbanismo da Unemat, campus Barra do Bugres e do Departamento de Cultura, vinculado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Barra do Bugres.

1.1. LOCALIZAÇÃO

A Casa Herculano Borges está localizada no município de Barra do Bugres a cerca de 160Km de Cuiabá.

Figura 1 – casa Herculano Borges e o Mercado anexo



Fonte: Faccioni, 2015

Está situada à Rua Voluntários da Pátria nº 80, Bairro Nova Esperança nas proximidades da orla do Rio Paraguai, e pertenceu a família do sr. Herculano Borges até ser vendida para a Prefeitura Municipal em 2013 (FACCIONI, 2011)

A Casa Borges se encontra inserida na Zona de Interesse Histórico (Fig. 2) do município, segundo o Plano Diretor elaborado em 2006. Nessa Zona estão inseridos também o prédio da Antiga Prefeitura, a Igreja de Santa Cruz e a casa José Ourives (BARRA DO BUGRES, 2006).

Figura 2 – Zona de Interesse Histórico – Barra do Bugres.



Fonte: Google maps, editado segundo o Plano Diretor de Barra do Bugres, 2020

1.2. PROPRIEDADE

A edificação é de propriedade da Prefeitura Municipal de Barra do Bugres, tendo sido adquirida em 20 de maio de 2013, conforme Decreto de Lei Nº 021/2013 (ANEXO I), segundo Deina et all (2003) a Casa Borges:

[...] foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres através do Decreto de Lei Nº 021/2013, do dia 20/05/2013, e aprovado pela Câmara Municipal de Barra do Bugres – Comissão de Finanças e Orçamento, de acordo com o parecer Nº 031/2013 no dia 06/06/2013, autorizando o Poder Executivo Municipal a adquirir o imóvel considerado de interesse histórico, sendo destinada à instalação da Casa da Cultura, com salas para o Centro Cultural, Sala de Museu, Casa do Artesão e serviços de informação ao turista e demais atividades relacionadas ao turismo e cultura.

2. IMPORTÂNCIA HISTÓRICA

Décadas antes de ser consolidado como município, o aglomerado urbano, hoje Barra do Bugres, surge no final do séc. XIX com a especulação comercial da Poaia, planta com alto valor comercial para o mercado farmacêutico e abundante ao longo das margens do Rio Paraguai, e nas terras originariamente do Povo Umutina. A Poaia, popularmente chamada de “ouro verde do sertão” atraiu muitas pessoas para a região da confluência entre o Rio Bugres e o Rio Paraguai, e tão logo, ocorre a instalação de atividades comerciais, devido a demanda de sobrevivência dos trabalhadores. Surge então uma sociedade marcada pela desigualdade:

O processo extrativista da poaia produziu uma sociedade desigual, marcada pela exploração capitalista entre dois sujeitos ligados ao extrativismo: o poaieiro, responsável pela extração na mata e o patrão de poaia, arrendatário e comerciante do vegetal (...) O patrão de poaia é aquele que “mantém” o

poaieiro e sua família no período da extração da poaia ou fora dela. O desligamento do poaieiro do seu patrão só acontecia quando ele saldasse suas dívidas. O patrão da poaia sempre estava no comando político local. A relação de compadrio também existia entre poaieiros e patrões. Os patrões da poaia sempre estiveram interessados na manutenção de seus negócios com eficácia, pois, além de estabelecer os preços de mercado para a compra da poaia, foram responsáveis pela criação de decretos-leis municipais que garantissem a conservação da mata da poaia (OLIVEIRA, 2013, p.3).

De acordo com Oliveira (2013) em seu artigo intitulado “*Uníverson da Poaia e seu Patrimônio Cultural: Marcas do Tempo de Rondon e da Coluna Prestes*” a configuração social e política é traduzida na cultura material, visível na expressão arquitetônica dos edifícios remanescentes do período em que a economia local se concentrava no comércio de Poaia, que depois de extraído em Barra do Bugres, era transportada via Rio Paraguai até o Porto de Cáceres.

O testemunho histórico da chegada dos poaieiros também se materializa nas antigas construções que ainda resistem ao tempo. Das características estéticas, mantem traços de uma arquitetura neocolonial, e denominada por Oliveira (2013, p.4) como “arquitetura da poaia”:

A arquitetura da poaia, como uma expressão do patrimônio cultural, permite que o passado seja concebido como um passado-presente, porque se transforma e continua interagindo com as gerações da contemporaneidade.

A Casa Borges, trata-se de um desses edifícios, que se erigiu no contexto da atividade extrativista. O Sr. Herculano Borges, na década de 50 constrói, primeiramente a parte da residência, para abrigar sua família e em seguida, em anexo, executa uma ampliação que se tornou uma venda, onde este comprava e vendia a poaia, bem como suprimentos dos mais diversos para abastecer a comunidade local.

O período de extração da poaia nessa região, foi marcada profundamente pelo conflito e extermínio dos indígenas Umutina, já que o território desse povo estava repleto da planta que movia a economia e a ganância. Essa parte da história também deve estar sempre em evidência. O patrimônio histórico material no Brasil muitas vezes está imbricado em relações de poder, e cabe aos educadores, tutores, curadores etc, promover ações que fomentem o pensamento crítico. Esse é o compromisso da Casa Borges, ser um espaço de democratização do acesso à arte para a comunidade, mas também uma ferramenta que revele a várias facetas da história, através de atividades que tangem a temática da Educação Patrimonial que de acordo com com o conceito de e Horta (1999, p. 6):

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e os adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

A memória dos tempos do poaieiros conserva-se em parte da comunidade, a Casa Borges e sua permanência na memória coletiva se torna um dos signos da cultura local, que revela uma relação da arquitetura e do conjunto urbano em que a Casa está inserida, com o passado.

2.1. PROCESSO CONSTRUTIVO

Na década de 1950 foi erguida a casa principal, com fachada em alvenaria de tijolos cerâmicos e demais paredes em adobe, sobre base de pedra canga. Tem esquadrias em madeira, originais, piso parcialmente executado em ladrilho hidráulico vermelho e em dois quartos piso cimentado liso. Cobertura em telhas cerâmicas, substituídas recentemente por telhas tipo *plan*, e estrutura do telhado em madeira, ainda original da época da construção. Após sua construção, foi construído o mercado, com estrutura de madeira e vedação em alvenaria de blocos cerâmicos e cobertura de telhas cerâmicas.

Como descrito por Larissa Borges Lourenço (LOURENÇO, 2019) em sua pesquisa denominada **Casa Borges: História e arquitetura poaieira**, a casa principal

“tem fundação feita com pedra canga socada, areia e barro até o nível do solo, evitando que os tijolos de adobe entrassem em contato direto com a umidade do solo. As paredes são de blocos de adobe com 26 centímetros de espessura com uma mescla de areia de goma e estrume de gado produzidos no município, com barro retirado da região, assentados e rejuntados com argila e pedriscos” (LOURENÇO, 2019).

Ainda segundo Lourenço,

“A fachada principal foi feita de tijolo cerâmico maciço. O muro foi edificado assim que a casa foi construída, o portão e as grades possuem característica da década de 50. O telhado tem como estrutura a madeira, consistia apenas nas terças transversais, caibros e cumeeiras sendo apoiadas diretamente nas paredes, com vãos pequenos a vencer dispensando o uso de tesouras, e assim como as casas construídas neste período não possui forro no seu exterior e interior. A cobertura já não é a mesma colocada no ano de sua construção, anteriormente eram telhas coloniais, atualmente é telha cerâmica capa e canal do tipo Plan, trazidas de Minas Gerais” (LOURENÇO, 2019).

“O telhado de duas águas, lançando parte das águas de chuva sobre a rua e outra para o quintal. Deste modo, não se utiliza calhas ou qualquer sistema de captação e condução de águas pluviais” (LOURENÇO, 2019).

“Os beirais são uma marca da arquitetura neocolonial, ornamentado com frisos do mesmo material usado nos revestimentos, servindo como uma barreira de proteção das chuvas evitando que a água chegasse nas paredes” (LOURENÇO, 2019).

“As janelas da casa possuem peitoril baixo, são de madeira, pintadas anteriormente na cor cinza, são atualmente azul lunar, duas delas continham faixas metálicas acopladas, lembrando uma veneziana, [...] resguardando o interior da edificação da visualização externa, dando privacidade ao quarto do casal que está na parte frontal. Todos os ambientes da casa são bem iluminados” (LOURENÇO, 2019).

“Em relação ao piso pode-se averiguar que o vestibulo, a sala de estar e a sala de jantar são de ladrilho hidráulico vermelho. A cozinha e a varanda também são de cerâmica lisa, porém de cores diferentes. Os quartos são de cimentado queimado. Os azulejos azuis são utilizados nas paredes e o piso de cerâmica lisa compõem o banheiro” (LOURENÇO, 2019).

3. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DA EDIFICAÇÃO

Segundo levantamento realizado em 2011, por Mara Cristina de Oliveira Faccioni em pesquisa denominada **Museu de História para Barra do Bugres - MT: Proposta de implantação de museu na cidade de Barra do Bugres – MT**, “o terreno em sua planta original possuía 1.236,49m² porém após uma visita ao local constatou-se que parte dele foi ocupada pelo proprietário do terreno que faz divisa com a fachada posterior, ficando o terreno com uma área total de 1.137,94m², sendo 27,30m de frente e fundo e 41,83m nas laterais” (FACCIONI, 2015).

3.1. O MERCADO

Segundo relato de Andreлина Borges¹, citado por Lourenço (2019, p. 30), “após a construção da casa derrubaram o cômodo em que viviam anteriormente e construíram o comércio”.

Segundo Faccioni (2015) o comércio é:

[...] construído junto ao alinhamento do terreno assim como os demais comércios desse período, com telhado em duas águas e platibanda na fachada frontal, coberto com telha cerâmica do tipo francesa. Suas paredes são de tijolo cerâmico maciço assentado em uma vez com vigas e pilares de madeira. Possui várias aberturas na fachada frontal, que assim como na residência são em madeira em verga reta e abertura segundo um eixo vertical. A planta é composta por um salão principal com forro de madeira, uma parede de madeira faz a divisão entre os dois ambientes e o banheiro que ficam na parte posterior. Por ser um prolongamento da cobertura do salão principal esses cômodos possuem pé direito baixo e não são forrados.

3.2. A CASA

A casa, com características do período neocolonial brasileiro, tem a fachada voltada para a rua com uma porta centralizada e quatro janelas, dispostas simetricamente em relação a um eixo vertical.

¹ “Ao mudarem-se para a vila Herculano Borges passou a trabalhar no comércio do sr. Joaquin Manoel de Miranda, comerciante e patrão de poaia muito influente. Em vinte de junho de 1945 casou-se com Andreлина dos Santos Borges com quem teve dez filhos. [...] Assim que se casaram o sr. Herculano Borges comprou uma casa simples de apenas um cômodo sendo ampliado posteriormente para abrigar a família. A construção da nova residência ocorreu por volta de 1955 e 1956 pelo mestre pedreiro recém chegado de Cuiabá, José Valeriano de Moraes. Após a mudança o cômodo passou a abrigar o comércio da família” (Andreлина Santos Borges relato oral, 2015, apud FACCIONI, 2015. p.86 e 89).

3.2.1. FUNDAÇÃO E PAREDES: Quanto à estrutura, tem sua fundação executada com pedra canga socada e paredes de adobe com 26 centímetro de largura revestidas com uma mistura de areia de goma (argilosa), com estrume de gado. A fachada frontal é feita com tijolo cerâmico maciço.

3.2.2. COBERTURA: A estrutura do telhado feita com madeira resistente sustenta a cobertura de telha cerâmica, sem forro. As telhas atuais, capa e canal do tipo Plan, teriam vindo de Minas Gerais para substituir as telhas coloniais instaladas originalmente.

3.2.3. ESQUADRIAS: Portas e janelas em duas folhas de abrir. Todas as esquadrias da casa são de madeira, pintadas originalmente de azul claro (FACCIONI, 2015).

A Planta baixa apresentada na figura 3 mostra o conjunto arquitetônico da Casa Borges (140,00 m²) e Mercado anexo (72,00 m²).

Figura 3 – Planta baixa do conjunto.



Fonte: Faccioni, 2015

4. USO CULTURAL DA CASA: O MUSEU CASA BORGES

A Casa Borges tem sido utilizada como espaço cultural desde julho de 2018.

O curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus Barra do Bugres, em parceria com o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Barra do Bugres está desenvolvendo, desde julho de 2018, um projeto extensão para a restauração e reabilitação da casa Herculano Borges, com o intuito de implantar um Museu, tendo desde então realizado treze ações culturais, visitadas por cerca de 3.800 pessoas.

Figura 4 – Eventos culturais na Casa Borges



Fonte: Unemat, 2018/2019

O objetivo das ações consiste em dar uso à Casa com atividades que fomentem a discussão sobre educação patrimonial e identidade cultural regional, visto que o edifício faz parte de um conjunto de elementos relevantes à memória coletiva. A experiência das ações promovidas pelo projeto de extensão revelam à comunidade o potencial daquele espaço como lugar de cultura.

Figura 5 – Exposição de artistas locais e regionais na Casa Borges



Fonte: Unemat, 2018

O projeto visa, além das ações culturais que mostram a importância da arte e das manifestações artísticas para a comunidade de um modo geral, e mais especificamente para os estudantes do município; conscientizar a população local da importância da preservação das edificações históricas, que materializam elementos importantes para a construção ou manutenção da identidade cultural e podem ser utilizadas como ferramenta de educação patrimonial, tanto nas escolas de nível fundamental e médio, como na universidade.

Apesar de ainda não ter sido oficializado como Museu Casa Borges, foi recentemente inserida no cadastro de museus de Mato Grosso, do Sistema Estadual de Museus de Mato Grosso.

Figura 6 – 1ª Mostra de Arte no Museu Casa Borges.



Fonte: Unemat, 2018

5. PATOLOGIAS E DANOS

O mapa de danos (ANEXO II) tem como objetivo detalhar as degradações da casa, para preservar as referências culturais e histórica relevantes, apresentando as características tradicionais específicas à sua condição.

O aumento de número de patologias nas construções é fruto das ações do tempo, que envelhecem a estrutura comprometendo a sua durabilidade. O tempo em que esteve sem uso, bem como a ausências de ações de caráter conservativo, tais quais orienta o IPHAN-MONUMENTA

no Manual de Conservação Preventiva (IPHAN, s/data), fazem com que o edifício esteja cada vez mais vulnerável à acentuação e surgimento de novo danos.

Em março de 2018 foram feitas visitas à Casa para avaliação do estado geral, quando foram realizadas explorações pelo contato e manipulação direta sobre a edificação. Estruturalmente a Casa apresenta-se bem conservada, porém alguns danos foram detectados.

As fachadas da edificação apresentam deslocamento do reboco em alguns pontos, e uma tentativa de recuperação com uso de argamassa de cimento, incompatível com as paredes de adobe, entre outras manifestações patológicas como mofo, rachaduras e trincas, e descascamento da pintura. Janelas e portas apresentam alguns poucos pontos de apodrecimento da madeira e todas as ferragens necessitam de revisão e algumas de substituição. Calçadas externas, em blocos cerâmicos, necessitam de reparos em alguns pontos. Telhado em bom estado, necessitando de substituição de algumas telhas nos beirais, mas sem pontos de vazamento ou goteiras.

Figura 7 – Mapa de danos da fachada frontal (ver ANEXO II)



Fonte: Mapa: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018 / Fotografia: Lourenço, 2018

Na parte interna da residência o piso em ladrilho hidráulico apresenta afundamento em três ambientes, e piso em cimentado liso com trincas e quebra (buracos). As paredes encontram-se danificadas especialmente sob as janelas, com reposição de argamassa com cimento nos pontos onde havia descolamento de revestimento.

Figura 8 – Vistas internas da Casa Borges



Fonte: Larissa Borges Lourenço, 2018.

O mapa de danos apresentado no ANEXO II foi elaborado por Caio Cezar Tomaz de Oliveira e Luiz Fernando Pereira, em 2018, enquanto alunos do curso de arquitetura e urbanismo, como atividade da disciplina de Técnicas Retrospectivas, da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso.

6. PLANOS DE CONSERVAÇÃO

A partir dos dados coletados e organizados no mapa de danos, foram definidas diretrizes para recuperação e conservação do imóvel, bem como planejadas algumas oficinas práticas de restauro, além de projetos complementares, descritos a seguir:

6.1. DIRETRIZES PARA RESTAURAÇÃO

A casa Herculano Borges, construída em adobe, preserva muito das características arquitetônicas do início do processo de urbanização da cidade. Contudo, após mais de 50 anos, faz-se necessário promover a adequação e revitalização do espaço, buscando conscientizar a população local da importância da preservação das edificações históricas.

Para que o espaço possa ter um novo uso será necessário desenvolver inicialmente um plano de restauro, que inclui a elaboração do diagnóstico e o projeto de restauro da edificação, e paralelamente desenvolver projeto arquitetônico do museu, além do planejamento de ações culturais no espaço destinado ao museu.

Importante salientar que as intervenções sofridas ao longo do tempo fazem parte da história da casa. A intervenção proposta no documento “Diretrizes para restauração da Casa Borges” (ANEXO II) busca solucionar as causas das manifestações patológicas encontradas, sem buscar recuperar características perdidas pelas intervenções anteriores.

6.2. OFICINAS DE RESTAURO

Como atividade complementar do curso de arquitetura e urbanismo, foram planejadas oficinas de técnicas de restauro, conteúdo da disciplina de Técnicas Retrospectivas, voltadas para recuperação de uma das paredes da Casa Borges, que apresenta, algumas trincas e fissuras, destacamento da argamassa em alguns pontos, manchas de umidade na base, e descascamento generalizado da pintura, além de um vão utilizado para instalação de aparelho de ar condicionado.

Inicialmente foi feita uma oficina de 8 horas, no dia 30 de outubro de 2019, na qual foram produzidas pequenas amostras de argamassa e tinta à base de cal.

Para 2020 foram planejadas duas oficinas, sendo uma primeira oficina para produção de peças de adobe, na mesma dimensão dos adobes utilizados nas paredes da casa, para posterior utilização para vedação do vão de ar condicionado de 60 x 40cm.

A segunda oficina planejada para 2020, é de restauro da parede, com retirada de tinta descascando e reboco destacado ou desagregado; preparação e assentamento das peças de adobe para vedação do vão de ar condicionado; preparação e aplicação de argamassa de reboco nas áreas

danificadas; preparação e vedação de trincas e fissuras; e finalmente pintura da parede com tinta preparada a base de cal. Paralelamente pode-se recuperar molduras e folhas da janela e porta, com lavagem, mantendo a pintura original onde for possível, ou lixadas e preparadas para nova pintura.

6.3. PROJETOS COMPLEMENTARES

A fim de viabilizar o uso da Casa como espaço cultural, estão sendo desenvolvidos alguns projetos complementares, descritos a seguir:

- 6.3.1. **INSTALAÇÃO ELÉTRICA:** Está sendo desenvolvido projeto para substituição de toda fiação elétrica e nova instalação, de acordo com os projetos de prevenção de incêndio e de iluminação.
- 6.3.2. **PREVENÇÃO E COMBATE A INCÊNDIO:** Desenvolvido pelo professor Cleber Queiroz Martins², o projeto prevê a instalação de cinco extintores, 8 unidades de iluminação de emergência, além de placas e outros itens de comunicação.
- 6.3.3. **ILUMINAÇÃO:** Concepção do arquiteto Jeff Keese³, o projeto de iluminação interna prevê iluminação geral, com instalação de lâmpadas tubulares LED fixadas diretamente nas terças e cumeeiras de madeira em todas as salas.
- 6.3.4. **PAINÉIS EXPOSITORES:** Com concepção do mesmo Jeff Keese, a proposta é a construção de painéis em “L”, autoportantes, executados em placas de MDF 9mm., pintadas de branco e penduradas por cabos de aço no madeiramento da casa ou assentados diretamente no piso.
- 6.3.5. **PAISAGISMO:** Com concepção dos arquitetos João Mário de Arruda Adrião, Priscila Waldow, e Larissa Borges Lourenço, membros do projeto de extensão “Museu Casa Borges”, o projeto de paisagismo destina uma grande área central para utilização durante os eventos, com apresentações, danças, rodas de conversa, feiras, entre outras atividades, preserva todas as árvores existentes, valoriza o antigo poço, e sugere mobiliário móvel a ser utilizado de formas variadas durante os eventos.

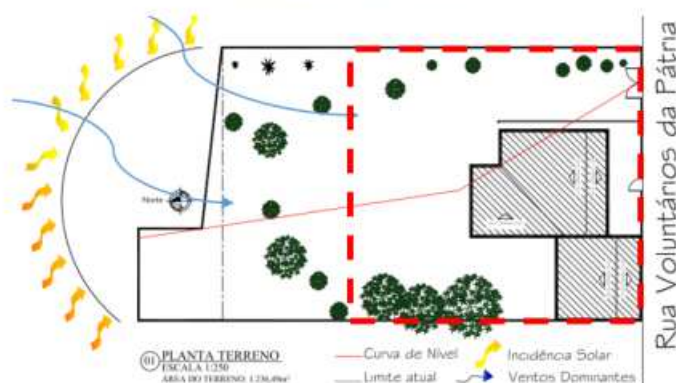
7. ÁREA A SER TOMBADA

A proposta de tombamento do conjunto arquitetônico da Casa Herculano Borges e Mercado anexo, com área construída de 212,00 m², deve englobar também o entorno imediato, toda a frente e lateral do terreno e ainda uma faixa de 12 metros da área arborizada aos fundos, e um poço, num total de 27,3m x 26,0m (710,00 m²), conforme indicado na figura 9, a fim de preservar sua visibilidade e ambiência.

² Arquiteto e urbanista, engenheiro de segurança do trabalho, professor no curso de arquitetura e urbanismo da Unemat.

³ Arquiteto e urbanista, com atuação em produção cultural e expografia.

Figura 9 - Área a ser tombada.



Fonte: FACCIONI, 2015, editado segundo projeto de tombamento.

8. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal de. **Lei Complementar nº 012/2016 – Plano Diretor de Barra do Bugres**. 2006. Disponível em <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Transparencia/fotos_downloads/2724.pdf> Acesso 25.mar.2020

DEINA, Salete; FURTADO, Vanessa Nossol; REIS, Victor Bruno Gonçalves dos; TIBURSKI, Helen Maria e TARDIVO, Veruska Pobikrowska. **Habitações históricas: Exemplos da cultura barrabugrense**. In: 1º Congresso Internacional de História da Construção Luso Brasileira. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES. 2013.

FACCIONI, Mara Cristina de Oliveira. **Museu de História para Barra do Bugres - MT: Proposta de implantação de museu na cidade de Barra do Bugres – MT**. 2015, 106f. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Manual de Conservação Preventiva para Edificações**. s/data. Coordenação e Elaboração: Griselda Pinheiro Klüppel e Mariely Cabral de Santana; Ilustrações: Cione Fona Garcia. Programa Monumenta. Disponível em <<file:///D:/UserFiles/Downloads/B1.ConservacaoPreventiva.pdf>>

LOURENÇO, Larissa Borges. **Casa Borges: História e Arquitetura Poaieira**. 2019, 125f. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **Universo da Poaia e seu Patrimônio Cultural: Marcas do Tempo de Rondon e da Coluna Prestes**. XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH Brasil. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal-RN, 2013. 14 p. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364788439_ARQUIVO_UNIVERSODAPOAIAESEUPATRIMONIOCULTURAL.pdf> Acesso 03 out. 2018.

ANEXO 08 – Mapa de danos e Diretrizes para restauração

ANEXO II

- Mapas de Danos
- Diretrizes para Restauração
- Fotografias da Casa Borges

Mapa de Danos – Casa Herculano Borges, Barra do Bugres, 2018.

Caio Cezar Tomaz de Oliveira.
Luiz Fernando Pereira.

O mapa de danos tem como objetivo indicar, por meio de desenhos e fotos, as manifestações patológicas existentes.

As patologias externas da construção são as seguintes:

1. Mofo
2. Desplacamento
3. Cimento exposto
4. Rachaduras/Trincas
5. Descascamento da pintura

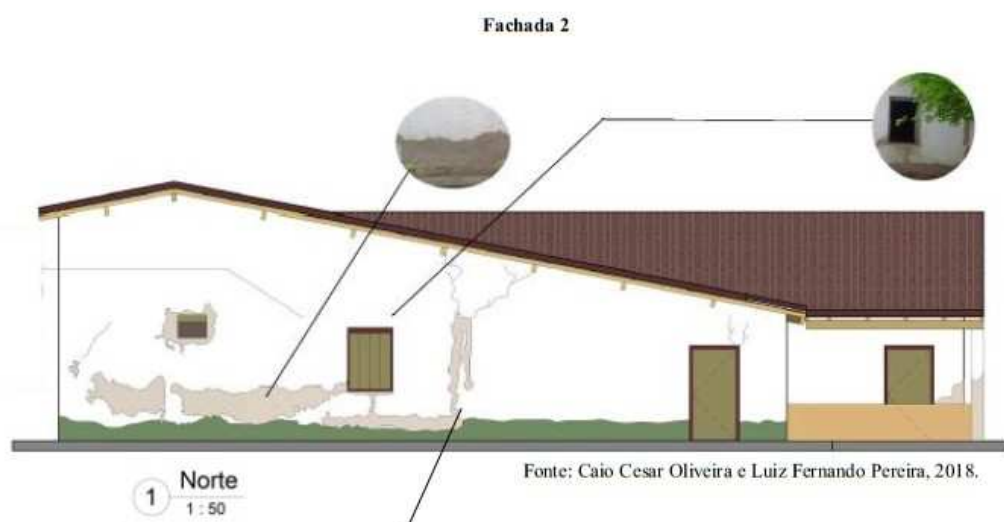


Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.



Fonte: Larissa Borges Lourenço, 2018

Legenda	
	Mofo
	Desplacamento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura



Fonte: Larissa Borges Lourenço, 2018

Legenda	
	Mofo
	Desplacimento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura

Fachada 3



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.



Fonte: Larissa Borges Lourenço, 2018

Legenda	
	Mofo
	Desplacamento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura

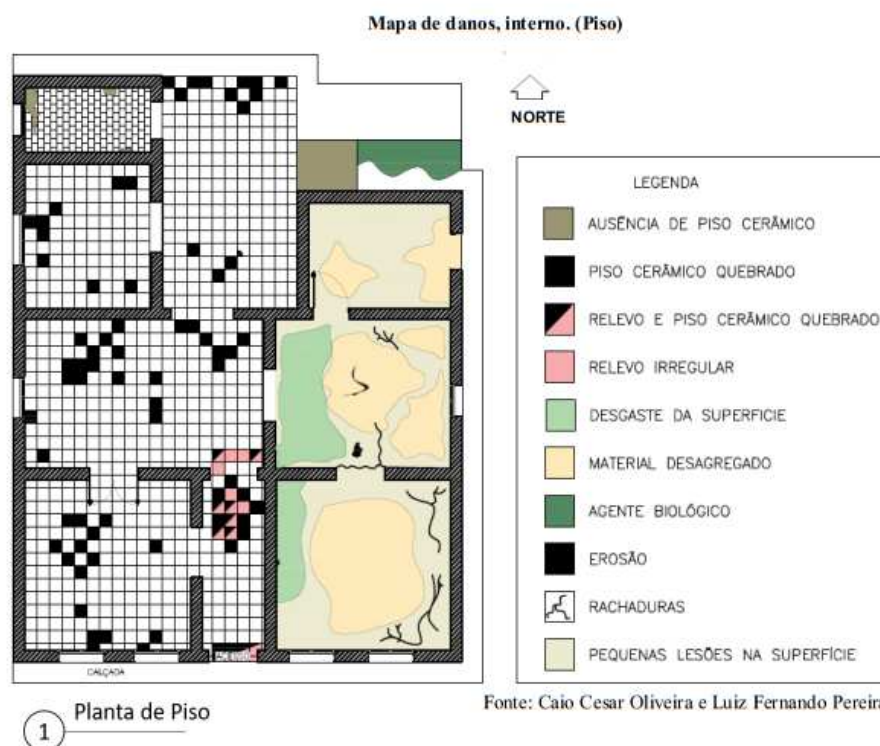
Paredes com deslocamento de revestimento



Fonte: Larissa Borges Lourenço, 2018

Na planta da casa estão assinalados os danos do piso leves e relevantes. Em relação ao piso interno as patologias são:

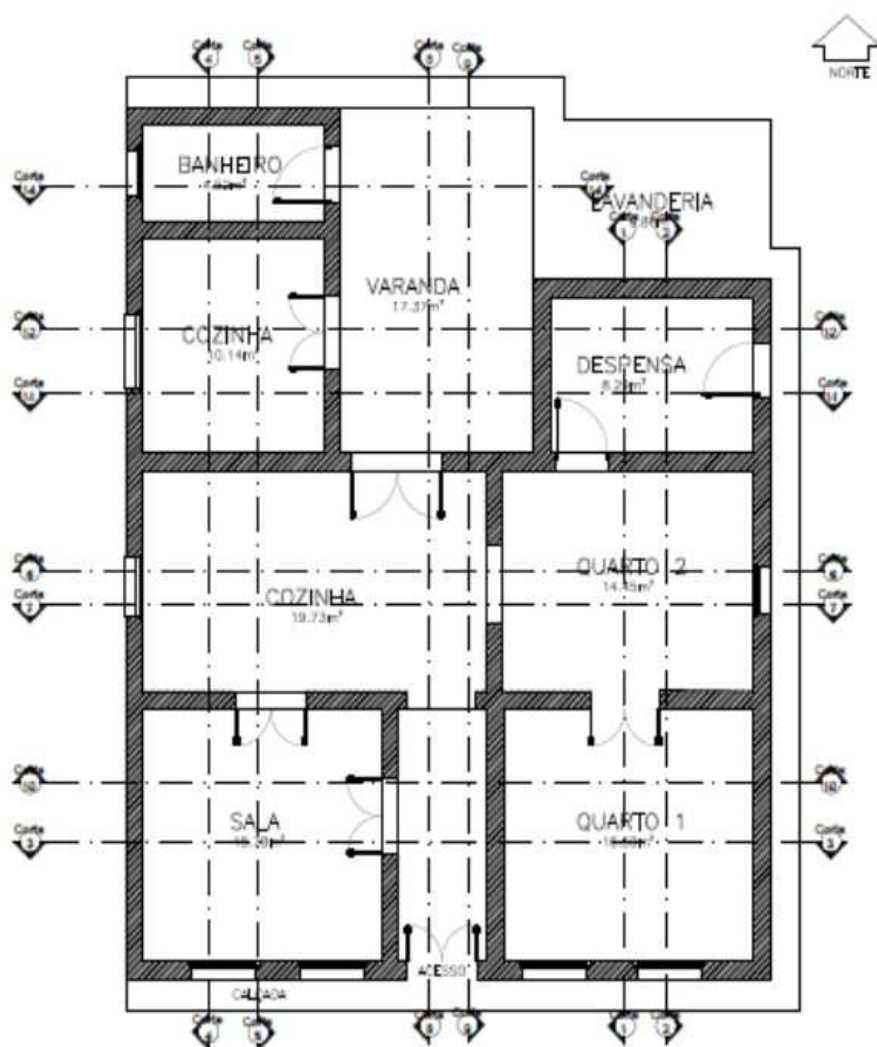
1. Ausência de piso cerâmico
2. Piso cerâmico quebrado
3. Relevo e piso cerâmico quebrado
4. Relevo irregular
5. Desgaste da superfície
6. Material desagregado
7. Agente biológico
8. Erosão
9. Rachaduras
10. Pequenas lesões nas superfícies



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

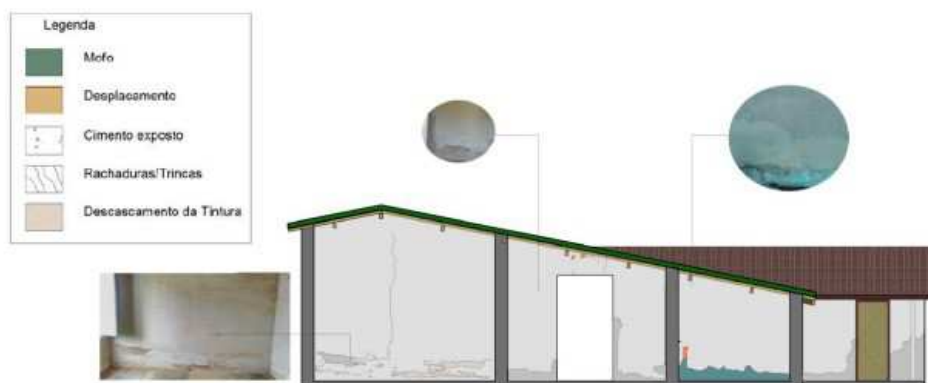
A seguir planta baixa com representação dos cortes para apresentação das patologias interna.

Planta Baixa



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Corte 1



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Corte 2



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Corte 3



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Legenda	
	Mofa
	Desplacamento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura

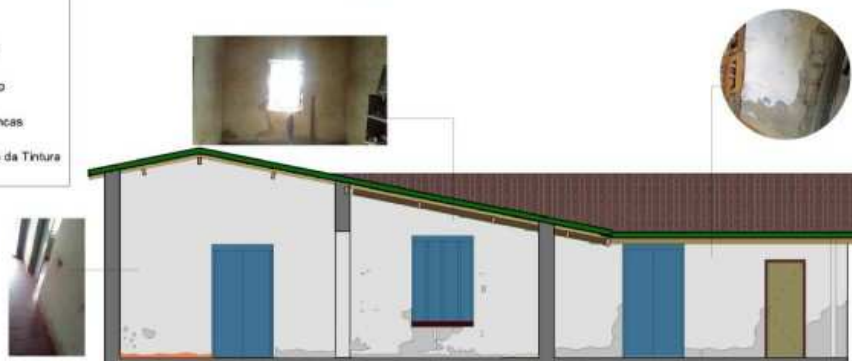
Corte 7



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Legenda	
	Mofa
	Desplacamento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura

Corte 8



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Legenda	
	Mofa
	Desplacamento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura

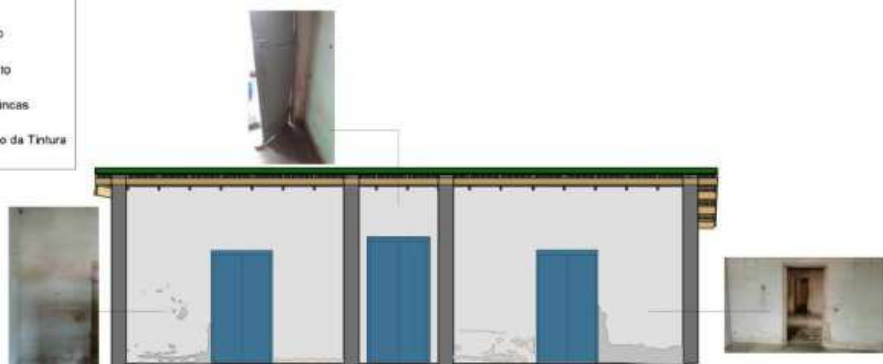
Corte 9



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Legenda	
	Mofa
	Desplacimento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura

Corte 10



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Legenda	
	Mofa
	Desplacimento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura

Corte 11

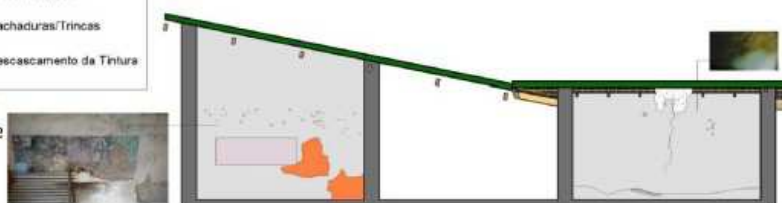


Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Legenda	
	Mofa
	Desplacimento
	Cimento exposto
	Rachaduras/Trincas
	Descascamento da Tintura

Corte 12

Todas as fe



Fonte: Caio Cesar Oliveira e Luiz Fernando Pereira, 2018.

Janelas



Fonte: Larissa Borges Lourenço, 2018.

Calçadas externas, em blocos cerâmicos, necessitam de reparos em alguns pontos.

Calçadas danificadas



Fonte: Larissa Borges Lourenço, 2018.

Telhado em bom estado, necessitando de substituição de algumas telhas nos beirais, mas sem pontos de vazamento ou goteiras.

Telhado



Fonte: Larissa Borges Lourenço, 2018.

Diretrizes para Restauração – Casa Herculano Borges, Barra do Bugres, 2018.

João Mário de Arruda Adrião
Priscila Waldow
Mara Cristina de Oliveira Faecioni
Alyne Cristina Sacoman

A casa Herculano Borges, construída em adobe, preserva muito das características arquitetônicas do início do processo de urbanização da cidade. Contudo, após mais de 50 anos, faz-se necessário promover a adequação e revitalização do espaço, buscando conscientizar a população local da importância da preservação das edificações históricas, podendo também ser utilizada como ferramenta de ensino nas disciplinas de patrimônio histórico, patologias em edificações entre outras. Para que o espaço possa ter um novo uso será necessário desenvolver inicialmente um plano de restauro, que inclui a elaboração do diagnóstico e o projeto de restauro da edificação, e paralelamente desenvolver projeto arquitetônico do museu, além do planejamento de ações culturais no espaço destinado ao museu.

Figura 1 – casa Herculano Borges.



Fonte: Mara Cristina, 2015

A primeira etapa do trabalho foi um diagnóstico das manifestações patológicas, tendo como referência o Manual de Elaboração de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural (BRASIL, 20015) e o Manual de Conservação Preventiva para Edificações (IPHAN, s/d). A partir desses dados foi possível definir as causas e propor as intervenções necessárias para a recuperação do edifício.

Importante salientar que as intervenções sofridas ao longo do tempo fazem parte da história da casa. A intervenção proposta deve solucionar as causas das manifestações patológicas encontradas, sem buscar recuperar características perdidas pelas intervenções anteriores.

DIRETRIZES PARA A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

ÁREA EXTERNA

Drenagem

Solucionar caixa de passagem de águas servidas da casa vizinha

Vegetação/paisagismo

A CASA:

PAREDES EXTERNAS

Inicialmente deve ser feita limpeza geral com retirada de vegetação em frestas, pisos, paredes, cobertura.

Nas paredes externas deverá ser retirado e refeito o reboco nas áreas danificadas com destacamento.

Vedação de vãos (de ar condicionado), recuperação de frestas e trincas.

O reboco a ser feito deve utilizar técnica adequada ao material das paredes, com o traço de cal, cimento e areia ou conforme análise do material utilizado na Casa

Pintura com tinta a base de água.

CALÇADAS

As calçadas externas da casa devem ser revisadas e refeitas onde houver necessidade.

COBERTURA

A estrutura do telhado em geral se encontra em bom estado, sendo porém necessária a substituição de algumas peças danificadas, como a viga do rincão da sala, e aplicação de cupinicida e selador em todas as peças.

O telhado deve ser revisado, com recolocação de telhas deslocadas e substituição eventual de peças quebradas.

Revisão das calhas metálicas.

ESQUADRIAS

As portas estão em bom estado de conservação e deverão ser apenas lavadas, mantendo a pintura original onde for possível, ou lixadas e pintadas.

As janelas deverão ser apenas lavadas, mantendo a pintura original onde for possível, ou lixadas e pintadas.

Obs.: Após limpeza pode ser avaliado o aspecto, mostrando diferentes camadas de pinturas anteriores. Pode - se então optar por manter portas e janelas evidenciando as camadas de tinta originais, apenas lixadas com a madeira aparente ou ainda aplicar pintura, devendo-se cuidar para que a tinta não impeça o funcionamento das folhas.

Fechaduras das portas e janelas deverão ser revisadas e consertadas, com substituição das fechaduras das portas de acesso, sempre optando prioritariamente pela recuperação dos elementos existentes.

PAREDES INTERNAS

As paredes internas devem receber tratamento apenas após a execução de todos os procedimentos de prevenção de entrada de umidade (calçadas externas, paredes externas, cobertura).

Nas paredes internas deverá ser retirado e refeito o reboco nas áreas danificadas com destacamento, com emprego de técnica adequada ao material das paredes (adobe), com o traço de cal cimento e areia, ou conforme análise do material utilizado originalmente.

As intervenções feitas anteriormente, utilizando argamassa de cimento devem ser mantidas. Apesar de não ser o procedimento mais adequado, a tentativa de retirada da massa poderia causar ainda mais danos às paredes de terra.

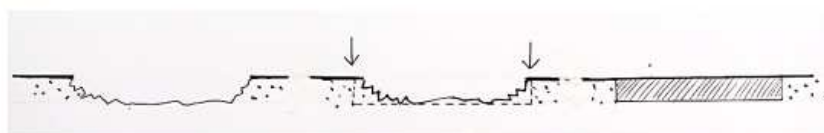
As paredes devem ser raspadas com a retirada das camadas de tinta mais superficiais e que estejam se soltando, lixadas com lixa grossa, para posterior aplicação de pintura a base de água.

PISO INTERNO

Inicialmente deverá ser feita apenas limpeza geral do piso.

Em uma etapa posterior, pode ser executado:

- Piso de concreto deve ser reparado, apenas onde houver perda significativa de material (buracos no piso), preservando sempre que possível o piso existente. Executar recorte e retirada das bordas irregulares no local a ser reparado, criando arestas retas para melhor adesão da massa e posterior enchimento com massa similar à existente, como ilustrado abaixo.



1- Vão existente 2- Recorte e retirada das bordas irregulares 3- recomposição com massa.

- O piso de Ladrilho Hidráulico, nas áreas onde se encontra afundado, deve ser retirado o piso existente (com cuidado para preservar as peças, a serem reaproveitadas), para

regularização da base e recolocação utilizando a mesma técnica original, provavelmente assentados sobre camada de areia.

INSTALAÇÃO ELÉTRICA E ILUMINAÇÃO

Toda fiação elétrica deverá ser substituída, conforme projeto específico.

Instalação de trilhos e luminárias.

INSTALAÇÃO HIDRO-SANITÁRIA

Instalação de bebedouro.

Retirada do tanque externo.

Instalação de torneira no lavatório da varanda.

BANHEIRO

Limpeza geral e pintura das paredes acima dos azulejos.

BIBLIOGRAFIA

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Manual de Conservação Preventiva para Edificações**. Coordenação e Elaboração: Griselda Pinheiro Klüppel e Mariely Cabral de Santana; Ilustrações: Cione Fona Garcia. Disponível em <file:///D:/UserFiles/Downloads/B1.ConservacaoPreventiva.pdf>

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Programa Monumenta. **Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural**. Elaboração: José Hailon Gomide, Patrícia Reis da Silva, Sylvia Maria Nelo Braga. Brasília : Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005.

ANEXO 09 – Portarias dos Projetos de Extensão

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
GABINETE DA REITORIA

**PORTARIA N° 3591/2018**

Autoriza membros a coordenar e participar de projeto de extensão universitária

A REITORA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS

CONSIDERANDO o que estabelece o artigo 6º da Lei Complementar 320 de 30/06/2008.

CONSIDERANDO o Ofício nº. 346/2018 – PROEC, de 28/09/2018 sob Protocolo nº. 465848/2018.

RESOLVE:

Art. 1º Autorizar os membros abaixo relacionados a coordenarem e participarem do projeto de extensão universitária, da Universidade do Estado de Mato Grosso, conforme segue:

Edital:	Nº 015/2017/PROEC
Unidade de vinculação:	Campus Universitário de Barra do Bugres Faculdade de Arquitetura e Engenharia
Projeto:	Museu de Barra do Bugres – Restauração e reabilitação da Casa Herculano Borges
Área Temática:	Cultura
Coordenadora:	Prof. João Mário de Arruda Adrião
Equipe:	Prof. Carlos Edinei de Oliveira Profa. Priscila Waldow
Colaboradores:	Mara Cristina de Oliveira Faccioni Jéssica Teixeira Satter
Período da designação:	01/05/2018 a 01/11/2019

Registre-se

Publique-se

Cumpra-se

Cáceres-MT, 28 de Setembro de 2018.

Profa. ANA MARIA DI RENZO
Reitora



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
"CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO"
GABINETE DA REITORIA



PORTARIA N° 204/2020

Autoriza servidores a coordenar e participar de projeto de extensão universitária.

O REITOR DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS

CONSIDERANDO o que estabelece o artigo 6º da Lei Complementar 320 de 30/06/2008.

CONSIDERANDO o Ofício nº 025/2020 – PROEC, de 29.01.2020; Protocolo nº.38923/2020.

RESOLVE:

Art. 1º Autorizar os membros abaixo relacionados a coordenarem e participarem do Projeto de Extensão Universitária, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Edital:	Nº 015/2017/PROEC
Unidade de vinculação:	Campus de Barra do Bugres/Faculdade de Arquitetura e Engenharia
Projeto:	Museu de Barra do Bugres – Restauração e Reabilitação da Casa Herculano Borges
Área Temática:	Cultura
Coordenador:	Prof. João Mário de Arruda Adrião
Equipe:	Prof. Carlos Edinei de Oliveira Profa. Priscila Waldow
Vigência da proposta:	02/11/2019 a 30/11/2020

Registre-se
Publique-se
Cumpra-se
Cáceres, MT, 04 de Fevereiro de 2020.


Prof. RODRIGO BRUNO ZANIN
Reitor



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
"CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO"
GABINETE DA REITORIA



PORTARIA Nº 1080/2020

Autoriza servidor a coordenar e participar de projeto de extensão universitária.

O REITOR DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS

CONSIDERANDO o que estabelece o artigo 6º da Lei Complementar 320 de 30/06/2008.

CONSIDERANDO o Ofício nº 230/2020 – PROEC, de 07/08/2020; Parecer nº 101/2020 – PROEC, Protocolo nº 280487/2020;

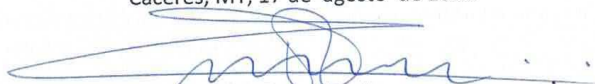
RESOLVE:

Art. 1º Autorizar os membros abaixo relacionados a coordenarem e participarem do projeto de extensão universitária, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Edital:	Nº 005/2020/PROEC
Unidade de vinculação:	Campus de Barra do Bugres/Faculdade de Arquitetura e Engenharia
Projeto:	Casa Borges: arte, cultura e educação patrimonial
Área Temática:	Cultura
Coordenador:	Prof. João Mário de Arruda Adrião
Equipe:	Profa. Priscila Waldow Gabryelle Guedes Viviane Dourado
Vigência da proposta:	01/09/2020 a 01/09/2021

Registre-se
Publique-se
Cumpra-se

Cáceres, MT, 17 de agosto de 2020.


Prof. Rodrigo Bruno Zanin
Reitor



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
"CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO"
GABINETE DA REITORIA



PORTARIA Nº 1964/2021

Autoriza servidor a coordenar e participar de projeto de extensão universitária.

O REITOR DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS

CONSIDERANDO o que estabelece o artigo 6º da Lei Complementar 320 de 30/06/2008.

CONSIDERANDO o Ofício nº387/2021 – PROEC, de 20/10/2021; Parecer n.561/2021 – PROEC, Protocolo nº 488446/2021;

RESOLVE:

Art. 1º Autorizar os membros abaixo relacionados a coordenarem e participarem do projeto de extensão universitária, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Processo	488446/2021
Edital	SIGAA - Nº 002/2021/PROEC
Título	Casa Borges: Arte, Cultura e Educação Patrimonial - Etapa II
Unidade de Vinculação	Campus Universitário de Barra do Bugres/Faculdade de Arquitetura e Engenharia
Modalidade de Ação de Extensão/outros	Projeto
Área Temática	Cultura
Coordenação	Docente: João Mário de Arruda Adrião
Membros	Docente: Priscila Waldow Docente: Mayara Simer de Araújo Petroni
Vigência/realização	01/01/2022 a 31/12/2022

Registre-se
Publique-se
Cumpra-se

Cáceres, MT, 20 de outubro de 2021.

Prof. Dr. Rodrigo Bruno Zanin
Reitor

29/10/2024, 14:16

SIPAC - Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos



Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado

Cáceres, 29 de Outubro de 2024

ENTRAR NO SISTEMA



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO CARLOS ALBERTO REYES
MALDONADO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO



PORTARIA Nº 726 / 2024 - PROEC (11.01.06)

Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

Cáceres-MT, 08 de Abril de 2024

Autoriza servidor a coordenar e/ou participar de Projeto de Extensão Universitária.

O PRÓ REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA da Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado - UNEMAT, no uso de suas atribuições legais;

CONSIDERANDO o que estabelece o artigo 6º da Lei Complementar 320 de 30/06/2008;

CONSIDERANDO a Resolução nº 009/2021 ? CONEPE que dispõe sobre os Projetos e Programas de Extensão da Universidade do Estado de Mato Grosso;

CONSIDERANDO o Edital nº 001/2024/PROEC ? Fluxo Continuo;

CONSIDERANDO a competência delegada no inciso V do Art. 2º conforme Portaria nº 2674/2022;

CONSIDERANDO o registro no SIGAA ? Sistema Integrado de Gestão de Atividades PJ108-2024.

RESOLVE:

Art. 1º Autorizar a Coordenação e/ou participação no PROJETO DE EXTENSÃO "Casa Borges: arte, cultura e educação patrimonial; Etapa IV", vinculado (a) ao/a Campus Universitário de Barra do Bugres/Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, no período de 08/04/2024 a 08/04/2025, conforme descrito no quadro a seguir:

Registro	PJ108-2024
Edital	SIGAA - Nº 001/2024/PROEC
Título	Casa Borges: arte, cultura e educação patrimonial; Etapa IV
Unidade de Vinculação	Campus Universitário de Barra do Bugres/Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas
Modalidade de Ação de Extensão/outros	Projeto
Área Temática	Cultura
Coordenação	Docente: <u>Claudia Landin Negreiros</u>
Membros	Externo: <u>Helena Maria do Nascimento</u> Docente: <u>João Mário de Arruda Adrião</u> Docente: <u>Mayara Sismar de Araujo Patroni</u>
Vigência/realização	08/04/2024 a 08/04/2025

Registre-se.

Publique-se.

Cumpra-se.

(Assinado digitalmente em 11/04/2024 10:47)
EVERTON RICARDO DO NASCIMENTO
PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA
BBG-FACET (11.01.23.01.04)
Matrícula: 93377004

Processo Associado: 23065.002830/2024-06

Visualize o documento original em <https://sipac.unemat.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 726, ano: 2024, tipo: PORTARIA, data de emissão: 08/04/2024 e o código de verificação: 7a7c73f863

Menu Principal

ANEXO 10 – Relatório MuCB: Número de visitantes 2018 a 21019



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO "DEP. EST. RENÉ BARBOUR"

**RELATÓRIO**

Museu Casa Borges – dezembro.2019

Resumo da participação das escolas nos eventos:

Evento	Data	Escolas participantes	Estudantes ¹	Total ²
Exposição Museu Casa Borges	29.jun.2018	José Ourives	88	298
		Alfredo	42	
		Júlio Müller	31	
		CESC	19	
		Carrossel	1	
		TOTAL	181	
VivaCidade	14.set.2018	PM Mirim	19	149
		Carrossel	1	
		Assembléia de Deus	4	
		José Ourives	1	
		TOTAL	25	
1º Dia de Oficinas	19.out.2018	José Ourives	55	61
1ª. Mostra de Arte	26.nov.2018	Carrossel APAE	307³	480
Granda de Mulheres Indígenas	08.mar.2019			35
2 Dias de Oficinas	1 e 2.abr.2019	Julio Müller	104	109
6ª. ExpoArte	18 a 21.abr.2019	Sem identificação	-	429
2ª. Mostra de Arte	20 a 25.mai.2019	José Ourives	85	660
		Julio Müller	116	
		Carrossel	12	
		Julieta	238	
		João Catarino	35	
		TOTAL	486	
1ª. Feira Indígena Intercultural de Mato Grosso	3 a 6.jul.2019	José Ourives	84	451
		Alfredo	40	
		E. E. & de Setembro	18	
		CESC	45	
		Jula Paré	2	
		Guimar	27	
		Julio Müller	2	
		TOTAL	134	

¹ Número de estudantes / escola identificados no livro de assinaturas

² Número de assinaturas no livro de assinaturas

³ 307 pessoas que se identificaram como "estudantes"

UMUTINA – História e Cultura Balatiponé-Umutina	9 a 13.set.2019	Jula Paré Julio Muller José Ourives Assembléia de Deus José Mariano Bento Unemat Herculano Borges Julieta Xavier João Catarino Doce Vida PM mirim Alfredo José CEJA Sem identificação da escola TOTAL	52 166 28 64 15 38 56 52 18 18 18 67 42 105 739	814
7ª ExpoArte	21 a 25.out.2019	Julio Müller Guiomar Unemat TOTAL	197 78 28 303	368
3ª. Mostra de Arte - Museu Casa Borges Exposição de pinturas de artistas locais e regionais, público de 292 pessoas, sendo 248 alunos das escolas Júlio Muller, José Ourives e Assembléia de Deus.	02 a 06 dez. 2019	Júlio Muller José Ourives Assembleia de Deus. TOTAL	248	292
	TOTAL	17	2582	4.146

ANEXO 11 – Relatório MuCB: Número de visitantes 2022 a 2024



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO "DEP. EST. RENÉ BARBOUR"

**RELATÓRIO**

Museu Casa Borges- Dezembro 2024

Resumo da participação das escolas nos eventos:

EVENTO	DATA	ESCOLAS/INSTITUIÇÕES	ESTUDANTES/ PROFESSOR	TOTAL GERAL
PERMANÊNCIAS URBANAS (EXPOSIÇÃO)	15 JUN 2022	JULIETA XAVIER DOCE VIDA JULIO MÜLLER SCFV CARROSSEL HERCULANO BORGES GUIOMAR ASSEMBLÉIA DE DEUS UNEMAT NÃO IDENTIFICADO PROFESSOR TOTAL	01 16 11 85 12 01 01 02 38 126 17 310	365
2º FEIRA INDIGENA INTERCULTURA L DE MATO GROSSO	26/07 a 29/09/2022	UMUTINA JULIO MÜLLER GUIOMAR UNEMAT 7 DE SETEMBRO CARROSSEL NÃO IDENTIFICADOS PROFESSOR TOTAL	03 11 43 33 02 01 54 04 151	165
KIDS UM DIA COMO ARTISTA	10/10 a 14/10/2022	SCFV CARROSSEL NÃO IDENTIFICADOS PROFESSOR TOTAL	97 02 27 01 127	132
10º EXPOARTE	08/03 a 30/11/2023	JULIO MÜLLER CARROSSEL UNEMAT UFMT DOCE VIDA E. SILVANA SOUZA JULIETA XAVIER NÃO IDENTIFICADO PROFESSOR TOTAL	08 10 18 19 40 02 03 32 14 146	250
SEMANA DA CRIANÇA NO MUSEU	08/10 a 10/10/2024	HERCULANO BORGES CMEI PROFESSOR TOTAL	38 85 09 132	140

VISITA AO MUSEU, EXPOSIÇÃO PERMANENTE.	29/02 a 21/11/2024	GUIOMAR UNEMAT JÚLIO MULLER ALFREDO E. SILVANA PROFESSOR NÃO IDENTIFICADO TOTAL	50 38 1 5 22 26 48 190	421
			Estudantes e professores	Total de visitantes
		TOTAL	1056	1473

		Resumo total de visitantes 2018 a 2024:		
		Total de 2018 a 2019	2582	4146
		Total de 2022 a 2024	1056	1473
		Total	3638	5619

ANEXO 12 – Relatório MuCB: Histórico Prof. Adilson Alves

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS RENE BARBOUR – BARRA DO BUGRES
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

RELATÓRIO

Assunto: Museu Casa Borges - Histórico
Projeto: Casa Borges: Arte, Cultura e Educação Patrimonial
Data: Janeiro.2023
Local:
Equipe: Adilson Alves

O Museu Casa Borges iniciou suas atividades em junho de 2018, com uma exposição de projetos de requalificação da Casa Herculano Borges, transformando-a em museu, tendo sido visitada por mais de 200 alunos das escolas de Barra do Bugres.

A exposição durou apenas um dia, mas o envolvimento das escolas foi incentivo para que outras ações culturais fossem realizadas, culminando com a promulgação da lei municipal 2472/2021, que “cria o Museu Casa Borges e dá outras providências”, em dezembro de 2021 (Barra do Bugres, 2021). Contudo, a ideia de criação de um museu em Barra do Bugres vem de muito antes, como relata o professor Adilson Alves:

O surgimento do museu foi uma luta, a gente conseguir um projeto de grande importância desse, porque Barra do Bugres é a cidade-mãe para essas outras cidades que vão aqui para o Noroeste de Mato Grosso: Nova Olímpia, Denise, Tangará da Serra, Campo Novo, Brasnorte, Juína, enfim, Barra do Bugres foi onde começou a entrada desses desbravadores, desses pioneiros aqui para essa região, e aqui na época vieram muitas pessoas, junto com suas famílias para cá, para Barra do Bugres, e outros subiram a serra. E dos que alguns ficaram por aqui pela cidade de Barra do Bugres, a gente via que tinha muita coisa importante se perdendo. Daí a ideia do museu, um local para conservar esses registros, conservar peças, e alguma coisa das famílias pioneiras aqui em Barra do Bugres.

Foi a partir daí que surgiu a ideia, e teve outras pessoas que também já se manifestaram sobre a criação desse Museu, como o senhor Jovino Ramos; o senhor Jovino escreveu a história segundo as pesquisas dele. E a questão do museu era para que se tivesse um local para se ter esse registro das famílias de Barra do Bugres, onde o principal objetivo seria manter o registro dessas famílias que vieram para cá.

Na época foi feita uma indicação juntamente ao ex-prefeito Raimundo Nonato [gestão de 2017 a 2020] e ele aceitou, de bom grado, apoiou a ideia de se construir um museu; os vereadores também da época, isso tem que ser registrado, os vereadores também acataram a ideia, gostaram muito da ideia, e a gente só tem que parabenizar os vereadores, os políticos aqui da cidade, que abriram as portas e sugeriram então que esse museu ficasse lá na primeira Prefeitura do Município, que é um prédio público, histórico do município de Barra do Bugres, a primeira Prefeitura do Município de Barra do Bugres.

Desde a década de 1990 a gente já vinha conversando sobre a criação desse local para se manter os registros dessas famílias, das famílias de Barra do Bugres, para não perdermos a história e a essência desse povo aqui, então já havia uma conversação, mas isso só veio virar prática mesmo aqui no ano 2020 e 2021, quando a Câmara aprovou a lei para a criação desse Museu. A proposta inicial era para o museu ser no prédio da primeira Prefeitura de Barra do Bugres, que é um espaço bem amplo e um prédio histórico, e a Secretaria de Educação iria para o prédio do Fórum.

Barra do Bugres, 19 de janeiro de 2023

Adilson Alves

Professor de História

REFERÊNCIAS

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal de. **Lei Municipal Nº 2.472/2021 “Que cria o Museu Casa Borges no Município de Barra do Bugres, e dá outras providências”**. Portal Transparência. 2021. Disponível em <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Transparencia/Legislacao/Leis/6//6/>

HISTÓRIA DE CONTATO DO POVO INDÍGENA BALATIPONÉ-UMUTINA COM A SOCIEDADE NACIONAL BRASILEIRA

O povo indígena Balatiponé-Umutina pertence ao tronco linguístico Macro-jê, da Família Bororo. Os documentos oficiais do Estado, mostram a existência da etnia ainda no século XVII. Há evidências que no passado a etnia fazia parte da etnia Bororo e que, em determinado momento histórico afastou-se do grupo principal e subiu principalmente o curso do rio Paraguai. Os processos de exploração dos recursos naturais e ocupação populacional decorrentes no estado de Mato Grosso, a partir do século XVIII foram as principais causas do contato da etnia com a população não índia da época.

As suas aldeias, conforme o relato dos anciões, estavam localizadas na foz do rio Sepotuba, onde possuíam extensos roçados, nesta época a população aproximada era de mil indígenas. Os ciclos econômicos vividos pela cidade de Barra do Bugres e região, foram determinantes para a desestruturação econômica, social e cultural do povo, além de, a partir desse período, reduzir a população drasticamente. Os caçadores, poaieiros, madeireiros e garimpeiros adentravam as matas e rios invadindo o território habitado pelos Balatiponé-Umutina. Os conflitos foram constantes e cada vez mais intensos, a ponto de o governo do Estado pretender organizar uma expedição de extermínio da etnia.

Em 1911, estavam sendo instalados na região os ramais de telégrafos ligando a capital, o interior e outros estados. Esse empreendimento era comandado pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Como os Balatiponé-Umutina tornaram-se um empecilho para a realização das obras, Rondon e sua equipe elaboraram planos para a sua “pacificação”. O processo de pacificação deu-se em etapas, primeiro atraindo os grupos Umutina com brindes (machado, facão, enxada) e mais tarde fixando os mesmos em aldeias.

Após a pacificação, os Balatiponé-Umutina viveram o momento mais triste de sua história. Pois, o contato permanente com os funcionários do Serviço de Proteção ao Índios (SPI), órgão indigenista da época, resultou na transmissão de doenças, principalmente, sarampo e pneumonia que resultou ainda mais na diminuição populacional e consequentemente ao enfraquecimento da língua, dos costumes tradicionais, enfim, da maneira de ser e viver. Nesse período, foram trazidos por Rondon grupos da etnia Pareci e Nambikwara que passaram a conviver com a população Umutina, no Posto Fraternidade Umutina, construído na década de 1930 em diante, onde hoje é a atual aldeia Umutina.

Desse período sobraram apenas quinze bravos guerreiros e guerreiras que não sucumbiram as atrocidades do contato e permaneceram na mata em sua aldeia, cultivando todos os conhecimentos tradicionais. Esta localidade é denominada de Massepô e atualmente foi reconstruída novamente. Nessa aldeia foram coletados grande parte dos elementos da língua e da cultura Balatiponé-Umutina, servindo de referência para as presentes e futuras gerações.

CULTURA MATERIAL E IMATERIAL BALATIPONÉ-UMUTINA

A Cultura material e imaterial do povo Balatiponé-Umutina está ligada diretamente ao seu modo de pensar e conceber a vida, o mundo e o universo. Desta cosmovisão particular, nascem as narrativas míticas que contam sobre a origem do povo, bem como o nascimento de outras etnias e do não índio. Além disso, elas falam sobre as origens dos elementos naturais e dos objetos materiais da cultura.

Desse modo, todos os objetos artísticos apresentam as suas simbologias, ou seja, são formas de linguagens que expressam um sistema de pensamento ligados ao mundo terrestre, aquático e celeste. Ao passo que, os adornos masculinos caracterizam-se pelo uso das plumagens representados pelo *xúare* (bracelete), *bolo* (diadema), *hákikano* (cocar), *mitotanobo* (brincos). Os *jukuitáokopó* (colar de dente de onça), *botorikaréokopó* (colares de dente de queixada), *joywaokopó* (colar de dente de cateto). Tem-se ainda o *boiká* (arco) e *ixó* (flecha). O couro de onça usado nas costas durante os rituais representam a força e o respeito, bem como homenageiam espíritos da mata.

As vestimentas femininas também são representadas por adornos de plumagens como os volumosos brincos feitos de penas de gaviões, arara, mutum, jacu. A (*ametá*) saia tubular feito de fibras de tucum ou algodão, o bracelete de penugem, os colares que podem ser feitos de pequenos dentes de animais ou sementes de variadas cores.

A pintura corporal masculina e feminina pode ser obtida da tinta de jenipapo, urucum ou ainda argila branca. As masculinas simbolizam o tamanduá-bandeira e peixes como a cachara e o pintado. Elas têm como objetivo ressaltar os músculos do dançarino. As pinturas corporais femininas simbolizam as formas de couro de cobras e também o peixe cachara. Durante os rituais o homem enfeita-se com palhas de broto de buriti. Com as palhas

dessa palmeira, antigamente, as mulheres confeccionavam esteiras de diferentes tamanhos, as de tamanho maior eram usadas para enrolar os mortos.

Os instrumentos musicais são os chocalhos de pé e de mão, flautas de taboca, buriti, de chifre de boi. Os objetos artísticos, ainda são representados por cestarias feitos de diversas matérias-primas como tabocas, palhas de babaçu, talas de buriti, cipós. São cestos de diferentes tamanhos para diferentes finalidades.

No passado, quando a pessoa falecia os seus adornos eram sepultados com ela. Os outros objetos eram destruídos, caso contrário a alma não entraria no céu.

A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR OFICIAL ENTRE O POVO BALATIPONÉ-UMUTINA

A educação escolar oficial entre o povo Balatiponé-Umutina divide-se em dois momentos históricos distintos. A primeira fase, acontece a partir do contato da etnia com as equipes de Rondon, que depois do processo de pacificação da etnia instalou no Posto Fraternidade Umutina a primeira escola.

A educação escolar ofertada nesse período tinha claros objetivos integracionistas e assimilacionistas, conforme a política voltada aos povos indígenas na época. Nesse sentido, era uma educação escolar que buscava apagar a identidade indígena. Portanto, os costumes, a língua, eram proibidos nesse espaço. Os professores eram não índios e geralmente permaneciam pouco tempo na aldeia. Havia normas rígidas aos alunos e os castigos de todo tipo eram frequentes. Os estudantes que frequentaram a escola dessa época, no máximo chegaram até o quarto ano.

A segunda fase dessa história começa no final da década de 1980 quando os primeiros professores indígenas começam a assumir a sala de aula. Foram importantes no processo de revitalização cultural ocorridos na escola os professores: Filadelfo de O. Neto, Iraci O. Ferreira, Maria Alice Kupodonepá que incentivaram os anciões a repassarem aos alunos os seus conhecimentos. Nesta época os alunos estudavam até a quarta série e quem quisesse dar continuidade aos estudos teria que ir a Barra do Bugres. Foi uma

época difícil para os estudantes, pois não havia transporte adequado e na época das cheias dos rios a dificuldade aumentava.

O tempo foi passando e a quantidade de alunos aumentou, com isso as lideranças começaram a reivindicar uma nova escola, pois também havia aumentando o número de professores. Nesse espaço de tempo a revitalização cultural foi ganhando forças. Os anciões e os pais começaram a ter presença efetiva na escola. A escola que tinha o nome de Otaviano Calmon passou a se denominar “Julá Pará”, em homenagem ao ancião que contribuiu para a retomada da língua, dos cantos, adornos e da história do povo. Também foi fundamental para alavancar o processo de ressignificação cultural da etnia, a presença dos professores Balatiponé-Umutina no Projeto 3º Grau Indígena (curso de formação de professores a nível superior) da Unemat.

Atualmente a Escola Estadual de Educação Indígena Julá Pará, é o principal espaço de referência política, social e cultural do povo. Hoje todos os professores são indígenas, graduados e pós-graduados em todas as áreas do conhecimento e tem aumentado o número de estudantes da etnia em universidades do estado e do país.

A escola conta com uma Matriz Curricular Específica e Diferenciada onde contempla as seguintes disciplinas: Língua Materna, Ciências e Saberes Indígenas, Tecnologias Indígenas, Práticas Agroecológicas e Sustentabilidade onde são desenvolvidas pesquisas envolvendo os conhecimentos tradicionais do povo, visando a sua documentação, valorização e divulgação.

Atualmente, o fortalecimento da identidade Balatiponé-Umutina, bem como a manutenção dos conhecimentos tradicionais tem sido o grande investimento da escola Julá Pará. Pois, é a permanência e a vivência desses conhecimentos que garantem os direitos historicamente conquistados pela etnia, entre eles, o mais importante: o direito ao Território.

PROJETANDO O FUTURO: NOVAS ALDEIAS, NOVOS LOCAIS DE MORADIA

No passado, diversas famílias Balatiponé-Umutina tinham os seus locais de moradias distante da aldeia Umutina, onde praticavam a lavoura e cultivavam diversos produtos agrícolas como: banana, arroz, mandioca,

milho, batatas. Com o passar do tempo, muitos desses locais foram abandonados.

Atualmente, a população Balatiponé-Umutina tem crescido gradativamente, e uma das maiores preocupações das lideranças tem sido a ocupação e a proteção territorial, bem como a sustentabilidade econômica. A partir desse entendimento, muitas aldeias foram criadas sendo elas as seguintes:

Aldeia Massepô – localiza-se a 20 km da aldeia Umutina (aldeia Central), fica às margens do rio Paraguai. O cacique é o Sr. José Felisberto kupodonepá. Nesta aldeia desenvolve-se a agricultura (plantio de banana, arroz, pomar, entre outros).

Aldeia Bakalana – Localiza-se a 18 km da aldeia Umutina, fica próxima à cidade de Denise/MT. O cacique é o Sr. Sebastião Manepá Ipaqueri. A aldeia Bakalana desenvolve agricultura.

Aldeia Águas Correntes – Localiza-se aproximadamente a 7 km da aldeia Umutina, fica próxima ao córrego Dezoito. O cacique é Sr. Sandriano Monzilar Parikokoreu. A aldeia Águas Correntes desenvolve a agricultura e fabricação de artesanato.

Aldeia Adônai – Localiza-se aproximadamente a 7 km da aldeia Umutina. O cacique é o Sr. Cacildo Amaunepá. A aldeia Adônai desenvolve agricultura e criação de bovinos.

Aldeia Uapô – Localiza-se aproximadamente a 5 km da aldeia Umutina. O cacique é o Sr. Dionísio Uapodonepá. Desenvolve agricultura nesta aldeia.

Outras aldeias em processo de abertura:

Cachoeirinha – Fica aproximadamente a 12 km da aldeia Umutina. O responsável por esta localidade é Sr. Leomar Uapodonepá Boroponepá. Neste local desenvolve-se agricultura e pesca.

Alto Retiro – Fica aproximadamente a 10 km da aldeia Umutina. A responsável por esta localidade é a Sra. Ducineia Tan Huare.

Amajunepá – Fica aproximadamente a 10 km da aldeia Umutina. O responsável pela localidade é o Sr. Pedro Amajunepá. Neste local trabalha-se com agricultura.

Corezomaé – fica aproximadamente a 3 km da aldeia Umutina. O responsável pelo local é o Sr. Heleno Corezomaé. Localiza-se as margens do rio Paraguai onde desenvolve-se agricultura.

Acorizal – Fica aproximadamente a 10 km da aldeia Umutina. O responsável pelo local é o Sr. Jones Amajunepá onde trabalha-se com agricultura.

Rio Bugres – Fica aproximadamente a 6 km da aldeia Umutina. o responsável pelo local é o Sr. Filadelfo de Oliveira Neto. Localiza-se as margens do Rio Bugres.

Boropô – fica aproximadamente a 3 km da aldeia Umutina. O responsável pelo local é a Sra. Edna Monzilar. Localiza-se as margens do rio Paraguai onde trabalha-se com agricultura.

Barreiro – Fica aproximadamente 4 km da aldeia Umutina. O responsável pelo local é o Sr. Valdinei Monzilar. Localiza-se as margens do rio Paraguai. Neste local trabalha-se com agricultura.

Katamã – fica aproximadamente a 07 km da aldeia Umutina. O responsável pelo local é o Sr. Luiz Fernando Calomezoré. Localiza-se as margens do rio Paraguai. Neste local desenvolve-se agricultura.

Atualmente a economia da etnia é baseada na agricultura, fabricação de artesanatos, criação de animais, pesca e caça. Ainda, tem-se os funcionários públicos do setor da educação e da saúde e os aposentados. Nas novas aldeias tem-se buscado novas formas de sustentabilidade econômica que respeitem e preservem os recursos naturais do Território.